



EDITORA
OMNIS SCIENTIA

Anais do III Congresso Brasileiro de Saúde Física, Mental e Social (*On-line*)

RESUMOS EXPANDIDOS



III Congresso Brasileiro de Saúde
Física, Mental e Social
(*On-line*)



Anais do III Congresso Brasileiro de Saúde Física, Mental e Social (On-line)

RESUMOS EXPANDIDOS



III Congresso Brasileiro de Saúde
Física, Mental e Social
(On-line)

Editora Omnis Scientia

**ANAIS DO III CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE FÍSICA, MENTAL E SOCIAL
(ON-LINE) – RESUMOS EXPANDIDOS**

Volume 1

1ª Edição

RECIFE - PE

2026

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

COORDENADOR DO EVENTO

Daniel Luís Viana Cruz

COORDENADOR CIENTÍFICO

Eder Ferreira de Arruda

COMISSÃO ORGANIZADORA

Integrantes da Editora Omnis Scientia

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dalva Eliane Antunes dos Santos

Daniel Luís Viana Cruz

Eder Ferreira de Arruda

Marcos Antonio Campelo Lopes

Marília Elias de Almeida

Nhatallia Laranjeira Amorim

Tiago Araújo Monteiro

PALESTRANTES

Ana Shirley Freire Ramos Chaves

Ana Paula Ferreira da Silva

Antônio Alves de Fontes-Júnior

Ayla de Jesus Moura

Eder Ferreira de Arruda

Henika Priscila Lima Silva

Mabel Lopes de Azevedo

Pedro Henrique Lessa de Oliveira

Editor-Chefe

Dr. Daniel Luís Viana Cruz

Conselho Editorial

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho – ESS-UTAD – Portugal

Dr. Cássio Brancalone – UFFS – Brasil

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva – UEPa – Brasil

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão – UPE – Brasil

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Wendel José Teles Pontes – UFPE – Brasil

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva e Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações 4.0 Internacional.

O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

C749

Congresso Brasileiro de Saúde Física, Mental e Social (3. :
2026 : On-line).

Anais do III Congresso Brasileiro de Saúde Física, Mental
e Social : resumos expandidos [recurso eletrônico] /
coordenadores Daniel Luís Viana Cruz e Eder Ferreira de
Arruda. — 1. ed. — Recife : Omnis Scientia, 2026.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-284-0380-6

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE

1. Educação em saúde. 2. Promoção da saúde. 3. Hábitos
de saúde. 4. Saúde mental. 5. Cuidados primários de saúde.
6. Profissionais da área da saúde - Formação. I. Cruz,
Daniel Luís Viana. II. Arruda, Eder Ferreira de.

CDD23: 613

I-1404262

Bibliotecária: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

Editora Omnis Scientia

Av. República do Líbano, nº 251, Sala 2205, Torre A,
Bairro Pina, CEP 51.110-160, Recife-PE.

Telefone: +55 87 99920-5762

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

Os **Anais do III Congresso Brasileiro de Saúde Física, Mental e Social (On-line) – Resumos Expandidos** reúnem produções que refletem a diversidade, a complexidade e a atualidade dos desafios em saúde no Brasil. A coletânea evidencia o compromisso científico e social de pesquisadores, docentes, estudantes e profissionais, ao abordar temas que atravessam desde os determinantes sociais da saúde até questões emergentes, como o impacto das tecnologias, das mudanças nos estilos de vida e das transformações no mundo do trabalho. Observa-se, ao longo dos resumos, uma forte articulação entre diferentes áreas do conhecimento, reafirmando o caráter interdisciplinar como eixo estruturante para a compreensão integral do processo saúde-doença.

Destaca-se, neste volume, a presença de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, incluindo pesquisas quantitativas, análises epidemiológicas, revisões e relatos de experiência, que, em conjunto, oferecem um panorama abrangente da produção científica contemporânea. Investigações sobre saúde mental relacionada ao trabalho, doenças crônicas, neoplasias, arboviroses, uso de tecnologias e práticas de cuidado em diferentes contextos revelam a importância de decisões baseadas em evidências e da qualificação contínua das práticas em saúde. Além disso, a utilização de bases de dados nacionais e análises estatísticas robustas em diversos estudos reforça o papel da epidemiologia e da vigilância em saúde como ferramentas essenciais para o planejamento e a avaliação de políticas públicas.

Por fim, estes Anais consolidam-se como um espaço de difusão científica e de fortalecimento do diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a formação crítica e comprometida de profissionais da saúde. As produções aqui apresentadas não apenas ampliam o conhecimento técnico-científico, mas também evidenciam a necessidade de práticas mais humanizadas, equitativas e sensíveis às realidades territoriais e sociais. Assim, este volume reafirma o papel do congresso como um ambiente de integração e inovação, capaz de impulsionar reflexões e ações que promovam avanços concretos na saúde física, mental e social da população.

Dentre os excelentes capítulos que compõem este volume, a Editora Omnis Scientia concede menção honrosa às seguintes contribuições:

- Análise da glicemia plasmática de jejum em profissionais da segurança pública do espírito santo: uma análise por sexo;
- Efeitos do treinamento aquático sobre adaptações cardiorrespiratórias e funcionais em adultos: análise em contexto de extensão universitária;
- Fatores associados ao desempenho físico em atletas juvenis de badminton: implicações para o desenvolvimento e saúde física.

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE

EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA CAMPANHA JANEIRO BRANCO.....	19
EDUCAÇÃO EM SAÚDE DO HIV/AIDS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE.....	24
PLANTAS MEDICINAIS EM FEIRAS LIVRES: DIAGNÓSTICO E AÇÕES EDUCATIVAS COM FEIRANTES DE MERUOCA-CE.....	28
TERAPIAS ALVO E CÉLULAS CAR-T NAS NEOPLASIAS HEMATOLÓGICAS: IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA E NO PROGNÓSTICO DOS PACIENTES.....	34
REDES SOCIAIS E SAÚDE: O PAPEL DO TIKTOK NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS DE AUTOMEDICAÇÃO.....	38
APRENDIZAGEM SOCIOEMOCIONAL COM METODOLOGIAS ATIVAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	42

ÁREA TEMÁTICA: EPIDEMIOLOGIA

ANÁLISE DO NÚMERO DE EXAMES HISTOPATOLÓGICOS DE NEOPLASIA DE MAMA REALIZADOS NO SUS EM GOIÁS DE 2020 A 2025: UM ESTUDO ECOLÓGICO.....	48
PANORAMA DA MORTALIDADE HOSPITALAR DO CÂNCER DE MAMA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 2 ANOS.....	53

MORBIDADE DO CÂNCER DE PÂNCREAS NO BRASIL DE 2019 A 2024: UM ESTUDO ECOLÓGICO.....57

ÁREA TEMÁTICA: NUTRIÇÃO

TERAPIA ALIMENTAR NA SELETIVIDADE ALIMENTAR INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ATENDIMENTO NUTRICIONAL.....62

RELAÇÃO ENTRE PADRÕES ALIMENTARES, ESTRESSE E QUALIDADE DO SONO EM ADULTOS: REVISÃO DE LITERATURA.....66

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

EXPOSIÇÃO PRECOCE A DISRUPTORES ENDÓCRINOS E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE INFANTIL.....72

TRIAGEM NEONATAL: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO RECÉM-NASCIDO.....76

MUTISMO SELETIVO, ANSIEDADE SOCIAL E HABILIDADES PRAGMÁTICAS DA LINGUAGEM.....80

ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NOS TRANSTORNOS MOTORES DA FALA: FONOAUDIOLOGIA, PSICOLOGIA E EVIDÊNCIAS DE MANEJO.....83

LUDOTERAPIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA DIBS EM BUSCA DE SI MESMO.....86

FATORES COMPORTAMENTAIS DURANTE A GESTAÇÃO QUE IMPACTAM NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA.....90

CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO DIGITAL NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE RASTREIO DE ATENÇÃO E CONTROLE EXECUTIVO EM ESCOLARES.....94

CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO DIGITAL NEUROPSICOPEDAGÓGICO PARA AVALIAÇÃO DA MEMÓRIA DE TRABALHO EM ESCOLARES.....97

ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS E SAÚDE MENTAL EM CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....101

IMPACTOS PSICOLÓGICOS DAS AGRESSÕES NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....104

ANSIEDADE, PERFECCIONISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES SUPERDOTADOS: REVISÃO INTEGRATIVA.....108

FATORES ASSOCIADOS AO DESEMPENHO FÍSICO EM ATLETAS JUVENIS DE BADMINTON: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO E SAÚDE FÍSICA.....112

VIVÊNCIAS ACADÊMICAS ACERCA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA EM UMA CRECHE-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....115

A MULTIPROFISSIONALIDADE NA ATUAÇÃO DE TÉCNICOS DE REFERÊNCIA NO CAPS INFANTOJUVENIL.....119

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE DA MULHER

CLIMATÉRIO E MENOPAUSA: SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR DE MULHERES.....125

CUIDADOS DE ENFERMAGEM À MULHER NO PUERPÉRIO.....130

SAÚDE MENTAL E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE SUICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL.....134

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SAÚDE MENTAL DA MULHER: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E DESAFIOS PARA O CUIDADO.....138

O IMPACTO DO ADOECIMENTO CARDIOVASCULAR NA MEDICINA FEMININA: ANÁLISE DE ÓBITOS ENTRE 2017 E 2022 E A CORRELAÇÃO COM O ESTRESSE OCUPACIONAL.....	142

MORTALIDADE POR SUICÍDIO EM MÉDICAS BRASILEIRAS: ANÁLISE DO SIM/DATASUS (2017–2022).....	146

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE DO IDOSO

A INVISIBILIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NA VELHICE E SEUS IMPACTOS NA VULNERABILIDADE AO HIV/AIDS NA POPULAÇÃO IDOSA.....	151

MUSICOTERAPIA E A TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIA COM IDOSOS NA UBS LUCAS BENJAMIM.....	155

EXERCÍCIO FÍSICO COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA NO CONTROLE DA HIPERTENSÃO ARTERIAL EM IDOSOS.....	159

A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS COMO FATOR DETERMINANTE PARA A LONGEVIDADE E INDEPENDÊNCIA FUNCIONAL DO IDOSO.....	163

MOBILIDADE E ALONGAMENTO EM IDOSOS POR MEIO DE EXERCÍCIOS EM INTERVENÇÃO EXTENSIONISTA.....	166

YOGA NO CONTEXTO DO ENVELHECIMENTO: PERSPECTIVAS INTEGRATIVAS SOBRE A SAÚDE DA PESSOA IDOSA.....	170

FORTALECIMENTO MUSCULAR COMO PREDITOR DE UM ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL.....	174

FUNCIONALIDADE E AUTONOMIA NO ENVELHECIMENTO: ABORDAGENS DA TERAPIA OCUPACIONAL NO PÓS-ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL.....	178

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE FÍSICA

INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NA COORDENAÇÃO MOTORA GROSSA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA.....183

EFEITOS DO TREINAMENTO AQUÁTICO SOBRE ADAPTAÇÕES CARDIORRESPIRATÓRIAS E FUNCIONAIS EM ADULTOS: ANÁLISE EM CONTEXTO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....186

ADAPTAÇÕES NEUROMUSCULARES E MECÂNICAS DECORRENTES DO TREINAMENTO INTERVALADO EM ATLETAS INICIANTE.....190

IMPACTO DO EXTRATO DE ROMÃ NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA.....194

A RELAÇÃO ENTRE O AUMENTO DOS CÂNCERES DE ESÔFAGO E A DOENÇA DE CHAGAS.....198

O USO NÃO TERAPÊUTICO DOS ANABOLIZANTES E OS SEUS IMPACTOS NA FERTILIDADE MASCULINA.....202

ADOCIMENTO NEUROLÓGICO EM MÉDICOS BRASILEIROS (2013-2022) UMA ANÁLISE DA MORTALIDADE E A INFLUÊNCIA DOS FATORES DE RISCO.....205

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE MENTAL

GESTÃO TÓXICA E SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR EM UMA SOCIEDADE DE PRODUTIVIDADE EXACERBADA.....210

REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA ÉTICO-POLÍTICA DE CUIDADO INTEGRAL.....213

“DAR CONTA DE TUDO” A QUAL CUSTO? SOBRECARGA MATERNA, CONTEMPORANEIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....218

DISSOLUÇÃO ABRUPTA DE VÍNCULOS NA MATURIDADE: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL E SOCIAL NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL.....	223
O PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR NA CONSOLIDAÇÃO DO CUIDADO EM LIBERDADE NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.....	227
CAPS III: DESAFIOS ESTRUTURAIS E SUBJETIVOS NO ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL.....	231
NEUROÉTICA E SOCIEDADE: LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA ERA DO CÉREBRO.....	235
NEUROPLASTICIDADE E MEDITAÇÃO MINDFULNESS: UMA REVISÃO DAS EVIDÊNCIAS NEUROCIÊNCIAS SOBRE A ATIVIDADE CEREBRAL.....	238
O PODER TERAPÊUTICO DA LITERATURA EM BIBLIOTECA HOSPITALAR.....	242
MUSICOTERAPIA E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA.....	247
MÚSICA, ESCUTA E REEXISTÊNCIA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO MUSICOTERAPÊUTICA COM PESSOAS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	251
ENTRE A MÚSICA E O ABISMO: NARRATIVAS AUTOETNOGRÁFICAS SOBRE SUICÍDIO E PRODUÇÃO DE CUIDADO ATRAVÉS DA MÚSICA.....	255
II GINCANA ESPORTIVA DA ODONTOLOGIA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DE ESTUDANTES.....	259
MANEIRAS DE MITIGAR A SÍNDROME DE BURNOUT EM MÉDICOS E ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE.....	264

A APLICABILIDADE DA CANNABIS MEDICINAL COMO TERAPIA ADJUVANTE NA EPILEPSIA REFRATÁRIA.....	267
A PSORÍASE COMO DOENÇA PSICODERMATOLÓGICA: UMA REVISÃO NARRATIVA.....	271
NEUROEDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: ESTRATÉGIAS INTERDISCIPLINARES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL EM MULHERES ADULTAS.....	275
O IMPACTO DO PROJETO “ESPAÇO CABEÇA” NA SAÚDE MENTAL DE DISCENTES DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFVJM.....	279
SEXUALIDADE FEMININA, REPRESSÃO E SAÚDE MENTAL: ENTRE ESTIGMA, PODER E INTEGRAÇÃO PSÍQUICA.....	284
RELAÇÃO ENTRE HÁBITOS ALIMENTARES E SAÚDE MENTAL EM PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE.....	287
INTERAÇÃO ENTRE MEDICAMENTOS PRESCRITOS E DROGAS ILÍCITAS: IMPLICAÇÕES E ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO.....	292
EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PACIENTES COM ESQUIZOFRENIA.....	296
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	301
ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	306
NOMOFOBIA COMO SINTOMA PSICOSSOCIAL E DESAFIO EDUCACIONAL: REGULAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO DIGITAL.....	310
DO MATCH AO OSTRACISMO: A DUALIDADE DA TECNOLOGIA NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL.....	312

SAÚDE MENTAL DE MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	316

UTILIZAÇÃO DE <i>Cymbopogon citratus</i> STAPF. NO MANEJO PALIATIVO DA ANSIEDADE: UM ESTUDO NA FEIRA DE ORGÂNICOS.....	319

SAÚDE MENTAL E ESTIGMATIZAÇÃO EM ANGOLA: CRENÇAS SOBRENATURAIS E IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS.....	324

SAÚDE MENTAL EM NÚMEROS – PANORAMA DA CIDADE DE UBERLÂNDIA ENTRE 2018 A JULHO DE 2025.....	327

REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS DO TRATAMENTO DE CÂNCER PENIANO EM HOMENS ADULTOS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA EM PSICO-ONCOLOGIA.....	332

O DOCENTE SUPERIOR E A SÍNDROME DO PENSAMENTO ACELERADO (SPA): A BUSCA DA MELHOR QUALIDADE DE VIDA E PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	336

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE SOCIAL

SAÚDE SOCIAL E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: COLONIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL, MERCANTILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES E IMPACTOS DO GERENCIALISMO NOS LAÇOS COMUNITÁRIOS.....	343

VOZES QUE SE FORTALECEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CORAL COMUNITÁRIO COMO DISPOSITIVO DE CUIDADO COLETIVO.....	347

A GINCANA ACADÊMICA COMO FORMA DE PROMOVER A SAÚDE SOCIAL ENTRE OS DISCENTES DE UM CURSO DE ODONTOLOGIA.....	351

IMPACTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE SOCIAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFVJM.....	355

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA VIGILÂNCIA EM SAÚDE: CARTILHA INTELIGENTE SOBRE RISCO DE DOENÇA DE CHAGAS ASSOCIADA AO CONSUMO DE AÇAÍ EM PORTO VELHO-RO.....	360

ÁREA TEMÁTICA: OUTRAS

AUTOMEDICAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RISCOS, IMPACTOS E O PAPEL DO FARMACÊUTICO.....	365

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DO PROCESSO DE ADOECIMENTO EM A MORTE DE IVAN ILITCH.....	369

TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO DE SOJA E REPERCUSSÕES SOCIOAMBIENTAIS PARA A SAÚDE COLETIVA EM CAPANEMA (PR).....	372

AVALIAÇÃO INFORMATIZADA NA NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE USO DE PLATAFORMA DIGITAL EM CONTEXTO APLICADO.....	377

PLANO DE INTERVENÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS E GESTÃO DO LUTO FAMILIAR.....	381

ANÁLISE DA GLICEMIA PLASMÁTICA DE JEJUM EM PROFISSIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO: UMA ANÁLISE POR SEXO.....	386

ESTUDO ECOLÓGICO SOBRE O NÚMERO DE ATENDIMENTOS POR FISIOTERAPEUTAS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS CLÍNICOS E CIRÚRGICOS.....	390

MORTALIDADE POR NEOPLASIA MALIGNA DE ESTÔMAGO NO BRASIL (2020-2024): UM ESTUDO ECOLÓGICO DESCRITIVO POR REGIÃO.....	394

COMPARAÇÃO DA MORTALIDADE DE CÂNCER DE MAMA E CÂNCER DE PRÓSTATA NA POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 2016 A 2024.....398

RELAÇÃO ENTRE ABUSO DE SUBSTÂNCIAS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE À LUZ DA SAÚDE PÚBLICA E DA PSICOLOGIA.....402

IMPACTOS FISIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS NO PÓS-OPERATÓRIO DA CIRURGIA BARIÁTRICA.....405

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE

EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DA CAMPANHA JANEIRO BRANCO

Marcus Levy Oliveira Mouta¹; Fernanda Pimentel de Oliveira²; Ana Angélica Romeiro Cardoso³; Maria Raquel da Silva Lima⁴; Francisca Kátia Bezerra⁵.

¹Centro Universitário Estácio (IDOMED QUIXADÁ), Quixadá, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9937301682602031>

²Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/1011706646370530>

³Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/4585518585344241>

⁴Universidade Estácio de Sá (ESTÁCIO DO CEARÁ), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9009164521199422>

⁵Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9762930512081753>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental. Atenção Primária à Saúde. Educação em Saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO

A saúde mental configura-se como um componente essencial da atenção integral à saúde, sendo reconhecida como uma das principais demandas da saúde pública contemporânea. Estimativas da Organização Mundial da Saúde indicam que mais de **1 bilhão de pessoas vivem com algum transtorno mental em todo o mundo**, com destaque para os transtornos de ansiedade e depressão, responsáveis por significativa carga de incapacidade funcional (WHO, 2022). No Brasil, esses agravos apresentam elevada prevalência e impacto crescente sobre os serviços de saúde, a produtividade laboral e a qualidade de vida da população (GBD, 2022).

No contexto brasileiro, pesquisas recentes evidenciam altos níveis de sofrimento psíquico, especialmente entre usuários da Atenção Primária à Saúde, reforçando a necessidade de estratégias acessíveis e contínuas de promoção da saúde mental (BARROS et al., 2022). Nesse contexto, o *janeiro Branco* destaca-se como uma importante campanha de conscientização em saúde mental, utilizando o simbolismo do início do ano para incentivar reflexões sobre emoções, comportamentos e autocuidado. Institucionalizada como política pública nacional por meio da Lei nº 14.556/2023, a campanha fortalece ações educativas e preventivas, especialmente nos territórios atendidos pela Atenção Primária à Saúde, considerada a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2023).

A Unidade Básica de Saúde (UBS) constitui um espaço estratégico para o desenvolvimento de ações de educação em saúde, por sua proximidade com a comunidade

e por favorecer vínculos entre profissionais e usuários. Dessa forma, a realização de ações educativas sobre saúde mental na sala de espera de uma UBS, no contexto da campanha *Janeiro Branco*, apresenta-se como uma estratégia relevante para promover o cuidado integral, sensibilizar os usuários quanto à importância da saúde emocional e fortalecer o papel da Atenção Primária na prevenção do sofrimento psíquico.

OBJETIVO

Relatar a experiência de uma ação educativa em saúde mental desenvolvida em sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde, destacando suas contribuições para a promoção da saúde mental no território.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo e qualitativo, referente a uma ação de educação em saúde realizada no contexto da campanha Janeiro Branco, voltada à promoção da saúde mental. A atividade foi desenvolvida por profissional de saúde em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Fortaleza, Ceará, no dia 16 de janeiro de 2026, durante o funcionamento regular da unidade.

A ação ocorreu na sala de espera da UBS, espaço escolhido por favorecer a aproximação entre profissionais e usuários, bem como por possibilitar a realização de atividades educativas de forma acessível, espontânea e integrada à rotina dos serviços da Atenção Primária à Saúde. O público-alvo foi composto por usuários presentes na unidade no momento da atividade, de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, que aderiram voluntariamente à proposta, sem critérios de exclusão.

A intervenção consistiu inicialmente na abordagem educativa dos usuários, com breve apresentação da campanha Janeiro Branco e de seus objetivos. Em seguida, foi realizada a distribuição de panfletos informativos sobre saúde mental, elaborados com linguagem simples e acessível, contendo informações sobre a importância do cuidado com a saúde emocional, sinais de alerta para sofrimento psíquico, orientações de autocuidado e indicação de busca por ajuda profissional na rede de saúde.

Após a entrega do material educativo, desenvolveu-se uma roda de conversa conduzida pelo profissional de saúde, com estímulo à participação dos usuários por meio de diálogo aberto, escuta qualificada e troca de experiências. Durante esse momento, foram abordados temas relacionados à saúde mental no cotidiano, como manejo do estresse, ansiedade, importância do apoio social, autocuidado e redução do estigma associado aos transtornos mentais. As falas dos participantes foram acolhidas de forma respeitosa, sem exposição individual obrigatória, preservando o conforto e a privacidade dos envolvidos.

A atividade teve duração aproximada de 30 a 40 minutos, adaptando-se à dinâmica da sala de espera e ao fluxo de atendimentos da unidade. Não foram utilizados instrumentos formais de avaliação quantitativa, sendo a análise da experiência baseada na observação do envolvimento dos participantes, no interesse demonstrado durante a roda de conversa e nas interações estabelecidas ao longo da atividade.

Por se tratar de um relato de experiência de caráter educativo, sem coleta de dados identificáveis ou intervenções clínicas, a ação respeitou os princípios éticos da pesquisa em saúde, garantindo o caráter voluntário da participação, o respeito à dignidade dos usuários e a confidencialidade das informações compartilhadas durante a atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação educativa desenvolvida na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde, no contexto da campanha Janeiro Branco, evidenciou o potencial desse espaço como estratégia de promoção da saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS). A elevada adesão espontânea dos usuários e a participação ativa durante a roda de conversa reforçam achados da literatura que apontam a sala de espera como ambiente privilegiado para práticas educativas, por favorecer o diálogo, a troca de saberes e o fortalecimento do vínculo entre profissionais e comunidade (SILVA et al., 2021).

A APS é reconhecida como a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde e desempenha papel central na identificação precoce do sofrimento psíquico, na promoção da saúde mental e na redução do estigma associado aos transtornos mentais (BRASIL, 2021). Nesse sentido, ações educativas de caráter coletivo, como a realizada neste relato, contribuem para ampliar o acesso à informação, estimular o autocuidado e fortalecer a autonomia dos usuários, aspectos fundamentais para o cuidado integral em saúde mental (WHO, 2022).

A utilização de material educativo impresso, associada à roda de conversa, mostrou-se uma estratégia eficaz para facilitar a compreensão dos conteúdos abordados, especialmente quando elaborada em linguagem simples e acessível. Estudos apontam que materiais educativos, quando aliados a metodologias participativas, favorecem a retenção de informações, estimulam reflexões sobre hábitos de vida e ampliam a percepção dos indivíduos acerca dos sinais de sofrimento psíquico e da necessidade de buscar ajuda profissional (BARROS et al., 2022).

A roda de conversa possibilitou a criação de um espaço de escuta qualificada, no qual os usuários puderam expressar sentimentos, compartilhar experiências e esclarecer dúvidas relacionadas à saúde mental. Essa abordagem dialoga com a perspectiva da educação popular em saúde, que valoriza o saber do usuário e promove a construção coletiva do conhecimento, sendo amplamente recomendada para ações educativas na APS (FREIRE, 2019; SILVA et al., 2021). Além disso, a escuta ativa e o acolhimento são

elementos essenciais para a redução do estigma e para o fortalecimento da rede de apoio social, fatores reconhecidos como protetores da saúde mental (WHO, 2022).

Nesse contexto, a campanha Janeiro Branco apresenta-se como um importante dispositivo de mobilização social, ao ampliar a visibilidade da temática da saúde mental e incentivar práticas de cuidado ao longo do ano. A inserção dessa campanha no cotidiano das UBS fortalece o papel da APS como espaço de cuidado integral e de promoção da saúde, indo além do modelo biomédico e incorporando dimensões subjetivas e psicossociais do processo saúde-doença (BRASIL, 2023).

Apesar dos resultados positivos observados, este relato apresenta limitações inerentes ao seu delineamento, como a ausência de instrumentos formais de avaliação e a impossibilidade de mensurar o impacto da ação a longo prazo. Contudo, a experiência reforça a relevância de ações educativas em sala de espera como estratégias viáveis, de baixo custo e alto alcance, podendo ser replicadas em outros serviços da Atenção Primária à Saúde.

Dessa forma, a experiência relatada contribui para o fortalecimento das práticas de promoção da saúde mental no âmbito da APS, destacando a importância de intervenções educativas participativas, alinhadas às campanhas nacionais e às necessidades do território, como ferramentas essenciais para o cuidado integral da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação educativa em saúde mental desenvolvida na sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde, no contexto da campanha Janeiro Branco, evidenciou o potencial desse espaço como estratégia efetiva de promoção da saúde mental na Atenção Primária à Saúde. A atividade favoreceu o acesso à informação, o diálogo e a escuta qualificada, contribuindo para a sensibilização dos usuários quanto ao autocuidado e à busca por apoio na rede de saúde. A iniciativa demonstrou-se viável, de baixo custo e com potencial para fortalecimento do vínculo entre profissionais e comunidade, reforçando a importância da incorporação permanente de ações educativas em saúde mental na rotina dos serviços de saúde.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BARROS, M. B. A. et al. **Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.** *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 31, n. 1, e2021364, 2022.

BRASIL. Lei nº 14.556, de 25 de abril de 2023. **Institui o Janeiro Branco como campanha nacional de conscientização da saúde mental.** *Diário Oficial da União*, Brasília, 2023.

GLOBAL BURDEN OF DISEASE (GBD). **Global burden of mental disorders 1990–2021.**

The Lancet Psychiatry, Londres, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). ***World Mental Health Report: transforming mental health for all***. Geneva: WHO, 2022

EDUCAÇÃO EM SAÚDE DO HIV/AIDS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Marcus Levy Oliveira Mouta¹; Fernanda Pimentel de Oliveira²; Ana Angélica Romeiro Cardoso³; Maria Raquel da Silva Lima⁴; Francisca Kátia Bezerra⁵.

¹Centro Universitário Estácio (IDOMED QUIXADÁ), Quixadá, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9937301682602031>

²Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/1011706646370530>

³Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/4585518585344241>

⁴Universidade Estácio de Sá (ESTÁCIO DO CEARÁ), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9009164521199422>

⁵Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, Ceará. <http://lattes.cnpq.br/9762930512081753>

PALAVRAS-CHAVE: HIV. Educação em Saúde. Atenção Primária à Saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) permanecem entre os mais relevantes desafios contemporâneos de saúde pública no Brasil, demandando intervenções sustentadas de prevenção, diagnóstico oportuno e educação em saúde no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS). Estimativas recentes do Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS indicam que aproximadamente 1,1 milhão de pessoas vivem com HIV no país, número que tem se mantido relativamente estável ao longo dos últimos anos (BRASIL, 2024a).

Em 2023, registraram-se 46.495 novos casos de HIV no Brasil, representando incremento de 4,5% em relação ao ano anterior. Esse crescimento reflete tanto a expansão das estratégias de testagem quanto a persistência de comportamentos de risco (BRASIL, 2024a). Apesar desse aumento, observou-se redução da mortalidade por AIDS para 3,9 óbitos por 100 mil habitantes, o menor índice desde 2013, resultado associado ao acesso ampliado à terapia antirretroviral e ao fortalecimento do cuidado longitudinal na APS (BRASIL, 2024b).

O perfil epidemiológico evidencia maior concentração de casos entre pessoas do sexo masculino (70,7%), pessoas negras (63,2%) e homens que fazem sexo com homens (53,6%), com destaque para a faixa etária de 20 a 29 anos (BRASIL, 2024b). Esses achados ressaltam a necessidade de estratégias educativas direcionadas às populações prioritárias, especialmente no território da APS, onde se estruturam ações de prevenção combinada, testagem rápida e acompanhamento clínico.

Nesse cenário, a APS desempenha papel crucial na disseminação de informações qualificadas, no estímulo ao autocuidado, na ampliação do acesso a Profilaxia Pós-Exposição (PEP) e Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e na desconstrução de estigmas historicamente associados ao HIV/AIDS. A realização de atividades educativas em salas de espera figura como prática alinhada às diretrizes nacionais e às metas globais para eliminação da AIDS enquanto problema de saúde pública até 2030 (UNAIDS, 2023; BRASIL, 2024c).

Assim, o presente relato descreve uma ação educativa desenvolvida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) durante a campanha Dezembro Vermelho, justificada pela necessidade de ampliar o acesso à informação qualificada sobre HIV/AIDS no âmbito da Atenção Primária à Saúde, promover comportamentos preventivos, incentivar a testagem precoce e contribuir para a redução do estigma e da discriminação ainda associados à infecção.

OBJETIVO

Fortalecer as estratégias de educação em saúde e prevenção combinada do HIV, ampliando o conhecimento da população adscrita, estimulando a adesão à testagem rápida e promovendo uma abordagem acolhedora e livre de preconceitos no cuidado em saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, referente a uma ação educativa realizada no mês de dezembro de 2025 em uma Unidade Básica de Saúde, em alusão à campanha Dezembro Vermelho. A intervenção integrou a rotina assistencial da APS e teve como propósito promover a conscientização sobre HIV e AIDS, enfatizando prevenção combinada, diagnóstico precoce e enfrentamento do estigma. Participaram da atividade os usuários presentes na sala de espera, contemplando diferentes faixas etárias e perfis sociodemográficos.

A ação foi conduzida por acadêmicos de Enfermagem, em articulação com profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF), adotando-se uma abordagem dialógica e centrada nas necessidades informacionais do território. O processo educativo organizou-se em três momentos distintos: (1) acolhimento e apresentação dos objetivos da campanha; (2) exposição dialogada sobre conceitos essenciais relacionados ao HIV/AIDS, formas de transmissão, prevenção combinada — incluindo preservativos, testagem regular, PEP e PrEP — e a importância da adesão ao tratamento; e (3) distribuição de panfletos educativos elaborados pela equipe, seguida da oferta de testagem rápida para HIV.

Foram registrados o número de participantes, as principais dúvidas apresentadas, o quantitativo de material educativo distribuído e o total de testes rápidos realizados, possibilitando a sistematização da experiência para fins de análise. Por se tratar de uma ação inserida na rotina assistencial da APS, sem coleta de dados identificáveis ou sensíveis,

a atividade dispensa submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da ação 47 usuários, predominantemente adultos, perfil semelhante ao grupo populacional de maior vulnerabilidade para novas infecções pelo HIV no país (BRASIL, 2024b).

A exposição dialogada suscitou dúvidas concentradas principalmente em três eixos temáticos: (1) formas reais de transmissão do HIV; (2) acesso e uso adequado de PEP e PrEP; e (3) possibilidade de uma vida saudável após o diagnóstico, mediante adesão ao tratamento antirretroviral. Os panfletos educativos elaborados pela equipe, com linguagem acessível e recursos visuais claros, favoreceram a compreensão e estimularam a participação ativa dos usuários.

Observou-se expressiva interação entre equipe e participantes, evidenciada por relatos espontâneos de experiências pessoais relacionadas ao tema. Ao final da intervenção, nove usuários demonstraram interesse e solicitaram testagem rápida para HIV, com todos os resultados não reagentes. A equipe da unidade destacou que a atividade fortaleceu o vínculo com a comunidade, contribuiu para a ampliação do acesso às estratégias de prevenção combinada e favoreceu maior adesão às ações de promoção da saúde no território.

Os achados evidenciam que atividades educativas realizadas em ambientes de grande circulação, como salas de espera, ampliam o alcance das estratégias de prevenção combinada e potencializam a sensibilização da comunidade para o enfrentamento do HIV/AIDS na APS. Esses resultados são compatíveis com estudos que destacam o papel central da educação em saúde para a redução do estigma, expansão do conhecimento e diminuição das barreiras de acesso aos serviços (SILVA et al., 2022).

A elevada frequência de dúvidas sobre transmissão, PEP e PrEP confirma a persistência de lacunas informacionais, sobretudo entre adultos jovens, conforme já descrito na literatura nacional (GRANGEIRO et al., 2021). Dessa forma, a ação desenvolvida atende diretamente às recomendações ministeriais para o fortalecimento das estratégias de prevenção combinada no território (BRASIL, 2024c).

Também se observou que a oferta de testagem rápida integrada a atividades educativas favorece maior adesão dos usuários, reduz resistências iniciais e amplia a efetividade das ações de prevenção, como sugerem estudos que analisam abordagens acolhedoras e integradas no contexto da APS (COSTA et al., 2023). A busca espontânea de nove usuários pela testagem após a atividade reforça essa evidência.

A interação entre estudantes e profissionais da ESF valorizou o processo de educação permanente em saúde e ampliou a capacidade de resolução da equipe, em consonância

com diretrizes nacionais (BRASIL, 2021). Além disso, a abordagem dialógica contribuiu para a desconstrução de estigmas, reconhecidos pela UNAIDS como um dos principais obstáculos para o alcance das metas globais 95-95-95 (UNAIDS, 2023).

Apesar dos resultados positivos, destaca-se que ações pontuais devem ser acompanhadas de estratégias contínuas para gerar impactos duradouros na prevenção, adesão ao tratamento e diagnóstico precoce, conforme recomenda a literatura recente (COSTA et al., 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação educativa do dezembro Vermelho mostrou-se eficaz na ampliação do conhecimento, no estímulo à testagem rápida e no fortalecimento do vínculo entre equipe e comunidade na Atenção Primária à Saúde. A incorporação contínua dessas ações no cotidiano das Unidades Básicas de Saúde é fundamental para a redução do estigma, o fortalecimento da prevenção combinada e o avanço no enfrentamento do HIV/AIDS.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2024a: Perfil dos novos casos de HIV**. Brasília, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2024b: Mortalidade por AIDS e tratamento antirretroviral**. Brasília, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para Prevenção Combinada do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília, 2024. (No texto: 2024c).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília, 2021.

COSTA, L. M. et al. **Estratégias educativas em HIV/AIDS na Atenção Básica: impacto, limites e desafios**. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 33, n. 2, p. 258–270, 2023.

GRANGEIRO, A. et al. **Expansão e desafios da PrEP no Brasil**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 7, p. e00229320, 2021.

SILVA, R. P. et al. **Educação em saúde como ferramenta de enfrentamento ao HIV: evidências recentes**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 4, 2022.

UNAIDS. **Global AIDS Update 2023: metas para eliminação da AIDS até 2030**. Geneva: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS, 2023.

PLANTAS MEDICINAIS EM FEIRAS LIVRES: DIAGNÓSTICO E AÇÕES EDUCATIVAS COM FEIRANTES DE MERUOCA-CE

Virginia Mesquita Ramos¹, Dra Kátia Maria da Silva Parente², Dr Euclides Gomes Parente Filho³.

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). <https://lattes.cnpq.br/0726983808821125>

²Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). <https://lattes.cnpq.br/1891154742599443>

³Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). <https://lattes.cnpq.br/8405955314901291>

PALAVRA-CHAVE: Extensão. Fitoterapia. Noroeste cearense.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde “**Planta Medicinal**: uma planta que contém substâncias com propriedades medicinais em suas partes (como folhas, flores, raízes, cascas). Essas substâncias podem ter efeitos terapêuticos no organismo humano e são utilizadas para tratamento ou alívio de doenças, sintomas ou condições de saúde.” (Ministério da Saúde, 2026) Por isso, a cada dia que passa o conhecimento da forma correta do uso dessas plantas se tornou essencial.

O comércio de plantas medicinais em feiras livres, é uma prática comum em todo território nacional, mas que pode trazer risco se os comerciantes não souberem, a forma correta de uso, além da parte da planta correta a ser utilizada para cada tratamento, aos seus clientes.

A extensão universitária tornou-se obrigatória a partir do **Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014**, o qual estabelece diretrizes que reforçam uma perspectiva mais popular, democrática e emancipatória da universidade. Nesse contexto, a extensão passa a priorizar ações voltadas para **áreas de grande pertinência social**, promovendo a interação entre universidade e comunidade.

OBJETIVO

Nesse artigo objetivou-se promover orientações aos comerciantes da Feira de Orgânicos da cidade de Meruoca-CE, por meio de ações de extensão universitária, conhecimentos técnico-científicos relacionados ao uso adequado das plantas medicinais mais comercializadas por esses trabalhadores.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado no município de Meruoca, localizado na região Noroeste do estado do Ceará, a aproximadamente 277 km de Fortaleza e a 20 km de Sobral, integrando a Região Metropolitana de Sobral. A coleta de dados ocorreu na Feira de Orgânicos situada em uma praça conhecida popularmente conhecida como “Praça da Bifurcação”, localizada na CE-404, Km 15, ponto de acesso entre os municípios de Meruoca e Alcântaras. (Site Oficial da Prefeitura da Meruoca-CE, 2026).

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, de caráter descritivo. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado contendo questões objetivas e subjetivas destinadas à caracterização dos comerciantes participantes, assegurando-se o anonimato dos respondentes, bem como à obtenção de informações sobre a utilização das plantas comercializadas, identificar os tipos de plantas comercializadas, suas formas de uso e as partes utilizadas. Os dados obtidos subsidiaram a elaboração de material educativo em formato de folder, com informações técnico-científicas organizadas de acordo com as necessidades identificadas, visando contribuir para o aprimoramento do conhecimento dos participantes quanto ao uso adequado das plantas medicinais.

Com os dados coletados, foi elaborado um folder com as informações corretas sobre as plantas citadas pelos comerciantes, devidamente identificadas, com a forma correta de uso, a parte a ser utilizada e para cada enfermidade que a planta tem comprovação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi aplicado com os todos os comerciantes de plantas medicinais que trabalham na Feira de Orgânicos no início do mês de março de 2026, obtendo-se como os principais resultados o que é evidenciado nas Figuras 1, 2, 3 e 4 e na Tabela 1.

Figura 1 – Autores responsáveis pelo repasse de saberes aos feirantes, Meruoca, CE.

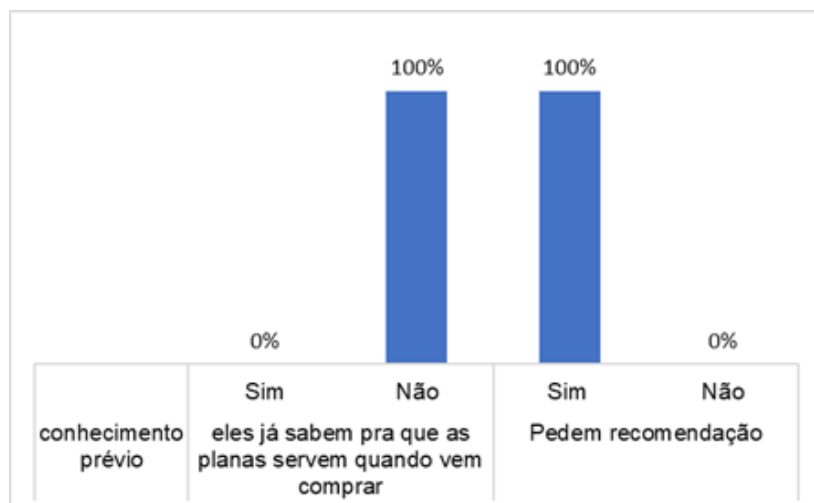


Figura 2 – Plantas medicinais indicadas pelos feirantes aos compradores. Meruoca, CE.

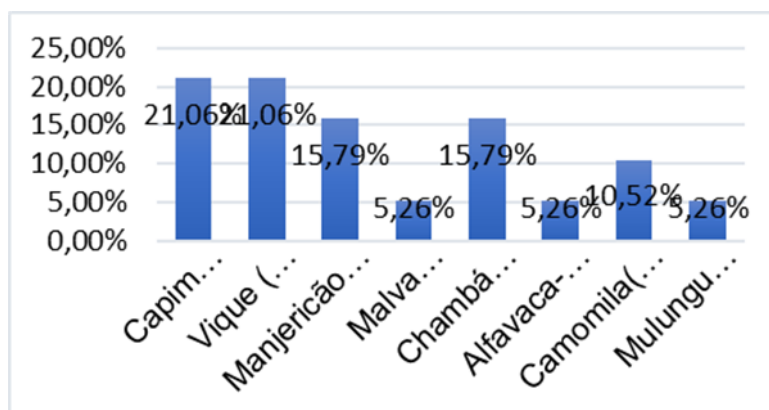


Figura 3 – Doenças citadas pelos feirantes como as mais indicadas aos seus clientes. Meruoca, CE.

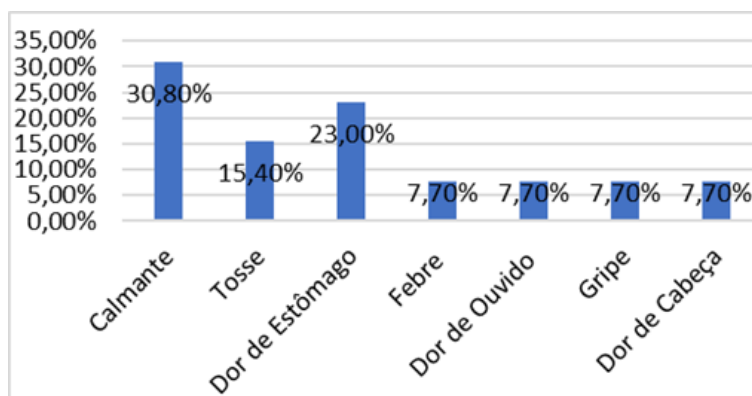


Figura 4 – Informações gerais para gênero, idade, obtenção do material comercializado, conhecimento adquirido, utilização, frequência, motivo e efeitos colaterais do uso de plantas medicinais mencionadas pelos feirantes. Meruoca, CE.

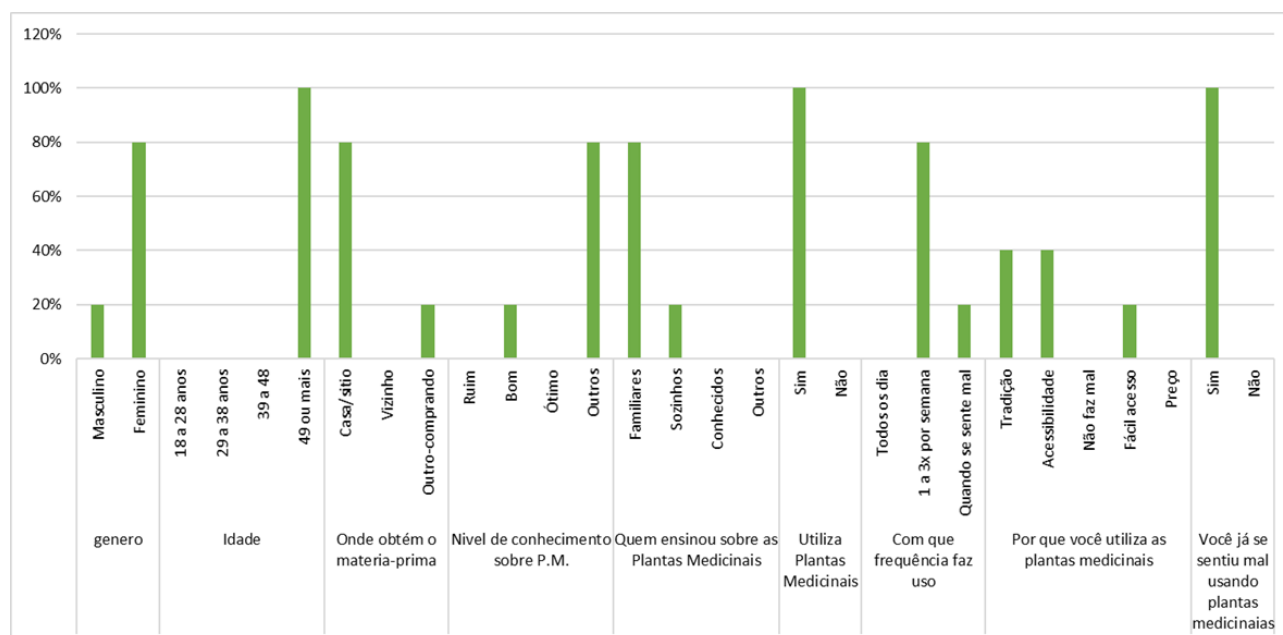


Tabela 1 – Informações sobre as plantas utilizadas como medicinais citadas pelos entrevistados. Meruoca, CE.

Nome Popular	Nome Científico	Finalidade(s) do Uso(s)	Parte(s) Utilizada(s)	Forma(s) de Preparo	Restrições de Uso	Citações
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus Stapf.</i>	Calmante e para tudo	Folha	Chá	Não	4
Vick	<i>Mentha arvensis L.</i>	Tosse, gripe e dor de ouvido	Folha	Chá, lambedor ou Inalador	Não	4
Manjerição	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Febre e dor de estômago	Folha	Chá	Não	3
Malva Santa	<i>Plectrancthus barbatus Andr.</i>	Dor de estômago	Folha	Chá	Não	1
Chambá/ Anador	<i>Justicia pectoralis var.stenophylla Leon.</i>	Dor de cabeça	Folha	Chá	Não	3
Alfavaca - Cravo	<i>Ocimum gratissimum L.</i>	Febre	Folha	Chá	Não	1
Camomila	<i>Chamomilla recutia L. (syn . Matricaria Chamimilla L.)</i>	Calmante	Folha	Chá	Não	2
Mulungu	<i>Erythrina velutina Willd.</i>	Ansiedade	Casca	Chá	Não	1

Soares, Lobato e Ravena-Canete, (2023) identificaram que algumas plantas são usadas de diversas formas e para diversas doenças, sendo o chá da folha a forma mais utilizada. Com relação às doenças, as que mais acometem os usuários são as inflamações internas, problemas gástricos e problemas pulmonares. No nosso estudo, os feirantes exclusivos para plantas medicinais representam uma pequena porção do todo que a comercializam seus produtos, basicamente oriundos da agricultura familiar.

Os dados obtidos em nosso estudo concordam e discordam, em alguns pontos com os achados de Guimarães, Nascimento e Rosal (2025). Os autores também utilizaram um formulário semiestruturado. Todos os entrevistados, cultivavam a maioria das plantas medicinais que consumiam nos próprios quintais. A transmissão do conhecimento, principalmente, era proveniente de familiares. A motivação para o uso das plantas medicinais relacionava-se à confiança na cura e à apresentação de menor impacto à saúde. A parte da planta mais utilizada foi a folha. A principal forma de preparo foi o chá.

O folder foi repassado em uma nova atividade efetuando-se assim nossa ação de educação em saúde com ênfase no capim santo por ter sido mencionado como o mais procurado para a compra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos, consideramos que conseguimos repassar informações importantes aos vendedores que atuam na Feira de Orgânicos da cidade de Meruoca-CE, integrando assim comunidade geral e Universidade através de ações extensionistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, S.S.J., MORAIS, R.G. Etnobotânica de plantas medicinais. Anais do 1º Seminário Mato-Grossense de Etnobiologia e Etnoecologia; 2º Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais; 2002; Cuiabá: Unicen; 2002. p. 89-98.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

GUIMARÃES, J.J.V.; NASCIMENTO, R.L.; ROSAL, L.F. (2025) Etnobotânica sobre plantas medicinais de conhecedores locais de São José do Jacarequara, Pará. FLOVET - Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica, [S. l.], v. 3, n. 14, p. e2025022, 2025. DOI: [10.59621/flovet.2025.v3.n14.e2025022](https://doi.org/10.59621/flovet.2025.v3.n14.e2025022). Disponível em: <https://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/20263>. Acesso em: 19 mar. 2026.

Site Oficial da Prefeitura da Meruoca-Ce. Disponível em: <https://www.meruoca.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em 18 março 2026.

SOARES, E. P., LOBATO, F. H. S.; RAVENA-CANETE, V. (2023). A MEDICINA DA

FEIRA: CONHECIMENTOS E FORMAS DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR CONSUMIDORES DE UMA FEIRA AMAZÔNICA (PA). *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 10(1), 155–169. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2023v10n1p155-169>.

TERAPIAS ALVO E CÉLULAS CAR-T NAS NEOPLASIAS HEMATOLÓGICAS: IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA E NO PROGNÓSTICO DOS PACIENTES

Gabriel Luiz de Sousa Santos¹.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE. <http://lattes.cnpq.br/8327007114594418>

PALAVRAS-CHAVE: Células CAR-T. Neoplasias hematológicas. Terapias-alvo.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

Neoplasias hematológicas como: leucemias, linfomas e o mieloma múltiplo, fazem parte de um grupo de doenças de grande relevância clínica, não somente pela sua alta morbimortalidade, como também pelo impacto representativo que esse pode acarretar na qualidade de vida dos pacientes ao longo do curso da condição em si. Ao longo dos anos, o manejo dessas doenças esteve fundamentado em abordagens como quimioterapia, radioterapia e transplante de células-tronco hematopoiéticas, estratégias que, embora tenham contribuído significativamente para o aumento da sobrevida, ainda estão associadas a efeitos adversos importantes e a taxas consideráveis de recaída, especialmente em casos mais avançados ou refratários (Maude et al., 2014; Locke et al., 2019).

A partir dessa perspectiva, a terapia com células T modificadas geneticamente para expressar receptores de antígeno quimérico, conhecida como CAR-T cells, baseia-se na reprogramação dos linfócitos T do próprio paciente para reconhecer receptores específicos presentes nas células neoplásicas, promovendo sua eliminação de forma direcionada (Neelapu et al., 2017).

Considerando esse cenário, taxas de remissão e sobrevida global, tem ganhado destaque, nos últimos anos, a avaliação de desfechos centrados no paciente. Logo, evidências apontam que indivíduos submetidos à terapia com CAR-T podem apresentar melhora significativa em aspectos relacionados à qualidade de vida, incluindo bem-estar físico, emocional e social, principalmente após a fase aguda do tratamento com o mesmo (Zheng et al., 2024).

Portanto, torna-se cada vez mais relevante analisar de forma integrada não apenas os benefícios clínicos dessas terapias, mas também seus impactos na experiência do paciente, especialmente no que se refere à qualidade de vida e ao prognóstico.

OBJETIVO

Analisar os impactos das terapias-alvo, com ênfase no tratamento com células CAR-T, sobre o prognóstico e a qualidade de vida de pacientes com neoplasias hematológicas, buscando compreender de que forma essas abordagens terapêuticas têm contribuído para a melhoria dos desfechos clínicos e da experiência dos indivíduos acometidos por essas doenças.

METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e caráter descritivo-exploratório, tendo como base a análise de produções científicas sobre terapias-alvo e células CAR-T em neoplasias hematológicas.

A busca para a pesquisa foi realizada no período de janeiro a março de 2026, a mesma foi realizada através da bibliografia nas bases de dados Public Medical Literature Analysis (PubMed), Scopus e, ScienceDirect utilizando os descritores: “CAR-T cells”, “targeted therapy”, “hematologic malignancies”, “quality of life” e “prognosis”.

Foram incluídos artigos publicados entre 2014 e 2025, sendo evidenciado 7 artigos pertinentes, que foram usados para elaboração deste estudo, nos idiomas português e inglês, que abordassem diretamente o tema proposto. Foram excluídas publicações duplicadas, resumos, editoriais e estudos que não apresentassem relação com o objetivo da pesquisa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Avanços das terapias-alvo nas neoplasias hematológicas

Nas últimas décadas, o tratamento de cânceres oriundos da medula óssea passou por mudanças importantes, impulsionadas principalmente pelo avanço das terapias-alvo. Diferentemente das abordagens tradicionais, essas terapias atuam de forma mais específica sobre alterações moleculares presentes nas células tumorais, o que contribui para maior eficácia terapêutica associada a menos danos à tecidos plenos e saudáveis (Wang et al., 2020).

Vale destacar que, fármacos como inibidores de tirosina-quinase e anticorpos monoclonais têm demonstrado resultados consistentes na parte clínica, especialmente no controle da progressão da doença. Além do mais, a atuação direcionada dessas terapias em vias de sinalização celular tem sido relacionada à redução da proliferação tumoral e à indução de apoptose, refletindo diretamente na melhora dos desfechos clínicos dos pacientes (Wang et al., 2020).

Impacto no prognóstico dos pacientes

A incorporação das terapias-alvo, especialmente da terapia com células CAR-T, tem sido associada a melhorias significativas no prognóstico de pacientes com neoplasias hematológicas. Evidências da literatura, mais adiante descritos na tabela 1, indicam aumento da sobrevida global e da sobrevida livre de progressão, além de respostas clínicas mais duradouras, mesmo em indivíduos previamente submetidos a múltiplas linhas de tratamento (Reginaldo et al., 2024).

Outro aspecto relevante diz respeito à capacidade dessas terapias de induzir remissões prolongadas. Em determinados casos, observa-se manutenção da resposta terapêutica por longos períodos, sugerindo um potencial efeito curativo em subgrupos específicos de pacientes (Cappell; Kochenderfer, 2023). As principais informações acerca da eficácia e impacto no prognóstico observados nos estudos seminais estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Comparativo de desfechos clínicos e prognóstico em ensaios seminais de CAR-T cells.

Estudo (Referência)	Patologia Alvo	Taxa de Remissão Completa (RC)	Sobrevida Global (SG) / Estimativa
ZUMA-1 (LOCKE et al., 2019)	Linfoma Difuso de Grandes Células B (LDGCB)	58%	47% em 24 meses
ELIANA (MAUDE et al., 2014)	Leucemia Linfoblástica Aguda (LLA)	81%	91% em 6 meses
ZUMA-1 (NEELAPU et al., 2017)	Linfoma não-Hodgkin Refratório	54%	52% em 18 meses

Fonte: Adaptado de Locke et al. (2019), Maude et al. (2014) e Neelapu et al. (2017).

Impacto na qualidade de vida

Além dos ganhos clínicos, de acordo com relatos dos pacientes submetidos ao tratamento, veem demonstrando melhora significativa em aspectos físicos, emocionais e sociais após o uso de CAR-T, especialmente após a superação da fase inicial de toxicidade (Zheng et al., 2024).

Entre os principais benefícios relatados, destacam-se a redução da fadiga, melhora da capacidade funcional e recuperação do bem-estar cognitivo, fatores que contribuem para o retorno às atividades cotidianas e sociais. Contudo, é importante considerar que eventos adversos, como a síndrome de liberação de citocinas e manifestações neurológicas, podem impactar negativamente a qualidade de vida de forma transitória, exigindo monitoramento adequado durante o procedimento (Neelapu et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, fica evidente que as terapias-alvo, com destaque para a terapia com células CAR-T, vêm transformando de maneira significativa o cenário das neoplasias hematológicas. Os estudos apontam não apenas para melhores taxas de resposta e sobrevida, mas também para impactos positivos na qualidade de vida dos pacientes, aspecto cada vez mais valorizado na prática clínica.

Pensando nessa perspectiva, reforça-se a necessidade de continuidade das pesquisas nessa área, com foco no aprimoramento dessas terapias, buscando torná-las mais seguras, acessíveis e eficazes, além de consolidar seu papel dentro de uma abordagem cada vez mais personalizada no cuidado ao paciente.

REFERÊNCIAS

- CAPPELL, Kathryn M.; KOCHENDERFER, James N. **Long-term outcomes following CAR T cell therapy: what we know so far.** *Nature Reviews Clinical Oncology*, London, v. 20, p. 359–371, 2023.
- LOCKE, Frederick L. et al. **Long-term safety and activity of axicabtagene ciloleucel in refractory large B-cell lymphoma (ZUMA-1): a single-arm, multicentre, phase 1–2 trial.** *The Lancet Oncology*, London, v. 20, n. 1, p. 31–42, 2019.
- MAUDE, Shannon L. et al. **Chimeric antigen receptor T cells for sustained remissions in leukemia.** *New England Journal of Medicine*, Boston, v. 371, n. 16, p. 1507–1517, 2014.
- NEELAPU, Sattva S. et al. **Axicabtagene ciloleucel CAR T-cell therapy in refractory large B-cell lymphoma.** *New England Journal of Medicine*, Boston, v. 377, n. 26, p. 2531–2544, 2017.
- REGINALDO, T. et al. **Efficacy and safety of CD19 CAR T-cell therapy in B-cell malignancies: a systematic review and meta-analysis.** *Healthcare*, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 450-470, 2024.
- WANG, Meng et al. **Advances in targeted therapy for hematologic malignancies.** *Signal Transduction and Targeted Therapy*, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 1-22, 2020.
- ZHENG, Rubing; ZHU, Xiaojian; XIAO, Yi. **Advances in CAR-T-cell therapy in T-cell malignancies.** *Journal of Hematology & Oncology*, London, v. 17, n. 1, art. 32, p. 1-25, 2024.

REDES SOCIAIS E SAÚDE: O PAPEL DO TIKTOK NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS DE AUTOMEDICAÇÃO

Jonatan Lima¹; Rosa Nascimento²; Vinicius Ferreira da Silva³; Jussara Isa Braga Pacheco⁴.

¹São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

²São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0515516911745208>

³UEPG, Ponta Grossa, Paraná. <https://lattes.cnpq.br/3098684576137313>

⁴São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Educação em saúde. Redes sociais.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

A prática da automedicação configura-se como um comportamento recorrente na sociedade atual, sendo significativamente potencializada pelo avanço das tecnologias digitais e pela expansão das redes sociais. Nesse contexto, observa-se que o acesso facilitado à informação em saúde, embora represente um avanço no processo de democratização do conhecimento, também contribui para a adoção de condutas inadequadas, especialmente quando tais informações não possuem respaldo científico adequado (Silva; Souza, 2023; Ventola, 2014).

Entre as plataformas digitais, o TikTok tem se destacado como um dos principais meios de disseminação de conteúdos, caracterizado por vídeos curtos, dinâmicos e com alto potencial de viralização. Essa lógica algorítmica favorece a rápida circulação de informações, muitas vezes priorizando o engajamento em detrimento da qualidade e da veracidade do conteúdo. Nesse ambiente, temas relacionados à saúde ganham grande visibilidade, por meio de hashtags como #anxietytok, #diabetestok e outras, que acumulam milhões de visualizações e influenciam diretamente a percepção e o comportamento dos usuários, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos (Basch Et Al., 2022; Southwick Et Al., 2021).

Entretanto, a ausência de critérios rigorosos de validação científica nos conteúdos compartilhados nessas plataformas favorece a disseminação de informações imprecisas ou até mesmo prejudiciais. Estudos apontam que uma parcela significativa dos vídeos relacionados à saúde é produzida por influenciadores digitais sem formação na área, o que aumenta o risco de recomendações inadequadas e do incentivo à automedicação (Basch

Et Al., 2022). Além disso, a exposição repetida a esse tipo de conteúdo pode gerar uma falsa sensação de conhecimento e segurança, levando os indivíduos a negligenciarem a busca por orientação profissional (Wright; Ward, 2022).

Outro aspecto relevante refere-se ao impacto desses conteúdos na construção de percepções sobre doenças e tratamentos. A simplificação excessiva de informações complexas, característica dos vídeos curtos, pode resultar em interpretações equivocadas, contribuindo para o uso indiscriminado de medicamentos e práticas terapêuticas sem comprovação científica. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2020), o uso inadequado de medicamentos é um problema global de saúde pública, estando diretamente associado a riscos como reações adversas, interações medicamentosas e agravamento de quadros clínicos.

Dessa forma, embora as redes sociais, como o TikTok, desempenhem um papel relevante na ampliação do acesso à informação em saúde, seu uso sem criticidade pode intensificar práticas de risco, como a automedicação. Torna-se, portanto, fundamental promover estratégias de educação em saúde digital, incentivar a produção de conteúdos por profissionais qualificados e fortalecer a capacidade crítica dos usuários frente às informações consumidas no ambiente virtual.

OBJETIVO

Avaliar o impacto do TikTok na promoção da automedicação, identificando os principais riscos associados à disseminação de informações não confiáveis, bem como propor recomendações que incentivem o uso seguro e crítico de conteúdos em saúde nas redes sociais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica em bases de dados científicas, incluindo a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Google Acadêmico. A busca foi realizada no período de janeiro a março de 2026, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), no idioma inglês, “self-medication”, “social media” e “TikTok”, associados por meio do operador booleano “AND”, com o objetivo de ampliar a sensibilidade dos resultados.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025, disponíveis na íntegra, que abordassem a relação entre automedicação, mídias digitais e comportamento em saúde. Foram excluídos estudos duplicados, incompletos ou que não apresentassem aderência direta ao tema proposto. Após a seleção, os materiais foram submetidos à leitura analítica e organizados de forma sistemática para subsidiar a discussão teórica.

Adicionalmente, procedeu-se à análise de conteúdos digitais disponíveis na plataforma TikTok, considerando vídeos com elevado número de visualizações e engajamento. Para essa etapa, foram utilizadas hashtags relacionadas à saúde, como ansiedade e sinusite, com a finalidade de identificar padrões de disseminação de informações. Os conteúdos foram avaliados quanto à consistência das informações, confiabilidade das fontes e perfil dos produtores, distinguindo-se entre profissionais da saúde e influenciadores leigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam uma significativa variabilidade na qualidade das informações disponíveis na plataforma, aspecto amplamente discutido na literatura científica. Observou-se que conteúdos produzidos por influenciadores digitais sem formação na área da saúde apresentam maior alcance e engajamento, porém maior propensão à disseminação de informações incorretas ou potencialmente prejudiciais. Esse achado é corroborado por Vosoughi, Roy E Aral (2018), que demonstraram que informações falsas tendem a se disseminar mais rapidamente nas redes sociais do que conteúdos verídicos, especialmente quando despertam maior apelo emocional.

Foram identificadas práticas sem comprovação científica, como o uso de substâncias caseiras inadequadas para alívio de sintomas, o que reforça as evidências apresentadas por (Klein Et Al.,2018), ao destacarem que a desinformação em saúde no ambiente digital influencia diretamente comportamentos de risco, como a automedicação e a adoção de terapias ineficazes. No contexto brasileiro, estudos como o de BRASIL (2020) evidenciam o impacto das *fake news* em saúde durante a pandemia de COVID-19, demonstrando que a circulação de informações não verificadas contribuiu para práticas inadequadas de cuidado. Da mesma forma, Garcia E Duarte (2020) apontam que a disseminação de conteúdos não científicos nas redes sociais no Brasil está associada à baixa literacia em saúde e à dificuldade de avaliação crítica das informações disponíveis.

Além disso, a maior visibilidade de conteúdos não especializados pode ser explicada pela lógica dos algoritmos das plataformas digitais, que priorizam engajamento em detrimento da qualidade científica da informação, favorecendo conteúdos populares, ainda que imprecisos. Em contrapartida, conteúdos produzidos por profissionais de saúde demonstraram maior confiabilidade e alinhamento com evidências científicas, porém com menor alcance, o que também foi identificado nos estudos analisados, reforçando a discrepância entre qualidade e visibilidade das informações.

Dessa forma, os achados do presente estudo são validados por evidências nacionais e internacionais, demonstrando que a dinâmica das redes sociais contribui para a ampliação de conteúdos de baixa qualidade científica, fortalecendo comportamentos de risco e evidenciando a necessidade de estratégias educativas e regulatórias que promovam o uso crítico dessas plataformas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o TikTok representa um importante desafio para a saúde pública no que se refere à promoção da automedicação. Apesar de seu potencial como ferramenta de disseminação de informações em saúde, a predominância de conteúdos não verificados favorece práticas inadequadas e riscos à saúde dos usuários. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de estratégias de educação em saúde digital, incentivo à participação de profissionais qualificados nas redes sociais e promoção do pensamento crítico dos usuários, visando minimizar os impactos da desinformação.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BASCH, Corey H. et al. *Content and characteristics of TikTok videos related to mental health*. Journal of Medical Internet Research, v. 24, n. 5, e33003, 2022. Disponível em: <https://www.jmir.org/2022/5/e33003>. Acesso em: 25 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Fake news e saúde: guia para enfrentamento da desinformação*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

CHOU, Wen-Ying Sylvia; OH, April; KLEIN, William M. P. Addressing health-related misinformation on social media. *JAMA*, v. 320, n. 23, p. 2417-2418, 2018.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisabeth Carmen. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 2, 2020.

Organização Mundial da Saúde. *Medication safety in polypharmacy*. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/medication-safety-in-polypharmacy>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SILVA, J. R.; SOUZA, M. L. *Automedicação e os riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos na era digital*. Revista de Saúde Pública, v. 57, p. 1-10, 2023.

SOUTHWICK, Lauren et al. *Misinformation and disinformation on TikTok: examining health-related content*. Social Media + Society, v. 7, n. 3, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/sms>. Acesso em: 25 mar. 2026.

VENTOLA, C. Lee. *Social media and health care professionals: benefits, risks, and best practices*. Pharmacy and Therapeutics, v. 39, n. 7, p. 491-520, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4103576/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WRIGHT, Kevin B.; WARD, Michael. *Health misinformation and social media: implications for public health communication*. Health Communication, v. 37, n. 10, p. 1235-1243, 2022.

APRENDIZAGEM SOCIOEMOCIONAL COM METODOLOGIAS ATIVAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Jani Bolsonello¹; Tiago Almeida²; Regiane Macuch³.

¹Universidade de Maringá (UNICESUMAR), Maringá, PR. <https://lattes.cnpq.br/8150893744483419>

²Universidade de Maringá (UNICESUMAR), Maringá, PR. <http://lattes.cnpq.br/8156879307636014>

³ Universidade de Maringá (UNICESUMAR), Maringá, PR. <http://lattes.cnpq.br/5097499395613895>

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem socioemocional. Promoção da Saúde. Metodologias ativas.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

As discussões contemporâneas sobre educação evidenciam que a formação escolar não se limita à transmissão de conteúdos cognitivos, pois o desenvolvimento humano envolve também dimensões emocionais, sociais, éticas e relacionais. Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que a Educação Básica deve comprometer-se com a formação integral dos estudantes, articulando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores indispensáveis à vida em sociedade (Brasil, 2018).

No campo da aprendizagem socioemocional, a estrutura da Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning (CASEL) compreende esse processo como constitutivo do desenvolvimento humano, envolvendo a construção de identidades saudáveis, o manejo das emoções, a empatia, a manutenção de relações de apoio e a tomada de decisões responsáveis. Assim, aprender não significa apenas assimilar conteúdos, mas também desenvolver recursos pessoais e sociais que sustentam o bem-estar, a convivência e a participação ativa nos diferentes espaços de vida (CASEL, 2020).

Essa compreensão dialoga com a promoção da saúde, entendida como o processo de capacitação dos sujeitos para ampliar o controle sobre sua saúde e melhorá-la (WHO, 1986). A Carta de Ottawa já destacava que esse processo exige ambientes favoráveis, desenvolvimento de habilidades pessoais e ação intersetorial, o que torna a escola um espaço estratégico para sua efetivação (WHO, 1986). Nesse contexto, a escola é reconhecida como ambiente promotor de saúde, por favorecer práticas, relações e condições voltadas ao bem-estar físico, mental, social e emocional dos estudantes e da comunidade escolar (WHO, 2021). No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE) reforça essa articulação ao propor ações intersetoriais entre saúde e educação voltadas ao desenvolvimento integral

dos estudantes (Brasil, 2026).

Nesse cenário, a obra *Aprendizagem socioemocional com metodologias ativas: um guia para educadores*, de Carolina Costa Cavalcanti (2023), mostra-se relevante ao propor, de forma dialógica e acessível, o desenvolvimento de competências socioemocionais por meio de experiências de aprendizagem centradas em metodologias ativas, aplicáveis à Educação Básica, ao Ensino Superior e a outros contextos formativos.

OBJETIVO

Analisar as contribuições da obra de Carolina Costa Cavalcanti para a compreensão da aprendizagem socioemocional articulada às metodologias ativas, discutindo suas potencialidades para a promoção da saúde no contexto educacional.

METODOLOGIA

Estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, do tipo teórico-reflexivo, desenvolvido a partir da análise da obra de Carolina Costa Cavalcanti em interlocução com documentos normativos e referenciais teóricos sobre aprendizagem socioemocional, metodologias ativas e promoção da saúde no ambiente escolar. Os eixos de sustentação utilizados foram a BNCC, o referencial CASEL, documentos da Organização Mundial da Saúde sobre escolas promotoras de saúde e materiais institucionais sobre o Programa Saúde na Escola, uma vez que constituem bases relevantes para a compreensão da interface entre educação, desenvolvimento socioemocional e saúde (Brasil, 2018; CASEL, 2020; WHO, 2026).

A análise concentrou-se em três dimensões, de forma articulada: concepção de aprendizagem socioemocional; papel das metodologias ativas na construção de experiências formativas significativas; possíveis contribuições dessa articulação para a promoção da saúde no contexto educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura da obra de Cavalcanti (2023) permite compreender que a aprendizagem socioemocional constitui dimensão fundamental da formação humana, não podendo ser tratada como elemento acessório do currículo. Ao defender experiências pedagógicas intencionais voltadas ao autoconhecimento, à empatia, à escuta, à cooperação e à autorregulação, a autora aproxima a prática educativa de uma perspectiva ampliada de cuidado e desenvolvimento integral.

Essa abordagem converge com a BNCC (Brasil, 2018), que reafirma o compromisso da Educação Básica com a educação integral e o desenvolvimento humano global. Suas competências gerais contemplam aspectos ligados ao autocuidado, à responsabilidade, à argumentação, à empatia, à cooperação e à construção de relações éticas, evidenciando

que a escola deve promover aprendizagens que ultrapassem o domínio estritamente cognitivo.

Na perspectiva da CASEL (2020), a aprendizagem socioemocional abrange cinco campos de competência: autoconhecimento, autogerenciamento, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável. Essas dimensões relacionam-se diretamente ao bem-estar e à qualidade das interações escolares, ao favorecerem formas mais saudáveis de lidar com emoções, conflitos, desafios cotidianos e processos coletivos de aprendizagem.

Ao articular tais competências às metodologias ativas, Cavalcanti (2023) indica que a promoção da saúde no contexto educacional pode ser fortalecida por práticas pedagógicas baseadas em participação, protagonismo, escuta, colaboração e reflexão. Nessa perspectiva, o estudante assume papel central no processo de aprendizagem, participando da resolução de problemas, da interação com os outros e da construção de significados a partir das experiências vividas (Ferrarini; Saheb; Torres, 2019).

Com isso, o desenvolvimento socioemocional deixa de ser um discurso abstrato e passa a materializar-se em experiências concretas de interação e aprendizagem. Tal movimento é coerente com o entendimento da Organização Mundial da Saúde de que escolas promotoras de saúde devem investir não apenas em conteúdos de saúde, mas também em ambientes sociais e emocionais favoráveis ao desenvolvimento e ao bem-estar (WHO, 2021).

Além disso, a Carta de Ottawa destaca que a promoção da saúde envolve o fortalecimento de habilidades pessoais e a criação de ambientes favoráveis (WHO, 1986). Assim, quando a escola desenvolve práticas voltadas à cooperação, ao respeito, à escuta e à autonomia, contribui para a constituição de um ambiente mais acolhedor e saudável, em consonância com os princípios da promoção da saúde.

No contexto brasileiro, essa discussão se fortalece na articulação com o Programa Saúde na Escola (Brasil, 2026), que propõe a integração entre saúde e educação em favor do desenvolvimento integral dos estudantes. Embora o PSE possua forte dimensão intersetorial, sua efetividade também depende de práticas pedagógicas que fortaleçam vínculos, participação, autocuidado, convivência e competências para a vida, aspectos potencializados pela aprendizagem socioemocional com metodologias ativas.

Desse modo, a principal contribuição da obra de Cavalcanti (2023) para o campo da promoção da saúde está em oferecer uma compreensão pedagógica segundo a qual educar socioemocionalmente também significa produzir condições para o cuidado de si, do outro e do coletivo. Ao valorizar experiências ativas, relações dialógicas e competências humanas amplas, a autora oferece subsídios para pensar a escola como espaço promotor de saúde, bem-estar e formação integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a obra de Carolina Costa Cavalcanti oferece contribuições relevantes para compreender a aprendizagem socioemocional como prática pedagógica em diálogo com a promoção da saúde no contexto educacional. Ao articular competências socioemocionais e metodologias ativas, a autora permite pensar a escola como espaço de desenvolvimento integral, em que aprender também implica construir relações saudáveis, fortalecer a autonomia, ampliar a participação e cultivar o cuidado de si, do outro e do coletivo. A análise também indica que essa articulação converge com a BNCC, com o referencial da CASEL e com os princípios da promoção da saúde defendidos pela OMS. Assim, o trabalho com a aprendizagem socioemocional na escola, quando planejado de modo intencional e contextualizado, pode contribuir para a constituição de ambientes educativos mais acolhedores, participativos e saudáveis.

Por fim, destaca-se que a promoção da saúde no contexto escolar não se limita a ações preventivas ou informativas, mas envolve a construção de condições pedagógicas, sociais e emocionais que sustentem o bem-estar e o desenvolvimento humano. Nesse sentido, o material analisado oferece subsídios ao debate educacional e à construção de práticas docentes comprometidas com a formação integral e com a saúde em sua perspectiva ampliada.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Programa Saúde na Escola (PSE)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse>.
- CAVALCANTI, Carolina Costa. *Aprendizagem socioemocional com metodologias ativas: um guia para educadores*. 1. ed. São Paulo: Saraiva Uni, 2023.
- COLLABORATIVE FOR ACADEMIC, SOCIAL, AND EMOTIONAL LEARNING. *CASEL's SEL framework: what are the core competence areas and where are they promoted?* Chicago: CASEL, 2020. Disponível em: <https://casel.org/casel-sel-framework-11-2020/>.
- COLLABORATIVE FOR ACADEMIC, SOCIAL, AND EMOTIONAL LEARNING. *Fundamentals of SEL*. Chicago: CASEL, 2020. Disponível em: <https://casel.org/fundamentals-of-sel/>.
- FERRARINI, Rosilei; SAHEB, Daniele; TORRES, Patrícia Lupion. Metodologias ativas e tecnologias digitais: aproximações e distinções. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n. 52, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n52ID15762. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/15762>.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Health promoting schools*. Geneva: WHO, 2026.

Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/health-promoting-schools>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Ottawa Charter for Health Promotion*. Geneva: WHO, 1986. Disponível em: <https://www.who.int/teams/health-promotion/enhanced-wellbeing/first-global-conference>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; UNESCO. *Making every school a health-promoting school: global standards and indicators*. Geneva: WHO; Paris: UNESCO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/health-promoting-schools/global-standards-for-health-promoting-schools-who-unesco.pdf>.

ÁREA TEMÁTICA: EPIDEMIOLOGIA

ANÁLISE DO NÚMERO DE EXAMES HISTOPATOLÓGICOS DE NEOPLASIA DE MAMA REALIZADOS NO SUS EM GOIÁS DE 2020 A 2025: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Marya Eduarda de Melo Camilo Mendanha²; Sâmella Soares Oliveira Medeiros³; Erick Santos Aguiar⁴; Felipe Rodrigues Resende⁵; Diego Vinícius Gonçalves Santana⁶.

¹Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/0036994288585661>

³Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

⁴Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4852658373963540>

⁵Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

⁶Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC- GO), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/5925239971879734>

PALAVRAS - CHAVE: Exame histopatológico. Neoplasia de mama. Sistema Único de Saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

A neoplasia de mama é a de maior prevalência mundial na população feminina, excetuando as neoplasias de pele. Em 2022, a OMS apontou que foram diagnosticados 2,3 milhões de mulheres com câncer de mama e 670 mil óbitos. No Brasil, estima-se 73.610 novos casos de câncer de mama até 2025 (SILVA, 2024), sendo o de maior prevalência no país, com 95.042 internações no mesmo ano, conforme o DATASUS. A região brasileira que registrou maior morbidade foi a Sudeste (48,7%), Nordeste (22,2%) e Sul (18,7%).

Dentre as diversas formas de diagnóstico dessa doença, incluem-se diagnóstico clínico, diagnóstico por imagem, imuno-histoquímica e biópsia para análise histopatológica. A avaliação histopatológica é fundamental para o diagnóstico de tais neoplasias, estando disponível no Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, esse método é crucial para rastreamento e diagnóstico de neoplasia de mama, contribuindo para a detecção precoce, tratamento em um estágio menos avançado e melhora da qualidade de vida do paciente.

OBJETIVO

Descrever e analisar o número de exames histopatológicos relacionados à neoplasia de mama realizados em Goiás pelo SUS.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico de série temporal, com dados secundários obtidos no Sistema de Informação do Câncer (SISCAN), disponibilizado na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram coletadas informações sobre o número de exames histopatológicos relacionados à neoplasia de mama realizados no SUS, em Goiás, no período de 2020 a 2025.

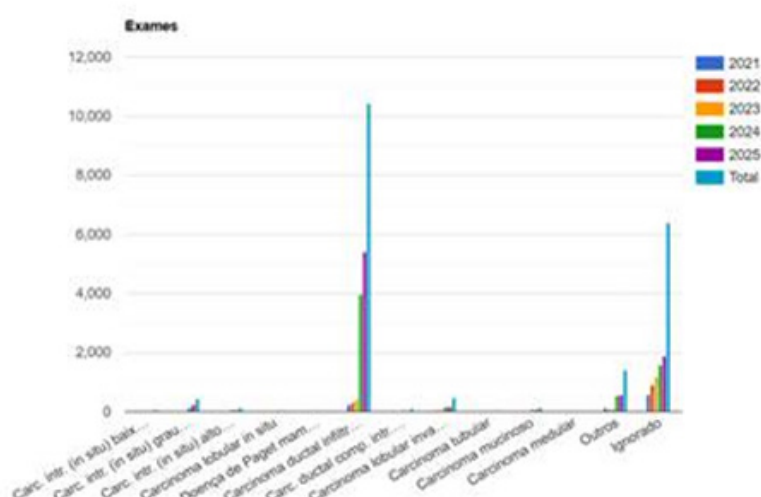
Foram incluídos no estudo todos os registros disponíveis de exames por ano de competência segundo grau histológico e lesão com características de neoplasia maligna dos pacientes residentes em Goiás, referentes ao período estabelecido e devidamente registrados na base de dados. Foram excluídos registros duplicados e fora do recorte temporal e espacial definido. Os dados foram organizados e analisados por estatística descritiva para avaliação da evolução temporal dos exames no período estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2020 e 2025, foram registrados 19.608 exames histopatológicos de mama em residentes do estado de Goiás, com aumento progressivo ao longo do período, passando de 436 casos em 2020 para 8.426 em 2025.

Em relação aos tipos histopatológicos, houve predominância do carcinoma ductal infiltrante, com 10.429 casos (53,2%). O carcinoma lobular invasivo apresentou 465 casos (2,4%), seguido pelo carcinoma mucinoso com 138 casos (0,7%) e carcinoma tubular com 31 casos (0,16%). Outros subtipos incluíram carcinoma ductal in situ de grau intermediário (424 casos; 2,2%), alto grau (137; 0,7%) e baixo grau (54; 0,3%), além de carcinoma lobular in situ (31; 0,16%) e carcinoma ductal com padrão predominante (89; 0,45%). A categoria “outros” totalizou 1.421 casos (7,2%). Observou-se ainda elevada frequência de registros classificados como “ignorado”, com 6.378 casos (32,5%), além de 1.857 casos (9,5%) com grau histológico não avaliável, evidenciando limitações na qualidade do preenchimento das informações.

Figura 1: Lesões de caráter neoplásico maligno em goiás entre 2025 e 2025



Fonte: Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) – Sistema de Informação do Câncer (SISCAN), Brasil, 2020–2025.

A análise dos dados evidenciou aumento expressivo no número de exames histopatológicos de mama ao longo do período estudado, passando de 436 registros em 2020 para 8.426 em 2025, indicando ampliação na realização de exames diagnósticos e na notificação no sistema de informação. Esse crescimento pode estar relacionado à ampliação do acesso aos serviços de diagnóstico, ao fortalecimento das políticas de rastreamento do câncer de mama e à melhoria na alimentação dos sistemas de informação em saúde.

Os resultados obtidos evidenciam que o carcinoma ductal infiltrante constitui o subtipo histológico mais frequente entre os registros analisados. Esse achado é consistente com a literatura científica, que aponta esse tipo como responsável por aproximadamente 70% a 80% dos cânceres de mama invasivos, sendo considerado o subtipo mais comum da doença em nível mundial (INSTITUTO ONCOGUA, 2024).

O carcinoma lobular invasivo aparece como o segundo subtipo mais frequente em diversos estudos epidemiológicos, geralmente representando entre 5% e 15% dos casos, enquanto outras variantes histológicas apresentam ocorrência relativamente menor (BLUCHER PROCEEDINGS, 2016). A distribuição observada no presente estudo está de acordo com esse padrão descrito na literatura. Outro aspecto relevante identificado na análise foi a presença significativa de registros classificados como “ignorado” ou “outros”, o que pode refletir limitações na qualidade do preenchimento das informações nos sistemas de notificação. A existência de dados incompletos ou inespecíficos pode comprometer análises epidemiológicas mais detalhadas e evidencia a necessidade de melhorias na padronização e no registro das informações nos bancos de dados em saúde.

Além disso, o aumento observado no número de registros ao longo do período analisado pode estar relacionado à ampliação do acesso aos serviços diagnósticos, ao

fortalecimento das políticas de rastreamento do câncer de mama e à melhoria na alimentação dos sistemas de informação em saúde. Nesse contexto, o uso de bases de dados nacionais representa ferramenta importante para subsidiar o planejamento de políticas públicas voltadas à prevenção, diagnóstico precoce e controle do câncer de mama no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados do presente estudo permitem concluir que, no estado de Goiás, entre 2020 e 2025, houve variação no número de exames histopatológicos para neoplasia de mama realizados no âmbito do Sistema Único de Saúde, com crescimento progressivo nos anos mais recentes. Quanto à distribuição dos subtipos histológicos, observou-se predominância do carcinoma ductal infiltrante, seguido pelo carcinoma lobular invasivo e por outras variantes menos frequentes, em conformidade com o perfil epidemiológico descrito na literatura.

Registros classificados como “ignorado” ou “outros” evidenciam fragilidades no preenchimento e na padronização das informações nos sistemas de notificação. O estudo contribui, portanto, para o monitoramento da assistência oncológica em Goiás, ressaltando a necessidade de aprimorar os registros e ampliar o acesso aos exames diagnósticos e a importância dos sistemas de informação em saúde para o monitoramento epidemiológico da doença.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2026.

CAIRES, Osmar Monteiro Rodrigues; et al. Prevalência do infarto agudo do miocárdio em mulheres e fatores de risco associados. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 8, p. 1361-1372, 2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih.s>. Acesso em: 15 mar. 2026.

DE CAMPOS, Karine Bachega; et al. Desafios contemporâneos aplicados ao estresse ocupacional e a prática médica: uma revisão integrativa. *Journal of Medical and Biosciences Research*, v. 3, n. 1, p. 356–364, 2026. Disponível em: <https://periodicoscientificos.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

LOPES, Maria Antonieta Albanez A. de Medeiros; et al. Mulheres de Meia-Idade—Um

Grupo de Alto Risco para Mortalidade Pós-Infarto do Miocárdio. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, v. 122, n. 10, p. e20250701, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, Sarah. Estima-se que o Brasil registre 73.610 novos casos de câncer de mama até 2025, aponta INCA - Cofen. Cofen -Cofen, , 3 out. 2024. Disponível em: <<https://www.cofen.gov.br/brasil-deve-registrar-73-610-novos-casos-de-cancer-de-mama-ate-2025-aponta-inca/>>. Acesso em: 20 mar. 2026

VASUDEVA, Rhythm; et al. Prevalence of cardiovascular diseases in COVID-19 related mortality in the United States. Progress in Cardiovascular Diseases, v. 74, p. 122-126, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>. Acesso em: 15 mar. 2026

PANORAMA DA MORTALIDADE HOSPITALAR DO CÂNCER DE MAMA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 2 ANOS

Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Ana Beatriz Bezerra Pinheiro²; Felipe Rodrigues Resende³; Bruna de Souza Ferreira⁴; Luiz Gustavo de Jesus Ribeiro⁵; Sâmella Soares Oliveira Medeiros⁶; Nayara Alves de Freitas Lemos⁷.

¹Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/5741043894351730>

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

⁴Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

⁵Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/0670457969639988>

⁶Faculdade de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

⁷Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/5074078922336323>

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia. Mortalidade Hospitalar. Neoplasias da Mama.

ÁREA TEMÁTICA: Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

A neoplasia maligna da mama constitui a principal causa de morbimortalidade oncológica entre mulheres no mundo, com expressivo impacto em saúde pública (Wilkinson; Gathani, 2022). No Brasil, o cenário não é menos preocupante, visto que o câncer de mama permanece entre as neoplasias de maior relevância epidemiológica, com cerca de 73 mil casos novos anuais, exigindo forte articulação entre rastreamento, diagnóstico precoce e tratamento oportuno (Brasil, 2026).

Contudo, a distribuição da mortalidade por câncer de mama no território nacional permanece marcada por desigualdades regionais, as quais podem estar associadas a diferenças no acesso aos serviços de saúde, na capacidade diagnóstica e na organização

das redes de atenção oncológica. Nesse sentido, compreender o comportamento de mortalidade hospitalar nas diferentes regiões brasileiras torna-se fundamental para identificar fragilidades assistenciais e subsidiar o planejamento de políticas públicas voltadas à redução das iniquidades em saúde.

OBJETIVO

Analisar o número de óbitos por neoplasia maligna da mama no Brasil em 2024 e 2025, com enfoque na distribuição regional dos óbitos e na identificação de possíveis desigualdades no acesso e na qualidade da assistência oncológica prestada no âmbito do Sistema Único de Saúde.

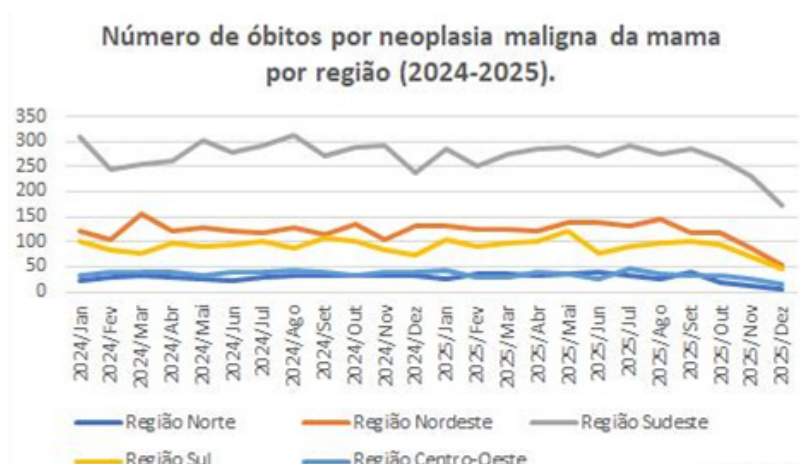
METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quali-quantitativo, com abordagens documental e de revisão integrativa. A etapa documental consistiu no levantamento de dados epidemiológicos da mortalidade por neoplasia maligna da mama (CID-10: C50) no Brasil, em 2024 e 2025, consultados no Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), que faz parte do DATASUS. Além disso, foram usadas estatísticas do Instituto Nacional de Câncer (INCA). Complementarmente, realizou-se uma revisão integrativa para concretização das tendências e fatores associados.

A coleta dos dados ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2026, guiada pela pergunta norteadora: «Quais regiões brasileiras foram as mais afetadas por mortalidade por câncer de mama entre 2024 e 2025?» A busca dos estudos foi realizada nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO), National Library of Medicine (PubMed) e BMC Cancer. A estratégia de busca foi elaborada com uso de descritores em português e inglês, combinados por operadores booleanos. Os principais termos utilizados foram: «Mortalidade» OR «Mortality», «Câncer de Mama» OR «Breast Neoplasms» e «Epidemiologia» OR «Epidemiology». O recorte temporal contemplou publicações entre 2024 e 2025, assegurando a atualidade das evidências científicas analisadas.

Foram incluídos para análise artigos e editoriais com delineamento transversal, disponíveis na íntegra, publicados em português ou inglês, abordando de forma explícita sobre a morbimortalidade do câncer de mama. Foram excluídos artigos de revisão, teses e publicações anteriores ao período estabelecido. Assim, resultando em uma amostra final de cinco estudos primários. A extração dos dados foi realizada por um instrumento padronizado, com análise descritiva e narrativa para identificar padrões regionais e subsidiar a análise crítica do fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Fonte: Desenvolvido pelos autores com base nos dados do Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). 2026

Os achados sugerem que a taxa de mortalidade hospitalar por neoplasia maligna da mama no Brasil, entre 2024 e 2025, apresentam importantes heterogeneidades regionais, evidenciando desigualdade na assistência oncológica. Observa-se maior número absoluto de óbitos nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, que concentram maior contingente populacional e maior volume assistencial. Entretanto, ao se considerar a taxa de mortalidade hospitalar — definida como a proporção de internações que evoluem para óbito — regiões como o Norte apresentam valores proporcionalmente mais elevados, indicando maior gravidade dos casos admitidos e/ou menor resolatividade assistencial.

Esse padrão indica que a mortalidade hospitalar não depende exclusivamente do volume de atendimentos, mas também da oportunidade diagnóstica, da gravidade clínica na admissão, da capacidade técnico-assistencial dos serviços e da organização regional da rede de atenção oncológica. Assim, o maior número absoluto de óbitos em regiões como o Sudeste reflete, em grande medida, maior concentração de serviços especializados e maior fluxo de pacientes o que contribui para o maior número de internações e, conseqüentemente, de óbitos hospitalares, enquanto taxas mais elevadas em regiões com menor infraestrutura, como o Norte, sugerem maior vulnerabilidade assistencial, possivelmente associada ao diagnóstico tardio, barreiras de acesso e menor continuidade do cuidado. Ressalta-se que o indicador utilizado (SIH/SUS) expressa mortalidade hospitalar e não mortalidade hospitalar, devendo ser interpretado nesse contexto. Nesse contexto, as diferenças regionais observadas reforçam que a redução da mortalidade hospitalar depende não apenas da ampliação da oferta de serviços, mas da integração efetiva da linha de cuidado, incluindo rastreamento, diagnóstico precoce, regulação assistencial e acesso oportuno ao tratamento. Dessa forma, a taxa de mortalidade hospitalar por câncer de mama configura-se como importante marcador indireto das iniquidades estruturais do sistema de saúde, evidenciando a necessidade de fortalecimento da regionalização assistencial e da

continuidade do cuidado, sobretudo nas regiões com maior fragilidade de acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, apontam-se achados científicos, que permitem identificar riscos à vida, ademais evidenciando disparidades na assistência oncológica. Assim, é possível afirmar que os achados com os valores mais elevados indicam tanto a chegada de pacientes em estados mais graves quanto limitação da resposta dos sistemas de saúde. Conclui-se, portanto, que há necessidade de intervenções mais direcionadas e que, para além análise dos dados brutos, é fundamental compreender o contexto social para um diagnóstico precoce, a fim de que os pacientes tenham melhores desfechos clínicos. Logo, há uma demanda de pesquisas e estudos mais aprofundados sobre intervenções, visando uma análise mais robusta e concreta.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Estimativa 2026: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WILKINSON, L.; GATHANI, T. Understanding breast cancer as a global health concern. British Journal of Radiology, London, v. 95, n. 1130, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Breast cancer: global statistics and overview. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MORBIDADE DO CÂNCER DE PÂNCREAS NO BRASIL DE 2019 A 2024: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Cleyton de Oliveira Filho¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Marya Eduarda de Melo Camilo Mendanha³; Isabela Luiza Pacheco Rodrigues⁴; Guilherme Tomas Luciano⁵; Ana Luísa Miranda de Lima⁶; Luis Felipe dos Reis⁷; Felipe Rodrigues Resende⁸; Samella Soares Oliveira Medeiros⁹; Felipe Santa Cruz Mesquita¹⁰; Paulo Victor Monteiro Quinan¹¹.

^{1 2 3 4 5 6 7 8 10} Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

⁹ Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

¹¹ Universidade Evangélica de Goiás (UNIEVA), Anápolis, Goiás.

¹<https://lattes.cnpq.br/6945243482509050>

²<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

³<https://lattes.cnpq.br/0036994288585661>

⁴<https://lattes.cnpq.br/7700244285082906>

⁵<https://lattes.cnpq.br/5992287003978001>

⁶<https://lattes.cnpq.br/3218987594535331>

⁷<https://lattes.cnpq.br/5732224018465720>

⁸<https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

⁹<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

¹⁰<https://lattes.cnpq.br/5350242495601165>

¹¹<https://lattes.cnpq.br/5361118846901665>

PALAVRAS-CHAVE: Epidemiologia. Indicadores de Saúde. Neoplasia Pancreática.

ÁREA TEMÁTICA: Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

O câncer de pâncreas figura mundialmente como uma das neoplasias de maior letalidade, representando a sétima principal causa de morte por câncer devido à sua agressividade e ao diagnóstico frequentemente tardio. Recentemente, avanços científicos sobre novos fármacos voltados a alvos genéticos específicos, como as terapias-alvo, ganharam destaque ao oferecer perspectivas promissoras de tratamento para casos antes

considerados intratáveis. No cenário brasileiro, essa patologia manifesta-se com um aumento progressivo na morbidade hospitalar, o que torna imperativo o monitoramento do perfil epidemiológico nacional por meio do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Assim, o estudo da distribuição das internações e as disparidades regionais visam fundamentar políticas públicas que assegurem o acesso equânime a novas tecnologias e cuidados oncológicos em todo o território nacional.

OBJETIVO

Analisar as distribuições temporais e regionais da morbidade por câncer de pâncreas no Brasil no período de 2019 a 2024, a fim de caracterizar e compreender o perfil epidemiológico das internações e agravos associados à doença.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de natureza aplicada e com objetivos descritivos. Caracteriza-se como uma pesquisa documental e de levantamento, realizada por meio da coleta de dados secundários de acesso público. O cenário do estudo compreende as cinco macrorregiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste). A população analisada consistiu em todas as internações hospitalares registradas sob o Código Internacional de Doenças (CID-10) referente à neoplasia maligna do pâncreas, no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2024.

A coleta foi realizada via Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), através da plataforma TABNET do Departamento de Informática do SUS (DATASUS). As variáveis selecionadas incluíram o ano de processamento e a região de residência. Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados por meio de estatística descritiva, com apresentação em tabelas de frequência absoluta. Por utilizar dados secundários, agregados e sem identificação de sujeitos, disponíveis em bases de dados oficiais de domínio público, o estudo dispensa a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2019 e 2024, foram registradas 94.337 internações por neoplasia maligna do pâncreas no Brasil, evidenciando a relevância dessa doença como problema de saúde pública. Observa-se um aumento progressivo no número de internações ao longo do período estudado, passando de 12.591 casos em 2019 para 19.136 em 2024, confirmando crescimento expressivo da morbidade associada ao câncer de pâncreas no Brasil. No intervalo analisado, verificou-se um acréscimo de 6.545 internações entre o primeiro e o último ano do período, indicando tendência crescente de hospitalizações relacionadas à

doença.

Tabela 1: Internações de neoplasia maligna do pâncreas por Ano de processamento segundo Região (2019-2024).

Região	2019	2020	2021	2022	2023	2024	Total
Região Norte	419	458	436	423	608	646	2990
Região Nordeste	1989	2376	2799	2763	3079	3541	16547
Região Sudeste	6267	6447	6729	7206	7674	8362	42685
Região Sul	3116	3632	3790	4540	4825	5151	25054
Região Centro-Oeste	800	1111	1111	1213	1390	1436	7061
Total	12591	14024	14865	16145	17576	19136	94337

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

Ademais, cabe destacar que os dados analisados são provenientes do Sistema de Informações Hospitalares do SUS, base administrativa mantida pelo Ministério da Saúde do Brasil, que registra autorizações de internação hospitalar (AIH). Dessa forma, as informações referem-se ao número de hospitalizações realizadas no período, não sendo possível identificar individualmente os pacientes ou eventuais reinternações. Ainda assim, trata-se de uma fonte amplamente utilizada em estudos epidemiológicos no país, permitindo a análise da distribuição e da magnitude das hospitalizações em âmbito nacional.

Ao analisar a distribuição em cada região, evidencia-se que a Região Sudeste concentrou 42.685 casos, totalizando o maior número de internações, seguida pela Região Sul (25.054) e Região Nordeste (16.547). As Regiões Centro-Oeste (7.061) e Norte (2.990) apresentam os menores números absolutos de internações. Essa distribuição pode estar relacionada à maior densidade populacional e à maior concentração de serviços de saúde de média e alta complexidade nas regiões mais desenvolvidas do país, especialmente no Sudeste e Sul.

Um aspecto relevante para a interpretação dos resultados refere-se à utilização de números absolutos de internações, uma vez que regiões com maior contingente populacional e maior disponibilidade de serviços de saúde tendem naturalmente a registrar maior volume de hospitalizações. Nesse sentido, a concentração de internações observada nas regiões Sudeste e Sul pode refletir, além da distribuição da doença, as diferenças demográficas e estruturais na rede assistencial brasileira.

Observa-se ainda que o aumento das internações ao longo do período analisado ocorreu de forma consistente em todas as regiões do país. Entre 2019 e 2024, todas as macrorregiões brasileiras apresentaram crescimento no número de hospitalizações por neoplasia maligna do pâncreas, o que sugere que a elevação observada não se restringe a contextos regionais específicos, mas pode refletir um fenômeno mais amplo no cenário nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das internações por neoplasia maligna do pâncreas no Brasil entre 2019 e 2024 revelou um total de 94.337 casos, com crescimento progressivo ao longo do período, passando de 12.591 para 19.136 hospitalizações. Os dados demonstraram expressiva concentração regional dos atendimentos, com as regiões Sudeste, Sul e Nordeste respondendo por 89,3% do total de internações, enquanto as regiões Centro-Oeste e Norte, somadas, representaram apenas 10,7% dos casos.

Isto posto, conclui-se que o câncer de pâncreas constitui um problema de saúde pública em ascensão no Brasil, demandando atenção especial dos gestores e profissionais de saúde diante da tendência crescente de internações observada no período estudado. Os resultados obtidos fornecem subsídios importantes para o planejamento de políticas públicas voltadas à organização da rede assistencial oncológica, considerando as desigualdades regionais identificadas e a necessidade de garantir acesso equânime aos serviços de saúde em todo o território nacional.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

LEIPHRAKPAM, P. D. et al. Trends in the Global Incidence of Pancreatic Cancer and a Brief Review of its Histologic and Molecular Subtypes. *J Gastrointest Cancer*, v. 56, n. 1, p. 71, fev. 2025.

Organização Mundial da Saúde. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10*. Genebra: OMS, 2019.

PARK, W.; CHAWLA, A.; O'REILLY, E. M. Pancreatic Cancer: A Review. *JAMA*, v. 326, n. 9, p. 851-862, set. 2021. SILVA, Diego Rodrigues Mendonça e. *Epidemiologia do câncer de pâncreas na América Latina e no Brasil*. 2023. Tese (Doutorado em Epidemiologia) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ÁREA TEMÁTICA: NUTRIÇÃO

TERAPIA ALIMENTAR NA SELETIVIDADE ALIMENTAR INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ATENDIMENTO NUTRICIONAL

Adilson de Oliveira Silva¹; Thayse Maria Ferreira Dules Silva².

¹Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/8339155335223213>

²Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/6986070628319184>

PALAVRAS-CHAVE: Seletividade alimentar. Terapia alimentar. Nutrição infantil.

ÁREA TEMÁTICA: Nutrição.

INTRODUÇÃO

A seletividade alimentar infantil tem sido cada vez mais frequente na prática clínica, especialmente em crianças com alterações do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2023), as dificuldades alimentares podem atingir cerca de 30% das crianças com desenvolvimento típico e até 80% daquelas com transtornos do neurodesenvolvimento. Esse comportamento restritivo ultrapassa o campo nutricional, gerando prejuízos sociais e emocionais que impactam diretamente a dinâmica familiar. Nesse contexto, a terapia alimentar surge como uma abordagem estruturada que vai além da prescrição dietética, envolvendo aspectos sensoriais, comportamentais e educacionais. O nutricionista assume papel central nesse processo, atuando na ampliação do repertório alimentar e na construção de uma relação positiva com o comer.

OBJETIVO

Este trabalho objetiva relatar a experiência clínica de acompanhamento nutricional em terapia alimentar com crianças com seletividade, destacando estratégias utilizadas e resultados observados.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, realizado em consultório particular no interior de Alagoas. Participaram do acompanhamento oito crianças, com idades entre 2 e 9 anos, apresentando diagnóstico de seletividade alimentar — a maioria associada ao TEA. As intervenções ocorreram em sessões semanais, com abordagem baseada na Escalada do Comer (tolerar, interagir, cheirar, tocar, provar e

comer), conforme o modelo *Sequential Oral Sensory* (SOS) adaptado à realidade brasileira.

As estratégias incluíram o uso de recursos lúdico-sensoriais, reforço positivo e orientação familiar sistêmica. Foram utilizados materiais como jogos alimentares, manipulação de alimentos, “passaporte alimentar” e visitas externas supervisionadas (feiras e supermercados). A avaliação incluiu análise antropométrica, recordatório alimentar, observação comportamental e acompanhamento evolutivo longitudinal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que a maioria das crianças apresentava um repertório alimentar restrito (inferior a 15 alimentos), com predomínio de ultraprocessados, preferência por texturas específicas (alimentos crocantes e/ou com cores específicas como cores amarelo/branco) e recusa significativa a frutas, verduras e proteínas. Tais achados convergem com os estudos de Bento et al. (2022), que destacam a hipersensibilidade sensorial como um dos principais pilares da restrição no público neurodivergente. Foram identificados riscos nutricionais reais, como a ingestão insuficiente de fibras e micronutrientes (especialmente Ferro e Zinco), exigindo intervenção específica para evitar carências e quadros de anemia ou constipação crônica.

Ao longo do acompanhamento, notaram-se avanços progressivos na interação com os alimentos, respeitando-se o tempo biológico e sensorial de cada criança. Inicialmente, o foco foi a dessensibilização sistemática: crianças que apresentavam reações de ânsia ou fuga apenas com o odor do alimento passaram a tolerar a sua presença no prato (etapa de tolerância). Com a continuidade das sessões lúdicas, houve evolução para a interação tátil (tocar e amassar o alimento) e, por fim, a degustação.

A tabela abaixo sintetiza os eixos de atuação do nutricionista observados durante este relato:

Tabela 1: Eixos de Atuação do Nutricionista na Terapia Alimentar Infantil.

Eixo de Atuação	Descrição da Intervenção	Objetivo Principal
Avaliação de Características Sensoriais	Identificação de perfis de hiper ou hiporresponsividade (tato, olfato, visão, paladar).	Adaptar a oferta de alimentos conforme a tolerância sensorial da criança.
Manejo de Aspectos Comportamentais Relacionados a Alimentação	Aplicação de reforço positivo e estruturação da rotina alimentar (ambiente e horários).	Reduzir a ansiedade à mesa e comportamentos de recusa ou fuga.
Educação Nutricional Lúdica	Uso de jogos, culinária terapêutica e exploração visual dos alimentos sem pressão para comer.	Promover a familiaridade e a curiosidade pelo alimento “novo”.
Acompanhamento Nutricional	Monitoramento de curvas de crescimento e suplementação de micronutrientes, se necessário.	Garantir a segurança nutricional durante o processo de expansão do paladar.
Suporte à Família	Treinamento de pais para a manutenção de um ambiente neutro e acolhedor em casa.	Diminuir o estresse familiar e evitar o uso de castigos ou subornos.

Um achado relevante foi o impacto positivo do envolvimento familiar. Conforme ressaltado por Costa et al. (2021), a educação nutricional dos pais é determinante, pois a terapia não se restringe aos 50 minutos de sessão; ela ocorre no cotidiano das refeições em casa. As estratégias lúdicas, como o “passaporte alimentar”, mostraram-se eficazes em transformar o medo do novo (neofobia) em exploração ativa, promovendo maior autonomia e engajamento social. Notou-se que, ao retirar o foco da “quantidade ingerida” e colocá-lo na “qualidade da interação”, a criança sente-se segura para arriscar novos sabores de forma voluntária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terapia alimentar mostrou-se uma ferramenta eficaz na ampliação do repertório alimentar infantil, especialmente quando conduzida de forma estruturada e interdisciplinar. O nutricionista desempenha papel fundamental ao mediar a relação sensorial e comportamental da criança com o alimento. Os resultados reforçam a importância de intervenções precoces e da participação ativa da família. Destaca-se a necessidade de novos estudos brasileiros que padronizem protocolos de terapia alimentar para otimizar a prática clínica nutricional no país.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ASBRAN. **Manual orientativo de diagnóstico nutricional**. São Paulo: ASBRAN, 2014.

BENTO, B. J. *et al.* Seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 4, 2022.

COSTA, C. L. A. *et al.* Abordagem nutricional na seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 1, 2021.

KERZNER, B. *et al.* A practical approach to classifying and managing feeding difficulties. **Pediatrics**, [S. l.], v. 135, n. 2, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Dificuldades alimentares na infância**: guia prático de atualização. Rio de Janeiro: SBP, 2023.

TOOMEY, K.; ROSS, E. SOS Approach to Feeding. **Perspectives on Swallowing and Swallowing Disorders**, [S. l.], 2011.

RELAÇÃO ENTRE PADRÕES ALIMENTARES, ESTRESSE E QUALIDADE DO SONO EM ADULTOS: REVISÃO DE LITERATURA

Roberta Larissa Rolim Fidelis¹; Maria Eduarda Cabreira²; Maria Rita Barbosa da Silva³; Michelle Martins Gomes de Oliveira⁴; Maria Clara Gonçalves Araújo Ferreira⁵; Paula Vieira Nascimento Oliveira Silva⁶; Gabriela Oliveira Monteiro⁷.

¹Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE.

<https://lattes.cnpq.br/2616334007913773>

²Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

<https://lattes.cnpq.br/4197806200716054>

³Centro Universitário Maurício de Nassau - Redenção (UNINASSAU), Teresina, PI.

<https://lattes.cnpq.br/2041821021780914>

⁴Faculdade Bezerra de Araújo (FABA), Rio de Janeiro, RJ.

<https://lattes.cnpq.br/7440825213297947>

⁵Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul-Faculdades Integradas (AEMS), Três, lagoas, MS.

<https://lattes.cnpq.br/3156620128587857>

⁶Universidade Paulista (UNIP), Brasília, DF.

<https://lattes.cnpq.br/7856326430664538>

⁷Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO), Juazeiro do Norte, CE.

<https://lattes.cnpq.br/7536162293068842>

PALAVRAS-CHAVE: Dieta. Estresse Psicológico. Sono.

ÁREA TEMÁTICA: Nutrição

INTRODUÇÃO

A qualidade do sono é um importante determinante da saúde física e mental, estando associada à prevenção de doenças crônicas como obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares. Fatores relacionados ao estilo de vida, como hábitos alimentares e níveis de estresse, desempenham papel relevante na regulação dos ciclos de sono e vigília. (St-Onge *et al.*, 2022).

A relação entre alimentação e sono é bidirecional: a privação do sono pode favorecer maior ingestão energética e preferência por alimentos ultraprocessados, enquanto

determinados nutrientes podem contribuir para a melhora da qualidade do sono por meio da modulação de neurotransmissores envolvidos no ritmo circadiano. (Peuhkuri; Sihvola; Korpela, 2022). Além disso, o estresse pode influenciar tanto o comportamento alimentar quanto a qualidade do sono, uma vez que a ativação crônica do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal está associada a alterações hormonais e metabólicas que afetam o apetite e a arquitetura do sono. (Chaput *et al.*, 2021).

Nesse cenário, destaca-se que alterações no sono não impactam apenas desfechos físicos, mas também aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais, como atenção, regulação emocional e tomada de decisão. Dessa forma, compreender a interação entre alimentação, sono e estresse torna-se fundamental para o desenvolvimento de estratégias integradas de promoção da saúde e prevenção de agravos.

OBJETIVO

Identificar as evidências científicas sobre a relação entre padrões alimentares, qualidade do sono e níveis de estresse em adultos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura realizada nos meses de fevereiro a março de 2026. A busca foi realizada nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). A busca foi realizada com a seguinte estratégia: (“diet” OR “nutrition” OR “dietary pattern”) AND (“sleep” OR “sleep quality”) AND (“stress” OR “psychological stress”). Na base SciELO não foram identificados artigos que atendessem aos critérios.

Figura 1 - Fluxograma do Processo de Identificação, Triagem e Inclusão (Modelo PRISMA).



Fonte: Autores, 2026.

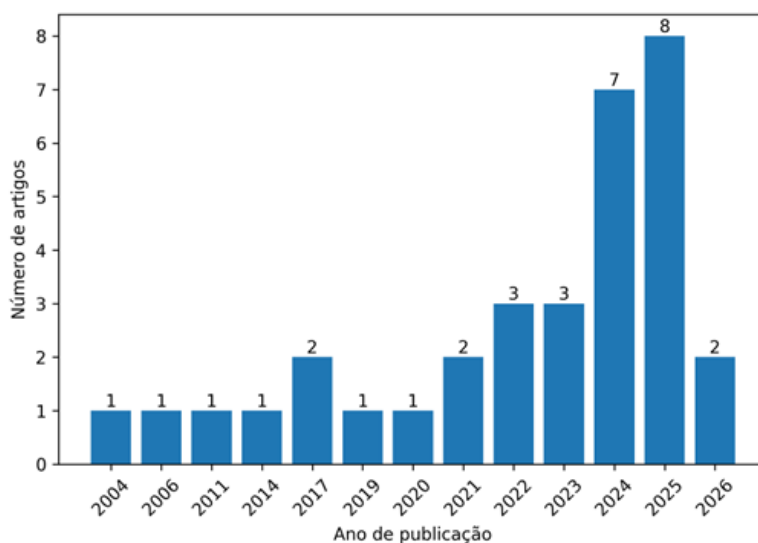
Foram considerados critérios de inclusão: artigos originais publicados em periódicos; realizados em humanos e disponíveis na íntegra. Foram excluídos revisões, editoriais e cartas ao editor, estudos que não abordassem os desfechos relacionados e aqueles

com foco exclusivamente em condições clínicas específicas sem avaliação de desfechos relacionados ao sono ou estresse.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se maior concentração de publicações nos últimos anos, especialmente entre 2024 e 2025. Isso, evidencia o crescimento recente do interesse científico na investigação da relação entre padrões alimentares, estresse e qualidade do sono.

Figura 2 – Distribuição dos artigos incluídos na revisão segundo ano de publicação (n = 33).



Fonte: Autores, 2026

1. Padrões alimentares e qualidade do sono

Diversos estudos identificaram associação entre padrões alimentares saudáveis e melhora da qualidade do sono. A maior adesão a padrões dietéticos ricos em frutas, vegetais, grãos integrais, azeite de oliva e peixes, como a dieta mediterrânea, esteve associada à melhor qualidade do sono e menores níveis de sintomas depressivos e ansiosos. Padrões alimentares equilibrados como o DASH também foram relacionados à redução de indicadores de estresse e melhor regulação emocional, sugerindo que dietas com maior densidade nutricional podem contribuir para o equilíbrio metabólico e inflamatório associado aos ciclos de sono (Carcelén-Fraile *et al.*, 2024; McMorris *et al.*, 2006; Morifuji *et al.*, 2024; Lopresti *et al.*, 2025; Tao *et al.*, 2025; Martínez-Rodríguez *et al.*, 2022).

2. Nutrientes, compostos bioativos e suplementação nutricional

Outro grupo importante de estudos investigou o impacto da suplementação nutricional. Intervenções envolvendo nutrientes como ômega-3, vitaminas do complexo B, magnésio,

aminoácidos e compostos bioativos demonstraram melhora em indicadores de estresse percebido, ansiedade e qualidade do sono. Alguns estudos também observaram alterações em biomarcadores fisiológicos, como níveis de cortisol e parâmetros relacionados à atividade do sistema nervoso autônomo, indicando possível influência na regulação neuroendócrina e na síntese de neurotransmissores relacionados ao sono e ao humor (Hidese *et al.*, 2019; Casas *et al.*, 2023; Schaafsma *et al.*, 2021; Nielsen *et al.*, 2010; Takada *et al.*, 2017; Cui *et al.*, 2025; Zheng *et al.*, 2024; Tryfonos *et al.*, 2024; Unno *et al.*, 2017; Talbott *et al.*, 2023; Hisamuddin *et al.*, 2026; Murakami *et al.*, 2024).

3. Alimentação, microbiota intestinal e eixo intestino-cérebro

Parte dos estudos analisados destacou o papel da microbiota intestinal na relação entre dieta, estresse e sono. Intervenções dietéticas e suplementação com probióticos demonstraram modificações associadas à redução de níveis de estresse e melhora da qualidade do sono. Esses achados reforçam a hipótese de que a alimentação pode influenciar a comunicação entre intestino e cérebro, envolvendo vias neurais, hormonais e imunológicas responsáveis pela regulação do humor e dos ciclos de sono (O'Connor *et al.*, 2022; Clavero-Jimeno *et al.*, 2025; Guimarães *et al.*, 2024; Tan; Sangah, 2025; Azhar *et al.*, 2026; Santamarina *et al.*, 2024; James; Gregg, 2004; Koga *et al.*, 2020).

4. Estratégias alimentares e intervenções metabólicas

Alguns estudos também investigaram intervenções relacionadas ao padrão temporal de consumo alimentar, como protocolos de alimentação com restrição de tempo e outras estratégias dietéticas. Essas intervenções demonstraram benefícios metabólicos, além de possíveis efeitos na qualidade do sono e nos níveis de estresse. Entretanto, alguns resultados indicaram respostas heterogêneas, sugerindo que a adaptação a determinados protocolos alimentares pode influenciar temporariamente o estresse percebido (Mörkl *et al.*, 2025; Shiraseb *et al.*, 2023; Li *et al.*, 2024; Miyake *et al.*, 2014; Pérez-Piñero *et al.*, 2024; Slykerman *et al.*, 2024; Moradi *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, esses estudos indicam que a dieta DASH e dieta do mediterrâneo apresentam efeito promissor na melhora da qualidade do sono e na redução de sintomas gerados pelo estresse, nutrientes específicos e compostos bioativos também podem apresentar efeito positivo na regulação neuroendócrina, auxiliando para melhora do estado emocional e sono. Além disso, a microbiota intestinal evidencia que o eixo intestino-cérebro possui relação com o humor e os ciclos de sono.

Por outro lado, o padrão temporal de consumo alimentar, como a restrição do tempo de alimentação, apresentou resultados inconclusivos. Sugerindo-se maior gama de pesquisas referente a esse tópico. Assim, conclui-se que a alimentação apresenta correlação com o estresse e a qualidade do sono, exercendo papel fundamental. Sendo necessária a elaboração de estratégias. Porém, novos estudos devem ser realizados para melhor compreensão do tema e fortalecimentos dos achados obtidos anteriormente.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AZHAR, W *et al.* The effects of Omega-3 supplementation on stress, anxiety, depression, sleep quality, and everyday memory in individuals with psychological distress: A randomized, double-blind, placebo-controlled trial. **Journal of affective disorders**, vol. 399, 2026. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/41461240/>>. Acesso em: 17 Mar. 2026.

CARCELÉN-FRAILE, M. D. C *et al.* Exercise and Nutrition in the Mental Health of the Older Adult Population: A Randomized Controlled Clinical Trial. **Nutrients**, v. 16, n. 11, p. 1741–1741, 2024. Disponível em: <<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11174647/>>. Acesso: 16 Mar. 2026.

CASAS, I *et al.* Effects of a Mediterranean Diet Intervention on Maternal Stress, Well-Being, and Sleep Quality throughout Gestation-The IMPACT-BCN Trial. **Nutrients**, vol. 15, n.10, 2023. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37242244/>> . Acesso em: 6 Mar. 2026.

CLAVERO-JIMENO, A *et al.* Time-Restricted Eating and Sleep, Mood, and Quality of Life in Adults With Overweight or Obesity: A Secondary Analysis of a Randomized Clinical Trial. **JAMA network open**, vol. 8, n.6, 2025. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40560588/>>. Acesso em: 16 Mar. 2026.

CUI, T *et al.* Efficacy of time restricted eating and resistance training on body composition and mood profiles among young adults with overweight/obesity: a randomized controlled trial. **Journal of the International Society of Sports Nutrition**, vol. 22, n.1, 2025. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40108888/>>. Acesso em: 16 Mar. 2026.

GUIMARÃES, A. P. *et al.* GABA Supplementation, Increased Heart-Rate Variability, Emotional Response, Sleep Efficiency and Reduced Depression in Sedentary Overweight Women Undergoing Physical Exercise: Placebo-Controlled, Randomized Clinical Trial. **Journal of dietary supplements**, vol. 21, n.4, 2024. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38321713/>>. Acesso em: 16 Mar. 2026.

HIDese, S *et al.* Effects of L-Theanine Administration on Stress-Related Symptoms and Cognitive Functions in Healthy Adults: A Randomized Controlled Trial. **Nutrients**, vol. 11, n.10, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31623400/>>. Acesso em: 16 Mar. 2026.

ÁREA TEMÁTICA:
SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

EXPOSIÇÃO PRECOCE A DISRUPTORES ENDÓCRINOS E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE INFANTIL

Marieta Luize de Carvalho Müller¹.

¹Faculdade de Medicina Metropolitana de Manaus (FAMETRO), Manaus, Amazonas,

<http://lattes.cnpq.br/3347025221259432>.

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/1

PALAVRAS-CHAVE: Endocrinologia. Infância. Adolescência.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente.

INTRODUÇÃO

Disruptores endócrinos são substâncias exógenas presentes em diversos químicos naturais ou sintéticos, capazes de modificar o fisiológico hormonal, interrompendo processos desde a síntese até o metabolismo de hormônios, causando desordens endocrinológicas como a puberdade precoce e a obesidade infantil, afetando o crescimento e desenvolvimento. Substâncias como essas foram encontradas em materiais de higiene pessoal, cosméticos infantis, brinquedos, chupetas, mamadeiras e alimentos, representando um achado de grande temor à saúde pública. Por fim, a exposição prolongada à esses agentes durante o período de maturação pode afetar não somente as primeiras fases da vida, mas trazer repercussões sérias à saúde a longo prazo.

OBJETIVO

Esta revisão tem o objetivo de estabelecer conhecimentos e revelar consequências acerca do tema antes descrito, visando buscar alternativas e promover informação ao público geral. Esclarecer dúvidas e desmistificar falsos saberes sobre as vias de exposição, absorção e secreção desses agentes estão dentre os principais objetivos desta revisão sistemática.

METODOLOGIA

O presente artigo possui uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e explicativos, sendo definido como uma pesquisa bibliográfica. O estudo foi articulado através da interpretação de revisões, artigos e documentos relacionados aos efeitos dos disruptores endócrinos na infância.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados, tais como PubMed e SciELO utilizando descritores relacionados, incluindo endocrinologia, disruptores endócrinos, infância e adolescência.

Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos publicados em língua inglesa, que relataram impactos da exposição à agentes causadores de desordens endócrinas. Foram utilizados apenas artigos produzidos nos últimos 5 anos, almejando assegurar a atualidade das informações.

Nos critérios de exclusão, foram desprezadas pesquisas realizadas somente com o público adulto, sem relação direta ao tema ou com invalidez de informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente revisão sistemática observou como principais resultados a interferência na maturação sexual, tireoidiana e adipogênica na população infantil. Os principais agentes ambientais encontrados foram os ftalatos, parabenos, pesticidas, bisfenóis e percloratos, com vias de absorção amplamente frequentes sendo elas principalmente, a ingestão oral, dérmica e inalatória.

Ftalatos são substâncias encontradas em produtos de higiene pessoal, materiais de construção, perfumes e outros. Esse desregulador mostrou-se como um potencial tóxico, podendo ser transmitido via placentária. Como demonstrado por Di Pietro G *et al.* pode haver uma interferência no metabolismo de andrógenos e de hormônios tireoideanos. Além disso, estão sendo muito atrelados à alteração hipocampal relacionada à depressão e ansiedade.

O Bisfenol A (BPA) demonstrou resultados controversos quanto sua atividade disruptora, podendo estar presente em brinquedos, mamadeiras e chupetas, sendo a principal forma de absorção a de ingestão oral, esse produto está mais associado à obesidade infantil. Segundo Di Pietro G *et al.* estudos realizados em camundongos gestantes no âmbito laboratorial, relataram forte ação em células beta pancreáticas, interferindo drasticamente na resistência insulínica dos filhotes, além de obesidade pós parto.

Os parabenos, encontrados em diversos itens de higiene, maquiagens e cosméticos populares infantis, são capazes de inibir estrogênios endógenos reduzindo os níveis de hormônio folículo estimulante e luteinizante. Estão sendo vinculados à pólipos, cistos e adenocarcinomas.

No período fetal, o contato da gestante com hidrocarbonetos aromáticos policíclicos também pode modificar a adipogênese, causando consequências endócrinas na infância e adolescência.

Sobre o funcionamento da tireoide, evidenciou-se redução do hormônio tiroxina e aumento do hormônio estimulante da tireoide, resultando em hipertrofia e posterior câncer

folicular. Percloratos são poluentes ambientais que podem interromper o metabolismo dos hormônios tireoideanos apresentados anteriormente.

Diversas pesquisas revelaram, assim como já descreviam Karakiliç E. *et al.* redução do quociente de inteligência e declínio cognitivo escolar, quando na gravidez foram expostos à pesticidas organofosforados.

Resulta-se ainda, que alguns desses desreguladores podem atuar inibindo andrógenos como a testosterona fetal que regula por exemplo a distância anogenital e eventualmente ser responsável por hipospádia ou criptorquidia. Os mesmos podem agir na expressão, internalização e degradação dos receptores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as pesquisas à respeito do assunto estejam crescendo gradualmente, ainda não há boa perspectiva do encontro de resultados confiáveis e absolutos. O reconhecimento de fontes ambientais pode ser um desafio, já que os desreguladores em questão se tornaram um tema complexo, muito presente na sociedade atual e de evidências inconclusivas à respeito dos efeitos à longo prazo.

Para assegurar a saúde da população futura, há a necessidade de realizar mais buscas e pesquisas em torno do tema, além de avaliar cautelosamente produtos infantis e indicados para gestantes disponíveis no mercado.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- 1.Di Pietro G, Forcucci F, Chiarelli F. **Endocrine Disruptor Chemicals and Children's Health.** Int J Mol Sci. 2023 Jan 31;24(3):2671. doi: 10.3390/ijms24032671. PMID: 36768991; PMCID: PMC9916521.
- 2.Karakiliç E, Doğan D, Saygili ES. **Endocrine disruptors and children's health.** Turk J Med Sci. 2025 Nov 6;55(7):1671-1680. doi: 10.55730/1300-0144.6129. PMID: 41488246; PMCID: PMC12758920
- 3.Lopez-Rodriguez D, Franssen D, Heger S, Parent AS. **Endocrine-disrupting chemicals and their effects on puberty.** Best Pract Res Clin Endocrinol Metab. 2021 Sep;35(5):101579. doi: 10.1016/j.beem.2021.101579. Epub 2021 Sep 17. PMID: 34563408.
- 4.Predieri B, Iughetti L, Bernasconi S, Street ME. **Endocrine Disrupting Chemicals' Effects in Children: What We Know and What We Need to Learn?** Int J Mol Sci. 2022 Oct 7;23(19):11899. doi: 10.3390/ijms231911899. PMID: 36233201; PMCID: PMC9570268.
- 5.Stukenborg JB, Mitchell RT, Söder O. **Endocrine disruptors and the male reproductive system.** Best Pract Res Clin Endocrinol Metab. 2021 Sep;35(5):101567. doi: 10.1016/j.beem.2021.101567. Epub 2021 Aug 14. PMID: 34426080.

6.Xu Y, Xu J, Aris AZ, Peng C, Pan K, Wang C, Zeng Y, Yu J. **The association between environmental endocrine disruptors and the risk of attention deficit and hyperactivity disorder in children:** A systematic review and meta-analysis. *Ecotoxicol Environ Saf.* 2025 Sep 15;303:118845. doi: 10.1016/j.ecoenv.2025.118845. Epub 2025 Aug 12. PMID: 40803269.

TRIAGEM NEONATAL: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO RECÉM-NASCIDO

Elizabeth Cristina dos Santos Costa¹; Fernanda Manuela Nobre da Costa²; Júlia Monteiro Medina³; Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini⁴.

¹Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/4719891281272427>

²Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/4183027397571418>

³Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <https://lattes.cnpq.br/7250298892496366>

⁴Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/9646872750954617>

PALAVRAS CHAVES: Triagem neonatal. Enfermagem neonatal. Recém-nascido.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da criança e Adolescente

INTRODUÇÃO

O exame de Triagem Neonatal (TN), conhecido como teste do pezinho, consiste na coleta de sangue do calcanhar do recém-nascido e é um exame simples, porém essencial para a saúde infantil. Sua finalidade é a detecção precoce de doenças metabólicas, genéticas e infecciosas, antes do surgimento de sinais clínicos, permitindo o início oportuno do tratamento e a prevenção de sequelas, contribuindo para melhor qualidade de vida da criança.

Nesse contexto, destaca-se o papel do enfermeiro no acompanhamento da gestante desde o pré-natal até a puericultura, orientando as famílias quanto à importância do exame, ao período adequado de coleta e ao acompanhamento dos resultados. A efetividade da TN depende da qualidade da coleta, da agilidade na análise, da comunicação dos resultados e do acesso ao tratamento. Apesar dos avanços, persistem desafios como desigualdades regionais, atrasos e falhas no seguimento dos casos positivos.

Para nortear o estudo, utilizou-se a estratégia PICO: P (Enfermeiros), I (Atuação na Triagem Neonatal) e Co (Serviços de saúde/Atenção Primária), formulando-se a questão: “Quais são as evidências científicas sobre a atuação do enfermeiro na Triagem Neonatal, seus desafios e estratégias para qualificar o cuidado ao recém-nascido?”. Assim, o objetivo é descrever a atuação do enfermeiro na TN, identificando desafios e estratégias para a qualificação do cuidado neonatal, com ênfase na educação em saúde, adesão familiar e continuidade do cuidado.

OBJETIVO

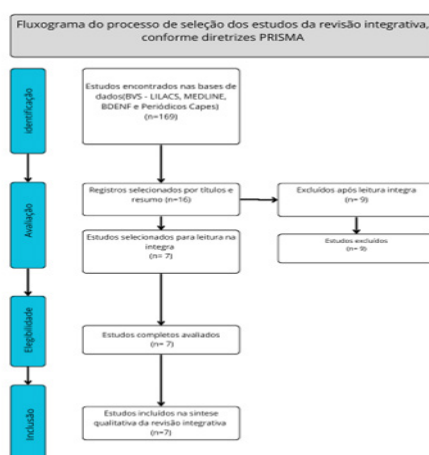
Descrever a atuação do enfermeiro na TN, destacando desafios no sistema de saúde e estratégias para a educação e adesão familiar.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como uma revisão integrativa da literatura conduzida conforme o referencial de Whittemore e Knafl (2005) e Mendes, Silveira e Galvão (2008), desenvolvida em seis etapas. Foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed), Portal de Periódicos CAPES/MEC, Science Direct e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores “triagem neonatal”, “enfermagem” e “desafios”, combinados pelo operador booleano AND.

Foram identificados e avaliados 169 estudos, tendo como critério de elegibilidade a sua pertinência, qualidade metodológica e alinhamento com a questão de pesquisa a partir da leitura do título e resumo. Foram 16 estudos selecionados, considerando os seguintes critérios de inclusão: estudos publicados entre 2021 e 2026, nos idiomas português ou inglês, que abordassem a atuação do enfermeiro na Triagem Neonatal. Foram excluídas cartas ao editor, monografias e trabalhos publicados fora do período estabelecido. A seleção considerou a presença dos descritores no título, resumo e/ou palavras-chave. O processo de seleção foi conduzido por dois revisores independentes, que realizaram a triagem em três etapas: leitura de títulos, leitura de resumos e leitura na íntegra. As divergências foram resolvidas por consenso ou, quando necessário, por um terceiro revisor. O fluxo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos está representado em um fluxograma do tipo PRISMA (Figura 1) conforme as diretrizes para revisão sistemática.

Figura 1. Fluxograma do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.



Fontes: Adaptado pelo autor

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram sintetizados e organizados em categorias temáticas. Os resultados são apresentados de forma descritiva e analítica, com discussão estruturada em categorias que emergiram da revisão. A análise dos estudos incluídos, permitiu a organização dos achados em três categorias analíticas, que refletem as dimensões da atuação do enfermeiro na TN. 1) Atuação educativa e técnica do enfermeiro na Triagem Neonatal; 2) Desafios estruturais e operacionais na implementação do PNTN; e 3) Estratégias de qualificação do cuidado.

CONCLUSÃO

O enfermeiro exerce papel central na triagem neonatal, atuando além da execução técnica, com foco na educação em saúde, no vínculo com a família e na continuidade do cuidado. Contudo, desafios como sobrecarga de trabalho, fragmentação dos fluxos assistenciais e necessidade de educação permanente limitam a efetividade do programa. Assim, recomenda-se a adoção de protocolos unificados, a ampliação das atribuições do enfermeiro na coordenação do cuidado neonatal e o fortalecimento de ações intersetoriais, visando consolidar a triagem neonatal como eixo prioritário da atenção à saúde infantil.

REFERÊNCIA

- SANTOS, Mariana Gomes, SILVA, Gleyce Kelly. **Triagem Neonatal: A Importância do Diagnóstico Precoce para saúde do recém nascido**. Revista saúde dos vales V.10, N.01 – 2025. ISSN: 2674-8584. Disponível em: <https://rsv.ojsbr.com/rsv/article/view/4513>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- MOURA, Rafael Pinheiro de; SILVA, Luiza Maria Rabelo; QUEIROZ, Fabrício Santos; ROTHEBARTH, Alexandra de Paula; BIORCK, Ruth Noêmia Paula; MUFATO, Leandro Felipe. **Triagem neonatal: conhecimento e dificuldades dos profissionais de enfermagem na Atenção Básica em Saúde**. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped*, v. 22, eSOBEP2022022, dez. 2022. Disponível em: <https://journal.sobep.org.br/article/triagem-neonatal-conhecimento-e-dificuldades-dos-profissionais-de-enfermagem-na-atencao-basica-em-saude/>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- CARVALHO, F. G.; MARQUI, A. B. T. de. Nursing care in the guthrie test - **Assistência de enfermagem no teste do pezinho** . Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, p. e–12680, 2023. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12680. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12680>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- SILVA, M. B. G. M. DA; ZAGONEL, I. S.; LACERDA, M. R. **A enfermagem na triagem neonatal** - DOI: 10.4025/actascihealthsci.v25i2.2226. Acta Scientiarum. Health

Sciences, v. 25, n. 2, p. 155-161, 17 abr. 2008.

ACOSTA, Daniele Ferreira; STREFLING, Ivanete da Silva Santiago; GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. **Triagem neonatal: (re)pensando a prática de enfermagem**. Rev. enferm. UFPE online., Recife, 7(2):572-8, fev 2013. ISSN:1981-8963. DOI: 10.5205/reuol.3073-24791-1-LE.0702201332. Disponível em: <https://share.google/DDku8GWPg1py5BiDC>. Acesso em: 10 jan. 2026.

STREFLING, Ivanete Silva Santiago; MONFRIM, Xênia Martins; LUNARDI FILHO, Wilson Danilo; CARVALHO, Karen Knopp; AZEVEDO, Ana Lucia Soares. **Conhecimento sobre triagem neonatal e sua operacionalização**. Cogitare Enfermagem, [S. l.], v. 19, n. 1, 2014. DOI: 10.5380/ce.v19i1.35928. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/35928>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SANTOS, Larissa Christiny Amorim dos ;RIBEIRO ,Wanderson Alves; ALVES, Ana Lúcia Naves;AMARAL, Fernando Salgado do; FASSARELLA, Bruna Porath Azevedo;ARNALDO, Clarissa Rosa de Oliveira. **O Enfermeiro na triagem neonatal**. Revista Pró-UniverSUS V14 N1. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3159>. Acesso em: 10 jan. 2026

MUTISMO SELETIVO, ANSIEDADE SOCIAL E HABILIDADES PRAGMÁTICAS DA LINGUAGEM

Adilson de Oliveira Silva¹; Thayse Maria Ferreira Dules Silva².

¹Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/8339155335223213>

²Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/6986070628319184>

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Linguagem Infantil. Prejuízo de Linguagem. Ansiedade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente.

INTRODUÇÃO

O mutismo seletivo (MS) é um transtorno de ansiedade de início precoce, caracterizado pela ausência persistente da fala em contextos sociais específicos, apesar de a criança demonstrar competência linguística no ambiente familiar. Segundo o DSM-5-TR (2022), o diagnóstico exige que o silêncio interfira nas conquistas educacionais ou na comunicação social e tenha duração de pelo menos um mês. A etiologia do MS é multifatorial, envolvendo predisposição genética, inibição comportamental e fatores ambientais.

Embora a estrutura da linguagem (fonologia, morfologia e sintaxe) esteja habitualmente preservada, estudos recentes indicam que essas crianças apresentam prejuízos na pragmática. A pragmática é o componente da linguagem que rege o uso social da comunicação, permitindo que o indivíduo ajuste sua fala ao contexto e ao interlocutor. No MS, a ansiedade social atua como uma barreira que impede a mobilização dessas competências, criando um padrão de isolamento que pode comprometer o desenvolvimento socioemocional a longo prazo.

OBJETIVO

Analisar a correlação entre os níveis de ansiedade social e o desempenho nas habilidades pragmáticas da linguagem em crianças com mutismo seletivo, além de identificar na literatura as principais evidências que sustentam a necessidade de intervenções interdisciplinares entre psicologia, neurociências e fonoaudiologia.

METODOLOGIA

Este trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica integrativa. Foram selecionadas publicações em bases de dados como PubMed, Scielo e Google Acadêmico,

utilizando os descritores “Mutismo Seletivo”, “Pragmática da Linguagem”, “Ansiedade Social” e “Intervenção Fonoaudiológica”. Foram selecionados 8 artigos publicados entre 2011 e 2024, que estabelecem a base empírica para a compreensão das funções executivas, regulação emocional e comunicação social no quadro de MS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autores	Ano	Objetivo	Principais Resultados
Gensthaller et al.	2020	Avaliar o vocabulário e funções gramaticais em crianças com MS.	Crianças com MS apresentaram pontuações de linguagem ligeiramente menores, sugerindo que dificuldades linguísticas sutis podem aumentar a ansiedade social.
Muris & Ollendick	2021	Revisar a psicopatologia e o tratamento do MS.	O MS é fortemente ligado à fobia social; o tratamento mais eficaz combina terapia cognitivo-comportamental com técnicas de dessensibilização.
Bento et al.	2022	Analisar a prevalência de transtornos de comunicação em crianças com MS.	Encontrou-se alta coocorrência de atrasos de linguagem e distúrbios fonológicos, indicando que a fragilidade linguística pode ser um gatilho para o silêncio.
Viana et al.	2020	Investigar o perfil pragmático em crianças brasileiras com ansiedade.	A ansiedade social correlaciona-se com dificuldades em iniciar tópicos e manter turnos conversacionais, independentemente do QI.
LeDoux & Pine	2021	Estudar os circuitos neurais do medo e ansiedade.	Demonstrou que o sistema de “congelamento” (freezing) impede a execução de comportamentos motores complexos, como a fala, em contextos de pressão.
Toomey & Ross	2011	Avaliar as habilidades de comunicação social no MS.	Identificaram que o uso de gestos e comunicação não verbal é uma ponte importante, mas que a falta de fala impede o refinamento da consciência pragmática.
Lima & Almeida	2023	Relatar intervenções fonoaudiológicas no MS no Brasil.	Estratégias de aproximação sucessiva no ambiente escolar reduziram a ansiedade e aumentaram a participação verbal em 70% da amostra.
Spinillo et al.	2021	Relacionar consciência pragmática e competência social.	Crianças com maior consciência pragmática conseguem regular melhor suas emoções em grupos; a falha nessa habilidade retroalimenta a evitação social.

Os resultados indicam que o MS não é meramente um sintoma de ansiedade, mas um transtorno que afeta a fluidez da comunicação social. A neurociência explica que a hiperatividade da amígdala dificulta o acesso às áreas de linguagem do córtex frontal durante situações de estresse. Abaixo, a tabela sintetiza as principais evidências científicas que fundamentam esta discussão:

A discussão dos dados revela que a intervenção não deve focar apenas na produção do som, mas na redução da carga cognitiva gerada pela interação social. Quando a criança não consegue prever o resultado de uma interação (falha pragmática), a ansiedade aumenta, o que reforça o silêncio como mecanismo de defesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mutismo seletivo deve ser compreendido como uma interseção entre a saúde mental e a comunicação. A evidência de que dificuldades pragmáticas podem coexistir com a ansiedade social reforça que o tratamento isolado de um único aspecto (apenas medicação ou apenas treino de fala) tende a ser menos eficaz.

A atuação interdisciplinar permite que a psicologia trabalhe a exposição gradual ao medo, enquanto a fonoaudiologia oferece ferramentas para que a criança se sinta “competente” para comunicar-se. Recomenda-se que escolas implementem protocolos de acolhimento que não pressionem a fala direta, mas estimulem a participação pragmática não verbal (apontar, usar fichas, acenar) como degraus para a recuperação da voz.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- GENSTHALER, A. *et al.* Language characteristics and social anxiety in children with selective mutism. **Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology**, [S. l.], 2020.
- LIMA, R. M.; ALMEIDA, T. C. Mutismo Seletivo e intervenções fonoaudiológicas no contexto escolar brasileiro. **Revista de Linguagem & Ensino**, [S. l.], 2023.
- MURIS, P.; OLLENDICK, T. H. Selective mutism: A review of etiology, comorbidity, and treatment. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, [S. l.], 2021.
- SANTOS, L. F.; FARIAS, M. G. Intervenção interdisciplinar no mutismo seletivo: psicologia e fonoaudiologia em foco. **Cadernos de Saúde Mental**, [S. l.], 2024.
- SPINILLO, A. G. *et al.* A consciência pragmática em crianças e sua relação com a competência social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 2021.
- VIANA, A. G. *et al.* Social anxiety and pragmatic language in children. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, 2020.

ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NOS TRANSTORNOS MOTORES DA FALA: FONOAUDIOLOGIA, PSICOLOGIA E EVIDÊNCIAS DE MANEJO

Thayse Maria Ferreira Dules Silva¹; Adilson de Oliveira Silva².

¹Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/6986070628319184>

²Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/8339155335223213>

PALAVRAS-CHAVE: Transtornos da Fala. Terapia Fonoaudiológica. Psicologia. Interdisciplinaridade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente

INTRODUÇÃO

Os Transtornos Motores da Fala (TMF) constituem um grupo complexo de distúrbios de base neurológica que afetam a rede de planejamento, programação e execução dos movimentos fonoarticulatórios. Conforme aponta Duffy (2020), a diferenciação clínica entre a dificuldade em planejar a sequência motora e a fraqueza na execução muscular é o que define o sucesso da reabilitação. Na clínica fonoaudiológica, a Apraxia de Fala Infantil (AFI) e as Disartrias destacam-se como condições que, embora distintas em sua fisiopatologia, compartilham o impacto severo na inteligibilidade da fala e na eficiência comunicativa.

Para além do comprometimento motor, os TMF impõem barreiras significativas ao desenvolvimento socioemocional e à construção da identidade. De acordo com Abdo et al. (2021), a experiência crônica de falha na comunicação gera uma frustração que frequentemente evolui para quadros de ansiedade social e baixa autoeficácia. Nesse cenário, o silêncio ou a fala ininteligível deixam de ser apenas uma questão muscular e passam a ser uma estratégia de defesa psíquica contra o estresse gerado pela falha na interação, exigindo que a reabilitação considere o sujeito em sua totalidade biopsicossocial.

Dessa forma, a atuação interdisciplinar entre Fonoaudiologia e Psicologia torna-se o modelo de intervenção mais eficaz. Conforme defendido por Costa e Beltrame (2022), enquanto a fonoaudiologia utiliza princípios de aprendizagem motora para reorganizar os mapas neurais da fala, a psicologia atua na regulação emocional e no fortalecimento do “Eu comunicador”. Esta parceria permite que o paciente desenvolva resiliência diante das dificuldades, garantindo que o esforço motor necessário para a terapia seja sustentado por uma base emocional segura, favorecendo a inclusão social e o desempenho acadêmico.

OBJETIVO

Analisar a eficácia da intervenção interdisciplinar entre fonoaudiologia e psicologia nos transtornos motores da fala, detalhando as abordagens terapêuticas baseadas em evidências e o impacto do suporte emocional na evolução do quadro motor.

METODOLOGIA

Este trabalho fundamenta-se em uma revisão bibliográfica integrativa de caráter qualitativo, com consulta às bases de dados SciELO, Google Acadêmico e manuais da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa). Foram selecionados artigos publicados entre 2019 e 2024, priorizando estudos brasileiros e diretrizes internacionais adaptadas. Conforme os critérios de Gubiani et al. (2020), a seleção dos textos obedeceu à relevância científica sobre métodos de tratamento motor e o impacto psicossocial dos distúrbios de comunicação.

A análise metodológica concentrou-se na sistematização de três eixos: técnicas de estimulação sensorial aplicadas à fala; estratégias de regulação emocional pela psicologia; e o papel da família como coterapeuta. Segundo Lopes et al. (2019), o detalhamento do manejo clínico deve considerar a intensidade terapêutica e os princípios da neuroplasticidade, além das ferramentas de Comunicação Alternativa (CAA) como facilitadoras do processo global de reabilitação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que a reabilitação motora atinge níveis superiores de eficácia quando associada ao manejo comportamental. Segundo Gubiani et al. (2020), a aplicação de métodos como o DTTC e o PROMPT é fundamental para a automatização de padrões motores complexos, especialmente em protocolos de alta intensidade. Observou-se que o uso de pistas multissensoriais auxilia o cérebro a criar novos mapas motores, contornando áreas disfuncionais e resultando em uma fala mais fluida.

No âmbito psicológico, os dados revelam que a redução da ansiedade antecipatória é um preditor direto da melhora articulatória. De acordo com Mazzora et al. (2023), o suporte psicoterapêutico aos pais e ao paciente aumenta significativamente a adesão ao tratamento, pois minimiza a pressão e o medo do erro. A terapia cognitiva auxilia na reestruturação de crenças limitantes, enquanto a psicologia sistêmica ajuda a família a mediar expectativas, evitando que a cobrança doméstica se torne um fator de inibição comunicativa.

A integração das áreas permitiu ainda o uso estratégico da Comunicação Alternativa (CAA). Conforme sugerido por Silva e Souza (2022), a CAA não inibe a fala oral; ao contrário, ela reduz a carga cognitiva e o estresse comunicativo, servindo de ponte para a emergência da fala verbal. A tabela abaixo sintetiza os principais fundamentos identificados:

Autores	Ano	Abordagem Sugerida	Principais Resultados
Gubiani et al.	2020	DTTC (Pistas Temporais)	Melhora na precisão de palavras e sequências motoras.
Abdo et al.	2021	Suporte Psicossocial	Redução de barreiras emocionais que impedem a fala.
Costa & Beltrame	2022	Interdisciplinaridade	Aceleração da alta e melhoria na qualidade de vida.
Mazzora et al.	2023	Orientação Familiar	Maior engajamento da família como agente facilitador.
Silva & Souza	2022	Comunicação Alternativa	Redução da frustração e auxílio na oralização.
Lopes et al.	2019	Intensidade Terapêutica	Treinios frequentes (3x-5x/semana) geram maior plasticidade.
Viana et al.	2021	Manejo da Ansiedade	A regulação emocional favorece o uso pragmático da fala.
Farias & Santos	2024	Mediação Escolar	Redução do estigma e melhor inclusão do aluno com TMF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade dos transtornos motores da fala exige uma ruptura com o modelo isolado de tratamento. A fonoaudiologia fornece as ferramentas técnicas para a fala funcional, mas, conforme indicam Santos e Farias (2024), é a psicologia que garante a estrutura emocional para que esse aprendizado seja utilizado socialmente. Conclui-se que o manejo interdisciplinar não apenas reabilita a função biológica, mas restitui ao indivíduo seu lugar de direito na troca social, promovendo autonomia através da reconquista da sua capacidade expressiva.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ABDO, A. G. *et al.* Aspectos psicossociais dos distúrbios da fala: uma revisão integrativa. **Revista de Psicologia Clínica**, São Paulo, 2021.

COSTA, C. L. A.; BELTRAME, T. S. Intervenções interdisciplinares em escolares com transtornos motores: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, 2022.

DUFFY, J. R. **Motor Speech Disorders**: Substrates, Differential Diagnosis, and Management. 4. ed. Elsevier, 2020.

GUBIANI, M. B. *et al.* Eficácia do tratamento para apraxia de fala infantil: revisão sistemática. **CoDAS**, v. 32, n. 3, 2020.

SILVA, A. P.; SOUZA, L. M. **Comunicação Alternativa e Ampliada no contexto dos Transtornos Motores da Fala**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2022.

LUDOTERAPIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA OBRA *DIBS* EM BUSCA DE SI MESMO

Alicia Vitória Pereira¹; Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira².

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>

²Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>

PALAVRAS-CHAVE: Ludoterapia. Infância. Sofrimento emocional.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da criança e do adolescente.

INTRODUÇÃO

O sofrimento emocional na infância nem sempre aparece de forma fácil; consequentemente não é tão fácil reconhecer e identificar. Muitas vezes, ele se manifesta no silêncio, no isolamento, na dificuldade de interação ou em comportamentos que os adultos acabam lendo apenas como desobediência, retraimento ou “problema”. Por isso, pensar a saúde da criança exige ir além do desenvolvimento físico e considerar também suas dimensões emocionais, relacionais e subjetivas, especialmente nos contextos em que esse sofrimento tende a passar despercebido (Gomes et al., 2015).

Nesse cenário, a ludoterapia se apresenta como uma possibilidade importante de cuidado, justamente por reconhecer o brincar como uma forma legítima de expressão infantil, pois quando a criança ainda não consegue dizer com clareza o que sente, a brincadeira pode se tornar um caminho para que medos, conflitos e afetos encontrem espaço de elaboração psíquica. Mais do que um recurso complementar, o brincar pode ocupar um lugar central no processo terapêutico, favorecendo o vínculo, a escuta e o acolhimento (Brito et al., 2021).

É a partir dessa perspectiva que este trabalho toma a obra *Dibs: em busca de si mesmo* como base para refletir sobre o sofrimento emocional infantil e sobre as contribuições da ludoterapia no cuidado à criança. Ao acompanhar a trajetória de Dibs, Virginia Axline mostra como o espaço terapêutico, sustentado pelo brincar e por uma relação de aceitação, pode ajudar a criança a expressar aquilo que ainda não consegue organizar pela fala. Assim, a obra permite discutir, de forma sensível e concreta, como o vínculo terapêutico e os contextos familiares e escolares interferem na maneira como a criança vive e transforma seu sofrimento (Axline, 1978).

OBJETIVO

Refletir, a partir da obra *Dibs: em busca de si mesmo*, sobre as contribuições da ludoterapia para a compreensão do sofrimento emocional infantil, com destaque para o brincar, o vínculo terapêutico e a influência da família e da escola no cuidado à criança.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, com natureza básica e objetivo descritivo-reflexivo. A análise foi desenvolvida a partir da obra *Dibs: em busca de si mesmo*, tomada como eixo central da discussão, em diálogo com produções voltadas à ludoterapia e à saúde da criança. A interpretação do material foi organizada em torno de três eixos: o sofrimento emocional infantil, a ludoterapia como possibilidade de cuidado e a importância dos vínculos familiares, escolares e terapêuticos no desenvolvimento da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura da obra mostra que o sofrimento emocional infantil nem sempre se apresenta de forma explícita. Em *Dibs: em busca de si mesmo*, a dor da criança aparece no silêncio, no isolamento e na dificuldade de estabelecer vínculos, o que chama atenção para a necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre comportamentos que, muitas vezes, são interpretados apenas como inadequação, birra, ou problema de conduta. Nesse sentido, a trajetória de Dibs ajuda a compreender que a infância também pode ser atravessada por formas de sofrimento profundas, que exigem escuta e reconhecimento (Axline, 1978).

Outro aspecto importante é que a ludoterapia, ao longo da narrativa, evidencia que o brincar, em espaço terapêutico, não se trata de ser apenas uma simples atividade recreativa, mas sim um espaço de expressão emocional da criança, pois é pelo brincar que ela começa a dar forma a conflitos, medos e afetos que ainda não consegue elaborar verbalmente. Isso reforça a compreensão de que a brincadeira pode funcionar como linguagem terapêutica e como recurso legítimo no cuidado psicológico infantil, favorecendo processos de elaboração e comunicação do sofrimento (Brito et al., 2021).

A obra de Axline (1978) também destaca a importância do vínculo terapêutico, pois o processo vivido por Dibs não se sustenta apenas no brincar em si, mas na relação construída com a terapeuta, marcada por aceitação, respeito e ausência de julgamento. Esse aspecto mostra que o cuidado com a criança depende de um ambiente em que ela se sinta segura para existir e se expressar em seu próprio tempo, assim o vínculo aparece como condição fundamental para que a ludoterapia produza efeitos no acolhimento do sofrimento emocional infantil.

Além disso, a análise do livro permite perceber que o sofrimento da criança não pode ser compreendido de forma isolada dos contextos em que ela vive, pois família, escola e relações cotidianas interferem diretamente na maneira como esse sofrimento é produzido, mantido ou transformado. Por isso, pensar a saúde da criança exige uma atenção que ultrapasse a queixa imediata e considere também os vínculos, os ambientes e as experiências que atravessam o desenvolvimento infantil (Gomes et al., 2015).

Por fim, a obra sugere que a ludoterapia pode contribuir de forma significativa para o cuidado psicológico infantil justamente porque leva o brincar a sério. Ao acolher a criança em sua linguagem própria, o processo terapêutico amplia as possibilidades de expressão, fortalece a confiança e favorece reorganizações emocionais importantes. Desse modo, a leitura de *Dibs* ajuda a reafirmar a relevância da ludoterapia no campo da saúde da criança, especialmente quando se reconhece que o sofrimento infantil precisa ser escutado com sensibilidade, tempo e vínculo (Axline, 1978; Brito et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, a obra mostra que o sofrimento emocional infantil nem sempre é percebido de forma imediata pelos adultos, o que reforça a importância de um olhar mais atento para a saúde da criança. Em muitos casos, aquilo que aparece como silêncio, retraimento ou dificuldade de convivência pode estar relacionado a experiências emocionais profundas, que pedem escuta, cuidado e tempo.

A análise também evidencia que a ludoterapia pode ocupar um lugar importante nesse processo, justamente por acolher o brincar como linguagem da infância. Em *Dibs*, é por meio desse espaço terapêutico que a criança encontra condições de expressar o que sente, construir vínculo e reorganizar sua experiência emocional. Isso mostra que o cuidado psicológico infantil não depende apenas de interpretar comportamentos, mas de criar condições para que a criança possa se mostrar em sua própria forma de existir.

Assim, o trabalho reforça a relevância da ludoterapia no campo da saúde da criança e destaca a necessidade de compreender o sofrimento infantil de forma mais ampla, considerando não apenas a criança em si, mas também os vínculos e os contextos que fazem parte de sua vida. Mais do que responder rapidamente ao que parece ser um problema, torna-se fundamental construir espaços de acolhimento em que a criança possa ser, de fato, escutada e compreendida.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AXLINE, Virginia M. **Dibs: em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

BRITO, Rosa Angela Cortez de; FREIRE, José Célio; BLOC, Lucas Guimarães; CAVALCANTI, Virginia de Saboia Moreira. **Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia**

centrada na criança: desenvolvimento histórico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 213-226, 2021. DOI: 10.18065/2021v27n2.8.

GOMES, Fernanda Márcia de Azevedo et al. **Saúde mental infantil na atenção primária à saúde: discursos de profissionais médicos.** *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 244-258, mar. 2015. DOI: 10.1590/S0104-12902015000100019.

FATORES COMPORTAMENTAIS DURANTE A GESTAÇÃO QUE IMPACTAM NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA

Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Brenno Barbosa Martins³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Helena Monteiro de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

⁴Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Gravidez. Infância.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente

INTRODUÇÃO

Transtorno do espectro autista (TEA) é um termo que abrange um grupo heterogêneo de transtornos de desenvolvimento caracterizados por deficiências na comunicação social, comportamento repetitivo e déficits intelectuais. Crianças e adolescentes com TEA apresentam obstáculos cognitivos variados e seus escores de inteligência podem variar de níveis altos a deficiência intelectual severa (Johnson; Myers; And the Council on Children With Disabilities, 2007).

A etiologia do TEA é multifatorial, moldada pela genética herdada, contribuições ambientais, sobretudo aquelas relacionadas ao ambiente materno, e interações entre os componentes genéticos e as exposições ocorridas durante o período gestacional. Em consonância, estudos epidemiológicos indicam que potenciais fatores ambientais pré-natais que contribuem para o TEA incluem exposição a infecções durante a gravidez, obesidade, diabetes mellitus gestacional (DG), uso materno seletivo de inibidores da recaptação de serotonina (ISRS), uso de antibióticos e exposição pré-natal a tóxicos. Essas exposições nocivas podem alterar várias vias durante períodos críticos de desenvolvimento, especialmente em indivíduos geneticamente sensíveis (Rowland; Wilson, 2021).

A relação entre os componentes ambientais e genéticos gestacionais que acarretam o desenvolvimento do TEA propicia anormalidades no sistema nervoso central (SNC), como redução da densidade das fibras na substância branca do cérebro e ativação atípica no

córtex pré-frontal, giro frontal superior e giros temporal médio e superior. Tais malformações são adjuvantes responsáveis pelos padrões comportamentais estereotipados de jovens autistas (Dimond *et al.*, 2019).

OBJETIVO

Esse trabalho objetiva analisar os achados da literatura e sintetizar os principais elementos comportamentais durante a gestação que corroboram para o desenvolvimento de TEA na infância.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura sobre o tema. Para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes fases: A) identificação do tema da pesquisa; B) busca na base de dados; C) análise e inclusão dos estudos elegíveis; D) compreensão dos resultados; E) elaboração do resumo.

A busca dos estudos foi realizada no mês de janeiro de 2026. Foi utilizada a base de dados PubMed (*National Library of Medicine*). A busca evidenciou três artigos pertinentes, utilizados para a elaboração da revisão. Para auxiliar a busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) no idioma inglês: “*Autism Spectrum Disorder*” e “*Pregnancy*”, além do operador booleano “AND”.

No decorrer da pesquisa nas bases de dados, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados em inglês. Os critérios de exclusão utilizados foram: trabalhos publicados há mais de dez anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Botelho, Silva e Borbely (2024) evidenciaram que o ácido valpróico, a talidomida, os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRSs) e o paracetamol, quando utilizados ao longo da gestação, possuem relação com o desenvolvimento do TEA no feto em formação. Atualmente, inúmeros estudos indicam a relação entre o valproato e o desenvolvimento de TEA. Esse anticonvulsivante apresenta alto risco quando utilizado na gravidez, aumentando a probabilidade da malformação do tubo neural, atraso no neurodesenvolvimento, tal qual a hiperexpressão de genes relacionados ao desenvolvimento de TEA (Botelho; Silva; Borbely, 2024).

Adicionalmente, os demais medicamentos supracitados também influenciam o desenvolvimento de autismo, mesmo que agindo em diferentes vias. A talidomida, utilizada para tratar hanseníase e mieloma múltiplo, é comprovadamente teratogênica, sendo proibido seu uso durante a gravidez. Experimentos em ratos evidenciaram que esse medicamento induz características do TEA. Os ISRS são prescritos para o tratamento de depressão, são críticos no desencadeamento do TEA, pois estudos demonstram que eles atravessam a

barreira hematoencefálica e induzem alterações bioquímicas no cérebro. O paracetamol, comumente utilizado como antipirético e analgésico, induziu mudanças comportamentais em modelos animais, além de alterar a expressão gênica no córtex pré-frontal relacionada à glutatona (Botelho; Silva; Borbely, 2024).

O estudo de Wang *et al.* (2019) elucidou que a diabetes mellitus gestacional (DMG), uma condição prevalente ao longo da gravidez, possui uma íntima relação com o TEA. Além da hiperglicemia, a DMG apresenta um desequilíbrio inflamatório no corpo da mãe, a fisiopatologia de tal doença envolve modificações nas células β do pâncreas, causadas pelo excesso de hormônio lactogênio placentário humano (hPL). Isso leva ao desenvolvimento de resistência à insulina, induzindo um grande aporte de glicose ao feto. O alto índice glicêmico impacta negativamente no desenvolvimento cerebral do feto, ocasionando distúrbios no crescimento, assim como dificuldades de aprendizagem (Wang *et al.*, 2019).

Segundo Matias *et al.* (2021), hábitos alimentares nutritivamente inadequados influenciam de diversas maneiras no desenvolvimento de TEA, uma vez que acentuam a possibilidade de desenvolvimento de DMG, pelo maior aporte de carboidratos, assim como promovem a ocorrência de obesidade. Sendo assim, a obesidade materna se manifesta como geradora de um perfil dislipidêmico e de uma constante condição inflamatória no corpo materno. Vale destacar o envolvimento significativo do colesterol e dos ácidos graxos essenciais no neurodesenvolvimento fetal e como condições inflamatórias estão ligadas a interrupções no desenvolvimento neurológico infantil. Logo, é significativa a influência da obesidade sobre o desenvolvimento de TEA, havendo um estudo de caso-controle realizado nos EUA que evidenciou o dobro de chance de desenvolvimento de TEA nos fetos de mães obesas (Matias *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TEA foi comprovadamente relacionado a inúmeros fatores comportamentais durante a gestação, sendo evidenciada a proximidade entre a administração de medicamentos cotidianos com potencial teratogênico e o desenvolvimento de autismo, bem como a ocorrência de DMG e de obesidade materna. Os inúmeros hábitos que acarretam o desenvolvimento de TEA são vastos e inerentes à sociedade contemporânea, na qual se observa o aumento exponencial de casos de autismo. Logo, é imperioso que haja ações voltadas à prevenção e descoberta de fatores de risco que levem para o desenvolvimento posterior de TEA ao longo da infância.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BOTELHO, Rayane M.; SILVA, Ana Lúcia M.; BORBELY, Alexandre U. The autism spectrum disorder and its possible origins in pregnancy. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 21, n. 3, p. 244, 2024.

DIMOND, Dennis *et al.* Reduced white matter fiber density in autism spectrum disorder. *Cerebral Cortex*, v. 29, n. 4, p. 1778–1788, 2019.

JOHNSON, Chris Plauché; MYERS, Scott M.; COUNCIL ON CHILDREN WITH DISABILITIES. Identification and evaluation of children with autism spectrum disorders. *Pediatrics*, v. 120, n. 5, p. 1183–1215, 2007.

MATIAS, Susana L. *et al.* Maternal prepregnancy weight and gestational weight gain in association with autism and developmental disorders in offspring. *Obesity*, v. 29, n. 9, p. 1554–1564, 2021.

ROWLAND, Jennifer; WILSON, Claire A. The association between gestational diabetes and ASD and ADHD: a systematic review and meta-analysis. *Scientific Reports*, v. 11, n. 1, p. 5136, 2021.

WANG, Xiumin *et al.* Maternal diabetes induces autism-like behavior by hyperglycemia-mediated persistent oxidative stress and suppression of superoxide dismutase 2. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 116, n. 47, p. 23743–23752, 2019.

CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO DIGITAL NEUROPSICOPEDAGÓGICO DE RASTREIO DE ATENÇÃO E CONTROLE EXECUTIVO EM ESCOLARES

Tiago José Benedito Eugênio¹; Ana Lúcia Hennemann²; Denise De Micheli³.

¹Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, São Paulo.

<https://lattes.cnpq.br/1101624272991092>

²Universidade Internacional Iberoamericana, UNIB, San Juan, Porto Rico, EUA.

<https://lattes.cnpq.br/5389152042350939>

³Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, São Paulo.

<https://lattes.cnpq.br/2246867228137055>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/11

PALAVRAS-CHAVE: Atenção. Avaliação cognitiva. Funções executivas.

ÁREA TEMÁTICA: Educação da Criança e do Adolescente

INTRODUÇÃO

As funções executivas e os processos atencionais são fundamentais para a autorregulação cognitiva e o desempenho acadêmico na infância (DIAMOND, 2013). Apesar disso, ainda há escassez de instrumentos digitais nacionais voltados ao rastreio breve e padronizado em contexto escolar. Nesse contexto, a Rota Amarela foi desenvolvida como instrumento digital multidimensional para avaliação de atenção sustentada, seletiva e alternada e controle inibitório. Sua estrutura fundamenta-se em paradigmas clássicos da neuropsicologia cognitiva, como testes de cancelamento, Trail Making Test, Go/No-Go e Wisconsin Card Sorting Test (GRANT; BERG, 1948; REITAN, 1958; HEATON et al., 1993; MONSELL, 2003; LOGAN et al., 1984).

OBJETIVO

Descrever o processo de construção e modelagem da Rota Amarela, destacando sua fundamentação teórica, parametrização computacional e organização estrutural. Além disso, busca-se apresentar sua inserção na etapa de validação de conteúdo de instrumentos neuropsicopedagógicos digitais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo metodológico, de natureza aplicada, inserido na etapa de desenvolvimento e validação de conteúdo de um instrumento digital de rastreio cognitivo.

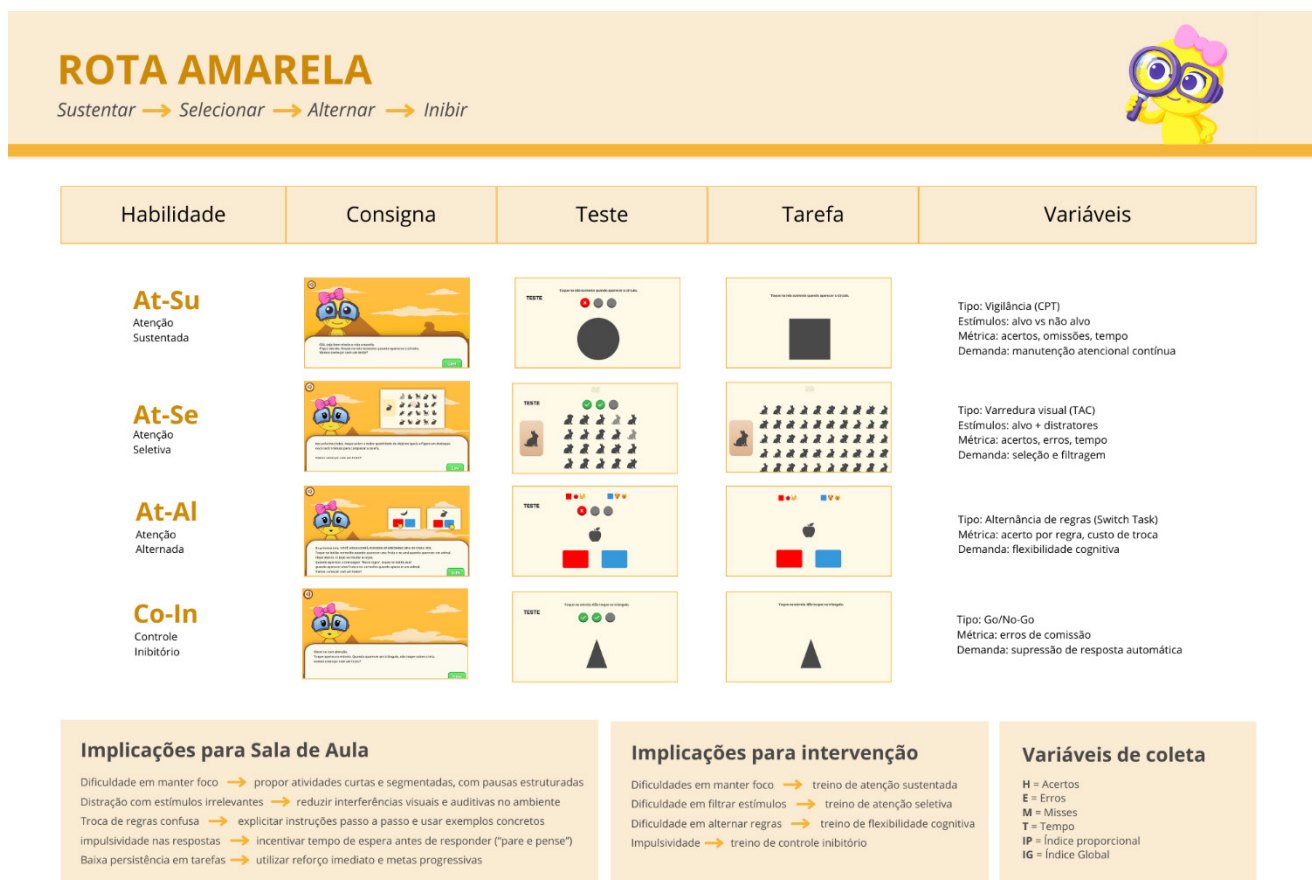
O processo de construção da RAM ocorreu entre 2018 e 2025, envolvendo a definição teórica dos construtos, modelagem computacional e organização das tarefas com base em paradigmas clássicos da neuropsicologia cognitiva.

A operacionalização dos construtos fundamentou-se em tarefas de cancelamento, *task switching* e *Go/No-Go*, com definição prévia de variáveis observáveis, regras de resposta e métricas de desempenho. O instrumento foi estruturado em duas versões etárias (6–7 e 8–9 anos), com ajustes sistemáticos de parâmetros experimentais, como tempo de exposição, intervalo entre estímulos (SOA), número de tentativas e densidade estimular.

As tarefas contemplam os domínios de atenção sustentada, atenção seletiva, atenção alternada e controle inibitório, sendo organizadas em blocos temporais que permitem análise intraindividual do desempenho (Figura 1). Nesta etapa do estudo, não houve aplicação em amostra, uma vez que o foco consiste na validação de conteúdo do instrumento.

A validação de conteúdo será realizada por meio da avaliação de juízes especialistas nas áreas de Neuropsicopedagogia e neuropsicologia, utilizando critérios de clareza, relevância e representatividade dos itens. Os resultados dessa etapa subsidiarão análises psicométricas posteriores.

Figura 1 - Arquitetura geral da RAM



Baseado em Posner, Rothbart, Diamond

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RAM apresenta uma arquitetura teórica e computacional coerente com os paradigmas clássicos da neuropsicologia cognitiva, organizando tarefas de forma sistemática para avaliação neuropsicopedagógica de funções executivas em escolares. Na presente etapa, o estudo concentra-se na validação de conteúdo, representando fase inicial essencial para o desenvolvimento de instrumentos psicometricamente robustos. Estudos futuros deverão investigar propriedades de validade de construto e fidedignidade do instrumento em amostras populacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A RAM constitui instrumento digital fundamentado em paradigmas cognitivos clássicos, adaptados para aplicação breve e padronizada em contexto escolar. Seu rigor metodológico, baseado na definição dos construtos, parametrização etária e modelagem dos escores, sustenta seu potencial para triagem cognitiva e futuras investigações psicométricas.

REFERÊNCIAS

- DIAMOND, A. Executive functions. *Annual Review of Psychology*, v. 64, p. 135–168, 2013.
- LOGAN, G. D.; COWAN, W. B.; DAVIS, K. A. On the ability to inhibit thought and action: a theory of an act of control. *Psychological Review*, v. 91, n. 3, p. 295–327, 1984.
- MONSELL, S. Task switching. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 3, p. 134–140, 2003.
- GRANT, D. A.; BERG, E. A. A behavioral analysis of degree of reinforcement and ease of shifting to new responses in a Weigl-type card-sorting problem. *Journal of Experimental Psychology*, v. 38, n. 4, p. 404–411, 1948.
- HEATON, R. K. et al. *Wisconsin Card Sorting Test manual: revised and expanded*. Odessa: Psychological Assessment Resources, 1993.
- REITAN, R. M. Validity of the Trail Making Test as an indicator of organic brain damage. *Perceptual and Motor Skills*, v. 8, n. 3, p. 271–276, 1958.

CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTO DIGITAL NEUROPSICOPEDAGÓGICO PARA AVALIAÇÃO DA MEMÓRIA DE TRABALHO EM ESCOLARES

Tiago José Benedito Eugênio; Ana Lúcia Hennemann; Denise De Micheli³.

¹Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, São Paulo.

<https://lattes.cnpq.br/1101624272991092>

²Universidade Internacional Iberoamericana, UNIB, San Juan, Porto Rico, EUA.

<https://lattes.cnpq.br/5389152042350939>

³Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, São Paulo.

<https://lattes.cnpq.br/2246867228137055>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/12

RESUMO: A Rota Azul (RAZ) consiste em um instrumento digital neuropsicopedagógico desenvolvido para o rastreio da memória de trabalho em escolares de 6 a 9 anos (RAZ-1: 6-7; RAZ-2: 8-9 anos). Estruturada em quatro tarefas — memória auditiva e visuoespacial, em versões direta e inversa —, a proposta baseia-se no modelo de memória de trabalho de Baddeley e Hitch, contemplando tanto a retenção de curto prazo quanto a manipulação ativa da informação. As tarefas seguem paradigma de span progressivo, com estímulos padronizados e controle de dificuldade, permitindo avaliação sistemática do desempenho cognitivo. O sistema incorpora indicadores tradicionais, como span máximo, e métricas proporcionais e de eficiência, ampliando a sensibilidade da avaliação. A estrutura do instrumento favorece a identificação de diferentes perfis de funcionamento cognitivo e apresenta potencial para aplicação em contexto educacional e investigação psicométrica.

PALAVRAS-CHAVE: Memória de Trabalho. Avaliação Digital. Escolares.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente.

DEVELOPMENT OF A DIGITAL NEUROPSYCHOPEDAGOGICAL TOOL FOR ASSESSING WORKING MEMORY IN SCHOOL-AGED CHILDREN

ABSTRACT: The RotaAzul consists of a Brazilian digital neuropsychopedagogical instrument developed for screening working memory in schoolchildren aged 6 to 9 years (RAZ-1: 6-7; RAZ-2: 8 and 9 years old). Structured into four tasks—auditory and visuospatial memory, in both direct and inverse versions—the proposal is based on the working memory model of Baddeley and Hitch, encompassing both short-term retention and active manipulation of

information. The tasks follow a progressive span paradigm, with standardized stimuli and controlled difficulty, allowing for a systematic assessment of cognitive performance. The system incorporates traditional indicators, such as maximum span, as well as proportional and efficiency-based metrics, enhancing the sensitivity of the assessment. The structure of the instrument supports the identification of different cognitive functioning profiles and shows potential for application in educational contexts and psychometric research.

KEY-WORDS: Working Memory. Digital Assessment. Schoolchildren.

INTRODUÇÃO

As funções executivas e a memória de trabalho constituem sistemas cognitivos fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, especialmente nos primeiros anos da escolarização. Esses processos permitem a manutenção, manipulação e atualização de informações, além de regular o comportamento orientado a objetivos. De acordo com o modelo teórico de Baddeley e Hitch (1974), a memória de trabalho é composta por subsistemas parcialmente independentes, incluindo o loop fonológico e o esboço visuoespacial, coordenados por um sistema executivo central. Déficits nessas funções estão fortemente associados a dificuldades de aprendizagem, como prejuízos na leitura, compreensão verbal, resolução de problemas matemáticos e execução de instruções complexas. Nesse sentido, torna-se essencial o desenvolvimento de instrumentos acessíveis, sensíveis e psicometricamente robustos para o rastreio precoce dessas habilidades em contexto educacional. As tecnologias digitais oferecem vantagens importantes nesse cenário, como padronização na apresentação de estímulos, registro automatizado de respostas e possibilidade de análise detalhada do desempenho cognitivo. No entanto, muitos instrumentos ainda utilizam métricas tradicionais, como o maior span alcançado, que podem superestimar a capacidade real do indivíduo e não capturam adequadamente o desempenho parcial. Diante disso, a presente proposta apresenta a Rota Azul, um módulo digital de avaliação neuropsicopedagógica voltado à investigação da memória de trabalho auditiva e visuoespacial em escolares de 6 a 9 anos.

OBJETIVO

Descrever o processo de construção da Rota Azul, destacando sua arquitetura teórica, a organização das tarefas e o sistema de modelagem dos escores.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo metodológico, de natureza aplicada, voltado ao desenvolvimento de instrumento digital. A RAZ foi organizada em quatro tarefas sequenciais: Memória Auditiva Direta (MAD), Memória Visuoespacial Direta (MVD), Memória Auditiva Inversa

(MAI) e Memória Visuoespacial Inversa (MVI), seguindo gradiente de complexidade executiva e alternância modal controlada, em consonância com o modelo de memória de trabalho de Baddeley e Hitch (1974) e com modelos contemporâneos das funções executivas (MIYAKE et al., 2000; DIAMOND, 2013). As tarefas diretas avaliam retenção imediata; as inversas, além do armazenamento, exigem manipulação ativa da sequência. Todas seguem paradigma de span progressivo, com aumento da extensão das sequências e interrupção após duas falhas consecutivas. Os estímulos consistem em nomes e imagens de animais de alta familiaridade infantil, baixa ambiguidade semântica e extensão lexical controlada. O sistema registra acertos, erros, tentativas, span máximo e itens corretos antes do erro, permitindo derivação de índices proporcionais e escores padronizados. O sistema de pontuação foi desenvolvido para superar limitações dos modelos tradicionais baseados exclusivamente no span máximo. Para isso, foram definidos quatro níveis analíticos: dados brutos, indicadores estruturais, índice proporcional e indicadores de eficiência. Além disso, foi desenvolvido um índice composto denominado *Memory Efficiency Index* ($MEI = 0,5 \times \text{Recall Score} + 0,3 \times \text{Score da tarefa} + 0,2 \times \text{Span Score}$).

Figura 1: Arquitetura geral da Rota Azul.



Baseado em Baddeley e Miyake

Fonte: elaborado pelos autores

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arquitetura da Rota Azul evidencia coerência entre fundamentação teórica e implementação computacional, preservando propriedades essenciais dos paradigmas clássicos de memória sequencial. A divisão em tarefas auditivas e visuoespaciais, diretas e inversas, permite discriminar retenção de curto prazo e memória de trabalho propriamente dita, distinguindo armazenamento e manipulação da informação. Além disso, a inclusão de indicadores proporcionais e de eficiência amplia a sensibilidade do instrumento em relação ao uso exclusivo do span máximo, reduzindo o risco de superestimação do desempenho. Essa estrutura favorece futuras análises psicométricas, como consistência interna, estrutura fatorial e comparação entre domínios auditivo e visuoespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A RAZ constitui instrumento digital neuropsicopedagógico fundamentado em modelos clássicos e contemporâneos da memória de trabalho, adaptados para aplicação breve e padronizada em contexto escolar. Seu rigor metodológico, baseado na organização hierárquica das tarefas, no controle dos estímulos e na modelagem prévia dos escores, sustenta seu potencial para rastreio cognitivo e futuras investigações psicométricas.

REFERÊNCIAS

BADDELEY, A. D.; HITCH, G. Working memory. In: BOWER, G. A. (ed.). The psychology of learning and motivation. New York: Academic Press, 1974.

DIAMOND, Adele. Executive functions. Annual Review of Psychology, v. 64, p. 135–168, 2013.

Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750>

MIYAKE, A. et al. The unity and diversity of executive functions and their contributions to complex “frontal lobe” tasks. Cognitive Psychology, v. 41, n. 1, p. 49-100, 2000.

ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS E SAÚDE MENTAL EM CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Samella Soares Oliveira Medeiros¹; Bianca Angeline Rendaki Duarte²; Heloísa Samartino Costa³; Maria Laura Faria Bernacchi⁴; Pedro Henrique Lessa de Oliveira⁵; Humberto César Machado⁶.

¹Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/8834346401096361> Orcid: 0009-0000-8435-0451

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/8360201877707275> Orcid: 0009-0006-0695-769X

⁴Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/3493249491710570> Orcid: 0009-0001-4641-0713

⁵Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787> Orcid: 0009-0000-4804-4617

⁶Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/9471137419666996>

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Adaptação Psicológica. Suporte Social.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Coletiva.

INTRODUÇÃO

O crescimento de crianças com altas habilidades é caracterizado por elevado potencial intelectual, que frequentemente coexiste com vulnerabilidades socioemocionais, como o isolamento social. Conforme evidenciado pela literatura recente, essa ambiguidade exige intervenções imediatas para a regulação harmônica das dimensões cognitiva e afetiva no desenvolvimento infantil. O contexto familiar surge como fator indispensável, oferecendo suporte emocional, amparo e adaptação ao indivíduo.

OBJETIVO

Analisar, com base na literatura científica, a relação entre altas habilidades e aspectos psíquicos e sociais no desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

Revisão integrativa da literatura, realizada por meio de busca na base de dados PubMed, utilizando os descritores “Child Gifted”, “High Abilities” e “Emotional”, com recorte temporal de 2016 a 2026. Foram identificados 179 estudos, dos quais, após análise e aplicação dos critérios de elegibilidade, cinco artigos compuseram a amostra final. Critérios de Inclusão: estudos que abordassem os aspectos emocionais de crianças com altas habilidades. Critérios de exclusão: estudos em que o foco não eram crianças ou não contemplassem os aspectos emocionais.

RESULTADOS

A análise evidencia que crianças com altas habilidades apresentam uma vulnerabilidade aumentada a desafios socioemocionais, como ansiedade, isolamento e dificuldades de regulação. Esses riscos estão frequentemente ligados a traços como hipersensibilidade e a um desenvolvimento intelectual e emocional não sincronizado.

Contudo, a manifestação dessas dificuldades não é determinística, sendo significativamente modulada pelo contexto. O ambiente familiar emerge como um fator protetor central, onde o bem-estar, o suporte emocional e uma rede de apoio adequada atuam como amortecedores críticos do estresse e promotores de adaptação saudável.

Um desafio prático relevante é a identificação imprecisa, na qual o alto potencial pode ser mascarado por questões comportamentais, ou suas características podem ser confundidas com transtornos, resultando em intervenções inadequadas.

DISCUSSÃO

A saúde mental deste grupo, portanto, depende de uma compreensão ecossistêmica. Intervenções efetivas devem transcender o enfoque cognitivo, adotando uma abordagem integrada que fortaleça as habilidades socioemocionais da criança, apoie a dinâmica familiar e promova ambientes (escolares e sociais) que acolham e estimulem de modo adequado, mitigando riscos e potencializando um desenvolvimento global equilibrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa indica que crianças com altas habilidades apresentam maior suscetibilidade a desafios socioemocionais, frequentemente associados à

hipersensibilidade e ao desenvolvimento intelectual e emocional assincrônico. No entanto, essas vulnerabilidades não são determinísticas, mas são influenciadas pelo contexto em que a criança está inserida.

O ambiente familiar é um fator essencial, oferecendo suporte emocional, segurança e rede de apoio, que favorecem a adaptação saudável. Assim, a promoção da saúde mental dessas crianças requer uma abordagem integrada, que vá além do desempenho cognitivo, fortalecendo competências socioemocionais, apoiando a dinâmica familiar e garantindo contextos escolares e sociais acolhedores. Dessa forma, é possível reduzir riscos e favorecer um desenvolvimento global mais equilibrado.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

Kuznetsova E, Liashenko A, Zhzhikashvili N, Arsalidou M. **Giftedness identification and cognitive, physiological and psychological characteristics of gifted children: a systematic review.** Front Psychol. 2024 Nov 20;15:1411981. doi: 10.3389/fpsyg.2024.1411981. PMID: 39635703; PMCID: PMC11615676. - link: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39635703/>

Intagliata VJ, Scharf RJ. **The Gifted Child.** Pediatr Rev. 2017 Dec;38(12):575-577. doi: 10.1542/pir.2017-0088. PMID: 29196518. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29196518/>

Tasca I, Guidi M, Turriziani P, Mento G, Tarantino V. **Behavioral and Socio-Emotional Disorders in Intellectual Giftedness: A Systematic Review.** Child Psychiatry Hum Dev. 2024 Jun;55(3):768-789. doi: 10.1007/s10578-022-01420-w. Epub 2022 Oct 1. PMID: 36181607; PMCID: PMC11061066. Link: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38232949/>

Casino-García AM, Llinares-Insa LI, Guillén-Martín VM, Ibáñez-García A. **Giftedness and Family Well-being: The Role of Emotional Intelligence, Perceived Social Support and Stress.** Psicothema. 2024 Aug;36(3):277-286. doi: 10.7334/psicothema2023.401. PMID: 39054822. Link: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39688461/>

Tordjman S, Vaivre-Douret L, Chokron S, Kermarrec S. **Les enfants à haut potentiel en difficulté : apports de la recherche clinique [Children with high potential and difficulties: Contributions of clinical research].** Encephale. 2018 Nov;44(5):446-456. French. doi: 10.1016/j.encep.2018.07.006. Epub 2018 Oct 16. PMID: 30340779. Link: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30340779/>

IMPACTOS PSICOLÓGICOS DAS AGRESSÕES NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Alicia Vitória Pereira¹; Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira².

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>

²Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>

PALAVRAS-CHAVE: Violência infantil. Saúde mental. Desenvolvimento infantil.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da criança e do adolescente.

INTRODUÇÃO

A infância costuma ser lembrada como um tempo de crescimento, descoberta e proteção, contudo, sabemos que nem sempre é assim que ela acontece, e que para muitas crianças, esse período também pode ser atravessado por experiências de violência, medo e sofrimento, que acabam deixando marcas importantes no desenvolvimento. Por isso, falar de infância também exige falar de cuidado, de vulnerabilidade e das condições concretas em que a criança vive (Papalia e Feldman, 2013).

No Brasil, a violência contra crianças continua sendo um problema que atravessa diferentes espaços, inclusive aqueles que deveriam oferecer segurança, como a família. Negligência, agressões físicas, violência psicológica e abuso sexual não são situações isoladas, e seus efeitos costumam ser mais profundos do que aquilo que aparece de imediato. Muitas vezes, a criança não consegue nomear o que vive, mas expressa esse sofrimento no corpo, no comportamento, no medo, no silêncio ou na dificuldade de se relacionar (Nunes e Sales, 2016).

Quando isso acontece, o impacto não fica restrito ao momento da agressão. Segundo Macedo et al. (2019), as experiências violentas podem interferir na regulação emocional, na autoestima, na confiança e na forma como a criança passa a se vincular com outras pessoas, e em alguns casos, surgem comportamentos agressivos, retraimento, insegurança e dificuldades sociais que, se vistos de maneira apressada, podem ser tratados apenas como “problema de comportamento”, quando na verdade apontam para algo mais fundo.

É nesse horizonte que este trabalho se situa. A proposta é discutir brevemente acerca dos impactos psicológicos das agressões na infância, buscando compreender de que forma

essas vivências repercutem no desenvolvimento infantil e por que esse tema precisa ser pensado também como questão de saúde mental e de proteção à criança (Murray et al., 2019).

OBJETIVO

Analisar, com base na literatura, de que maneira as agressões vividas na infância repercutem na saúde mental e no desenvolvimento emocional, social e comportamental da criança, destacando a importância de ações de prevenção, proteção e cuidado.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, natureza básica e objetivo descritivo. O trabalho foi construído a partir da análise de estudos sobre agressões na infância e seus impactos psicológicos, com foco nas repercussões para o desenvolvimento infantil e para a saúde mental. A discussão foi organizada a partir de três eixos principais: formas de agressão na infância, impactos emocionais e comportamentais dessas vivências e importância de estratégias de prevenção e cuidado. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve participação direta de seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada mostra que as agressões vividas na infância deixam marcas que vão muito além do momento em que acontecem. Macedo et al. (2020) explica que negligência, abuso físico, violência psicológica e abuso sexual interferem no desenvolvimento da criança e atingem não apenas sua proteção imediata, mas também sua forma de sentir, reagir e se relacionar com o mundo.

Outros estudos também indicam que esses impactos aparecem de diferentes maneiras no cotidiano infantil. Em muitos casos, a criança passa a apresentar irritabilidade, medo, retraimento, dificuldade de confiar e problemas para lidar com as próprias emoções. Isso mostra que a violência não produz apenas sofrimento pontual, mas pode comprometer a vida emocional da criança de forma mais profunda (Ettekal e Ladd, 2020).

Um outro ponto importante é que esse sofrimento não pode ser entendido fora do contexto em que a criança vive. O ambiente familiar aparece com frequência como espaço central dessas agressões, o que torna a situação ainda mais delicada, já que a violência surge justamente em relações que deveriam oferecer cuidado, segurança e acolhimento (Nunes e Sales, 2016). E estas experiências podem ultrapassar a infância e repercutir em outras fases da vida, pois crianças expostas à violência tendem a encontrar mais dificuldade para construir vínculos, confiar em outras pessoas e lidar com conflitos, o que sugere que os efeitos dessas agressões podem acompanhar o desenvolvimento por muito tempo (Sun

et al., 2020).

Por fim, os estudos analisados reforçam a importância de intervenções precoces e de uma rede de cuidado capaz de proteger a criança e apoiar a família. Nesse sentido, discutir agressões na infância não é apenas reconhecer danos já instalados, mas também defender ações de prevenção e cuidado que garantam condições mais seguras para o desenvolvimento infantil (Murray et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura permitiu compreender que as agressões vividas na infância produzem efeitos que ultrapassam o momento da violência e repercutem no desenvolvimento emocional, social e comportamental da criança. Ao retomar o objetivo proposto, observou-se que experiências como negligência, abuso físico, abuso psicológico e abuso sexual podem comprometer a forma como a criança lida com suas emoções, constrói vínculos e se desenvolve ao longo da vida.

Os estudos também indicam que esse sofrimento não deve ser entendido de forma isolada, já que está diretamente relacionado aos contextos familiares e sociais em que a criança está inserida. Nesse sentido, a violência infantil exige um olhar ampliado, capaz de reconhecer não apenas os danos já instalados, mas também os fatores que mantêm situações de vulnerabilidade e dificultam a proteção da criança.

Por fim, conclui-se que discutir os impactos psicológicos das agressões na infância é também reafirmar a importância de ações de prevenção, redes de cuidado e estratégias de acolhimento que favoreçam um desenvolvimento mais seguro e saudável. Assim, fortalecer políticas e práticas voltadas à proteção infantil continua sendo um passo fundamental para reduzir danos e garantir melhores condições de vida para crianças em situação de violência.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ETTEKAL, Idean; LADD, Gary W. **Development of aggressive-victims from childhood through adolescence: associations with emotion dysregulation, withdrawn behaviors, moral disengagement, peer rejection, and friendships.** *Development and Psychopathology*, Cambridge, v. 32, n. 1, p. 271-291, 2020. DOI: 10.1017/S0954579419000063.

MACEDO, Davi Manzini et al. **Characterization of child maltreatment cases identified in health services.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 30, e3018, 2020. DOI: 10.1590/1982-4327e3018.

MURRAY, Joseph et al. **The effects of two early parenting interventions on child aggression and risk for violence in Brazil (The PIÁ Trial): protocol for a randomised controlled trial.** *Trials*, London, v. 20, n. 1, p. 253, 2019. DOI: 10.1186/s13063-019-3356-x.

NUNES, Altair José; SALES, Márcia Maria Vieira. **Violência contra crianças no cenário**

brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 871-880, 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015213.08182014.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SUN, Xueyan; CHEN, Lin; WANG, Yiqun; LI, Yuanyuan. **The link between childhood psychological maltreatment and cyberbullying perpetration attitudes among undergraduates: testing the risk and protective factors.** *PLOS ONE*, San Francisco, v. 15, n. 9, e0236792, 2020. DOI: 10.1371/journal.pone.0236792.

ANSIEDADE, PERFECCIONISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES SUPERDOTADOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Luís Otávio Torres²; Pedro Henrique Lessa de Oliveira³; Josiely Anelise Mendonça⁴.

¹Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

²Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/6820759397258447>

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

⁴Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/7867112795416211>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/14

PALAVRAS-CHAVE: Gifted Children. Anxiety. Psychological Distress.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A identificação de crianças e adolescentes com Altas Habilidades/Superdotação tradicionalmente se baseia em critérios cognitivos e acadêmicos, mas a literatura atual defende uma visão mais holística que inclui aspectos socioemocionais (DREYER, 2014; BUCAILLE et al., 2022). Características como assincronia desenvolvimental e intensidade emocional podem gerar vulnerabilidades psíquicas, especialmente diante de pressões externas (ANDRADE et al., 2021). Destaca-se o perfeccionismo disfuncional, que, aliado à ansiedade, contribui para o sofrimento psíquico internalizado (TASCA et al., 2024). Contudo, ainda falta uma síntese integrativa que articule esses três fatores e suas implicações para o bem-estar, sendo essencial sistematizar esse conhecimento para orientar intervenções eficazes voltadas à saúde mental desse grupo (KRAINSKI et al., 2025).

OBJETIVO

Realizar uma revisão integrativa da literatura para sintetizar e analisar as evidências científicas que demonstram a associação entre perfeccionismo disfuncional, ansiedade e sofrimento psíquico em crianças e adolescentes com Altas Habilidades/Superdotação,

com o intuito de subsidiar a prática clínica e educacional na promoção do desenvolvimento socioemocional equilibrado.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura com abordagem quali-quantitativa, de natureza aplicada e objetivos exploratórios e descritivos. A pesquisa teve como questão norteadora, estruturada pela estratégia PICO: “Qual é a evidência científica disponível sobre a associação entre perfeccionismo, ansiedade e sofrimento psíquico em crianças e adolescentes com altas habilidades/superdotação?”

A busca foi realizada nas bases PubMed/MEDLINE, SciELO, LILACS, PsycINFO e ERIC, utilizando descritores controlados e palavras-chave nos idiomas português, inglês e espanhol. O processo de seleção seguiu as diretrizes PRISMA, sendo conduzido por dois revisores independentes em duas etapas (análise de títulos/resumos e leitura integral). Inicialmente identificaram-se 2.708 artigos publicados nos últimos dez anos, dos quais apenas 08 foram considerados elegíveis para a síntese integrativa. Os dados foram submetidos à análise temática e síntese narrativa. Por se tratar de pesquisa com dados secundários de domínio público, o estudo dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta revisão integrativa identificou uma tríade psicológica interdependente em crianças e adolescentes superdotados: ansiedade, perfeccionismo e sofrimento psíquico internalizado. Os resultados demonstram que esses elementos formam um ciclo complexo, alimentado por características intrínsecas do desenvolvimento e por respostas inadequadas do ambiente.

A análise revela que o perfeccionismo disfuncional atua como um mecanismo central. Ele surge tanto da capacidade cognitiva de perceber padrões complexos e estabelecer padrões rígidos, quanto da pressão externa gerada pelo estereótipo social do “gênio”, que impõe uma “obrigação de brilhar” (BUCAILLE et al., 2022; DREYER, 2014). Práticas parentais excessivamente críticas ou que condicionam a valorização ao sucesso exacerbam esse traço (ANDRADE et al., 2021).

Este perfeccionismo é um preditor significativo de ansiedade, criando um ciclo vicioso de medo do fracasso, procrastinação e angústia ante avaliações (TASCA et al., 2024). O sofrimento resultante é predominantemente internalizado, manifestando-se como ansiedade generalizada e social. Ele é agravado por dificuldades nas habilidades sociais, como encontrar pares com interesses similares, o que leva a sentimentos de solidão e inadequação, comprometendo o bem-estar subjetivo (OLIVEIRA et al., 2021; KRAINSKI et al., 2025).

Tabela 1. Síntese dos Mecanismos Inter-relacionados.

Mecanismo	Manifestação/Origem	Impacto Psicoemocional	Evidência Chave
Perfeccionismo Disfuncional	Padrões cognitivos rígidos + pressão social/familiar.	Ansiedade de desempenho, autocrítica severa.	“Preditor significativo de ansiedade” (TASCA et al., 2024).
Ansiedade Internalizada	Medo do erro, expectativas irreais.	Sofrimento psíquico, evitamento.	Maior prevalência de sintomas de ansiedade (TASCA et al., 2024).
Déficits em Habilidades Sociais	Assincronia desenvolvimental; dificuldade de conexão.	Isolamento, sentimento de não-pertencimento.	Associados a problemas internalizantes (OLIVEIRA et al., 2021).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

Os achados apontam para a necessidade de avaliação clínica especializada que investigue essa tríade, indo além da identificação cognitiva. Intervenções focadas em regulação emocional (ex.: mindfulness) e no treinamento de habilidades sociais são promissoras para romper o ciclo negativo (MENDONÇA; LUCIANO; RONDINI, 2022; BARBOSA; CAPELLINI; BOLSONI-SILVA, 2022). Paralelamente, a psicoeducação de famílias e escolas é crucial para reduzir a pressão por desempenho perfeito e validar a experiência emocional do superdotado, assegurando que seu potencial não se desenvolva às custas de sua saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o alto potencial cognitivo represente um recurso relevante para o desenvolvimento, ele também pode favorecer a construção de padrões elevados de autoexigência e maior sensibilidade emocional quando não há apoio adequado. Nesse contexto, o perfeccionismo ocupa um papel central na exacerbação da ansiedade e do sofrimento psicológico, sendo influenciado tanto por expectativas pessoais quanto por pressões familiares e sociais.

Portanto, é fundamental que a identificação da superdotação seja associada a uma avaliação integral de caráter biopsicossocial. Além disso, o fortalecimento de práticas interdisciplinares entre os campos da saúde, da educação e da família mostra-se indispensável para promover um desenvolvimento mais equilibrado, respeitando suas singularidades e a preservação da saúde mental.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ANDRADE, E I. *et al.* Práticas educativas parentais e problemas emocionais/comportamentais em adolescentes com altas habilidades/superdotação intelectivas. **Psicologia: Ciência e**

Profissão, v. 41, n. spe3, p. e203883, 2021.

BARBOSA, A. C. B. *et al.* UM OLHAR PARA ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E HABILIDADES SOCIAIS NA SAÚDE MENTAL E MELHORA DA QUALIDADE DE VIDA. **Latin American Journal of Business Management**, v. 13, n. 1, 2022.

BUCAILLE, A. *et al.* Neuropsychological Profile of Intellectually Gifted Children: A Systematic Review. **J Int Neuropsychol Soc.** 2022 Apr;28(4):424-440. doi: 10.1017/S1355617721000515. Epub 2021 May 17. PMID: 33998437.

DE AZEVEDO, M. M. *et al.* Metodologias de ensino para a formação de profissionais da saúde: revisão integrativa da literatura. **Saberes Plurais Educação na Saúde**, v. 8, n. 1, p. e136954-e136954, 2024.

DREYER, J. **Infância superdotada: um olhar sobre a constituição de si das crianças participantes de um grupo de altas habilidades**. 2014.

EL DIB, R. **Guia prático de medicina baseada em evidências**. 2014.

JUNG JY. Superdotação/talento físico: uma revisão sistemática da literatura sobre identificação e desenvolvimento. **Front Psychol.** 2022 Aug 26;13:961624. doi: 10.3389/fpsyg.2022.961624. PMID: 36092065; PMCID: PMC9460770.

KRAINSKI, K. J. *et al.* Bem-estar subjetivo na superdotação: uma revisão do escopo. **Paidéia** (Ribeirão Preto) , v. 35, p. e3517, 2025.

MENDONÇA, A. V.; *et al.* SAÚDE MENTAL NA EDUCAÇÃO: Mindfulness para estudantes com altas habilidades/superdotação. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 8, n. 25, 2022.

NAKANO, T. C. *et al.* Relationship between creativity and intelligence in regular students and giftedness students. **Psico-USF**, v. 26, p. 103-116, 2021.

OLIVEIRA, A. P. d. *et al.* Habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças com altas habilidades/superdotação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. e219590, 2021.

ROEVER, L. *et al.* Compreendendo o GRADE: PICO e qualidade dos estudos. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 19, n. 1, p. 54-61, 2021.

TASCA I, *et al.* Transtornos comportamentais e socioemocionais em superdotação intelectual: uma revisão sistemática. **Child Psychiatry Hum Dev.** 2024 Jun;55(3):768-789. doi: 10.1007/s10578-022-01420-w. Epub 2022 Oct 1. PMID: 36181607; PMCID: PMC11061066.

FATORES ASSOCIADOS AO DESEMPENHO FÍSICO EM ATLETAS JUVENIS DE BADMINTON: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO E SAÚDE FÍSICA

Ana Carolina Ferrer Lobo¹; João Victor Neves Veras².

¹Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí. <https://lattes.cnpq.br/7656776321823551>

²Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí. <https://lattes.cnpq.br/0703317187846759>

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/4

PALAVRAS-CHAVE: Idade relativa. Desempenho físico. Badminton.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança e do Adolescente

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento físico em adolescentes praticantes de badminton é influenciado por diversos fatores biológicos e maturacionais, refletindo diretamente em indicadores de aptidão física, como força, potência e velocidade. Entre esses fatores, destacam-se o sexo e variações relacionadas à distribuição etária dentro de um mesmo ano, que podem impactar o ritmo de crescimento e maturação dos indivíduos. Diferenças associadas à data de nascimento podem contribuir para desigualdades no desenvolvimento físico entre jovens, embora essa relação ainda apresente resultados inconsistentes na literatura. Considerando as elevadas exigências físicas da modalidade, a análise desses fatores torna-se relevante para compreender as variáveis associadas ao desempenho físico, ampliando o entendimento sobre o desenvolvimento físico e suas implicações para a saúde.

OBJETIVO

Analisar os fatores associados ao desempenho físico em atletas juvenis de badminton, considerando a influência do sexo e da distribuição etária, e discutir suas implicações para o desenvolvimento físico e a saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, de natureza aplicada, com delineamento transversal e caráter descritivo-analítico. A amostra foi composta por 131 atletas juvenis de badminton (79 do sexo masculino e 52 do sexo feminino), com idades entre 7 e 17 anos, participantes de competições nacionais. Os participantes foram distribuídos em quartis de nascimento (Q1: janeiro a março; Q2: abril a junho; Q3: julho a setembro; Q4: outubro a dezembro). Foram realizados testes de avaliação física, incluindo força de

preensão manual (mão dominante e não dominante), potência de membros inferiores (salto horizontal), potência de membros superiores (arremesso de medicine ball) e velocidade de deslocamento em 20 metros. Para análise dos dados, foram utilizados testes de ANOVA one-way para comparação entre quartis, ANOVA two-way para análise da interação entre quartil e sexo, e teste do qui-quadrado para análise da distribuição dos participantes entre os quartis. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Nº Parecer: 7.339.314).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não foram observadas diferenças significativas entre os quartis de nascimento para força de preensão manual dominante ($p = 0,512$) e não dominante ($p = 0,437$), potência de membros inferiores (salto horizontal; $p = 0,284$), potência de membros superiores (arremesso de medicine ball; $p = 0,331$) e velocidade de deslocamento em 20 metros ($p = 0,259$). Da mesma forma, não houve associação significativa entre a distribuição dos participantes e os quartis de nascimento ($\chi^2 = 3,07$; $p = 0,381$), indicando ausência de diferenças relacionadas à distribuição etária na amostra analisada. Também não foi observada interação significativa entre quartil de nascimento e sexo ($p = 0,748$), sugerindo comportamento semelhante das variáveis físicas entre os grupos. Por outro lado, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos em todas as variáveis de avaliação física ($p < 0,001$), com valores superiores para o sexo masculino.

A ausência de diferenças entre os quartis de nascimento sugere que variações etárias dentro de um mesmo ano podem ter impacto limitado sobre indicadores de aptidão física em adolescentes inseridos em contextos estruturados de prática física. Esse achado pode estar relacionado à redução das discrepâncias iniciais de desenvolvimento ao longo do tempo, possivelmente em decorrência da exposição contínua a estímulos físicos semelhantes, favorecendo uma maior homogeneização das capacidades físicas.

Além disso, o acompanhamento sistematizado e a prática regular podem contribuir para atenuar possíveis vantagens maturacionais associadas à data de nascimento. Por outro lado, as diferenças observadas entre os sexos reforçam o papel de fatores biológicos e hormonais no desenvolvimento físico durante a adolescência, período marcado por alterações significativas na composição corporal, força e potência muscular.

Esses resultados evidenciam que, nesse contexto, variáveis biológicas podem apresentar maior influência sobre o desempenho físico do que diferenças relacionadas à distribuição etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados do presente estudo indicam que variáveis biológicas, especialmente o sexo, exercem influência significativa sobre os indicadores de aptidão física em atletas

juvenis de badminton, enquanto a distribuição etária ao longo do ano não demonstrou impacto relevante. Esses resultados sugerem que diferenças no desenvolvimento físico durante a adolescência estão mais relacionadas a fatores maturacionais do que a variações etárias dentro de um mesmo ano. Do ponto de vista aplicado, reforça-se a importância de considerar as características biológicas individuais na avaliação e no acompanhamento do desempenho físico de jovens, contribuindo para abordagens mais individualizadas e alinhadas à promoção da saúde física.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AVILA-MARTÍNEZ, Juan. et al. **Gender differences for the relative age effect on physical skills and emotional intelligence in child volleyball and soccer athletes**. Bogotá. Journal of Functional Morphology and Kinesiology, 2024.

DE LA RUBIA, Afonso. et al. **The relationship between the relative age effect and performance among athletes in World Handball Championships**. Madrid. PloS One, 2020.

FINNEGAN, Laura. et al. **Relative age effect across the talent identification process of youth female soccer players in the United States: Influence of birth year, position, biological maturation, and skill level**. Waterford. Biology of Sport, 2024.

HIDES, Julia. et al. **Exploring the relationship between trunk muscles and lower limb injuries in Australian badminton players**. Nathan. Journal of Biomechanics, 2024.

JACKSON, Robin. et al. **Hill on a mountaintop: A longitudinal and cross-sectional analysis of the relative age effect in competitive youth football**. Loughborough. Journal of Sports Sciences, 2020.

MA, Shuzhen. et al. **Effects of physical training programs on healthy badminton players' performance: a systematic review and meta-analysis**. Guilin. BMC Sports Science, Medicine and Rehabilitation, 2025.

RADNOR, John. M. et al. **Maturity Has a Greater Association than Relative Age with Physical Performance in English Male Academy Soccer Players**. Cardiff. Sports, 2021.

TEIXEIRA, José. et al. **Effects of Chronological Age, Relative Age, and Maturation Status on Accumulated Training Load and Perceived Exertion in Young Sub-Elite Football Players**. Villa Real. Frontiers in Physiology, 2022.

VALMIR, Silvino. et al. **Variables used for talent identification and development in soccer: A scoping review**. Teresina. Kinesiology, 2024.

VIVÊNCIAS ACADÊMICAS ACERCA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA EM UMA CRECHE-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ananda Karolyne Ribeiro de Oliveira¹.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Enfermagem. Infância.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Criança

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil define um processo de aprendizagem gradativo marcado por nuances, no qual as crianças adquirem capacidades cognitivas, motoras, emocionais e sociais a partir da expressão de comportamentos que são esperados para cada idade. Este processo não-linear é marcado pela singularidade de cada infante e gera impactos associados à formação de identidade, características e habilidades dos indivíduos (Silva, 2022).

Embora na atualidade as definições do que é o “ser criança” sejam complexas e multiformes, o estudo da história da infância revela que tais concepções nem sempre foram assim e durante séculos a vida era relativamente igual para todas as idades, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados (Nascimento; Brancher; Oliveira, 2008).

A transição para a percepção da criança como um sujeito de direitos ocorreu apenas após intensas transformações políticas, econômicas e culturais. No cenário brasileiro, a Constituição Federal de 1988 consolidou o reconhecimento desses direitos, estabelecendo a proteção integral da infância como prioridade absoluta. Esse arcabouço jurídico foi fortalecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996. A LDB, especificamente, regulamenta a educação escolar em instituições próprias, visando garantir o direito à aprendizagem ao longo da vida (Brasil; 1988; Brasil, 1996; Souza, 2019).

Considerando que crianças em idade pré-escolar encontram-se em uma fase plena de maturação, caracterizada pela aquisição acelerada de habilidades motoras, cognitivas, funcionais e emocionais, torna-se fundamental o desenvolvimento de estudos que analisem a inserção do infante em ambientes educativos. Nesse cenário, a atuação do enfermeiro em creches e escolas consolida-se como uma estratégia de saúde pública, transcendendo o modelo assistencialista tradicional (Giuriatti; Stecanela, 2022).

Ao exercer a vigilância ativa do crescimento e desenvolvimento, este profissional desempenha um papel determinante na identificação precoce de desvios e na promoção de estilos de vida saudáveis para além do ambiente doméstico. Portanto, a convergência entre

saúde e educação no território escolar não apenas potencializa a integralidade do cuidado, como também viabiliza intervenções oportunas e preventivas durante a primeira infância.

OBJETIVO

Relatar a experiência vivenciada por uma acadêmica de enfermagem em uma creche filantrópica localizada na Cidade de Manaus (AM), evidenciando a associação entre a teoria vista em sala de aula e a prática vivida na instituição.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo sob a forma de relato de experiência. As atividades práticas ocorreram em novembro de 2024, em uma creche-escola filantrópica, localizada em Manaus, que atende cerca de 250 crianças. O referencial teórico foi estruturado mediante levantamento bibliográfico na biblioteca virtual SciELO e na base de dados Lilacs (via BVS), utilizando os descritores “Desenvolvimento Infantil”, “Saúde da Criança” e “Enfermagem” combinados a partir do operador booleano “AND”. Ademais, definiu-se como critério de elegibilidade para a fundamentação teórica a seleção de artigos completos com recorte temporal de 2018 a 2024. Quanto à parte prática do relato, no campo de prática foi realizada observação direta e avaliação física de pré-escolares durante a rotina institucional de alimentação, higiene e descanso. Participou do estudo uma criança de quatro anos, do sexo feminino, selecionada por conveniência. Para a coleta de dados, aplicou-se um instrumento estruturado composto por tópicos de anamnese, exame físico cefalocaudal e roteiro de observação do desenvolvimento motor, cognitivo e emocional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades desenvolvidas permitiram a avaliação de uma criança de quatro anos, sexo feminino, matriculada na instituição filantrópica. A coleta de dados antropométricos revelou um peso de 14,8 kg e estatura de 102 cm, resultando em um Índice de Massa Corporal (IMC) de 14,2 kg/m². Ao confrontar esses dados com as curvas de crescimento da Organização Mundial da Saúde (OMS), verificou-se que a criança se encontra em padrão de normalidade (eutrofia), evidenciando um suporte nutricional adequado tanto no ambiente familiar quanto escolar.

No que tange ao exame físico cefalocaudal, a criança apresentou bom estado geral, ativa, reativa e afebril. A avaliação dos marcos do desenvolvimento revelou competências motoras finas avançadas para a idade cronológica, observadas pela precisão na preensão de instrumentos de escrita e pela capacidade de realizar desenhos com delimitação espacial. Segundo Silva (2022), o refinamento da coordenação motora nesta fase é um indicador positivo de maturação neurológica e de estímulo ambiental adequado.

Por sua vez, no domínio cognitivo e da linguagem, a pré-escolar demonstrou uma fonação clara, vocabulário amplo e capacidade de narrar eventos cotidianos de forma lógica, o que demonstra um ambiente escolar rico em interações sociais.

Para além da prática voltada para a saúde da criança, a imersão na realidade da creche-escola filantrópica evidenciou desafios estruturais. A dependência de doações e voluntariado impacta a continuidade de programas de saúde escolar mais robustos. Contudo, evidenciou-se que o território escolar potencializa as ações de vigilância em saúde.

Em adição, a metodologia de rastreio aplicada demonstrou que o acompanhamento contínuo no cotidiano da criança é a estratégia mais eficaz para identificar precocemente déficits sensoriais ou tiques. Essas nuances do desenvolvimento infantil muitas vezes não são captadas em exames físicos pontuais, reforçando a importância da presença da enfermagem na escola.

Portanto, as vivências na unidade destacaram que a atuação do enfermeiro em espaços não-convencionais é um diferencial para a literacia em saúde das famílias e educadores. A experiência confirmou que o enfermeiro, ao atuar como articulador na educação infantil, contribui diretamente para o alcance dos objetivos da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), garantindo que o direito ao desenvolvimento saudável da população infantil seja exercido plenamente no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência consolidou a importância da assistência humanizada e holística à criança em idade pré-escolar. Evidenciou-se que o conhecimento técnico sobre marcos do desenvolvimento e parâmetros antropométricos é a base para a prática segura do enfermeiro em diversos cenários. A vivência destacou a necessidade de fortalecer parcerias entre instituições filantrópicas e o setor saúde para garantir a qualidade de vida dos infantes. Conclui-se que o relato contribui para a reflexão sobre a eficácia da assistência em espaços escolares, reforçando o papel do profissional de enfermagem como articulador de cuidados e promotor de saúde integral.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015**. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de

Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.

GIURIATTI, J. L.; STECANELA, N. A criança como sujeito de direitos e a educação básica: entre o prescrito e o vivido. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 31, p. 1-21, 2022.

NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-18, jan./jun. 2008.

SILVA, I. J. C. Reflexões da psicologia do desenvolvimento infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [s. l.], v. 8, n. 11, p. 220–233, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i11.7578. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7578>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SOUZA, R. R. de; VIEIRA, M. G.; LIMA, C. J. F. A rede de atenção integral à saúde da criança no Distrito Federal, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 2075-2084, 2019.

A MULTIPROFISSIONALIDADE NA ATUAÇÃO DE TÉCNICOS DE REFERÊNCIA NO CAPS INFANTOJUVENIL

Alana Maria Ferreira da Paixão¹.

¹Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva (Universidade de Pernambuco - (UPE) e Gestão Pública (Instituto Federal de Santa Catarina IFSC). <https://lattes.cnpq.br/0341999289425120>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/13

PALAVRAS-CHAVE: Atenção Psicossocial. Plano Terapêutico Singular. Saúde Mental.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da criança e do adolescente.

INTRODUÇÃO

A atenção psicossocial infantojuvenil é um componente essencial da política pública de saúde mental no Brasil, com o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) desempenhando papel fundamental na oferta de cuidados especializados para crianças e adolescentes com transtornos mentais e necessidades decorrentes de sofrimento psíquico. Estes serviços buscam promover a integralidade do cuidado, por meio de ações que envolvem desde atendimentos individuais até intervenções coletivas, sempre pautadas na construção do Plano Terapêutico Singular (PTS), documento norteador das práticas clínicas e multiprofissionais. (Jafelice et al., 2018)

A atuação da equipe multiprofissional no CAPSi é destacada pela diversidade de profissionais de nível superior, em que cada categoria profissional contribui de forma complementar para o desenvolvimento de um cuidado integral. (Evangelista et al., 2017)

No contexto das intervenções, as abordagens em grupo, como grupos terapêuticos e oficinas, figuram como estratégias amplamente utilizadas, favorecendo o desenvolvimento social e emocional das crianças e adolescentes. Simultaneamente, embora menos explorados na literatura, os atendimentos individuais aprofundam a análise das demandas singulares e possibilitam intervenções mais direcionadas e eficazes. (Pini et al., 2023)

Além das atividades realizadas no espaço institucional, as visitas domiciliares configuram uma prática importante, ainda pouco abordada em estudos, que permite o conhecimento aprofundado do contexto familiar e socioambiental do usuário. (Tavares et al., 2017)

OBJETIVO

O presente resumo tem como objetivo analisar as principais práticas realizadas pelas equipes multiprofissionais nos CAPSi, identificando tanto as estratégias consolidadas quanto às lacunas existentes, sobretudo no que diz respeito ao atendimento individual e às visitas domiciliares.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada entre novembro e dezembro de 2025, com o objetivo de analisar as práticas da equipe multiprofissional nos Centros de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi). Para a seleção dos artigos, foram consultadas as bases de dados PUBMED (National Center for Biotechnology Information), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Os descritores utilizados incluíram “CAPSi”, “atenção psicossocial infantojuvenil”, “Plano Terapêutico Singular (PTS)”, bem como suas correspondentes traduções em inglês: “Child and Adolescent Psychosocial Care Center”, “Child and Adolescent Mental Health Care” e “Individual Therapeutic Plan”, incluindo cruzamentos entre esses termos. A escolha dessas bases de dados justifica-se pelo amplo uso acadêmico e pelo rigor científico dos periódicos indexados.

Os critérios de inclusão consideraram publicações dos últimos quatro anos, sem restrição de idioma, enquanto como critério de exclusão foram aplicadas revisões integrativas da literatura. Foram priorizados os estudos que apresentassem impacto e relevância na literatura sobre atenção psicossocial infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi confeccionado para melhor visualização da atuação multiprofissional, uma tabela resumida com as principais práticas realizadas pela equipe no CAPSi, organizadas por tipo de prática e objetivo terapêutico. (Tabela 1)

Tabela 1: Principais práticas realizadas pela equipe multiprofissional no CAPSi.

Prática / Intervenção	Profissionais envolvidos	Objetivo / Benefício Terapêutico
Atendimentos grupais	Toda equipe multidisciplinar	Desenvolvimento de habilidades sociais, fortalecimento de vínculos, estratégias coletivas de enfrentamento do sofrimento psíquico.
Oficinas terapêuticas	Toda equipe multidisciplinar	Estimulação cognitiva, motora, emocional e social; expressão criativa; apoio à construção do PTS
Atendimentos individuais	Toda equipe multidisciplinar	Intervenções direcionadas às necessidades específicas; avaliação aprofundada do usuário; construção do PTS
Visitas domiciliares	Toda equipe multidisciplinar	Conhecimento do contexto familiar; fortalecimento de vínculos; adaptação das estratégias terapêuticas ao ambiente do usuário
Grupo família	Toda equipe multidisciplinar	Envolvimento familiar; orientação e suporte; promoção da integralidade do cuidado
Ambientoterapia / Terapia ambiental	Toda equipe multidisciplinar	Compreensão do impacto do ambiente institucional; estímulo à socialização e integração; valorização das rotinas diárias

PTS: Plano terapêutico singular.

As unidades avaliadas incluíam pacientes na faixa etária de 2 a 17 anos; com tratamentos com duração em torno de um ano e meio. A inserção de cada criança ou adolescente nos atendimentos grupais é feita sempre respeitando o horário escolar, idade e sexo; Ponto ressaltado por todos os artigos analisados. (MORETTO, C. C.; CONEJO, S. P.; TERZIS, A., 2008)

Em todos os artigos avaliados, a equipe multiprofissional, era constituída conforme preconizado pelas Portarias nº 336/GM/MS e nº 3.088/2011 a equipe é essencial para a promoção do cuidado integral em saúde mental de crianças e adolescentes; (BRASIL, 2002; BRASIL, 2011) A análise dos estudos incluídos na revisão evidenciou que a maioria dos artigos apontou psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros como membros comuns das equipes multiprofissionais nos serviços de atenção psicossocial infantil. (Gazignato et al., 2014) e (Brasil 2011)

A atuação dos demais profissionais vem com o intuito de fortalecer a equipe, sendo que profissionais como fisioterapeutas, nutricionistas e fonoaudiólogos, dentre outros, contribuem para a integralidade do cuidado em saúde mental. (BRASIL, 2011; YASUI, 2010).

A construção do PTS ocorre no acolhimento e pode ser reavaliado ou alterado no decorrer do processo terapêutico. A atuação da equipe multiprofissional na elaboração do PTS, foi pontuado em todos os artigos da presente revisão; os artigos ressaltam que o PTS é realizado ao chegar no serviço, pois escuta do adolescente e do familiar/acompanhante o empoderamento relacional e social do usuário. (Costa, et al., 2023)

A análise dos estudos incluídos revelou que a maioria dos artigos relatou a utilização de abordagens em grupo como estratégia central nos CAPSi. Essas atividades grupais favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais, o fortalecimento de vínculos entre

crianças e adolescentes e a construção de estratégias coletivas de enfrentamento do sofrimento psíquico. (TEIXEIRA; BASTOS, 2021; Delfini et al., 2009).

Paralelamente, as oficinas terapêuticas se destacaram como instrumentos importantes no cuidado multiprofissional, na maioria dos artigos, proporcionando espaços de expressão, criatividade e aprendizagem para o público infantojuvenil, sendo conduzidas pela equipe multiprofissional. (CAMPOS; AMARANTE, 2007; BRASIL, 2011).

O atendimento individual no CAPSi é estratégia essencial para a atenção psicossocial infantojuvenil, permitindo a elaboração de PTS que consideram as necessidades, interesses e demandas específicas de cada criança ou adolescente. (BRASIL, 2011; TEIXEIRA; BASTOS, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação multiprofissional, com núcleo central formado por psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros, complementada por fisioterapeutas, nutricionistas, fonoaudiólogos e demais profissionais, é essencial para a integralidade do cuidado e a construção de PTS.

Apesar dos resultados positivos, desafios como alta demanda, escassez de recursos e situações excepcionais, evidenciam a necessidade de constante articulação da equipe, inovação nas estratégias terapêuticas e políticas de apoio que garantam a efetividade e a continuidade do cuidado infantojuvenil. Bem como são necessários mais estudos, abordando as visitas domiciliares e estratégias para grupo família, pontos raramente abordados nos artigos incluídos na presente revisão.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 336/GM/MS, de 19 de fevereiro de 2002. Estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 fev. 2002. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 dez. 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 04 març. 2026.

Souza, et al. Um olhar para a (des)articulação da rede de atenção psicossocial infantojuvenil em tempos pandêmicos. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, e350310, 2025.

TEIXEIRA, C.; BASTOS, V. O psicólogo no CAPS infantojuvenil: a percepção dos profissionais da psicologia diante da execução do projeto terapêutico singular dos usuários. 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Tubarão. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/82139e63-59a5-451c-9a06-383e01d607a0/content>. Acesso em: 28 jan. 2026.

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE DA MULHER

CLIMATÉRIO E MENOPAUSA: SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR DE MULHERES

Alexsander Almeida dos Anjos¹; Laércio Ribeiro da Costa²; Thalita Aguiar Pinheiro³; Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini⁴; Nely Dayse Santos da Mata⁵.

¹Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/8283854729159078>

²Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/7704234658202693>

³Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/7767352439029969>

⁴Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/9646872750954617>

⁵Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá. <http://lattes.cnpq.br/0529429570261510>

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/2

PALAVRAS-CHAVE: Alterações hormonais. Qualidade de vida. Autoestima.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher

INTRODUÇÃO

O climatério e a menopausa são fases de transição fisiológica marcadas pela redução hormonal, cujas repercussões vão além do sistema reprodutivo e afetam a saúde mental e a qualidade de vida das mulheres. Sintomas como alterações do sono, oscilações de humor, disfunção sexual, fadiga, ganho de peso, alterações cognitivas e sintomas vasomotores impactam a autoestima, as relações interpessoais e o bem-estar psicológico, aumentando a vulnerabilidade à ansiedade e à depressão, o que reforça a importância de uma abordagem integral no cuidado à mulher nesse período (SALUSTIANO, 2019; TEDESCO, 2021; WIGG, 2020).

Os principais sintomas identificados incluem depressão, ansiedade, irritabilidade, alterações de humor e distúrbios do sono. Também são mencionadas queixas cognitivas, como dificuldade de concentração e lapsos de memória. Esses sintomas estão associados às alterações hormonais e a fatores psicossociais.(OLIVEIRA et al., 2024). Nesse contexto é imprescindível aprofundar o estudo dessa temática para a melhoria da atenção à saúde da mulher.

OBJETIVO

Analisar como as alterações fisiológicas e funcionais decorrentes do climatério e da menopausa influenciam a saúde mental, o bem-estar das mulheres e a qualidade de vida dessas mulheres

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos. A abordagem é qualitativa, voltada para a análise da literatura sobre os efeitos do climatério e da menopausa no bem-estar psicológico feminino. A estrutura da pesquisa foi guiada pela estratégia PICO, definindo-se: População (P) mulheres no climatério e menopausa; Fenômeno de Interesse (I) alterações fisiológicas e seus impactos; e Contexto (Co) saúde mental, bem-estar e a qualidade de vida. A pergunta norteadora foi: 'De que forma o climatério e a menopausa influenciam o estado mental, bem-estar e na qualidade de vida das mulheres?'.

A coleta de informações ocorreu em dezembro de 2025, utilizando a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como fonte para consulta nas bases de dados *Latina American and Caribbean Health Sciences Literature (Lilacs)* e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)*. utilizou-se os Descritores em Ciências da Saúde - DeCS, constatou-se que 'bem-estar' não possui descritor específico, sendo substituído por 'Qualidade de Vida' devido à sua adequação no contexto científico. A estratégia de busca utilizou os operadores booleanos: (Climatério OR Menopausa) AND (Saúde Mental OR Qualidade de Vida) AND Mulheres.

Os parâmetros para inclusão foram: texto completo acessível, publicações em português e período entre 2020 e 2025. A partir dessa busca, identificou-se inicialmente 57 estudos. Estes passaram por uma triagem que incluiu a remoção de duplicatas e a análise de títulos e resumos, sendo excluídos aqueles que não guardavam relação direta com os impactos psicossociais do tema. Após essa filtragem, 8 artigos foram selecionados para leitura integral. Para a organização dos dados, utilizou-se a técnica de fichamento, seguida de síntese qualitativa. Por ser uma pesquisa-baseada em fontes secundárias, o estudo aderiu aos princípios éticos de honestidade acadêmica e respeito aos direitos autorais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um estudo de Salustiano (2019) que utilizou dados de 8.973 mulheres da PNS indicou que a menopausa antes dos 45 e após os 55 anos apresentam mais chances de relatarem dificuldade nas atividades de vida diária, que está diretamente relacionada à saúde óssea, musculoesquelética, além de fatores cognitivos e de saúde mental. Destaca também a importância de ações preventivas dos declínios funcionais, como o incentivo à prática de hábitos saudáveis durante a vida.

Em uma pesquisa de caráter analítico de Silva (2025), realizado no Hospital Banco de Olhos com 147 mulheres foi identificado que 87,9% das entrevistadas estavam insatisfeitas com sua imagem corporal, prevalecendo o desejo por silhuetas menores, alteração corporal esperada pela redução do estrogênio, pois altera a redistribuição de gordura abdominal, contribuindo para a baixa autoestima, que impacta diretamente na saúde mental dessas

mulheres.

O estudo realizado por Santos, Moreira e Souza (2023) com 283 mulheres de idades entre 40 e 65 anos identificou que a prevalência dos sintomas estresse, irritabilidade, dor de cabeça, problemas na pele, falta de concentração/memória, distúrbios do sono e fadiga, falta de energia nas mulheres perimenopausa, período caracterizado aos dois anos anteriores à última menstruação e apresenta-se até um ano após, tendo ciclo menstrual irregular.

Um estudo de Silveira (2022) com método história oral entrevistou 6 mulheres acima de 45 anos, evidenciou os impactos do climatério na saúde sexual dessas mulheres que relataram sofrimento relacionado ao ressecamento vaginal e perda da libido, que fortalece discursos sobre a perda da feminilidade e juventude durante o climatério. Desse modo, é essencial a participação dos profissionais de saúde para desenvolver as ações que colaborem para o conhecimento que promova o bem-estar, e o autoconhecimento, para que as mulheres possam passar pelas modificações causadas pelo climatério com mecanismos de enfrentamento eficazes.

Em um estudo de Santos *et al.* (2022), transversal descritivo exploratório com 41 mulheres participantes, foi constatado que 85,2% faziam uso regular de medicamentos, bem como os escores de depressão leve (51,9%), ansiedade normal (53,7%) e sintomas climatéricos leves (51,9%), os autores apontam como possível uso desses medicamentos para controle de sintomas do climatério, e/ou controle de comorbidades. Ademais, a principal relação encontrada foi o baixo grau de escolaridade associado a escores severos de ansiedade e depressão, e 100% das participantes com sintomas fortes apresentaram depressão severa.

No estudo realizado por Tedesco (2021) com 50 mulheres no período da pós-menopausa foram encontrada correlação negativa forte entre os sintomas da menopausa e a saúde mental, sendo bastante relatado problemas psicológicos como a ansiedade, irritabilidade, ânimo depressivo, e esgotamento físico e mental e urogenitais ressecamento vaginal, problemas sexuais, e problemas de bexiga. Outrossim, as autoras identificaram que quanto maior os sintomas da escala de avaliação da menopausa, menor era a autoestima e autoimagem, qualidade de vida e saúde da mulher.

Em uma pesquisa de Belém (2021), de caráter transversal analítico avaliou 152 auxiliares e técnicas da enfermagem com mais de 40 anos, nas quais 40,1% apresentaram comprometimento excessivo com o trabalho, manifestando sintomas climatéricos mais intensos e pior qualidade de vida se comparado às outras mulheres do mesmo estudo. Desse modo, os autores destacam a necessidade de intervenções no ambiente de trabalho para reduzir o estresse psicológico.

Em um estudo de Wigg (2020), transversal e analítico realizado com 123 mulheres a partir dos 45 anos na pós-menopausa foi verificado o estresse como sintoma do climaterio mais presente (75%), sendo a insônia uma variável influente e central sobre a depressão e a ansiedade. Ademais, a ideação suicida esteve presente em 11% das entrevistadas, grupo

que tinha problemas sexuais e isolamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O climatério e a menopausa são fases naturais da vida feminina, marcadas por mudanças físicas e emocionais que impactam diretamente a saúde mental, a autoestima e a qualidade de vida. Sintomas como alterações do sono, oscilações de humor, cansaço, mudanças corporais e disfunções sexuais interferem no bem-estar e no cotidiano das mulheres. A intensidade desses sintomas pode aumentar o sofrimento psíquico, especialmente quando associada à falta de informação, apoio e acolhimento, neste contexto a atuação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, é fundamental para oferecer escuta qualificada, orientação e cuidado integral. O acompanhamento humanizado contribui para reduzir os impactos negativos dessa fase e possibilita que as mulheres vivenciem o climatério e a menopausa com mais segurança, autonomia e melhor qualidade de vida.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BELÉM, Dinah et al. **Influência do comprometimento excessivo na qualidade de vida e nos sintomas do climatério de profissionais da enfermagem**. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 42, p. e20190374, 2021. DOI: 10.1590/1983-1447.2021.20190374. Acesso em: 29 dez. 2025.

SALUSTIANO, Maithê Avelino et al. **Associação entre a idade da menopausa e a limitação nas atividades de vida diária em mulheres idosas**: uma análise da Pesquisa Nacional de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. 1-11, 2025. DOI: 10.1590/1413-812320242911.07342023. Disponível em: cienciaesaudecoletiva.com.br. Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTOS, Adrielle de Souza; MOREIRA, Amanda Brito; SOUZA, Marcio Leandro Ribeiro de. **Prevalência e severidade de sintomas em mulheres na menopausa**: um estudo descritivo. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, p. e72182, 2023. DOI: 10.12957/demetra.2023.72182. Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTOS, Victoria Marina Lima dos et al. **Perfil de mulheres climatéricas em Estratégia de Saúde da Família no interior paulista**. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, Umuarama, v. 29, n. 2, p. 3-14, 2022. DOI: 10.5433/1679-0367.2022v43n1p3. Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA, Ingrid Moller da; SANTOS, Ana Maria Pujol Vieira dos; MARTINS, Maria Isabel Morgan. **PERCEPÇÃO DAS MULHERES EM RELAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CORPORAIS DO CLIMATÉRIO/MENOPAUSA**. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, Umuarama, v. 29, n. 2, p. 691-710, 2025. DOI: 10.25110/arqsaude.v29i2.2025-11415. Acesso em: 29

dez. 2025.

SILVEIRA, Yanne Gonçalves Bruno et al. **Sentimentos vivenciados pela mulher acerca da sexualidade no período do climatério.** *Revista REVISA*, Anápolis, v. 12, n. 1, p. 158-172, 2023. DOI: 10.36239/revisa.v12.n1.p158a172. Acesso em: 29 dez. 2025.

TEDESCO, Kelyn; SILVEIRA, Michele Marinho da. **Autoestima, autoimagem, qualidade de vida e de saúde de mulheres na pós-menopausa.** *Espaço para a Saúde*, Londrina, v. 22, p. e788, 2021. DOI: 10.22421/1517-7130/es.2021v22.e788. Acesso em: 29 dez. 2025.

WIGG, Cristina Maria Duarte. **A relação entre depressão, ansiedade, ideação suicida, estresse e sono em mulheres na pós-menopausa.** 2020. 269 f. **Tese** (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Acesso em: 29 dez. 2025.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM À MULHER NO PUERPÉRIO

Daniel Nahon Baia Nogueira¹; Nely Dayse Santos da Mata²; Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini²; Luzilena De Souza Prudêncio².

¹Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP, Macapá AP.

²Enfermeira, Doutora, Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem UNIFAP, Macapá AP.

²Enfermeira, Doutora, Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem UNIFAP, Macapá AP.

²Enfermeira, Doutora, Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem UNIFAP, Macapá AP.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidados de Enfermagem. Saúde da Mulher. Puerpério. Pós-Parto.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

O puerpério é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais, sociais e identitárias, configurando-se como uma fase de elevada vulnerabilidade para a mulher e sua rede de apoio. Apesar de sua relevância, o cuidado em saúde no pós-parto ainda é frequentemente reduzido a ações pontuais e centradas no recém-nascido, o que contribui para a invisibilização das necessidades da pessoa puerperal. Nesse contexto, a enfermagem ocupa posição estratégica, especialmente por sua atuação contínua nos diferentes níveis de atenção à saúde, sendo responsável por ações educativas, acolhimento, acompanhamento clínico e promoção do cuidado integral (SILVA et al., 2023).

Entretanto, evidências científicas apontam fragilidades na assistência de enfermagem no puerpério, como a ausência de consultas puerperais sistematizadas, dificuldades na continuidade do cuidado entre a maternidade e a Atenção Primária à Saúde, além de limitações na abordagem de aspectos emocionais, sociais e culturais. Soma-se a isso a necessidade de ampliação do olhar para diferentes vivências do puerpério, incluindo mulheres cisgênero, parceiros e homens transexuais, cujas experiências revelam desigualdades, práticas excludentes e violações de direitos nos serviços de saúde. Diante disso, torna-se fundamental sintetizar as evidências disponíveis sobre o cuidado de enfermagem à pessoa no puerpério, a fim de subsidiar práticas mais humanizadas, inclusivas e integrais.

OBJETIVO

Analisar as evidências científicas publicadas nos últimos cinco anos acerca do cuidado de enfermagem à pessoa no período puerperal

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura. A busca dos estudos foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por se tratar de uma base que reúne importantes bases de dados da área da saúde e da enfermagem. Para a seleção dos artigos, foram utilizados os seguintes descritores: cuidados de enfermagem, saúde da mulher, puerpério e pós parto, capturados no DeCS (Descritores em Ciência da Saúde), combinados por meio de operadores booleanos (Cuidados de enfermagem AND Saúde da mulher AND puerpério OR pós parto) de forma a contemplar a temática do puerpério e da atuação da enfermagem. A busca possibilitou a captura de 1.707 artigos.

Após aplicação de filtros (artigos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos cinco anos, pesquisa qualitativa, período Pós-parto), os quais abordassem o cuidado de enfermagem no período puerperal, incluindo diferentes contextos assistenciais e vivências de mulheres cisgênero, parceiros e homens transexuais. Foram excluídos estudos duplicados, publicações que não respondiam ao objetivo da pesquisa, artigos fora do recorte temporal estabelecido e aqueles indisponíveis em texto completo. Assim, resultaram 8 a serem analisados neste estudo.

Após a seleção, os artigos foram submetidos à leitura criteriosa e análise crítica, permitindo a identificação de convergências e divergências entre os achados. Os resultados foram organizados de forma descritiva e interpretativa, possibilitando a construção de uma síntese integrativa fundamentada em referenciais teóricos da enfermagem, como a Teoria do Cuidar, a Teoria do Cuidado Transcultural e a Teoria das Relações Interpessoais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados evidenciam que a atuação da enfermagem no puerpério está majoritariamente associada às ações educativas, com foco no autocuidado, amamentação, cuidados com o recém-nascido e identificação de sinais de alerta (SILVA et al., 2023; LIMA et al., 2024). Apesar da relevância dessas ações, as puérperas relatam dificuldades persistentes relacionadas à dor, exaustão, privação do sono, insegurança no cuidado com o bebê, alterações na sexualidade e mudanças na percepção corporal.

Os achados demonstram que o puerpério é frequentemente idealizado como um período de felicidade, porém vivenciado com sentimentos ambíguos, como medo, insegurança e sofrimento emocional. A autocobrança materna e as pressões sociais impactam negativamente a saúde mental das puérperas, enquanto os parceiros relatam

dificuldades de participação no cuidado, evidenciando fragilidades na inclusão da rede de apoio (SILVA et al., 2023).

No que se refere à transição do cuidado, os estudos apontam que o enfermeiro desempenha papel central na alta hospitalar; contudo, há falhas na comunicação entre a maternidade e a Atenção Primária à Saúde, ausência de sistematização do plano de alta e sobrecarga de trabalho, comprometendo a continuidade da assistência no domicílio (AUED et al., 2023).

A literatura também evidencia limitações na autonomia feminina e na compreensão das orientações fornecidas, conforme apontado por estudos fundamentados na Teoria das Relações Interpessoais de Peplau (LIMA et al., 2024). Ademais, pesquisas revelam que o cuidado à pessoa transexual no puerpério ainda ocorre sob uma lógica cis-heteronormativa, com situações de desrespeito à identidade de gênero, configurando violências institucionais e obstétricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa evidenciou que o cuidado de enfermagem no puerpério apresenta fragilidades relacionadas à integralidade, continuidade do cuidado e valorização das dimensões emocionais e identitárias da pessoa puerperal. Recomenda-se o fortalecimento de práticas humanizadas, inclusivas e baseadas na equidade, com maior articulação entre os níveis de atenção à saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, A. S.; SILVA, M. L.; OLIVEIRA, R. R. **O parto vaginal e o corpo feminino no puerpério: contribuições para a enfermagem obstétrica**. Revista Enfermagem em Foco, v. 14, e 202304, 2023.

SOUZA, J. P.; FERREIRA, L. A.; COSTA, R. S. **Transição do cuidado à mulher no período puerperal na alta hospitalar**. Enfermagem em Foco, v. 14, e 202304, 2023.

ALMEIDA, T. M.; BARBOSA, L. C.; PEREIRA, A. S. **Assistência de enfermagem no puerpério: desafios e perspectivas para o cuidado integral**. Revista Enfermagem Centro-Oeste Mineiro, v. 29, e 92803, 2019.

ROCHA, F. A.; MENDES, R. S.; LIMA, P. C. **Atuação da enfermagem no cuidado à mulher no puerpério: enfoque multiprofissional**. Revista Nursing, v. 294, p. 1–8, 2022.

Pereira DMR, Araújo EC, Oliveira SC, Sousa AR, Espíndola MMM, Lemos DEB. **Transsexual men's experiences of childbirth and postpartum in the light of transcultural care**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2024;32:e4212 <https://doi.org/10.1590/1518-8345.7040.4212>

Eckert GMS, Barth PO, Higashi GDC, Souza NS, Rasia DW, Jantsch LB. **A percepção de**

mulheres e seus parceiros na vivência do puerpério e o cuidado em saúde. Rev. Eletr. Enferm. 2025;27:77666. <https://doi.org/10.5216/ree.v27.77666> Português, Inglês.

Experiências de homens transexuais no parto e pós-parto. PEREIRA, Danilo Martins Roque et al. Experiências de homens transexuais no parto e pós-parto à luz do cuidado transcultural. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 32, e4213, 2024. DOI: 10.1590/1518-8345.7040.4213.

A percepção de mulheres e seus parceiros na vivência do puerpério e o cuidado em saúde. ECKERT, Glaciele Maria Santos et al. A percepção de mulheres e seus parceiros na vivência do puerpério e o cuidado em saúde. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 27, e77666, 2025. DOI: 10.5216/ree.v27.77666.

SAÚDE MENTAL E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE SUICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL

Flávia Carolina Silva Santos de Castro¹; Luana Araújo de Matos²; Ana Clara Lima de Castro³; João Gabriel da Costa Rodrigues⁴.

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/9770802652936431>

²Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6912617260700403>

³Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6299498100514048>

⁴Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/5928602046982757>

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Gênero. Saúde Mental.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher

INTRODUÇÃO

O suicídio constitui um importante problema de saúde pública em escala global, mobilizando preocupações nos campos da saúde, da psicologia e das ciências sociais. Zanello, Fiuza e Costa (2015) demonstram que, no Brasil, embora as taxas de mortalidade por suicídio sejam historicamente mais elevadas entre homens, estudos recentes apontam para o crescimento de tentativas de suicídio e de comportamentos suicidas entre mulheres, o que evidencia a necessidade de análises que considerem as especificidades de gênero nesse fenômeno.

A literatura em saúde coletiva tem destacado que o sofrimento psíquico feminino não pode ser compreendido de forma isolada de fatores sociais, culturais e históricos que atravessam a experiência das mulheres. Conforme expõem Minayo, Figueiredo e Mangas (2017), as trajetórias de sofrimento associadas ao comportamento suicida frequentemente se articulam a contextos de vulnerabilidade social, isolamento e fragilidade de vínculos.

Além disso, autores como Dutra (2011), Dantas (2024) e Manelli e Machado (2025) apontam através de suas pesquisas que desigualdades de gênero, violência doméstica, sobrecarga de trabalho e expectativas sociais impostas às mulheres constituem elementos relevantes na compreensão das dinâmicas de sofrimento psíquico e comportamento suicida. Nesse sentido, analisar o suicídio a partir de uma perspectiva de gênero possibilita ampliar a compreensão sobre os determinantes sociais da saúde mental.

Diante disso, o presente trabalho propõe uma reflexão teórica sobre o suicídio de mulheres no Brasil, discutindo suas relações com desigualdades de gênero e com processos de sofrimento psíquico no contexto contemporâneo.

OBJETIVO

Refletir sobre as relações entre gênero, saúde mental e comportamento suicida, discutindo fatores sociais e culturais envolvidos no suicídio de mulheres no Brasil.

METODOLOGIA

O resumo apresenta resultados preliminares de uma revisão de literatura, de natureza qualitativa, baseada na análise de produções acadêmicas que discutem suicídio, saúde mental e gênero no contexto brasileiro.

Foram considerados artigos científicos e estudos produzidos no campo da saúde coletiva e da psicologia que abordam as relações entre sofrimento psíquico feminino, desigualdades de gênero e comportamento suicida, estudos estritamente epidemiológicos sem uma leitura interseccional e de gênero não foram incluídos. A análise buscou identificar elementos recorrentes nas pesquisas que apontam para a influência de fatores sociais, culturais e relacionais na construção das experiências de sofrimento entre mulheres.

A discussão fundamenta-se especialmente em contribuições da saúde coletiva e dos estudos de gênero, buscando compreender o suicídio não apenas como fenômeno individual, mas também como expressão de processos sociais mais amplos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada evidencia que o comportamento suicida entre mulheres apresenta características específicas que demandam uma abordagem analítica sensível às dimensões de gênero. Embora as taxas de mortalidade por suicídio sejam tradicionalmente mais elevadas entre homens, estudos indicam que as mulheres apresentam maiores índices de tentativas de suicídio, bem como maior prevalência de ideação suicida ao longo da vida, o que foi nomeado por Zanello, Fiuza e Costa (2015) como “paradoxo de gênero do suicídio”. Esse dado aponta para a necessidade de compreender as particularidades do sofrimento psíquico feminino e suas relações com fatores sociais e culturais.

Pesquisas no campo da saúde coletiva têm demonstrado que o comportamento suicida frequentemente se articula a trajetórias de vulnerabilidade marcadas por desigualdades sociais, fragilidade de redes de apoio e experiências de violência. Conforme discutem Minayo, Figueiredo e Mangas (2017), o suicídio deve ser compreendido como um fenômeno multifatorial, no qual experiências de vida, condições sociais e contextos culturais desempenham papel significativo na produção do sofrimento psíquico.

No caso específico das mulheres, estudos apontam que fatores como violência doméstica, relações afetivas marcadas por dependência emocional, sobrecarga de trabalho doméstico e responsabilidades familiares podem contribuir para a intensificação de estados de sofrimento psicológico. Essas experiências frequentemente se articulam a processos de silenciamento emocional e isolamento social, dificultando a busca por apoio e cuidado, conforme apontado por Minayo, Figueiredo e Mangas (2017).

A análise proposta por Dantas e colaboradores (2020) destaca que compreender o suicídio feminino exige considerar as relações de poder que estruturam as desigualdades de gênero na sociedade. Nesse sentido, o sofrimento psíquico não pode ser entendido apenas como expressão de fragilidades individuais, mas também como resultado de condições sociais que impactam a vida das mulheres, incluindo desigualdades econômicas, violências simbólicas e limitações no acesso a redes de suporte.

Além disso, estudos como o de Dantas e colaboradores (2021) apontam que muitas mulheres em sofrimento psíquico vivenciam conflitos relacionados a expectativas sociais de cuidado e abnegação, que historicamente foram atribuídas ao feminino. Essas expectativas podem produzir sentimento de culpa, inadequação e fracasso quando não correspondem às demandas sociais ou familiares impostas, contribuindo para a intensificação do sofrimento emocional.

Outro elemento recorrente nas pesquisas diz respeito à centralidade das relações afetivas nas narrativas de sofrimento apresentadas por mulheres que vivenciam ideação ou tentativa de suicídio. Conflitos conjugais, rompimentos afetivos, relações abusivas e dependência emocional aparecem frequentemente como eventos desencadeadores ou agravantes de crises psíquicas de acordo com resultados apresentados por Dutra (2011). Esses fatores evidenciam a importância de compreender o sofrimento psíquico feminino em sua dimensão relacional e social.

Dessa forma, a perspectiva de gênero permite ampliar a compreensão do fenômeno do suicídio ao evidenciar como estruturas sociais, normas culturais e relações de poder influenciam as experiências de sofrimento psíquico. A incorporação dessa abordagem no campo da saúde mental contribui para o desenvolvimento de estratégias de cuidado mais sensíveis às realidades vividas pelas mulheres, bem como para a construção de políticas públicas voltadas à prevenção do suicídio que considerem os determinantes sociais da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o suicídio de mulheres no Brasil evidencia a necessidade de compreender o fenômeno para além de explicações estritamente individuais ou biomédicas. As experiências de sofrimento psíquico feminino estão profundamente relacionadas a desigualdades sociais, violências e expectativas de gênero que atravessam a vida das

mulheres.

Nesse sentido, incorporar a perspectiva de gênero nas análises sobre suicídio constitui um passo fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas de cuidado em saúde mental mais sensíveis às realidades sociais e culturais. A ampliação de espaços de escuta, acolhimento e cuidado pode contribuir para a construção de estratégias de prevenção mais eficazes e comprometidas com a promoção da saúde mental das mulheres.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. **(Sobre)Vivências e percursos terapêuticos em saúde de mulheres com ideação e tentativa de suicídio: gênero como categoria analítica**. 2024. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/61964>.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira; MEIRA, Karina Cardoso; BREDEMEIER, Juliana; AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. **Suicídio de mulheres no Brasil: necessária discussão sob a perspectiva de gênero**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 5, p. 1469–1477, 2021.

DUTRA, Aída de Souza. **Queimadura autoinfligida em mulheres: a violência de gênero inscrita no corpo**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/11251>.

MANELLI, Jéssica Pereira; MACHADO, Dinair Ferreira. **A interseccionalidade de gênero, raça e classe social nas trajetórias de vida de mulheres que tentaram suicídio**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 7, p. 1–10, 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos; MANGAS, Raimunda Matilde do Nascimento. **O comportamento suicida de idosos institucionalizados: histórias de vida**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 981–1002, 2017.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico**. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 27, n. 3, p. 238–246, 2015.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SAÚDE MENTAL DA MULHER: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E DESAFIOS PARA O CUIDADO

Alicia Vitória Pereira¹; Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira².

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>

²Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica. Saúde da mulher. Saúde mental.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher permanece como um problema grave e persistente, com efeitos que ultrapassam as agressões físicas e alcançam de forma profunda a saúde mental das vítimas. Em muitos casos, esse tipo de violência compromete a autoestima, a segurança, a autonomia e a forma como a mulher passa a se perceber no mundo. Por isso, discutir violência doméstica também é discutir sofrimento psíquico e cuidado em saúde da mulher (Pedrosa e Zanello, 2016).

Além das marcas emocionais, a violência doméstica costuma se manter em contextos de silêncio, medo, dependência e dificuldade de acesso à rede de apoio. Isso faz com que muitas mulheres permaneçam por longos períodos em relações violentas, mesmo quando já vivenciam intenso sofrimento. Nesse cenário, o acolhimento e a escuta qualificada se tornam fundamentais para que a mulher possa reconhecer a violência, elaborar seus efeitos e buscar formas de enfrentamento (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

Diante disso, torna-se importante compreender de que maneira a violência doméstica repercute na saúde mental e por que esse tema exige atenção no campo da saúde da mulher. Assim, este trabalho discute os impactos psicológicos da violência doméstica sobre mulheres vítimas desse tipo de agressão, destacando seus efeitos emocionais e a relevância do cuidado psicológico e institucional diante dessa realidade (Brilhante et al., 2016).

OBJETIVO

Analisar, a partir da literatura, os impactos psicológicos da violência doméstica sobre a mulher vítima desse tipo de agressão, destacando suas repercussões na saúde mental e

a importância do acolhimento e do cuidado psicológico diante dessa realidade.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, elaborada a partir de buscas no Google Acadêmico e na SciELO, com foco em produções sobre violência doméstica, violência contra a mulher e saúde mental. Para este resumo expandido, foi realizado um recorte do material original, priorizando estudos diretamente relacionados aos impactos psicológicos da violência doméstica sobre mulheres e às possibilidades de acolhimento e cuidado. A análise concentrou-se na forma como a literatura discute o sofrimento psíquico feminino decorrente da violência e na importância da Psicologia e da rede de atenção no enfrentamento dessa realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura analisada mostra que a violência doméstica contra a mulher não se restringe à agressão física. Ela envolve também violências psicológicas, morais, sexuais e patrimoniais, que muitas vezes se mantêm de forma silenciosa e prolongada. Esse caráter contínuo da violência tende a afetar profundamente a vida psíquica das mulheres, comprometendo sua autoestima, sua autonomia e sua capacidade de reconhecer a própria condição de violência (Brilhante et al., 2016).

Entre os impactos mais recorrentes apontados pelos estudos estão transtornos de ansiedade e depressão, medo constante, insegurança, sentimentos de culpa, isolamento e dificuldade de reconstruir vínculos de confiança. Em muitos casos, o sofrimento psíquico se prolonga mesmo quando a agressão física não está mais presente, o que evidencia que a violência doméstica deixa marcas que ultrapassam o momento do ato violento e atingem a subjetividade da mulher de forma duradoura (Pedrosa e Zanello, 2016).

Outro aspecto importante, é que muitas mulheres permanecem em relações violentas por estarem inseridas em contextos de dependência emocional, econômica e social. Isso mostra que o rompimento com a violência não depende apenas de uma decisão individual, mas também das condições concretas de apoio e proteção disponíveis. Nessa direção, a violência doméstica precisa ser compreendida como um fenômeno complexo, atravessado por desigualdades de gênero e por fragilidades institucionais que dificultam o acesso ao cuidado e à proteção (Santos e Witeck, 2016).

A partir disso, a Psicologia aparece como um campo importante de acolhimento e escuta, sobretudo porque pode contribuir para que a mulher reconheça a violência vivida, elabore os efeitos emocionais dessa experiência e fortaleça processos de autonomia. Mais do que tratar sintomas isolados, o cuidado psicológico pode ajudar na reconstrução do sentido de si, na retomada da autoestima e na criação de estratégias de enfrentamento diante da violência (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

Por fim, os estudos também indicam que o enfrentamento da violência doméstica exige articulação entre saúde, assistência social, justiça e políticas públicas voltadas à proteção das mulheres. Isso significa dizer que o cuidado em saúde mental, embora fundamental, não pode atuar sozinho, e sim que ele se torna mais efetivo quando integrado a uma rede capaz de oferecer escuta, proteção e condições reais para que a mulher interrompa o ciclo de violência e reconstrua sua vida com maior segurança (Pierotti, D'Oliveira e Terra, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, o que este trabalho mostra é que a violência doméstica deixa marcas profundas na vida psíquica das mulheres. Não se trata apenas de um sofrimento momentâneo, mas de algo que atinge autoestima, segurança, autonomia e até a forma como muitas delas passam a enxergar a si mesmas e o próprio futuro. Por isso, falar desse tema é também falar de saúde mental, de cuidado e de dignidade.

Outro ponto importante é que esse sofrimento não pode ser tratado como um problema individual ou isolado. Muitas mulheres permanecem em contextos de violência por medo, dependência, silêncio e falta de apoio real, o que torna ainda mais necessária a existência de uma rede de cuidado sensível e preparada para acolher. Nesse cenário, a Psicologia tem um papel importante, sobretudo na escuta, no acolhimento e no fortalecimento da autonomia, mas esse trabalho precisa caminhar junto com outras formas de proteção e suporte.

Em síntese, discutir os impactos psicológicos da violência doméstica é reafirmar que o cuidado com a saúde da mulher precisa ser amplo, humano e comprometido com a realidade concreta de quem vive essa experiência. Mais do que reconhecer a dor já instalada, é preciso investir em prevenção, acolhimento e acompanhamento, para que essas mulheres encontrem condições reais de reconstruir suas vidas com mais segurança, sentido e dignidade.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. **Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero.** *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 703-715, 2016. DOI: 10.1590/S0104-12902016148937.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em programas de atenção à mulher em situação de violência.** Brasília: CFP, 2013.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. **(In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 32, n. esp., e32ne214, 2016. DOI: 10.1590/0102-3772e32ne214.

PIEROTTI, Camila Faria; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; TERRA, Maria Fernanda. **A situação de violência doméstica de gênero na atenção primária à saúde.** *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, São Paulo, v. 63, n. 1, p. 12-18, 2018. DOI: 10.26432/1809-3019.2018.63.1.12.

SANTOS, Ana Paula Coelho Abreu dos; WITECK, Guilherme. **Violência doméstica e familiar contra a mulher.** In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 13.**, 2016, Santa Cruz do Sul. *Anais eletrônicos [...]*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15858>. Acesso em: 17 mar. 2026.

O IMPACTO DO ADOECIMENTO CARDIOVASCULAR NA MEDICINA FEMININA: ANÁLISE DE ÓBITOS ENTRE 2017 E 2022 E A CORRELAÇÃO COM O ESTRESSE OCUPACIONAL

**Isabela Luiza Pacheco Rodrigues¹; Bruna de Souza Ferreira²; Marya Eduarda de Melo
Camilo Mendanha³; Fabiano Inácio de Souza⁴**

¹Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/7700244285082906>

²Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/0036994288585661>

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/8305270225089632>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/17

PALAVRAS-CHAVE: Mortalidade médica. Epidemiologia. Saúde do trabalho.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

As doenças cardiovasculares são responsáveis por um grande número de óbitos anualmente e representam uma das principais causas de morbimortalidade no mundo. Entre diferentes grupos profissionais, médicos podem estar expostos a fatores de risco específicos relacionados ao estresse ocupacional e à carga de trabalho, visto que a prática médica exige alta performance sob privação de sono e responsabilidade decisória constante (DE CAMPOS, Karine Bachega et al).

Especificamente na medicina feminina, a interseção entre o desgaste laboral e as demandas do ambiente privado pode potencializar o risco cardiovascular, tornando este grupo vulnerável a desfechos fatais precoces (CAIRES, Osmar Monteiro Rodrigues et al). Apesar da relevância do tema, há escassez de estudos que abordem especificamente a mortalidade cardiovascular em médicas, o que reforça a importância de investigações que considerem esse recorte populacional. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil dos óbitos de médicas brasileiras por causas cardiovasculares no período de 2017 a 2022.

OBJETIVO

Analisar o perfil temporal dos óbitos de médicas brasileiras por causas cardiovasculares, com ênfase nos CID-10 cardíacos do intervalo I30–I52 registrados no SIM/DATASUS entre 2017 e 2022, descrevendo sua frequência absoluta e relativa e sua

participação no conjunto da mortalidade feminina médica, em consonância com o título proposto sobre adoecimento cardiovascular e medicina feminina.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e observacional, de natureza aplicada e abordagem quantitativa. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, realizada a partir de dados secundários de domínio público, extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS). O cenário do estudo compreendeu o território nacional, com dados populacionais compostos por óbitos de profissionais médicas, ocorridos no período entre 2017 e 2022.

Foi feito um levantamento de dados tabulados através da plataforma TABNET, utilizando como critério de filtragem o sexo feminino, a ocupação principal médica e as causas de óbito registradas no capítulo IX da CID-10, correspondente a doenças do aparelho circulatório (agrupamento I00-I99). Posteriormente, procedeu-se a análise de dados a partir do uso de estatística descritiva e a análise comparativa da série temporal selecionada, processada em planilhas eletrônicas para identificar variações anuais na quantidade e causas de mortalidade. Por utilizar dados secundários, agregados e de acesso público, sem identificação dos sujeitos, o estudo dispensa a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2017 e 2022, os óbitos femininos entre médicas totalizaram 209 casos em 2017, 226 em 2018, 262 em 2019, 258 em 2020, 563 em 2021 e 453 em 2022. Dentre as doenças do aparelho circulatório, houve 41 registros em 2017, 34 em 2018, 52 em 2019, 31 em 2020, 69 em 2021 e 137 em 2022, correspondendo, respectivamente, a 19,62%, 15,05%, 19,85%, 12,02%, 12,26% e 30,25% dos óbitos femininos anuais. Em toda a série, predominou o CID I219, referente ao infarto agudo do miocárdio não especificado, com maior frequência em 2019, 2021 e 2022.

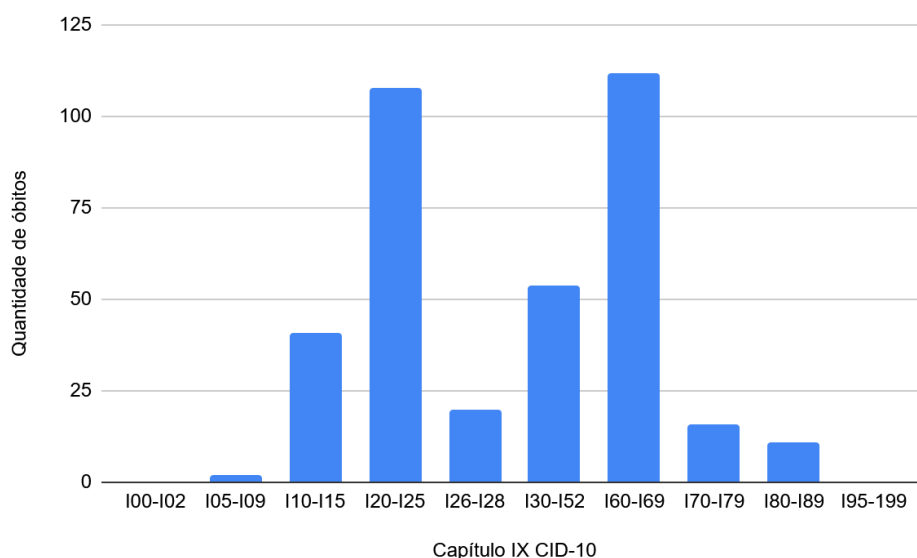
Observou-se, além do predomínio da CID I219, ocorrência recorrente de hipertensão arterial, cardiomiopatias, arritmias e doenças isquêmicas crônicas do coração. Tal fato alerta para a necessidade de implementar políticas de vigilância laboral entre médicas, uma vez que o estresse no meio de trabalho associado a fatores biológicos femininos são contribuintes para alta incidência de doenças e mortes por fatores cardiovasculares nesse grupo (LOPES, Maria Antonieta Albanez A. de Medeiros et al).

Embora o infarto agudo do miocárdio seja a causa de morte prevalente dentro do Capítulo IX do CID-10, o agrupamento I60-I69, correspondente a doenças cerebrovasculares, é o que apresentou maior índice de óbitos no período estudado. Tal agrupamento possui 47,17% de seus registros em 2021 e 2022, anos correspondentes ao período da pandemia

de COVID-19, o qual pode ter contribuído para um aumento em mortes relacionadas a doenças cardiovasculares como um todo (VASUDEVA, Rhythm et al.).

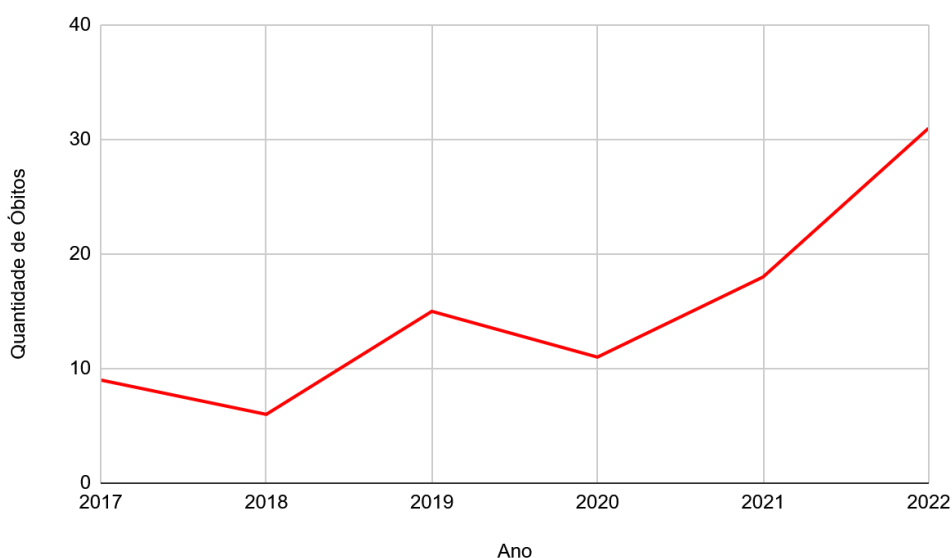
Os dados indicam estabilidade proporcional da mortalidade cardiovascular entre médicas brasileiras no período analisado, mantendo o infarto agudo do miocárdio como a principal causa cardíaca registrada.

Figura 1: Quantidade de óbito de médicas entre 2017 e 2022 por agrupamentos I no Capítulo IX da CID-10.



Fonte: SIM/DATASUS.

Figura 2: Quantidade de óbitos de médicas causadas por I219 entre 2017 e 2022.



Fonte: SIM/DATASUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os óbitos cardiovasculares apresentaram participação proporcional relativamente estável entre médicas brasileiras entre 2017 e 2022, com predomínio do infarto agudo do miocárdio como principal causa registrada. A recorrência de quadros de hipertensão, insuficiência cardíaca e arritmias, somada à prevalência do CID I219, aponta como fatores relevantes a sobrecarga de trabalho, estresse ocupacional crônico e, possivelmente, um diagnóstico tardio por parte da própria profissional.

Esses resultados destacam a importância da prevenção e do monitoramento da saúde cardiovascular nessa população. A estabilidade desses dados, mesmo em anos de extrema pressão sobre o sistema de saúde, o qual enfrentava uma pandemia, reforça que a patologia isquêmica é um componente estrutural do perfil de adoecimento da médica brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Datasus: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)**. (Fonte secundária para os dados de 2017-2022).

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.

CAIRES, Osmar Monteiro Rodrigues et al. **Prevalência do infarto agudo do miocárdio em mulheres e fatores de risco associados**. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 6, n. 8, p. 1361-1372, 2024.

DE CAMPOS, Karine Bachega et al. **Desafios contemporâneos aplicados ao estresse ocupacional e a prática médica: uma revisão integrativa**. Journal of Medical and Biosciences Research, v. 3, n. 1, p. 356–364-356–364, 2026.

LOPES, Maria Antonieta Albanez A. de Medeiros et al. **Mulheres de Meia-Idade—Um Grupo de Alto Risco para Mortalidade Pós-Infarto do Miocárdio**. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, v. 122, n. 10, p. e20250701, 2025.

VASUDEVA, Rhythm et al. **Prevalence of cardiovascular diseases in COVID-19 related mortality in the United States**. Progress in cardiovascular diseases, v. 74, p. 122-126, 2022.

MORTALIDADE POR SUICÍDIO EM MÉDICAS BRASILEIRAS: ANÁLISE DO SIM/DATASUS (2017–2022)

Marya Eduarda de Melo Camilo Mendanha¹; Bruna de Souza Ferreira²; Isabela Luiza Pacheco Rodrigues³; Fabiano Inácio de Souza⁴.

¹Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/0036994288585661>

²Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/7700244285082906>

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/8305270225089632>

PALAVRAS-CHAVE: Mortalidade. Suicídio. Médicas brasileiras.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

A mortalidade por suicídio é um importante problema de saúde pública, com impacto relevante entre médicos, expostos a elevada carga ocupacional, estresse crônico e sofrimento humano contínuo. Evidências indicam maior suicidabilidade nessa população, especialmente entre mulheres, possivelmente em razão de sobrecarga emocional, desigualdades de gênero e barreiras no acesso ao cuidado em saúde mental (Duarte et al., 2020). No Brasil, ainda são escassas análises epidemiológicas sobre mortalidade por suicídio em médicas com base em dados nacionais, o que torna essencial compreender o comportamento desses óbitos para subsidiar estratégias de prevenção e promoção da saúde mental.

OBJETIVO

Analisar o perfil da mortalidade por suicídio em médicas brasileiras no período de 2017 a 2022, com base em dados do SIM/DATASUS, a fim de descrever a distribuição temporal dos óbitos e identificar os principais métodos utilizados. Ademais, pretende-se discutir possíveis associações com fatores ocupacionais, psicossociais e de saúde mental entre médicas, contribuindo para a compreensão do fenômeno.

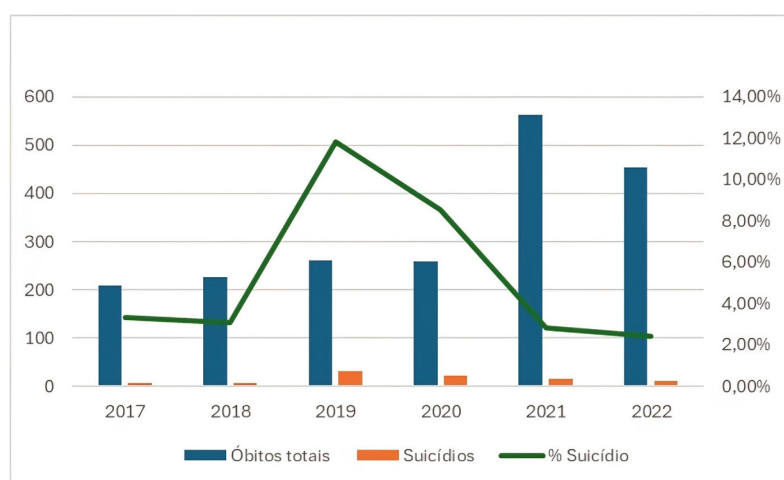
METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, de natureza aplicada, com objetivo descritivo e delineamento observacional, baseado em pesquisa documental e ex-post-facto. Foram

utilizados dados secundários do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS), referentes aos óbitos de médicas no Brasil entre 2017 e 2022. As causas de morte foram classificadas segundo a CID-10, com foco nos códigos X60–X84, correspondentes às lesões autoprovocadas intencionalmente. Realizou-se análise descritiva e comparativa das frequências ao longo do período. Por se tratar de dados públicos e sem identificação dos indivíduos, dispensou-se aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1: Evolução temporal do percentual de suicídios entre óbitos totais de médicas brasileiras, no período de 2017 a 2022.



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS).

Durante 2017–2022, a taxa de suicídio entre médicas brasileiras foi significativamente maior que a taxa global, de cerca de 1,5% dos óbitos (SANTOS et al., 2023). No período, ocorreram 94 suicídios em 1.971 mortes, aproximadamente 1 a cada 21 óbitos (DATASUS, 2022). Observou-se aumento até 2019 (pico de 31 casos; 11,83%), seguido de redução em 2020–2022, embora os óbitos totais tenham se mantido elevados. Em 2017–2018, os valores foram baixos e estáveis. A elevação em 2019 difere do esperado no contexto da pandemia de COVID-19, período associado a estresse ocupacional e sobrecarga emocional.

A redução observada após 2019 pode refletir múltiplos fatores, incluindo mudanças contextuais, variações de registro, ou outros determinantes não investigados nesta base, de modo a não ser possível estabelecer que a queda nos padrões de suicídio tenha uma causalidade específica. Ainda assim, esse comportamento temporal pode ser discutido à luz de metanálises internacionais, que demonstram variações nas taxas de suicídio entre médicos, com persistência de maior vulnerabilidade entre médicas (SCHERNHAMMER et al., 2024). Vale citar que intervenções institucionais, campanhas de conscientização

e programas de suporte psicológico podem ter contribuído para esse efeito protetor no período.

Quanto aos métodos fomentadores da etiologia de óbito analisada, predominaram meios físicos (40,4%), destacando-se enforcamento (19,1%), autointoxicação por medicamentos (31,9%) e outros meios (27,7%), com maior ocorrência de precipitação de altura. A diversidade de métodos em 2019 pode refletir o maior número de casos. Esses padrões confirmam que profissionais de saúde têm acesso ou conhecimento de métodos mais eficientes, aumentando a letalidade dos atos (SCHERNHAMMER et al., 2024; SANTOS et al., 2023).

Esses achados reforçam que médicas constituem grupo vulnerável, devido a fatores ocupacionais, desigualdades de gênero, sobrecarga emocional e barreiras ao cuidado em saúde mental (Brazilian Journal of Psychiatry; BMJ, 2024). O aumento da participação feminina na força de trabalho, aliado a mudanças nas condições de trabalho, pode influenciar positivamente o suporte profissional e o bem-estar afetivo.

Com isso, a alta incidência de suicídios evidencia a necessidade de políticas públicas específicas, programas preventivos e avaliação contínua da saúde mental (com monitoramento das taxas e a identificação de fatores de risco), além de ambientes de trabalho que minimizem o estresse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações em pauta demonstram que a mortalidade por suicídio entre médicas brasileiras, de 2017 a 2022, teve magnitude relevante, variação temporal e predomínio de meios de alta letalidade, evidenciando vulnerabilidades nesse grupo. Os resultados reforçam a necessidade de prevenção institucional, ampliação do cuidado em saúde mental e qualificação dos ambientes de trabalho, com o fito de reduzir essa vulnerabilidade supracitada e fortalecer a promoção da saúde da mulher médica no Brasil. Por fim, a submissão deste trabalho implica concordância dos autores com sua publicação, a critério da Comissão Editorial, sem expectativa de retorno financeiro, visando exclusivamente à divulgação científica e profissional.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS: Departamento de Informática do SUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]**. Disponível em: portal oficial do DATASUS. Acesso em: 20 mar. 2026

DUARTE, Dante; EL-HAGRASSY, Mirret M.; COUTO, Tiago; GURGEL, Wagner; FREGNI, Felipe; CORRÊA, Humberto. **Male and female physician suicidality: a systematic review and meta-analysis**. JAMA Psychiatry, Chicago, v. 77, n. 6, p. 587-597, 2020. DOI: 10.1001/

jamapsychiatry.2020.0011.

SANTOS, I. S.; TAVARES, B. F.; MUNHOZ, T. N.; ALMEIDA, L. S.; SILVA, N. T.; MATIJASEVICH, A. **Brazilian physicians' mental health: a cross-sectional nationwide study exploring factors associated with prevalence of suicide planning and attempts. Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, 2023.

SCHERNHAMMER, E.; COLDITZ, G.; VÄNSKÄ, J.; et al. **Suicide rates among physicians compared with the general population in studies from 20 countries: gender-stratified systematic review and meta-analysis. BMJ**, Londres, v. 386, 2024.

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE DO IDOSO

A INVISIBILIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NA VELHICE E SEUS IMPACTOS NA VULNERABILIDADE AO HIV/AIDS NA POPULAÇÃO IDOSA.

Daniela Souza da Silva¹; Evelyn Gomes Araújo²; Renata Nascimento de Araújo Rocha³; Yasmin Oliveira de Morgado⁴; Prof. Me. Jonatas Pinheiro⁵.

¹Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

²Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

³Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁴Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁵Universidade SJT, São Paulo, SP.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade do Idoso. HIV/AIDS. Estigmatização.

ÁREA TEMÁTICA: Psicologia & Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos nas áreas da ciência e da saúde, a expectativa de vida da população mundial tem aumentado consideravelmente, gerando maior população de pessoas idosas (LAROQUE et al., 2011). No Brasil, foi mensurado pelo Censo Demográfico de 2022 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que houve uma alta de 57,4% da população idosa em relação ao ano de 2010.

Com isso, houve uma mudança na forma que essa geração é tratada, visando seus cuidados e qualidade de vida. Em uma tentativa natural de vivenciar o envelhecimento de forma agradável e saudável, o idoso pode se voltar para o sexo; e, assim, ser exposto à riscos como o HIV/AIDS e outras ISTs (ALENCAR; CIOSAK, 2016).

Nessa perspectiva, é inevitável que conversas sobre educação e acolhimento com foco na sexualidade durante a velhice surjam, pois essa ainda é uma questão estigmatizada e velada na sociedade, representando o idoso como ser assexuado.

Essa visão tendenciosa influencia, inclusive, profissionais da área da saúde e atenção primária, levando a continuidade da propagação das infecções sexualmente transmitidas nesse grupo, o diagnóstico tardio de HIV/AIDS ou a total falta dele na população idosa afetada e vulnerável (CARVALHO et al., 2024).

OBJETIVO

O estudo busca evidenciar como as representações sociais do idoso em relação a sua sexualidade – que em maioria é invisibilizada ou destituída pelas demais faixas etárias e grupos, sendo assim considerado um ser assexuado e sem vontades sexuais – geram um impacto direto nos diagnósticos de HIV/AIDS.

É analisada a necessidade de ampliar o debate e repensar práticas de cuidado voltadas a essa população na prevenção contra essas ISTs, iniciado tanto por parte dos profissionais de saúde quanto pela pessoa idosa.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório e descritivo. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de quatro artigos científicos que abordam a relação entre envelhecimento, sexualidade e vulnerabilidade da população idosa ao HIV/AIDS.

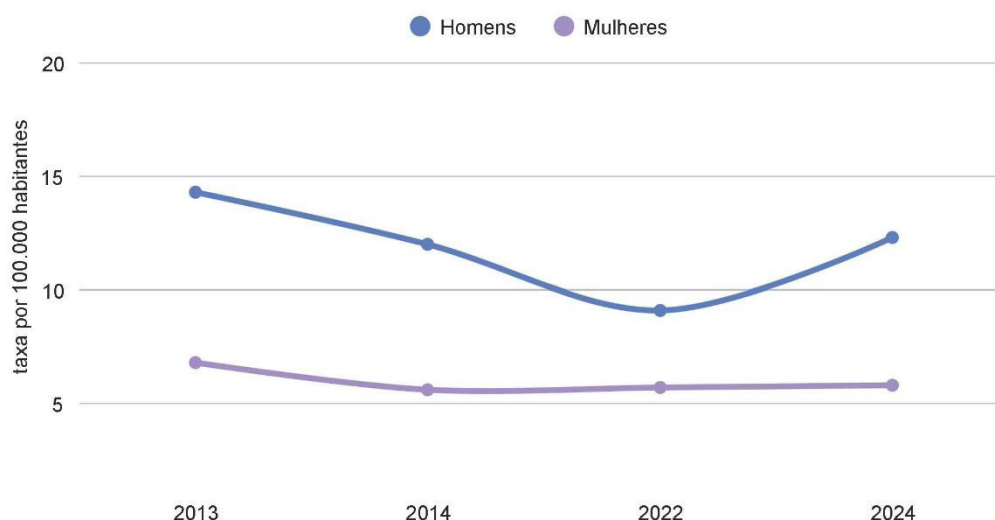
Os artigos foram selecionados em bases de dados científicas e analisados por meio de leitura crítica e análise temática do conteúdo, buscando identificar fatores sociais, culturais e institucionais relacionados à invisibilização da sexualidade na velhice e suas implicações para o diagnóstico e prevenção do HIV nessa população.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia que a sexualidade na velhice ainda é permeada por estereótipos sociais que associam o envelhecimento à ausência de desejo ou atividade sexual. Essa percepção contribui para a invisibilização das necessidades relacionadas à saúde sexual da população idosa, influenciando diretamente a forma como o tema é abordado nos serviços de saúde.

Nesse contexto, a literatura também aponta mudanças no perfil epidemiológico da epidemia de HIV/AIDS, evidenciando um crescimento da participação da população idosa entre os casos registrados ao longo dos anos. Conforme apresentado no Gráfico 1, observa-se que, ao longo dos anos analisados (2013, 2014, 2022 e 2024), as taxas de detecção de HIV entre pessoas com 60 anos ou mais permanecem mais elevadas entre homens quando comparadas às mulheres.

Gráfico 1: Taxa de detecção de HIV em pessoas com 60 anos ou mais segundo sexo, Brasil (2013-2024).



Fonte: Departamento de HIV, AIDS, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis/ SVSA/MS; IBGE – Instituto.

Mesmo com variações ao longo do período, os dados indicam maior vulnerabilidade da população masculina idosa à infecção, possivelmente associada a fatores comportamentais, menor procura por serviços de saúde e baixa adesão às práticas preventivas.

Assim, os resultados reforçam a necessidade de ampliar ações de prevenção, educação em saúde e diagnóstico precoce voltadas à população idosa, considerando suas especificidades e enfrentando os estigmas associados à sexualidade no envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos estudos, observa-se que a sexualidade na velhice ainda é marcada por estigmas e preconceitos que contribuem para a invisibilização da população idosa nas discussões sobre saúde sexual. Essa percepção social influencia diretamente a forma como o tema é abordado nos serviços de saúde, favorecendo a ausência de orientações preventivas e contribuindo para o diagnóstico tardio do HIV/AIDS nessa população.

Além disso, verifica-se que a população idosa ainda recebe pouca atenção nas estratégias de prevenção e nas campanhas de conscientização sobre infecções sexualmente transmissíveis. Essa lacuna reforça a necessidade de ampliar o debate sobre sexualidade na velhice e de desenvolver políticas públicas e práticas de cuidado que considerem as especificidades dessa faixa etária.

Dessa forma, torna-se fundamental promover ações educativas, qualificação de profissionais de saúde e estratégias de prevenção que incluam a população idosa, contribuindo para a redução da vulnerabilidade ao HIV e para a promoção de um envelhecimento com mais saúde, dignidade e qualidade de vida (LAROQUE et al., 2011).

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. R; CIOSAK, I. S. **Aids em idosos:** motivos que levam ao diagnóstico tardio. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF), vol. 69, n. 6, p. 81–1076, 2016. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0370.

CARVALHO, C. E et al. **DO ESTEREÓTIPO À REALIDADE:** UM ESTUDO SOBRE PESSOAS IDOSOS QUE CONVIVEM COM HIV NO BRASIL. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, Macapá (AP), v. 6, n. 11, p. 3000–3012, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n11p3000-3012.

LAROQUE, F. M et al. **SEXUALIDADE DO IDOSO:** comportamento para a prevenção de DST/AIDS. Porto Alegre (RS), Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 32, n. 4, p. 774–80, 2011. DOI: 10.1590/S1983-14472011000400019.

VIEIRA, L. F. K et al. **A Sexualidade Na Velhice:** Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 196–209, 2016. DOI: 10.1590/1982-3703002392013.

MUSICOTERAPIA E A TERCEIRA IDADE: EXPERIÊNCIA COM IDOSOS NA UBS LUCAS BENJAMIM

Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira¹; Alicia Vitória Pereira²

¹Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>.

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Atenção básica. Musicoterapia.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do idoso.

INTRODUÇÃO

Frequentemente, o envelhecimento vem com um “rótulo” bastante persistente, como se a idade de alguém fosse sinônimo de limitação, dependência e, conseqüentemente, impotência e incapacidade de agir de forma independente. Mas envelhecer, não significa absolutamente se tornar invalidado; a velhice é, como tantas experiências de vida, histórias, perdas, desejos e reinvenções. Quando a velhice é tratada como sinônimo de inutilidade ou como “fim”, essa ideia não fica restrita somente aos planos das palavras: ela também se instala na experiência cotidiana e pode afetar diretamente a autoestima, a esperança e a maneira como o indivíduo percebe seu lugar no mundo. Na literatura clássica, sobre o envelhecer, vemos que esta etapa natural da vida, não é apenas um fato biológico, mas também uma condição produzida por sentidos, expectativas e relações sociais (Beauvoir, 1970).

A UBS recebe demandas que vão além do biológico, pois os usuários chegam com questões familiares, afetivas e sociais, além do adoecimento. Por isso, o cuidado em atenção primária pode incluir espaços de escuta e convivência, valorizando a história de vida, especialmente na velhice. Quando a trajetória do idoso é reconhecida, a memória deixa de ser apenas recordação e passa a sustentar identidade e pertencimento no presente. (Bosi, 1994).

Dito isto, neste relato de experiência, dialogaremos sobre uma vivência realizada com idosos, na UBS Lucas Benjamim em Mossoró/RN, como parte da avaliação da disciplina *Ciências da Felicidade (Psicologia/UnP)*. Falamos sobre como o encontro foi conduzido (roda de conversa, perguntas disparadoras e experiência de musicoterapia) e o que resultou disso com base em um quadro de vínculo, participação e visão de futuro no

momento e após o encontro, observando uma instância onde os idosos participantes da vivência, escolheram termos como “fé”, “amor”, “resiliência” e “esperança” para facilitar a criação musical.

OBJETIVO

Relatar e analisar uma experiência realizada com idosos vinculados à UBS Lucas Benjamim, em Mossoró/RN, buscando compreender de que modo uma roda de conversa, perguntas disparadoras e uma vivência de musicoterapia podem fortalecer a escuta, valorizar histórias de vida e ampliar a percepção de futuro e pertencimento no envelhecer.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizado com idosos acompanhados pela UBS Lucas Benjamim, em Mossoró/RN. A atividade foi conduzida por dois estudantes, em parceria com o enfermeiro da unidade.

O encontro foi organizado em três momentos: uma roda de conversa sobre o envelhecimento, perguntas disparadoras para estimular a partilha de experiências e uma vivência de musicoterapia. Nessa última etapa, os participantes escolheram as palavras “fé”, “amor”, “resiliência” e “esperança”, que serviram de base para a construção e apresentação de uma canção.

As reflexões aqui apresentadas foram elaboradas a partir de observações diretas e anotações descritivas feitas após o encontro, considerando a dinâmica do grupo, a participação dos idosos e os desafios da condução da atividade. Para preservar os participantes, não são apresentados nomes ou informações que permitam identificação, e a análise se concentra nos efeitos percebidos naquele contexto específico, sem pretensão de generalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi percebido, que quando há um espaço simples na UBS para falar e ouvir, os idosos deste grupo podem passar de um papel de “aqueles que apenas recebem orientações” para um papel ativo: contando histórias, desenvolvendo novos sentimento em relação ao envelhecimento e nomeando afetos tipicamente deixados de lado na vida cotidiana. Isso nos permite desafiar o estigma, e o status quo, pois estes retratam a velhice como uma impotência e falta de sentido, com o futuro incerto, e carregado de dramas existenciais (Beauvoir, 1970). Ao longo desse encontro, o uso de palavras como “Fé”, “Amor”, “Resiliência” e “Esperança” foi um gatilho de significado para muitos indivíduos, onde cada palavra significava experiência, desejo e memória, bem como, de comunidade e pertencimento (Bosi, 1994).

A experiência terapêutica foi enriquecida pela música, na medida em que, ao transcrever a música para o canto, os idosos puderam se conectar e se engajar ao momento presente. Em vez de apenas usar a fala direta, a música foi uma mediação afetiva: ela acomodou vários modos de presença no grupo e formou um ambiente compartilhado, onde o que foi dito e sentido poderia passar de forma mais leve (Benenzon, 1988). Assim, isso apoia em termos reais, a tese de que os recursos expressivos têm utilidade na atenção primária, especialmente se o objetivo é criar conexões e bem-estar de forma acessível, incluindo claro, a pessoa idosa.

Ao mesmo tempo, surgiram desafios de facilitação que ajudam a entender a demanda real por esses espaços. Depois de muito tempo sentados, alguns idosos demonstraram inquietação; outros saíram antes do término; e, em certos momentos, mais de uma pessoa quis falar ao mesmo tempo. Isso exige mediação, combinados coletivos e condução cuidadosa para garantir a participação de todos. Esses limites não enfraquecem a proposta. Pelo contrário, indicam ajustes simples e viáveis, tais como: como organizar turnos de fala, fazer pausas, propor dinâmicas mais curtas e alternar conversa e música, reafirmando a participação como eixo do cuidado afetivo (Freire, 2011). Em síntese, a experiência sugere que encontros dessa natureza podem fortalecer presença, produção de sentido e perspectiva de futuro, desde que ocorram no ritmo do grupo e com continuidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com os idosos na UBS Lucas Benjamim mostrou que o afeto pode, sim, ser parte importante do cuidado na atenção primária, especialmente quando se pensa a **saúde do idoso** de forma mais ampla. A roda de conversa e a vivência em musicoterapia criaram um espaço em que memórias, histórias de vida e sentimentos puderam aparecer com mais liberdade, fortalecendo a autoestima, o vínculo e o bem-estar. Mais do que isso, ajudaram a deslocar uma visão da velhice marcada apenas por perdas, abrindo espaço para pensar presença, continuidade e futuro.

A canção construída com as palavras trazidas pelos próprios participantes teve um papel importante nesse processo. Ela não funcionou apenas como atividade, mas como um recurso de encontro, escuta e acolhimento. Ao mesmo tempo, a experiência também mostrou que esse tipo de ação exige cuidado na condução: houve momentos de inquietação, saídas antes do fim e disputas pelo tempo de fala, o que indica a necessidade de mediação, pausas e ajustes no ritmo das atividades para que todos possam participar de forma mais confortável.

No conjunto, a vivência reforça que ações como essa fazem sentido quando deixam de ser pontuais e passam a compor uma prática continuada no território. Quando a UBS abre espaço para escuta, convivência e expressão, ela amplia o cuidado e reconhece que envelhecer não é apenas lidar com limitações, mas também preservar histórias, vínculos e projetos de vida. Nesse sentido, pensar a saúde do idoso também é reconhecer sua

presença no presente e seu lugar no futuro.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BENENZON, Rolando Omar. **Teoria da musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1988.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

EXERCÍCIO FÍSICO COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA NO CONTROLE DA HIPERTENSÃO ARTERIAL EM IDOSOS

Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Brenno Barbosa Martins³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Helena Monteiro de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB. <https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

⁴ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Exercício. Hipertensão. Idosos.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do idoso.

INTRODUÇÃO

Já é conhecido por grande parte das pessoas que a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) é uma doença perigosa e silenciosa que afeta milhões de pessoas ao redor do mundo e que muitas vezes não é tratada corretamente. Dessa forma, um grupo da população em que grande parte é hipertenso são os idosos, índice esse bastante preocupante, já que a hipertensão é uma das principais causas de morte por problemas cardiovasculares, cerebrovasculares ou até mesmo por insuficiência renal crônica (Cancela-Carral et al., 2025); (López-Ruiz et al., 2025).

A prática de atividade física pode contribuir na redução da pressão arterial de duas formas: efeitos agudos, em que a PAS e PAD reduzem até 20 mmHg após a prática, e efeitos crônicos, resultantes da prática regular, diminuindo até 7 mmHg na PAS e PAD. Porém, dados sugerem que os hipertensos são sedentários em sua grande maioria, por fatores como falta de tempo, recursos ou dificuldade motoras, além das recomendações sobre a duração dos exercícios serem as mesmas para pessoas com e sem diagnóstico de HAS, colaborando para a não adesão à prática (Wiles et al., 2025).

Com isso, diversos estudos mostram a importância da prática regular de exercícios físicos diários, por ser considerado um tipo de tratamento não farmacológico, sendo por meio de exercícios aeróbicos ou de força resistida. Além disso, é de interesse geral saber a grande necessidade que a população de terceira idade possui por uma alternativa ao uso de medicamentos para tratamento da HAS, já que muitos deles não aderem corretamente

ao tratamento farmacológico, com uma simples mudança de estilo de vida colaborando para isso (López-Ruiz et al., 2025); (Yao et al., 2026).

OBJETIVO

Esse trabalho objetiva analisar os achados literários e sintetizar quão importante é a prática regular de exercícios físicos entre idosos portadores de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura sobre o tema. Para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes fases: A) identificação do tema da pesquisa; B) procura na base de dados; C) análise e inclusão dos estudos elegíveis; D) compreensão dos resultados; E) elaboração do resumo.

A procura dos estudos foi realizada no mês de fevereiro de 2026 por meio de busca online de publicações que atendessem a pergunta da pesquisa. A busca evidenciou 6 artigos elegíveis, que foram utilizados para elaboração da revisão. Foi utilizado o PubMed como base de dados. Para auxiliar a busca, foram utilizados os Descritores da Ciência da Saúde (DeCS) no idioma inglês “*hypertension*” e “*exercise*”, além do operador booleano “AND”.

No decorrer da pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os seguintes fatores de inclusão: artigos publicados no último ano, trabalhos realizados entre maiores de 65 anos e que possuíssem texto completo disponível. Os fatores de exclusão utilizados foram: trabalhos que não fossem ensaios clínicos controlados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, é possível supor que a prática diária de exercícios de força ou aeróbicos por 60 minutos já produz bons resultados contra a hipertensão, gerando melhorias em diferentes sistemas orgânicos. Existem ainda evidências que mostram que a realização de exercícios aeróbicos por idosos hipertensos causa uma redução da pressão arterial (PA) maior do que em idosos normotensos (6/5 mmHg em hipertensos contra 2/1 mmHg em normotensos) e, quando associado ao treino de força, contribuía ainda mais fortemente na redução da PA. Além disso, evidências mostram que a prática aeróbica causa reduções na PA cada vez maiores quando realizada por pacientes com HAS causada por disfunção renal (Cancela-Carral et al., 2025).

Esses benefícios são causados pelas modificações sofridas nos vasos sanguíneos ocasionadas pela redução da atividade do sistema nervoso simpático, como também pelo aumento da biodisponibilidade de NO, com o treinamento de força agindo como um regulador da liberação dessa substância. Ademais, a redução da PA é mais evidente em

mulheres, com o avançar da idade e com a pressão arterial basal mais alta, com o exercício contribuindo diretamente na queda da PA gerada pelos fármacos (Cancela-Carral et al., 2025); (Lim et al., 2025); (López-Ruiz et al., 2025).

O estudo apontou que o treinamento intervalado de alta intensidade (com duração de 20 minutos diários por quatro semanas) junto com exercícios respiratórios (por causar dilatação das arteríolas e aumento da atividade parassimpática) contribuem reduzindo a PA em hipertensos, principalmente a PAS em até 13% (Herawati et al., 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, tem sido demonstrado por diversos estudos que a prática contínua de exercícios aeróbicos e de força pelos idosos, com diferentes graus de intensidade, é uma das medidas não farmacológicas mais significativas na prevenção e no tratamento da hipertensão, devendo ser disseminada para indivíduos desse grupo em diferentes classes sociais, a fim também de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

CANCELA-CARRAL, Jose M. et al. Differential effects of the type of physical exercise on blood pressure in independent older adults. *Sports Health*, v. 17, n. 5, p. 1020–1027, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/19417381241234567>. Acesso em: 23 mar. 2026.

HERAWATI, Isnaini et al. Impact of combined high-intensity bodyweight interval training and breathing exercise on cardiometabolic health in normal-weight middle-aged adults with hypertension. *BMC Public Health*, v. 25, n. 1, p. 962, 2025. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-025-19620-0>. Acesso em: 23 mar. 2026.

LIM, Subin et al. Dietary management and aerobic exercise counselling on blood pressure control in subjects with prehypertension and drug-naïve stage 1 hypertension: a randomized clinical trial. *Scientific Reports*, v. 15, n. 1, p. 45683, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-025-45683-0>. Acesso em: 23 mar. 2026.

LÓPEZ-RUIZ, Isabel et al. Concurrent training based on an individual load-velocity ratio assessment as a better alternative to continuous endurance training to improve hypertension. *Scientific Reports*, v. 15, n. 1, p. 35751, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-025-35751-0>. Acesso em: 23 mar. 2026.

WILES, Jim D. et al. Feasibility randomised controlled trial to assess the delivery of a novel isometric exercise intervention for people diagnosed with uncomplicated stage 1 hypertension in the National Health Service: key quantitative findings. *BMJ Open*, v. 15, n. 6, p. e091219, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2024-091219>. Acesso em: 23 mar. 2026.

YAO, Qiuru et al. Effects of artificial intelligence recognition-based telerehabilitation on exercise capacity in patients with hypertension: randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*, v. 28, p. e81400, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/81400>. Acesso em: 23 mar. 2026.

A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS COMO FATOR DETERMINANTE PARA A LONGEVIDADE E INDEPENDÊNCIA FUNCIONAL DO IDOSO

Calebe Salém Nunes Sales¹; Rafael Wilhelms Santos²; Kaio Barbosa Chaveiro Ramos³; Sinésio Virgílio Alves de Melo⁴.

¹Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/5998583473385757>

²Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/9219510129377604>

³Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/7385807264535487>

⁴Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/4471352471209867>

PALAVRAS-CHAVE: Atividade física. Autonomia. Envelhecimento saudável.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do idoso

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional tem aumentado significativamente nas últimas décadas, trazendo consigo a necessidade de estratégias que promovam saúde, autonomia e qualidade de vida para a população idosa. Nesse contexto, a prática regular de exercícios físicos destaca-se como um importante fator para a manutenção da capacidade funcional, contribuindo para a preservação da mobilidade, flexibilidade e independência nas atividades de vida diária. Além disso, a atividade física auxilia na prevenção de diversas condições patológicas associadas ao envelhecimento, como perda de massa muscular, redução da amplitude de movimento e maior risco de quedas, promovendo um envelhecimento ativo e saudável. A prática sistematizada de exercícios está diretamente relacionada ao aumento da longevidade e à melhoria da funcionalidade dos idosos, possibilitando maior participação social e autonomia (Mazo; Lopes; Benedetti, 2009). Ainda, de acordo com Nelson et al. (2007), incentivar a realização de exercícios físicos orientados torna-se fundamental para promover um envelhecimento saudável e funcional, contribuindo para a manutenção da qualidade de vida dessa população.

OBJETIVO

Descrever a importância da prática de exercícios físicos para a longevidade e funcionalidade da pessoa idosa.

METODOLOGIA

Este estudo é um relato de experiência de intervenções à população idosa da cidade de Goiânia, participantes do Programa UEG 60+, realizada semanalmente, na Universidade Estadual de Goiás (UEG), unidade ESEFFEGO, em Goiânia/GO, setor Leste Vila Nova. A ação extensionista é executada pelos alunos do curso de fisioterapia, monitores do projeto de extensão: “Cinesiologia e Biomecânica Aplicada à Saúde”. Foi desenvolvido no período de março a dezembro de 2025, com um grupo de 35 idosos de ambos os sexos, com prevalência do sexo feminino. Os monitores elaboraram previamente roteiros que incluíram cerca de 20 a 24 exercícios de alongamento, mobilidade e força, conjuntamente a atividades lúdicas com abordagem cognitiva, promovendo o bem-estar social e a interação do grupo. O foco foi as atividades de alongamento, de forma adequada, com tempo, repetições e séries padronizados. Foram utilizados materiais simples e de organização dos próprios monitores e o coordenador do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das atividades desenvolvidas no projeto de extensão, observou-se que a participação regular dos idosos nas sessões de exercícios físicos voltadas para mobilidade e alongamento, contribuiu para melhorias perceptíveis na funcionalidade e na realização das atividades de vida diária. Sob o aspecto qualitativo, ao longo dos encontros, foram identificados avanços na amplitude de movimento, maior facilidade na execução de movimentos funcionais e melhora na disposição dos participantes para atividades cotidianas, segundo depoimentos dos próprios idosos. Esses achados reforçam a relevância da prática de exercícios físicos como estratégia fundamental para preservar a independência funcional e favorecer um envelhecimento mais ativo e saudável, conforme aponta Nahas (2017).

A convivência durante as sessões, favoreceu a interação entre os idosos, gerando motivação para a prática regular de exercícios e fortalecendo o sentimento de pertencimento ao grupo e fidelização às intervenções. Dessa forma, a prática de atividades físicas orientadas em grupo contribui não apenas para a melhora da capacidade funcional, mas também para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida na população idosa, ficando alinhado à OMS (2020), a qual aponta que além dos benefícios físicos, as atividades realizadas em grupo também proporcionaram impactos positivos no aspecto social e emocional dos participantes.

Diante dos resultados observados e da prática extensionista, vem corroborar com Matsudo; Matsudo; Barros Neto (2001), que evidenciaram que a prática regular de exercícios físicos pode contribuir para a prevenção de limitações funcionais frequentemente associadas ao processo de envelhecimento, como redução da força muscular, perda de flexibilidade e diminuição da mobilidade. Nesse sentido, as intervenções incentivaram a adoção de um estilo de vida ativo, fundamentais para a manutenção da autonomia e da longevidade na terceira idade, reforçando o papel de programas e projetos universitários

voltados à promoção da atividade física entre idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados deste estudo evidenciam que a prática regular de exercícios físicos, com ênfase em mobilidade e alongamento, desempenha papel fundamental na promoção da funcionalidade e na melhoria da qualidade de vida de idosos, contribuindo para a manutenção da autonomia e favorecendo a realização das atividades de vida diária. As práticas extensionistas universitárias devem ser incentivadas, sejam junto à comunidade idosa ou outra faixa etária, com atuação na promoção da saúde, na atenção primária, proporcionando uma senescência tranquila, além de interferir grandemente na formação profissional dos discentes participantes dessas ações.

REFERÊNCIAS

- MATSUDO, S. M. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 2-13, 2001.
- MAZO, G. Z.; LOPES, M. A.; BENEDETTI, T. R. B. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 7. ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2017.
- NELSON, M. E.; REJESKI, W. J.; BLAIR, S. N.; DUNCAN, P. W.; JUDGE, J. O.; KING, A. C.; MACERA, C. A.; CASTANEDA-SCEPPA, C. Physical activity and public health in older adults: recommendation from the American College of Sports Medicine and the American Heart Association. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Philadelphia, v. 39, n. 8, p. 1435-1445, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. WHO guidelines on physical activity and sedentary behaviour. Geneva: World Health Organization, 2020.

MOBILIDADE E ALONGAMENTO EM IDOSOS POR MEIO DE EXERCÍCIOS EM INTERVENÇÃO EXTENSIONISTA

Rafael Wilhelms Santos¹; Calebe Salém Nunes Sales²; Kaio Barboza Chaveiro Ramos³; Sinésio Virgílio Alves de Melo⁴.

¹Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/9219510129377604>

²Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/5998583473385757>

³Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/7385807264535487>

⁴Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/4471352471209867>

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/9

PALAVRAS-CHAVE: Flexibilidade. Qualidade de vida. Saúde do idoso.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do Idoso

INTRODUÇÃO

O envelhecimento está associado a alterações fisiológicas progressivas, como redução da elasticidade muscular, diminuição da amplitude de movimento e declínio da capacidade funcional, fatores que impactam diretamente a autonomia e a qualidade de vida da população idosa. Nesse contexto, intervenções baseadas em exercícios de mobilidade e alongamento configuram estratégias relevantes na promoção da saúde e na manutenção da capacidade funcional, especialmente quando realizadas de forma sistematizada e supervisionada. Evidências apontam que programas de exercícios físicos voltados à flexibilidade e mobilidade contribuem para a melhora do desempenho nas atividades de vida diária e para a preservação da independência funcional (BRASIL, 2021), além de reduzirem fatores associados à fragilidade e ao declínio funcional em idosos (MATSUDO; MATSUDO; BARROS NETO, 2001). Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar o efeito de um protocolo de intervenção focado em mobilidade e alongamento aplicado a idosos, desenvolvido por meio de um projeto de extensão universitária, buscando evidenciar seus impactos sobre a funcionalidade, a autonomia e a qualidade de vida dessa população, bem como sua contribuição para a integração entre universidade e comunidade.

OBJETIVO

Descrever a importância da intervenção extensionista universitária com exercícios de mobilidade e alongamento voltados à pessoa idosa.

METODOLOGIA

Este estudo é um relato de experiência acerca de intervenções direcionadas à população idosa do município de Goiânia, vinculadas ao Programa UEG 60+, realizadas no período matutino, semanalmente, pelo Projeto de Extensão “Cinesiologia e Biomecânica Aplicada à Saúde”, através dos monitores, alunos do curso de Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiás – UnU ESEFFEGO, em Goiânia/GO. As ações foram realizadas no período de março a dezembro de 2025, contemplando um grupo composto por 35 idosos de ambos os sexos. O conjunto de exercícios, multimodais, focados em mobilidade articular e flexibilidade com alongamentos, foram elaborados por meio de roteiros semanais, com o cuidado de inovar sempre, com abordagem global de grupos musculares e segurança na execução. Cada monitor desempenhava, alternadamente, a liderança das demonstrações e orientações dos gestos motores e postura, enquanto os demais observavam a realização por parte dos idosos, com as devidas correções e posicionamentos adequados da postura e dos movimentos. Em todos os encontros, eram planejadas atividades com abordagem cognitiva e social, através de brincadeiras, dinâmicas coletivas e jogos para melhor interação e socialização do público-alvo. Os alongamentos, seguiram critérios cinesiológicos com a devida execução por tempo e repetições, envolvendo todos num processo de aprendizagem e assimilação dos exercícios, direcionados a serem replicados pelos idosos diariamente, como uma educação em saúde, favorecer os ganhos na independência e autonomia cotidiana. Foram empregados materiais de fácil aquisição e manuseio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se, de maneira qualitativa, evolução relevante na mobilidade articular dos segmentos corporais trabalhados ao longo do protocolo, além de aprimoramento no desempenho motor durante a realização dos exercícios, com melhor controle postural, coordenação e estabilidade. De acordo com os relatos dos participantes, houve impacto positivo nas atividades cotidianas, como maior facilidade para executar tarefas domésticas, alcançar objetos em diferentes níveis, vestir-se, calçar sapatos, realizar cuidados pessoais e locomover-se com mais segurança, inclusive ao entrar e sair de veículos. Também foram mencionadas redução da sensação de rigidez, maior sensação de disposição física e aumento da confiança durante a marcha, aspectos que podem contribuir para a diminuição do risco de quedas. Esses achados estão em consonância com o que apontam Silva et al. (2019), ao destacarem que intervenções sistematizadas voltadas à flexibilidade e mobilidade são eficazes na preservação da funcionalidade em idosos.

No que se refere aos aspectos psicossociais, observou-se fortalecimento das relações interpessoais, ampliação da interação grupal e melhora na autopercepção de saúde e autoestima, fatores que favoreceram a adesão e a permanência dos idosos no projeto. Tal resultado reforça o entendimento de que práticas corporais realizadas em grupo exercem influência positiva sobre o bem-estar emocional e a qualidade de vida, conforme

discutido por Lima et al. (2021), ao evidenciarem a associação entre participação social, autoestima e envelhecimento ativo.

Santos et al. (2023), ressaltam que a flexibilidade constitui componente essencial para a manutenção da autonomia e da independência funcional na terceira idade, ao mesmo tempo em que destacam o papel estratégico da extensão universitária como instrumento de integração entre formação acadêmica e demandas sociais. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão, corroboram com Souza Jr. et al. (2022), que demonstraram relevância na autoestima e autonomia com a melhoria da capacidade funcional da pessoa idosa, como também Carvalho et al. (2020), concluíram que atividades físicas nos idosos melhora a sua autoimagem, em conjunto com a promoção do autocuidado integral, contemplando dimensões físicas, emocionais e sociais do envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inatividade física entre idosos acarreta declínios funcionais significativos, comprometendo a mobilidade articular, a amplitude motora e, por conseguinte, a flexibilidade. Nesse contexto, as ações de extensão universitária tornam-se essenciais, seja no atendimento à terceira idade ou a outros grupos geracionais. Tais iniciativas fomentam a promoção da saúde e a atenção primária, viabilizando um envelhecimento com maior qualidade de vida, ao passo que enriquecem substancialmente a experiência formativa dos saberes e práticas dos estudantes envolvidos, validado pela receptividade do público atendido e o poder de interferir no processo de envelhecimento saudável.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de atividade física para a população brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021.
- CARVALHO, A. L. V. et al. Efeitos do exercício físico na autoimagem do idoso. **Revista Educação em Saúde**, v. 8, suppl 2, p. 11-17, 2020.
- FREITAS, E. V.; PYL. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 2-13, 2001.
- SANTOS, A. L. et al. Flexibilidade e autonomia funcional em idosos participantes de programas de exercício físico. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 28, p. 1-9, 2023.
- SILVA, M. F. et al. Efeitos do treinamento de flexibilidade na capacidade funcional de idosos. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 32, 2019.

SOUZA JR, E. V. et al. A autoestima está associada à qualidade de vida da pessoa idosa?
Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 75, suppl 4, p. 1-9, 2022.

YOGA NO CONTEXTO DO ENVELHECIMENTO: PERSPECTIVAS INTEGRATIVAS SOBRE A SAÚDE DA PESSOA IDOSA

Luciana Esther da Silva Felix¹.

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, SP.

<https://lattes.cnpq.br/0330433608418379>

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Yoga. Saúde integral.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do Idoso.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira não se anuncia apenas por números, mas por histórias que se alongam no tempo, por corpos que carregam memórias e por relações que se transformam. Trata-se de um fenômeno demográfico e, ao mesmo tempo, profundamente humano.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam um crescimento expressivo da população idosa, o que reposiciona o debate sobre saúde para além da ausência de doenças, trazendo à tona a inclusão de dimensões subjetivas, sociais e existenciais no cuidado (IBGE, 2022).

Envelhecer, nesse sentido, não é apenas um processo biológico, mas uma travessia que envolve perdas, ressignificações e possibilidades. A literatura aponta que a qualidade de vida na velhice depende de múltiplos fatores — biológicos, psicológicos e socioculturais —, exigindo abordagens que reconheçam essa complexidade (NERI, 2016). Assim, torna-se urgente pensar estratégias que ampliem o cuidado e promovam experiências significativas para as pessoas idosas.

É sob essa ótica que o Yoga emerge. Mais do que uma prática corporal, ele se apresenta como uma filosofia de vida que integra movimento, respiração e consciência. Ao articular corpo, mente e, potencialmente, espiritualidade, o Yoga oferece caminhos de reconexão — consigo, com o outro e com o mundo. No Brasil, sua inserção como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) reforça seu reconhecimento como ferramenta de promoção da saúde integral (BRASIL, 2014; GHELMAN et al., 2020).

Entretanto, apesar do crescente interesse pelo tema, ainda são incipientes os estudos que exploram o Yoga em sua totalidade no contexto do envelhecimento, especialmente aqueles que articulam suas dimensões físicas, mentais e espirituais. É nesse espaço — entre o que já se sabe e o que ainda precisa ser dito — que este estudo se insere.

OBJETIVO

Apresentar e analisar a produção acadêmico-científica brasileira recente sobre a prática de Yoga com pessoas idosas, evidenciando seus benefícios sob diferentes perspectivas — física, mental e espiritual —, bem como refletir sobre a necessidade de uma abordagem integral no cuidado ao envelhecimento.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, fundamentada no método Estado da Arte, conforme proposto por Santos et al. (2020). O percurso metodológico foi estruturado em três etapas: definição dos critérios de busca, mapeamento das produções e análise dos dados.

Foram selecionadas publicações entre os anos de 2018 e 2022, nas bases de dados CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e SciELO. Utilizaram-se os descritores “Yoga e Idos*” e “Yoga e Envelhec*”, combinados pelo operador booleano AND, com o objetivo de ampliar e refinar os resultados.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos, dissertações e teses que abordassem diretamente a prática de Yoga com pessoas idosas, considerando suas dimensões físicas, mentais e/ou espirituais. Foram excluídos estudos que não apresentavam aderência temática ou que se restringiam a outras faixas etárias.

A análise foi conduzida de forma qualitativa, buscando identificar tendências, lacunas e convergências nas produções encontradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelam um cenário que, ao mesmo tempo em que aponta para o potencial do Yoga, evidencia uma significativa lacuna científica. Foram identificadas apenas 16 produções relevantes nas três bases analisadas, o que indica uma escassez de estudos no contexto brasileiro.

Ao observar as perspectivas abordadas, percebe-se uma predominância de estudos voltados à saúde mental (42%) e à saúde física (33%), enquanto uma parcela menor articula ambas (17%). Apenas uma fração reduzida (8%) considera a dimensão espiritual, o que revela uma fragmentação na compreensão da prática.

Os achados reforçam que o Yoga contribui significativamente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas. Estudos indicam ganhos em flexibilidade, equilíbrio e força muscular, fatores diretamente relacionados à autonomia e à prevenção de quedas (OLIVEIRA et al., 2018; SILVA et al., 2022). Além disso, há evidências de benefícios cardiovasculares, como a redução da pressão arterial e da frequência cardíaca (GARCIA et al., 2020; DHAMEJA et al., 2020).

No campo psicológico, o Yoga se mostra um aliado no enfrentamento do estresse, da ansiedade e da depressão, condições frequentemente associadas ao envelhecimento e ao isolamento social (KALey-ISLEY et al., 2018; VORKAPIC, 2011). A prática regular favorece o equilíbrio emocional e fortalece a resiliência, permitindo que o idoso lide com maior suavidade com as mudanças da vida.

No entanto, o aspecto mais silencioso — e talvez o mais profundo — é aquele que menos aparece nas pesquisas: a dimensão espiritual. Autores como Hermógenes (2018) apontam que o ser humano não pode ser compreendido de forma fragmentada, e que a saúde envolve dimensões sutis que transcendem o físico e o mental. Nesse sentido, o Yoga pode ser entendido como um caminho de autoconhecimento, no qual o indivíduo se aproxima de estados de consciência que ampliam sua percepção de si e do mundo.

A ausência de estudos que integrem essas dimensões revela não apenas uma lacuna científica, mas também uma limitação no modo como o cuidado ao idoso vem sendo pensado. Ao dissociar corpo, mente e espírito, perde-se a possibilidade de compreender o envelhecimento em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o que se move e o que se aquieta, o Yoga se apresenta como um espaço de encontro. Um encontro com o corpo que ainda respira, com a mente que ainda cria e com a vida que, mesmo em suas transformações, insiste em despertar para o novo.

Os resultados deste estudo indicam que, embora haja evidências consistentes sobre os benefícios do Yoga para a saúde física e mental de pessoas idosas, ainda é necessário avançar na compreensão de sua dimensão integral. A escassez de pesquisas que abordem a espiritualidade revela um campo fértil para investigações futuras.

Diante do envelhecimento populacional, torna-se essencial ampliar o olhar sobre o cuidado, reconhecendo que viver mais só faz sentido quando se vive melhor — com autonomia, pertencimento e significado.

Assim, o Yoga não se configura apenas como uma prática, mas como uma possibilidade: de reconexão, de cuidado e de humanização das relações consigo e com o outro. Investir em estudos que contemplem essa totalidade é, portanto, um compromisso não apenas científico, mas ético.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS**. Brasília, 2014.

DHAMEJA, K. et al. Effects of yoga in patients with hypertension: a systematic review and meta-analysis. *European Journal of Preventive Cardiology*, v. 27, n. 3, p. 274-291, 2020.

GARCIA, A. S.; BARGA, D. M. C. Efeitos da ioga nos fatores de risco cardiovascular em mulheres idosas hipertensas. *Journal of Bodywork and Movement Therapies*, v. 24, n. 2, p. 127-134, 2020.

GHELMAN, R. et al. Mapas de evidência da efetividade clínica das práticas integrativas e complementares em saúde. In: TOMA, T. S. et al. (org.). **Práticas integrativas e complementares em saúde: evidências científicas e experiências de implementação**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2021.

HERMÓGENES, J. **Yoga para nervosos**. 54. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

IBGE. **Projeção da população do Brasil**. Rio de Janeiro, 2022.

KALEY-ISLEY, L. C. et al. Yoga como terapia complementar para ansiedade clínica. *Mindfulness*, v. 3, n. 3, p. 6-8, 2018.

NERI, A. L. **Desenvolvimento e qualidade de vida na idade madura**. Campinas: Papirus, 2016.

OLIVEIRA, L. M. et al. Effects of Hatha Yoga on physical performance in older adults. *Journal of Physical Activity and Health*, v. 15, n. 8, p. 624-630, 2018.

SANTOS, M. A. R. et al. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 8, n. 17, p. 202-220, 2020.

SILVA, D. F. et al. Implicações do yoga na prevenção de quedas acidentais em idosos: uma revisão sistemática. *Fisioterapia em Movimento*, v. 35, e35201, 2022.

VORKAPIC, C. F.; RANGÉ, B. Os benefícios do yoga nos transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 7, n. 1, p. 50-54, 2011.

FORTALECIMENTO MUSCULAR COMO PREDITOR DE UM ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Heithor Prados¹; Calebe Salém Nunes Sales²; Kaio Barboza Chaveiro Ramos³; Rafael Wilhelms Santos⁴; Sinésio Virgílio Alves de Melo⁵.

¹Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/8306239826446038>

²Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/5998583473385757>

³Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/7385807264535487>

⁴Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/9219510129377604>

⁵Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO (UEG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/4471352471209867>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/16

PALAVRAS-CHAVE: Atividades físicas. Força muscular. Saúde do idoso.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do Idoso.

INTRODUÇÃO

A saúde da população idosa tem ganhado destaque nas últimas décadas em decorrência do acelerado envelhecimento demográfico mundial. Esse processo está associado à presença de diversas alterações fisiológicas, entre elas, a redução progressiva da massa muscular (sarcopenia) e da força muscular (dinapenia); o que leva à incapacidade funcional e ao risco de quedas, considerados um dos principais fatores relacionados à perda da independência e autonomia em idosos, consequentemente o comprometimento nas atividades de vida diária (SILVA et al., 2022).

Nesse contexto, a prática de exercícios físicos, especialmente o treinamento resistido, tem sido amplamente recomendada como estratégia eficaz na prevenção e no tratamento dessa condição. Programas que têm como foco o fortalecimento muscular, promovem ganhos significativos para a pessoa idosa, melhora da capacidade funcional e qualidade de vida, pois preservar o sistema musculoesquelético em harmonia, o resultado é claro: maior e melhor longevidade (PEREIRA et al, 2020).

Segundo Carvalho et al. (2022) e Rodrigues et al. (2022), o fortalecimento muscular se apresenta como uma ferramenta fundamental para a promoção do envelhecimento ativo e saudável, resultando na prevenção de quedas, complicações e óbitos, pois tais condições estão relacionadas ao déficit de força e equilíbrio, havendo o hábito sedentário do idoso.

OBJETIVO

Descrever a relevância da execução de exercícios ativos de fortalecimento, na promoção da saúde da pessoa idosa.

METODOLOGIA

Este estudo é um relato de experiência acerca de intervenções direcionadas à população idosa do município de Goiânia, vinculadas ao Programa UEG 60+, realizadas no período matutino, semanalmente, pelo Projeto de Extensão “Cinesiologia e Biomecânica Aplicada à Saúde”, através dos monitores, alunos do curso de Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiás – UnU ESEFFEGO, em Goiânia/GO. As ações foram realizadas no período de março a dezembro de 2025, contemplando um grupo composto por 35 idosos de ambos os sexos. O conjunto de exercícios, multimodais, eram focados em exercícios de isometria em tempos curtos e controlados e exercícios ativos isotônicos concêntricos e excêntricos. Foram elaborados por meio de roteiros semanais, monitorando e garantindo sempre a segurança de todos os idosos, com abordagem global de grupos musculares e eficiência na execução. Cada monitor desempenhava, alternadamente, a liderança nas demonstrações dos gestos motores e a forma adequada de cada exercício para maior eficiência, enquanto os demais observavam a realização por parte dos idosos, com as devidas correções e posicionamentos de postura, dos movimentos e do tempo de execução. Todos os exercícios, seguiram critérios cinesiológicos com a devida execução por tempo e repetições, envolvendo todos num processo de aprendizagem e assimilação dos exercícios, recomendados a serem replicados pelos idosos diariamente, como uma educação em saúde, favorecer os ganhos na independência e autonomia cotidiana. Foram empregados materiais de fácil aquisição e manuseio, como cones, bolas e bastões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se, de maneira qualitativa, evolução relevante na força muscular dos segmentos corporais trabalhados ao longo do protocolo, além de aprimoramento no desempenho motor durante a realização dos exercícios, com melhor controle postural, coordenação e estabilidade. De acordo com os relatos dos idosos participantes, houve mudança sensível na disposição diária e maior velocidade nas atividades cotidianas, com menor fadiga, como maior facilidade para executar tarefas domésticas, alcançar objetos em diferentes níveis, vestir-se, calçar sapatos, realizar cuidados pessoais e locomover-se com mais segurança, inclusive ao entrar e sair de veículos, sobretudo reduzindo a fragilidade inerente à idade, ressaltando a alteração dos hábitos de vida. Tais resultados corroboram com os achados de Santos et al. (2025) e Silva et al. (2022), que apontaram favorecimento na capacidade funcional com exercícios de fortalecimento muscular e significativa melhora da capacidade funcional em idosos, com aumento da força, equilíbrio e autonomia nas

atividades de vida diária, além de prevenir quedas.

Os exercícios executados, foram rapidamente assimilados pelo público-alvo e esse aprendizado faz parte da educação em saúde que as ações do projeto visam proporcionar, seja de forma isotônica concêntrica e excêntrica como também isométrica, mostraram-se eficazes por serem de baixo impacto e de fácil execução, favorecendo a adesão e segurança dos participantes, em concordância com Pereira (2020) e Fraga (2025), que relataram a inclusão de exercícios ativos em todas as modalidades, potencializou os ganhos de força e controle muscular, contribuindo para movimentos mais eficientes no cotidiano, como sentar, levantar, caminhar, subir e descer escadas e carregar objetos.

A prática de exercício em ambiente coletiva, se torna relevante sob o aspecto psicossocial, criando oportunidades para socialização, troca de experiências e fortalecimento de vínculos. Esta abordagem, característica das atividades do projeto, está alinhada à Oliveira; Souza; Silva (2021), que ressaltam a importância de reduzir o isolamento social, pois este, representa um fator de risco para depressão e transtornos de ansiedade na população idosa. Ainda de acordo com Santos et al. (2025), séries de exercícios resistidos produzem benefícios aos praticantes, organização do sistema endócrino e imunológico, além de proporcionar bem-estar e melhora da autoestima.

Em conformidade com Pereira et al. (2020), Chen et al. (2021), Silva et al. (2022) e Belichar et al. (2023), os programas de atividade física voltados ao fortalecimento muscular contribuem para o aumento da força, equilíbrio, autonomia e prevenção da sarcopenia, além de favorecer o controle de doenças crônicas comuns na terceira idade, como diabetes mellitus tipo 2 e hipertensão arterial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fortalecimento muscular, por meio de exercícios isométricos, isotônicos concêntricos e excêntricos, apresenta-se como uma estratégia eficaz para a promoção da saúde e funcionalidade em idosos, acima de tudo por ser ativos, com gasto energético e sendo ativador de vários sistemas, sendo imprescindíveis para a saúde da pessoa idosa.

A realização de exercícios em grupo, potencializa ainda os benefícios psicossociais, promovendo interação social, motivação, apoio emocional e estímulo cognitivo, fatores que impactam positivamente na qualidade de vida e adesão dos idosos aos programas de exercícios.

Dessa forma, a associação entre diferentes tipos de exercícios de fortalecimento na prática coletiva constitui uma abordagem segura, eficiente e integral, capaz de favorecer o envelhecimento bem-sucedido.

REFERÊNCIAS

- BELICHAR, V. G. O. et al. Sarcopenia em idosos: A importância do treinamento resistido no tratamento e na prevenção. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 13, p. 1-11, 2023.
- CARVALHO, A. S. et al. Fortalecimento muscular em idosos visando a redução de quedas. **Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 1-9, 2022.
- CHEN, N. et al. Effects of resistance training in healthy older people with sarcopenia: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. **European Review of Aging and Physical Activity**, v. 18, n. 23, p. 1-14, 2021.
- FRAGA, R. D. Os benefícios do treinamento resistido em idosos. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2024.
- OLIVEIRA, E. S. R.; SOUZA, M. F. A.; SILVA, K. S. A sociabilidade como fator motivacional para a prática de atividade física em idosos: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. 1-9, 2022.
- PEREIRA, C. C. B. et al. Treinamento de força para idosos: uma revisão integrativa. **Medicus**, v. 2, n. 2, p. 6-17, fev-jul, 2020.
- RODRIGUES, F. et al. A review on aging, sarcopenia, falls, and resistance training in community-dwelling older adults. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 2, p. 1-11, 2022.
- SANTOS, A. H. A. et al. Treinamento de força como estratégia de recuperação em idosos lesionados: evidências de uma revisão integrativa da literatura, **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 11, p. 1-16, 2025.
- SILVA, J. R. et al. Sarcopenia em idosos: causas, consequências e intervenções. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 1-10, 2022.

FUNCIONALIDADE E AUTONOMIA NO ENVELHECIMENTO: ABORDAGENS DA TERAPIA OCUPACIONAL NO PÓS-ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL

Adalberto Romualdo Pereira Henrique¹.

¹Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC), Ubá, Minas Gerais.

<http://lattes.cnpq.br/7929978808706491>

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Funcionalidade. Terapia Ocupacional.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde do idoso

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional constitui uma das mais relevantes transformações demográficas contemporâneas, sendo resultado da redução das taxas de fecundidade e do aumento da expectativa de vida. No Brasil, esse processo ocorre de forma acelerada, implicando importantes desafios para os sistemas de saúde, especialmente no manejo de condições crônicas e incapacitantes (BRASIL, 2018). Entre essas condições, o Acidente Vascular Cerebral (AVC) destaca-se como uma das principais causas de mortalidade e incapacidade funcional em todo o mundo. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), o AVC é caracterizado pela interrupção do fluxo sanguíneo cerebral (seja por isquemia ou rompimento de artéria/vaso sanguíneo, resultando em sequelas motoras, sensoriais, cognitivas e emocionais, comprometendo significativamente a independência do indivíduo.

As limitações decorrentes do AVC segundo Almeida e Batista (2019) afetam diretamente a funcionalidade, entendida como a capacidade de realizar atividades de vida diária e participar socialmente. Em idosos, esses impactos tendem a ser mais expressivos, considerando as alterações fisiológicas próprias do envelhecimento e a presença frequente de comorbidades, nesse contexto, a reabilitação assume papel fundamental, com o objetivo de minimizar incapacidades e promover a recuperação funcional. Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2020), a Terapia Ocupacional destaca-se nesse processo por adotar uma abordagem centrada no indivíduo, utilizando atividades significativas como meio de intervenção para promover autonomia, independência e qualidade de vida, dessa forma, torna-se essencial compreender as contribuições da Terapia Ocupacional no cuidado ao idoso pós-AVC, considerando suas especificidades e potencialidades no processo de reabilitação.

OBJETIVO

Analisar as contribuições da Terapia Ocupacional na promoção da funcionalidade e autonomia de idosos no período pós-Acidente Vascular Cerebral, destacando as principais abordagens terapêuticas utilizadas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa. A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, PubMed e Google Scholar, utilizando os descritores: “Terapia Ocupacional”, “Acidente Vascular Cerebral”, “Envelhecimento”, “Funcionalidade” e “Reabilitação”. Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português e inglês, que abordassem a atuação da Terapia Ocupacional em idosos pós-AVC. Foram excluídos estudos com foco em outras populações ou que não apresentassem relação direta com o tema. A análise dos dados ocorreu entre os meses de janeiro a fevereiro de 2026 e o registro de dados em forma descritiva, permitindo a organização das informações em categorias temáticas relacionadas às intervenções terapêuticas e seus impactos na funcionalidade e autonomia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A funcionalidade segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) é um conceito central na área da saúde, especialmente a partir da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que a define como resultado da interação entre condições de saúde, fatores ambientais e pessoais. Essa abordagem amplia a compreensão do processo saúde-doença, incorporando dimensões sociais e contextuais. Segundo Pereira *et al.* (2021) no envelhecimento, observa-se uma redução progressiva da capacidade funcional, decorrente de alterações fisiológicas naturais. Quando associadas ao AVC, essas limitações podem ser potencializadas, resultando em incapacidades significativas que comprometem a autonomia e a participação social do indivíduo.

Segundo Santana *et al.* (2021) o AVC é uma das principais causas de incapacidade adquirida, podendo afetar funções motoras, cognitivas e emocionais. Suas sequelas impactam diretamente o desempenho ocupacional, dificultando a realização de atividades cotidianas e reduzindo a qualidade de vida.

A autonomia, nesse contexto, deve ser compreendida de forma ampliada, incluindo não apenas a independência física, mas também a capacidade de tomar decisões e exercer controle sobre a própria vida. A perda dessa autonomia pode gerar impactos psicológicos relevantes, como isolamento social e baixa autoestima.

A Terapia Ocupacional fundamenta-se em modelos teóricos que valorizam a ocupação como elemento essencial à saúde. Para a AOTA (2020) o Modelo de Ocupação Humana

(MOHO) e o Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional destacam a interação entre indivíduo, ambiente e ocupação como determinantes do desempenho funcional.

No processo de reabilitação pós-AVC, o terapeuta ocupacional realiza uma avaliação abrangente, considerando aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais. As intervenções são individualizadas e incluem:

- Treinamento de Atividades de Vida Diária (AVDs), visando independência no autocuidado;
- Reabilitação motora funcional, com estímulo ao uso do membro afetado;
- Adaptação ambiental, promovendo acessibilidade e segurança;
- Uso de tecnologia assistiva, ampliando a funcionalidade;
- Estimulação cognitiva, favorecendo funções executivas e memória;
- Intervenções psicossociais, voltadas à reintegração social.

A abordagem centrada no cliente é fundamental nesse processo, promovendo maior engajamento e adesão ao tratamento. Além disso, a atuação interdisciplinar contribui para uma abordagem integral, potencializando os resultados terapêuticos.

A neuroplasticidade segundo Pereira et al. (2021) pode ser entendida como a capacidade do sistema nervoso de reorganizar-se, fundamenta as intervenções reabilitadoras, sendo estimulada por meio de atividades repetitivas, significativas e orientadas a objetivos, assim, a Terapia Ocupacional contribui não apenas para a recuperação funcional, mas também para a reconstrução da identidade ocupacional do indivíduo, promovendo autonomia e qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terapia Ocupacional desempenha papel fundamental na reabilitação de idosos após o Acidente Vascular Cerebral, contribuindo significativamente para a promoção da funcionalidade e da autonomia, suas abordagens, centradas no indivíduo e baseadas em atividades significativas, favorecem a recuperação das capacidades físicas e cognitivas, além de promoverem a reintegração social e a melhoria da qualidade de vida.

Diante do envelhecimento populacional, torna-se essencial ampliar o acesso a serviços de reabilitação e fortalecer a atuação interdisciplinar nos diferentes níveis de atenção à saúde. Ressalta-se, ainda, a importância de políticas públicas voltadas à promoção da autonomia e independência da população idosa, por fim, destaca-se a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a temática, especialmente estudos empíricos que avaliem os impactos das intervenções da Terapia Ocupacional no contexto pós-AVC.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. H. M.; BATISTA, M. P. **Funcionalidade e envelhecimento: desafios na reabilitação**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2019.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). **Occupational therapy practice framework: domain and process**. New York, AOTA, 4. ed. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com AVC**. Brasília, 2018. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/publicacoes/diretrizes-de-atencao-a-reabilitacao-da-pessoa-com-acidente-vascular-cerebral.pdf/view>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: OPAS, 2005. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

PEREIRA, A. C. et al. **Intervenções da terapia ocupacional em pacientes com AVC: revisão sistemática**. Revista Neurociências, 2021.

SANTANA, F. C.; LIMA, E. E.; CORDEIRO, A. R. L.; BRITO, A. M. A. de; SILVA, D. M. da; SILVA, F. D. S. da; COSTA, A. L. da; ARAÚJO, J. A. S. de. A Intervenção da Terapia Ocupacional em Pacientes Pós-AVC: Uma Análise Bibliométrica. **Saúde Coletiva (Barueri)**, [S. l.], v. 17, n. 104, p. 18862–18875, 2026. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2026v17i104p18862-18875. Disponível em: <https://www.revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/3810>. Acesso em: 26 jan. 2026

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE FISÍCA

INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NA COORDENAÇÃO MOTORA GROSSA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA

Adilson de Oliveira Silva¹; Thayse Maria Ferreira Dules Silva².

¹Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/8339155335223213>

²Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arapiraca, Alagoas. <https://lattes.cnpq.br/6986070628319184>

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade. Coordenação motora grossa. Desenvolvimento infantil. TGMD-2.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Física

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento motor constitui um dos principais marcadores do desenvolvimento infantil, influenciando diretamente aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Estudos recentes indicam que crianças com melhor competência motora apresentam maior participação escolar, melhor desempenho acadêmico e maior engajamento em atividades sociais (Robinson et al., 2020; Barnett et al., 2021).

Déficits na coordenação motora grossa são frequentemente observados em crianças com alterações do neurodesenvolvimento, incluindo Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC) (Smits-Engelsman et al., 2020). No contexto brasileiro, pesquisas apontam aumento da identificação de dificuldades motoras em idade escolar, associadas a prejuízos na participação funcional e na autoestima infantil (Silva & Beltrame, 2021; Valentini et al., 2022).

A psicomotricidade, enquanto abordagem terapêutica integradora, considera o movimento como elemento estruturante da organização psíquica e relacional da criança. Intervenções psicomotoras estruturadas têm demonstrado efeitos positivos na ampliação do repertório motor e na melhoria do controle postural e da coordenação bilateral (Costa et al., 2020; Souza et al., 2023).

A avaliação padronizada por meio do Test of Gross Motor Development – Second Edition (TGMD-2) continua sendo amplamente utilizada em pesquisas nacionais para mensuração de habilidades locomotoras e de controle de objetos, permitindo acompanhamento evolutivo estruturado (Valentini et al., 2022). Diante disso, intervenções sistematizadas e frequentes podem contribuir significativamente para o aprimoramento da coordenação motora grossa e para o desenvolvimento global infantil.

OBJETIVO

Esse trabalho teve como objetivo relatar a experiência clínica de intervenções psicomotoras estruturadas no aprimoramento da coordenação motora grossa em crianças com dificuldades motoras, acompanhadas em contexto clínico multidisciplinar.

METODOLOGIA

Este é um estudo qualitativo e descritivo do tipo relato de experiência clínica, realizado com seis crianças, de idades entre 5 e 12 anos, que foram encaminhadas por apresentarem dificuldades na coordenação motora grossa, insegurança motora e prejuízos na participação em atividades físicas escolares. Parte dos participantes possuía diagnóstico de condições do neurodesenvolvimento. Para a avaliação inicial das habilidades locomotoras e de controle de objetos, aplicou-se o protocolo TGMD-2, cuja análise identificou déficits em equilíbrio dinâmico, coordenação bilateral, planejamento motor e precisão em habilidades com bola.

As intervenções ocorreram em sessões de 50 minutos, duas vezes por semana, integrando um acompanhamento longitudinal. Os programas psicomotores foram estruturados com foco na ampliação do repertório motor, organização do esquema corporal, treino de habilidades locomotoras, desenvolvimento de controle de objetos, exercícios de equilíbrio (estático e dinâmico) e sequenciamento motor. As estratégias incluíram o uso de circuitos motores progressivos, atividades temáticas lúdicas, desafios graduais e exercícios inspirados em movimentos funcionais e esportivos. Todo o processo seguiu os princípios de progressão de complexidade, repetição estruturada, feedback corretivo imediato e reforço positivo, sendo a evolução monitorada por meio de observação clínica sistematizada e comparação qualitativa dos padrões motores ao longo das semanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelaram uma melhora progressiva na coordenação motora grossa das crianças, com destaque para o equilíbrio dinâmico, a dissociação de cinturas, a coordenação bilateral e a organização espaço-temporal. Observou-se que crianças com insegurança motora inicial passaram a executar os circuitos com maior fluidez e autonomia, achados que se alinham à literatura (Smits-Engelsman et al., 2020; Valentini et al., 2022) ao indicar que intervenções estruturadas e frequentes promovem ganhos significativos nas habilidades motoras fundamentais.

Além dos ganhos motores, notaram-se melhorias comportamentais relevantes, como o aumento da atenção sustentada, maior tolerância a frustrações, redução de comportamentos de evitação e maior engajamento em atividades coletivas. Tais observações reforçam a associação entre o desenvolvimento motor e as funções executivas, conforme defendido por Robinson et al. (2020), sugerindo que práticas motoras estruturadas impactam positivamente a autorregulação. Por fim, a frequência de duas sessões semanais

mostrou-se adequada para a consolidação da aprendizagem e o refinamento dos padrões de movimento, enquanto a previsibilidade da estrutura das sessões favoreceu a adesão terapêutica, especialmente entre as crianças com perfil neurodivergente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções psicomotoras estruturadas, realizadas duas vezes por semana com duração de 50 minutos, demonstraram impacto positivo na coordenação motora grossa e na participação funcional das crianças acompanhadas. A utilização de avaliação padronizada permitiu direcionamento mais preciso do planejamento terapêutico. Os resultados reforçam a relevância de programas sistematizados e frequentes na prática clínica e evidenciam a importância da psicomotricidade como estratégia terapêutica baseada em evidências. Recomenda-se ampliação de estudos experimentais com amostras maiores e acompanhamento longitudinal para fortalecimento da produção científica nacional na área.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- BARNETT, L. M. *et al.* Motor competence and its effect on positive developmental trajectories. **Sports Medicine**, [S. l.], 2021.
- COSTA, C. L. A.; BELTRAME, T. S. Intervenções motoras em escolares brasileiros: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, [S. l.], 2020.
- ROBINSON, L. E. *et al.* Motor competence and its effect on executive function. **Developmental Review**, [S. l.], 2020.
- SILVA, P. N.; BELTRAME, T. S. Desempenho motor em escolares brasileiros. **Revista Paulista de Pediatria**, [S. l.], 2021.
- SMITS-ENGELSMAN, B. C. M. *et al.* Interventions for children with developmental coordination disorder: systematic review. **Developmental Medicine & Child Neurology**, [S. l.], 2020.
- SOUZA, M. R. *et al.* Psicomotricidade e desenvolvimento infantil: evidências atuais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S. l.], 2023.
- VALENTINI, N. C. *et al.* Desempenho motor de escolares brasileiros avaliado pelo TGMD. **Journal of Physical Education (UEM)**, [S. l.], 2022.

EFEITOS DO TREINAMENTO AQUÁTICO SOBRE ADAPTAÇÕES CARDIORRESPIRATÓRIAS E FUNCIONAIS EM ADULTOS: ANÁLISE EM CONTEXTO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Bruno Ferreira Mendes¹; Liliane Vanessa Costa Pereira Mendes².

¹Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG.

<https://lattes.cnpq.br/8162663434244096>

²Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG.

<https://lattes.cnpq.br/2665181908452650>

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação fisiológica. Capacidade funcional. Exercício aquático.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Física.

INTRODUÇÃO

O exercício físico em meio aquático tem se consolidado como uma estratégia relevante no âmbito da promoção da saúde, especialmente em função das propriedades físicas da água — empuxo, viscosidade e pressão hidrostática — que modulam de maneira significativa as respostas fisiológicas ao esforço (Becker, 2009). Tais características favorecem a redução da sobrecarga articular e promovem alterações hemodinâmicas importantes, como o aumento do retorno venoso, a redistribuição do volume sanguíneo central e a modulação da frequência cardíaca (Wilmore; Costill, 2013).

Do ponto de vista cardiorrespiratório, evidências indicam que o treinamento aquático pode induzir adaptações centrais, como aumento do débito cardíaco, e periféricas, como maior eficiência na extração e utilização de oxigênio pelos tecidos (Powers; Howley, 2017). Ademais, observa-se impacto positivo sobre a capacidade funcional, particularmente em populações adultas e de meia-idade (Ruoti; Morris; Cole, 2000).

Entretanto, apesar do crescimento da literatura, ainda são escassos os estudos que investigam essas adaptações em contextos de extensão universitária, nos quais coexistem variáveis como heterogeneidade amostral, adesão variável e menor controle experimental. Nesse sentido, torna-se pertinente analisar os efeitos de programas sistematizados de treinamento aquático em cenários aplicados.

OBJETIVO

Avaliar os efeitos de um programa de treinamento aquático sobre parâmetros cardiorrespiratórios e capacidade funcional em adultos participantes de projetos de extensão universitária.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de natureza aplicada, com objetivo explicativo e delineamento quase-experimental longitudinal, caracterizado como pesquisa de campo com intervenção. Esse delineamento permite analisar relações de causa e efeito em condições próximas à realidade, especialmente em contextos de extensão universitária.

A amostra foi composta por 34 participantes, com idades entre 38 e 62 anos, vinculados a um programa de extensão universitária desenvolvido em Minas Gerais. Como critérios de inclusão, foram considerados indivíduos aparentemente saudáveis e não praticantes regulares de exercício físico estruturado nos três meses anteriores ao início do estudo, garantindo maior homogeneidade das respostas ao treinamento.

O protocolo de intervenção teve duração de 12 semanas, com frequência de três sessões semanais de 50 minutos. As sessões foram estruturadas em três fases: aquecimento (10 minutos), fase principal (30 minutos — composta por exercícios aeróbios intervalados e resistidos utilizando a resistência do meio aquático) e volta à calma (10 minutos), respeitando princípios do treinamento físico.

A intensidade do esforço foi monitorada por meio da percepção subjetiva de esforço, utilizando a escala de Borg, e pela frequência cardíaca, permitindo controle adequado da carga de treinamento. Tal monitoramento contribui para a segurança e eficácia da intervenção, especialmente em populações adultas.

As variáveis analisadas incluíram: frequência cardíaca de repouso (FC_{rep}), pressão arterial (PA), capacidade funcional (teste de caminhada de seis minutos), força de membros inferiores (teste de sentar e levantar) e flexibilidade (teste de sentar e alcançar). Esses instrumentos são amplamente utilizados na literatura por sua validade e aplicabilidade em contextos clínicos e funcionais.

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva e inferencial, com aplicação do teste t pareado para comparação entre os momentos pré e pós-intervenção, adotando-se nível de significância de $p < 0,05$. O estudo seguiu as diretrizes éticas da Resolução CNS nº 466/12, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da instituição (Parecer nº 5.175.141).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram redução significativa da frequência cardíaca de repouso ($p < 0,01$) e aumento da distância percorrida no teste de caminhada de seis minutos ($p < 0,01$), indicando melhora da capacidade cardiorrespiratória. Tais achados corroboram evidências que associam o treinamento aeróbio em meio aquático a adaptações cardiovasculares mediadas pela pressão hidrostática, com impacto no retorno venoso e no volume sistólico (Wilmore; Costill, 2013).

Observou-se, ainda, aumento significativo da força de membros inferiores ($p < 0,05$), possivelmente decorrente da resistência multidirecional imposta pela água, que favorece maior recrutamento de unidades motoras (Becker, 2009). A melhora da flexibilidade ($p < 0,05$) reforça o papel do meio aquático na facilitação do movimento, em função da redução da ação gravitacional e do suporte corporal.

Não foram observadas alterações significativas na pressão arterial, o que pode ser explicado pelo perfil predominantemente normotenso da amostra, em consonância com achados prévios (Powers; Howley, 2017). Do ponto de vista aplicado, os resultados indicam que, mesmo em contextos com menor controle experimental, como programas de extensão universitária, o treinamento aquático é capaz de promover adaptações fisiológicas relevantes.

TABELA 1 – Efeitos do treinamento aquático sobre parâmetros cardiorrespiratórios e funcionais.

Variável	Pré-intervenção (M $\pm$ DP)	Pós-intervenção (M $\pm$ DP)	p-valor
Frequência cardíaca de repouso (bpm)	78,4 $\pm$ 8,2	72,1 $\pm$ 7,5	<0,01
Distância no teste de caminhada (m)	512,3 $\pm$ 64,5	568,7 $\pm$ 70,2	<0,01
Força de membros inferiores (rep.)	14,2 $\pm$ 3,1	17,8 $\pm$ 3,6	<0,05
Flexibilidade (cm)	21,5 $\pm$ 6,8	26,9 $\pm$ 7,2	<0,05
Pressão arterial sistólica (mmHg)	122,6 $\pm$ 10,4	121,3 $\pm$ 9,8	>0,05
Pressão arterial diastólica (mmHg)	78,9 $\pm$ 7,6	77,8 $\pm$ 7,2	>0,05

Tabela 1. Efeitos de um programa de treinamento aquático sobre parâmetros cardiorrespiratórios e funcionais em adultos participantes de projeto de extensão universitária (N = 34). Os dados são apresentados em média $\pm$ desvio padrão (DP). A comparação entre os momentos pré e pós-intervenção foi realizada por meio do teste t pareado. Nível de significância adotado: $p < 0,05$.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o treinamento aquático promove adaptações cardiorrespiratórias e funcionais significativas em adultos, mesmo em contextos aplicados de extensão universitária. Além disso, os achados reforçam a relevância dessa modalidade como

estratégia segura, eficaz e acessível para a promoção da saúde, com potencial de inserção em programas institucionais e políticas públicas voltadas à melhoria da qualidade de vida.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BECKER, Bruce E. **Aquatic therapy: scientific foundations and clinical rehabilitation applications**. PM&R, v. 1, n. 9, p. 859–872, 2009.

POWERS, Scott K.; HOWLEY, Edward T. **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho**. 8. ed. São Paulo: Manole, 2017.

RUOTI, Richard G.; MORRIS, David M.; COLE, Andrew J. **Aquatic rehabilitation**. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2000.

WILMORE, J. H.; COSTILL, D. L. **Fisiologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Manole, 2013

ADAPTAÇÕES NEUROMUSCULARES E MECÂNICAS DECORRENTES DO TREINAMENTO INTERVALADO EM ATLETAS INICIANTEs

Bruno Ferreira Mendes¹; Liliane Vanessa Costa Pereira Mendes².

¹Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG.

<https://lattes.cnpq.br/8162663434244096>

²Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG.

<https://lattes.cnpq.br/2665181908452650>

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação neuromuscular. Economia de corrida. Treinamento intervalado.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Física.

INTRODUÇÃO

O treinamento intervalado de alta intensidade (High-Intensity Interval Training – HIIT) tem sido amplamente investigado nas últimas décadas, sendo reconhecido como uma estratégia eficiente para promover adaptações fisiológicas e neuromusculares em curto período de tempo (Buchheit; Laursen, 2013). No contexto do atletismo, sua aplicação está diretamente associada à melhora do desempenho aeróbio e anaeróbio, bem como à otimização da economia de corrida, variável determinante para o rendimento esportivo (Saunders et al., 2004).

A economia de corrida, entendida como o custo energético necessário para sustentar determinada velocidade submáxima, depende de fatores biomecânicos e neuromusculares, incluindo coordenação intermuscular, rigidez musculotendínea e padrão de recrutamento de unidades motoras (Barnes; Kilding, 2015). Nesse sentido, o HIIT pode promover adaptações que transcendem o sistema cardiovascular, impactando diretamente a eficiência mecânica do movimento.

Entretanto, grande parte dos estudos concentra-se em atletas treinados, havendo lacuna na literatura quanto aos efeitos dessas intervenções em indivíduos iniciantes, especialmente em contextos formativos, como cursos de Educação Física. Tal investigação torna-se relevante, uma vez que adaptações iniciais podem diferir qualitativamente daquelas observadas em atletas experientes.

OBJETIVO

Analisar os efeitos de um protocolo de treinamento intervalado de alta intensidade sobre adaptações neuromusculares e mecânicas, com ênfase na economia de corrida, em atletas iniciantes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de natureza aplicada, com objetivos explicativos e delineamento experimental controlado, caracterizado como pesquisa de campo. Esse tipo de delineamento permite maior controle das variáveis intervenientes, favorecendo a análise de relações causais entre a intervenção e os desfechos observados. A amostra foi composta por 28 acadêmicos de Educação Física, com idades entre 20 e 30 anos, distribuídos em grupo experimental ($n=14$) e grupo controle ($n=14$). Como critérios de inclusão, foram considerados indivíduos sem histórico de treinamento sistematizado nos últimos seis meses, garantindo maior sensibilidade às adaptações induzidas pelo treinamento.

O protocolo experimental consistiu em oito semanas de treinamento intervalado, com três sessões semanais. As sessões foram estruturadas em esforços de alta intensidade (85–95% da frequência cardíaca máxima) intercalados com períodos de recuperação ativa, respeitando princípios de sobrecarga e especificidade do treinamento. As variáveis analisadas incluíram consumo de oxigênio em intensidade submáxima (indicador de economia de corrida), tempo de contato com o solo, frequência e comprimento de passada, atividade eletromiográfica dos músculos reto femoral e gastrocnêmio, além do tempo até a exaustão em teste incremental. Essas variáveis permitem avaliação integrada dos aspectos fisiológicos, biomecânicos e neuromusculares do desempenho.

A coleta de dados foi realizada em laboratório de fisiologia do exercício e em pista de atletismo, garantindo condições controladas e ecológicas para a análise. A análise estatística foi conduzida por meio de ANOVA de medidas repetidas, com aplicação do pós-teste de Bonferroni, adotando-se nível de significância de $p<0,05$. O estudo seguiu as diretrizes éticas da Resolução CNS nº 466/12, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Parecer nº 73713223.5.0000.9667).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram redução significativa do consumo de oxigênio em velocidade submáxima ($p<0,01$), indicando melhora da economia de corrida. Esse achado sugere maior eficiência mecânica, possivelmente decorrente de adaptações neuromusculares que otimizam o recrutamento de unidades motoras, conforme proposto por Barnes e Kilding (2015). Observou-se também redução do tempo de contato com o solo ($p<0,05$) e aumento da frequência de passada ($p<0,05$), parâmetros associados à melhoria

da eficiência biomecânica da corrida. Tais modificações indicam maior rigidez do sistema musculotendíneo, fator determinante para o armazenamento e reutilização de energia elástica (Saunders et al., 2004).

A análise eletromiográfica revelou aumento da ativação muscular durante a fase de propulsão, sugerindo adaptação neural com maior sincronização e recrutamento eficiente de fibras musculares. Esses achados reforçam que o HIIT promove não apenas adaptações metabólicas, mas também neuromusculares, especialmente em indivíduos não treinados (Buchheit; Laursen, 2013). Além disso, o aumento do tempo até a exaustão ($p < 0,01$) evidencia melhora integrada dos sistemas energético e neuromuscular. Do ponto de vista aplicado, os resultados indicam que intervenções de curta duração podem gerar adaptações significativas em atletas iniciantes, com implicações diretas para o ensino do atletismo e a prescrição do treinamento em contextos acadêmicos.

TABELA 1 – Adaptações neuromusculares e mecânicas após treinamento intervalado

Variável	Pré-intervenção (M ± DP)	Pós-intervenção (M ± DP)	p-valor
Consumo de O ₂ submáximo (mL·kg ⁻¹ ·min ⁻¹)	38,6 ± 4,2	34,9 ± 3,8	<0,01
Tempo de contato com o solo (ms)	285,4 ± 32,1	261,7 ± 28,5	<0,05
Frequência de passada (passos/min)	162,3 ± 8,7	170,8 ± 9,1	<0,05
Ativação muscular (EMG – % RMS)	68,5 ± 10,2	79,4 ± 11,6	<0,05
Tempo até a exaustão (min)	8,6 ± 1,4	11,2 ± 1,7	<0,01

Tabela 1. Efeitos de um programa de treinamento intervalado de alta intensidade sobre variáveis neuromusculares e mecânicas relacionadas à economia de corrida em atletas iniciantes (N = 28). Os dados são apresentados em média ± desvio padrão (DP). A análise estatística foi realizada por meio de ANOVA de medidas repetidas, com pós-teste de Bonferroni. Nível de significância adotado: $p < 0,05$. EMG: eletromiografia; RMS: root mean square.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O treinamento intervalado de alta intensidade promove adaptações neuromusculares e mecânicas relevantes em atletas iniciantes, contribuindo de forma significativa para a melhora da economia de corrida e do desempenho físico. Além disso, os achados reforçam a importância de considerar, na prescrição do treinamento, não apenas variáveis fisiológicas clássicas, mas também aspectos biomecânicos e neurais. No contexto da formação em Educação Física, a aplicação desse modelo pode potencializar o desenvolvimento técnico, científico e pedagógico dos estudantes.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BARNES, K. R.; KILDING, A. E. **Running economy: measurement, norms, and determining factors**. *Sports Medicine*, v. 45, n. 1, p. 37–49, 2015.

BUCHHEIT, M.; LAURSEN, P. B. **High-intensity interval training, solutions to the programming puzzle: part I: cardiopulmonary emphasis**. *Sports Medicine*, v. 43, n. 5, p. 313–338, 2013.

SAUNDERS, P. U. et al. **Factors affecting running economy in trained distance runners**. *Sports Medicine*, v. 34, n. 7, p. 465–485, 2004.

IMPACTO DO EXTRATO DE ROMÃ NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA

Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Brenno Barbosa Martins³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Helena Monteiro de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

⁴Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasia. Próstata. Romã.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Física.

INTRODUÇÃO

Aproximadamente 175.000 homens são diagnosticados com câncer de próstata (CP) em todo o mundo. Entretanto, com o avanço das ferramentas diagnósticas e da padronização do manejo dessa patologia, grande parte dos novos casos dessa neoplasia são de baixo grau, apresentando uma progressão indolente. Apesar disso, o câncer de próstata ainda representa uma importante causa de morbimortalidade entre a população masculina, especialmente em estágios mais avançados da doença. Nesse sentido, torna-se fundamental a busca por estratégias terapêuticas e preventivas que possam atuar na modulação dos mecanismos envolvidos na tumorigênese (Jarrard *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, a romã destaca-se como uma fruta que contém uma rica oferta de polifenóis e de flavonoides, sendo bem tolerada e possuindo propriedades anticancerígenas. Esse fruto e seus extratos exibem efeitos antiproliferativos e pró-apoptóticos, por meio da inibição do fator nuclear kB, que está envolvido no estabelecimento do estado inflamatório, além do aumento das reservas de células-tronco no microambiente. Tais condições são desencadeadoras de neoplasias, ao promoverem, concomitantemente, uma hiperestimulação replicativa e uma instabilidade genômica, com a ativação de proto-oncogenes associada a danos a genes supressores tumorais (Sharma; McClees; Afaq, 2017); (Prasad; Gupta; Tyagi, 2017).

Graus elevados de fator de crescimento semelhante à insulina tipo 1 (IGF-1) são fortemente associados ao desenvolvimento e progressão do CP. Paralelamente, estudos pré-clínicos demonstram que o extrato de romã promove o aumento da expressão de proteínas neutralizadoras do IGF-1, elucidando uma inibição da tumorigênese e da metástase. Nesse contexto, a modulação do eixo IGF-1 reforça os mecanismos previamente descritos relacionados à ação antiproliferativa e pró-apoptótica da romã. Dessa forma, observa-se que os compostos bioativos presentes nesse fruto podem atuar de maneira integrada na redução de processos inflamatórios e proliferativos envolvidos na carcinogênese prostática (Koyama *et al.*, 2010).

OBJETIVO

Esse trabalho objetiva analisar os achados literários e sintetizar os principais efeitos da romã no tratamento e prevenção do câncer de próstata.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura sobre o tema, para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes fases: A) identificação do tema da pesquisa; B) procura na base de dados; C) análise e inclusão dos estudos elegíveis; D) compreensão dos resultados; E) elaboração do resumo.

A procura dos estudos foi realizada no mês de janeiro de 2026 por meio de busca online de publicações que atendessem a pergunta da pesquisa. Foi utilizada a base de dados base de dados PubMed (*National Library of Medicine*). A busca evidenciou três artigos pertinentes, utilizados para a elaboração da revisão. Para auxiliar a busca, foram utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) no idioma inglês: “*punica granatum*” e “*neoplasms*”, além do operador booleano “AND”.

No decorrer da pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os seguintes fatores de inclusão: artigos publicados em inglês. Os fatores de exclusão utilizados foram: artigos que não possuísem texto completo disponível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sharma, McClees e Afaq (2017) analisaram a atividade antioxidante da romã em comparação à vitamina E, β -caroteno e ácido ascórbico, sintetizando que os antioxidantes da romã se mostram únicos em relação aos demais, devido à combinação de uma ampla variedade de polifenóis, apresentando um alcance maior de ação contra vários tipos de radicais livres, conferindo-lhe grande potencial antitumorigênico (Sharma; McClees; Afaq, 2017).

Adicionalmente, Sharma, McClees e Afaq (2017) também evidenciaram que o tratamento de células neoplásicas prostáticas humanas com óleo de semente de romã (OSR), reduziu a proliferação celular, levando as células ao ponto de checagem G2 do ciclo celular e induzindo apoptose. Relatou-se que a modulação das quinases dependentes de ciclinas (CDKs), reguladoras da progressão celular, constituiu o principal mecanismo envolvido nos efeitos pró-apoptóticos e anti-proliferativos da romã, visto que a inibição de CDKs específicas induz ao suicídio de células mutadas (Sharma; McClees; Afaq, 2017).

A morte celular programada induzida pelo OSR foi acompanhada por aumento de poli-ADP ribose polimerase (PARP) clivado, um marcador típico da clivagem causada pelas caspases efetoras. Dessa forma, o fenômeno é causado pela diminuição das proteínas anti-apoptóticas da família Bcl-2/Bcl-xl, com o aumento simultâneo das proteínas pró-apoptóticas Bax/Bak, esse desequilíbrio gerado pelo OSR foi responsável pela sensibilização da membrana mitocondrial e consequente ativação da via intrínseca do processo apoptótico (Sharma; McClees; Afaq, 2017).

Segundo Jarrard *et al.* (2021) a romã é responsável por elevar proteínas de ligação que são responsáveis por neutralizar o efeito pró-tumorigênico de citocinas inflamatórias, sobretudo o IGF-1. Contudo, tal afirmação não se consolidou como consenso na literatura, uma vez que outros estudos não encontraram esse mesmo desfecho associado ao fruto, encontrando outras evidências que validam a ação antioxidante da romã, como a evidência de que o marcador de estresse oxidativo 8-hidroxi-2'-desoxiguanosina (8-OHdG) de pacientes em uso do extrato da romã (ER) apresentou uma redução em relação ao grupo placebo (Jarrard *et al.*, 2021).

De acordo com Pantuck *et al.* (2015) o consumo oral de suco de romã não produziu efeitos colaterais e aumentou significativamente o tempo de duplicação do PSA (TDPSA) em homens com CP. Tal resultado no ensaio clínico randomizado (ECR), evidencia as propriedades anti-inflamatórias e pró-apoptóticas propiciada pela romã por meio de mecanismos elucidados anteriormente (Pantuck *et al.*, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fruto da romã, assim como seu suco e óleo mostram-se agentes quimiopreventivos/quimioterapêuticos promissores para a prevenção e tratamento do câncer de próstata, uma vez que possuem substâncias químicas em seus componentes com propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e antiproliferativas, ao modular múltiplas vias de sinalização. Entretanto, são necessários estudos com desfechos primários mais assertivos sobre quais biomarcadores proliferativos são influenciados mais diretamente pelos polifenóis contidos na romã. Ademais, há evidências consistentes de aumento do tempo de duplicação do PSA (TDPSA), elucidadas em alguns ensaios controlados. Logo, dados consideráveis demonstram a eficácia *in vitro* e *in vivo* da romã contra o crescimento e a promoção do câncer.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

JARRARD, David *et al.* A phase II randomized placebo-controlled trial of pomegranate fruit extract in men with localized prostate cancer undergoing active surveillance. *Prostate*, v. 81, n. 1, p. 41–49, 2021.

KOYAMA, Satomi *et al.* Pomegranate extract induces apoptosis in human prostate cancer cells by modulation of the IGF-IGFBP axis. *Growth Hormone & IGF Research*, v. 20, n. 1, p. 55–62, 2010.

PANTUCK, A. J. *et al.* A randomized, double-blind, placebo-controlled study of the effects of pomegranate extract on rising PSA levels in men following primary therapy for prostate cancer. *Prostate Cancer and Prostatic Diseases*, v. 18, n. 3, p. 242–248, 2015.

PRASAD, Sahdeo; GUPTA, Subash C.; TYAGI, Amit K. Reactive oxygen species (ROS) and cancer: role of antioxidative nutraceuticals. *Cancer Letters*, v. 387, p. 95–105, 2017.

SHARMA, Pooja; MCCLEES, Sarah F.; AFAQ, Farrukh. Pomegranate for prevention and treatment of cancer: an update. *Molecules*, v. 22, n. 1, p. 177, 2017.

A RELAÇÃO ENTRE O AUMENTO DOS CÂNCERES DE ESÔFAGO E A DOENÇA DE CHAGAS

Brenno Barbosa Martins¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Monteiro Helena de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

⁴ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Câncer. Chagas. Esôfago.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde física

INTRODUÇÃO

Os cânceres de esôfago são caracterizados com base em seus aspectos histológicas, englobando o carcinoma de células escamosas (CCE) e o adenocarcinoma. Nos últimos anos, principalmente nos países menos desenvolvidos, a incidência de CCE esofágico é maior comparado aos países do ocidente. Além disso, a incidência de adenocarcinoma esofágico cresceu ligeiramente durante o mesmo período na parte ocidental do mundo (Wang et al., 2025).

A doença de Chagas é uma das enfermidades de enorme expansão no continente americano. Existe mais de 100 espécies que são protagonistas no repasse natural da infecção pelo *Trypanosoma cruzi*, impactando de forma direta na sua propagação no ambiente domiciliar ou participando na manutenção da enzootia chagásica. Diante disso, uma das principais complicações crônicas dessa doença é o megaesôfago, no qual pode evoluir para uma acalasia, um distúrbio da motilidade esofágica, sendo um fator etiológico no desenvolvimento do carcinoma espinocelular do esôfago (CEE). Tais condições estão associadas a uma mutação no gene supressor de tumor (TP53), responsável por essa instabilidade genômica. (Vinhaes; Dias, 2000) (Lacerda et al., 2017).

É válido ressaltar que no Brasil o CCE é mais incidente que o adenocarcinoma, sendo diretamente relacionado à alta quantidade de casos de chagas no país. Por esse motivo é de suma importância pesquisas e estudos a respeito dessa associação e suas

complicações na saúde física da população mundial (Lacerda et al., 2017).

OBJETIVO

Esse trabalho tem como finalidade analisar os achados na literatura científica e sintetizar a relação entre a doença de Chagas e o aumento nos casos do câncer de esôfago.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão de literatura, acerca do tema proposto. Para a realização da pesquisa, foram seguidas as seguintes etapas: (A) definição do tema; (B) busca de estudos na base de dados selecionada; (C) análise e seleção dos estudos elegíveis; (D) interpretação dos resultados encontrados; e (E) elaboração do presente resumo.

A seleção dos estudos foi realizada no mês de janeiro de 2026, por meio de busca online de publicações científicas que respondessem à pergunta da pesquisa. A base de dados utilizada foi a National Library of Medicine (PubMed). A estratégia de busca resultou na identificação de dois artigos pertinentes ao tema, os quais foram utilizados para a elaboração deste resumo.

Para auxiliar na busca, foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), no idioma inglês: “Esophagus Neoplasm” e “Chagas Disease”, associados ao operador booleano “AND”. Como critérios de inclusão, foram considerados artigos publicados em língua inglesa e com texto completo disponível. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados estudos com tempo de publicação superior a dez anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O carcinoma de esôfago é considerado a 7ª neoplasia maligna incidental mais comum do mundo, com mais de 572000 novos casos ao ano. Os fatores etiológicos para essa enfermidade são diversos, como o consumo excessivo álcool e o tabagismo, porém um dos fatores muito pouco explorado é o megaesôfago chagásico, uma manifestação tardia da doença de chagas caracterizado pela dilatação do órgão, sendo endêmica em diversos países, principalmente na América Latina. A associação estabelecida entre a neoplasia esofágica e o megaesôfago do chagas está intimamente relacionada à esofagite crônica, causada pela estase do alimento, como também pela presença de maior duração da mucosa com carcinógenos alimentares (Martins et al., 2019) (Adad et al., 2002).

Além disso, mais uma complicação dessa patologia na transmissão do protozoário trypanosoma cruzi é a acalasia, sendo mais comum em casos crônicos, podendo ser resultado do dano no plexo mioentérico, uma destruição neural que pode desencadear contrações descoordenadas e atenuação nos movimentos involuntários dos órgãos,

podendo assim levar ao aumento do esôfago, em concomitância, causando odinofagia, disfagia, epigastralgia e desnutrição (Martins et al., 2019).

O câncer de esôfago pode se subdividir em dois grupos histológicos, carcinoma de células escamosas (CCE) é o adenocarcinoma de esôfago (AE), mas destaca-se o CCE, que vem sendo muito associado às complicações da enfermidade de chagas, como a acalasia e o aumento do esôfago. Essa patologia se deve, principalmente, por uma mutação em um gene supressor de tumor, chamado TP53. Esse gene é considerado disparado um dos mais comuns de sofrer mutação, com uma frequência de modificação genética aproximada de 60% em uma análise do sequenciamento genético. No Brasil, por exemplo, foi observado que 33 % das pessoas com CCE tinham uma alteração no gene TP53, sendo notório tal associação (Lacerda et al., 2017).

Ademais, as mutações no gene supressor do tumor ocorrem de forma predominante dos exons 5 a 8, acarretando uma inibição funcional da proteína, como também foi encontrado nos estudos mutações nos códons 151 e 275, seguidos pelos genes 195, 196, 248, 273, 282, 285. Diante do exposto, o códon 151 mesmo não sendo de um ponto quente, ou seja, suscetível a alterações, a sua mutação resulta em modificações estruturais, no que leva a mudanças significativas na P53 e, por conseguinte, na progressão dos tumores. Da mesma forma acontece com o códon 275, não sendo um gene de fácil modificação, porém o Cys275Phe é uma mutação somática deletéria que desencadeia alteração estrutural da proteína P53, podendo assim aumentar a probabilidade de câncer (Lacerda et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, foi concluído que a doença de Chagas tem impacto direto no desenvolvimento da neoplasia de esôfago, no qual as complicações crônicas da doença, como o megaesôfago e os danos neurais, são considerados fatores de risco para o câncer. Outrossim, a estase alimentar e o contato prolongado da mucosa com alimentos cancerígenos, por causa da dilatação dos órgãos, tem papel crucial no agravamento da patologia. Além disso, foi confirmado nos estudos que alterações, principalmente, nos códons 151 e 275 decorrente do megaesôfago chagásico podem levar a mudanças estruturais na p53 e, conseqüentemente, tumores de garganta. Desse modo, é visível à relação do Chagas com o crescente número de casos do carcinoma mostrado.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ADAD, S. J. et al. **Association of chagasic megacolon and cancer of the colon: case report and review of the literature.** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, Uberaba, v. 35, p. 63-68, 2002.

LACERDA, C. F. et al. **Mutational profile of TP53 in esophageal squamous cell carcinoma associated with chagasic megaesophagus.** *Diseases of the Esophagus*, v. 30, n. 4, p.

1-9, abr. 2017.

MARTINS, M. C. L. et al. **Chagasic megaesophagus-associated carcinoma: clinical pattern and outcomes.** *Journal of Global Oncology*, v. 5, p. 1-5, ago. 2019.

VINHAES, M. C.; DIAS, J. C. P. **Doença de Chagas no Brasil.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, p. S7-S12, 2000.

WANG, Yating et al. **Esophageal cancer.** In: *STATPEARLS*. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing, 2025. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/>. Acesso em: 22 mar. 2026.

O USO NÃO TERAPÊUTICO DOS ANABOLIZANTES E OS SEUS IMPACTOS NA FERTILIDADE MASCULINA

Brenno Barbosa Martins¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros³ Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Monteiro Helena de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

⁴ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵ Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Abuso. Anabolizantes. Infertilidade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde física.

INTRODUÇÃO

Os esteroides anabolizantes (EA) são derivados da testosterona, no qual podem ser utilizados muitas vezes para fins terapêuticos no tratamento de algumas doenças, como a sarcopenia e a osteoporose. Ademais, a EA é considerada detenta de dois efeitos principais: O anabólico e o andrógeno, sendo o primeiro responsável pela fixação do nitrogênio e, em concomitância, uma maior síntese proteica. É justo nesse mecanismo que muitos atletas se atraem ao uso dessa substância, buscando um melhor desempenho, além de muitos jovens se interessarem por motivos estéticos (Dartora; Wartchow; Rodríguez Acelas, 2014) (Abrahin; Sousa, 2013).

Nos últimos anos, principalmente com o crescimento da rede social, mais adolescentes são motivados a utilizar os esteroides, com o idealismo de que um corpo estético seria correspondente a um corpo saudável. Todavia, esse uso indiscriminado sem o acompanhamento adequado pode trazer alguns malefícios, especialmente quando se trata do consumo dos anabolizantes para fins não terapêuticos (Hashimi, 2022); (Dartora; Wartchow; Rodríguez Acelas, 2014).

Diante do exposto, um dos principais estorvos relacionados ao uso do EA, é o aumento dos casos de infertilidade masculina, devido às quantidades suprafisiológicas de testosterona, podendo desencadear um desequilíbrio no eixo hormonal e, por conseguinte, prejudicando a saúde sexual e fertilidade do indivíduo (Hashimi, 2022).

OBJETIVO

Esse trabalho tem como finalidade analisar os achados na literatura científica e sintetizar sobre os impactos na fertilidade masculina devido ao uso abusivo dos anabolizantes.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão de literatura, acerca do tema proposto. Para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes etapas: (A) identificação do tema da pesquisa; (B) busca na base de dados; (C) análise e seleção dos estudos elegíveis; (D) compreensão e interpretação dos resultados; e (E) elaboração do resumo.

A busca dos estudos foi realizada no mês de fevereiro de 2026, por meio de pesquisa online de publicações que atendessem ao tema da investigação. A busca evidenciou dois artigos pertinentes, os quais foram utilizados para a elaboração do presente resumo. Como base de dados, foi utilizado o PubMed.

Para auxiliar a busca, foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), no idioma inglês: “Anabolic Agents” e “Infertility”, associados ao operador booleano “AND”. Durante a pesquisa nas bases de dados, foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados em inglês e com texto completo disponível. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos com tempo de publicação superior a dez anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mercado dos anabolizantes vem crescendo a cada dia, principalmente no meio atlético, sendo esse composto decorrente do hormônio testosterona, no qual as funções fisiológicas dessas duas substâncias são basicamente idênticas. Este hormônio tem duas atividades: o desenvolvimento secundário de características masculinas, como também tem um papel no crescimento muscular. No entanto, o uso abusivo e prolongado desses análogos de testosterona pode desencadear uma desarmonia no eixo hipotálamo-hipófise-gonadal (HHG) e, conseqüentemente, levando a distúrbios sexuais, como a redução do testículo, hipogonadismo, infertilidade e a disfunção erétil (Esposito et al., 2023).

Isso decorre do fato de que a utilização dos esteroides, por meio de um feedback negativo, inibe esse eixo hormonal, desencadeando a inativação do GnRH e, em concomitância, o FSH e o LH são suprimidos, levando assim a uma atenuação nos níveis de testosterona intratesticular e a total. Essa diminuição do hormônio, responsável pelas características masculinas, induz ao hipogonadismo, uma condição a qual deixa o homem mais propenso à disfunção erétil e a diminuição da libido. Ademais, a infertilidade é um dos colaterais mais recorrentes, podendo estar associado a vários fatores, como a azoospermia, oligospermia e também a atrofia testicular (Esposito et al., 2023).

Além disso, a infertilidade, que é caracterizada como a não capacidade de conceber uma nova vida por mais de um ano, foi uma das reações adversas mais incômodas encontradas em um estudo prospectivo randomizado, no qual é revelado que dentre os 520 pacientes que consumiram os EA, 18%, correspondente a 94 pessoas, tiveram um prejuízo na sua fertilidade. Outrossim, dentre esses 94 indivíduos, 61 apresentaram oligospermia e 31 se mostraram com ausência de esperma (azoospermia). Foi mostrado também nesse mesmo estudo randomizado que 79% dos homens apresentaram alguma alteração no sêmen e 34% tiveram uma atrofia no testículo (Hashimi, 2022).

Diante desses resultados, foi feito no estudo um tratamento com uma parcela dos afetados pelos colaterais, no qual começaram a perceber uma notória redução dos estorvos somente em 6 meses a 1 ano de acompanhamento, sendo os que não receberam o tratamento permaneceram com problemas de fertilidade ao longo dos anos, sendo visível o prejuízo desse produto ao decorrer do tempo (Hashimi, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é evidente que o uso indiscriminado dos esteroides anabolizantes (EA) pode trazer malefícios à qualidade de vida dos consumidores, prejudicando suas vidas sexuais. Isso decorre do fato de que os análogos de testosterona podem desregular o eixo hipotálamo-hipófise-gonadal, associado às funções fisiológicas inerentes ao corpo humano, principalmente relacionadas a reprodução masculina, podendo causar atrofia testicular e alterações no sêmen, levando assim a casos de infertilidade. Dessa forma, é aparente os impactos negativos na fertilidade do homem ao se utilizar os EAs para fins não terapêuticos.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ABRAHIN, O. S. C.; SOUSA, E. C. de. **Esteroides anabolizantes androgênicos e seus efeitos colaterais: uma revisão crítico-científica.** *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 24, p. 669-679, 2013.

DARTORA, W. J.; WARTCHOW, K. M.; RODRÍGUEZ ACELAS, A. L. **O uso abusivo de esteroides anabolizantes como um problema de saúde pública.** *Revista Cuidarte*, Bucaramanga, v. 5, n. 1, p. 689-693, jun. 2014.

ESPOSITO, M. et al. **Impact of anabolic androgenic steroids on male sexual and reproductive function: a systematic review.** *Panminerva Medica*, v. 65, n. 1, mar. 2023.

HASHIMI, M. A. **The deleterious effects of anabolic androgenic steroid abuse on sexual and reproductive health and comparison of recovery between treated and untreated patients: single-center prospective randomized study.** *Andrologia*, v. 54, n. 11, p. e14576, 2022.

ADOECIMENTO NEUROLÓGICO EM MÉDICOS BRASILEIROS (2013-2022) UMA ANÁLISE DA MORTALIDADE E A INFLUÊNCIA DOS FATORES DE RISCO

Bruna de Souza Ferreira¹; Isabela Luiza Pacheco Rodrigues²; Marya Eduarda de Melo Camilo Mendanha³; Fabiano Inácio de Souza⁴.

¹Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

²Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/7700244285082906>

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/0036994288585661>

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/8305270225089632>

PALAVRAS-CHAVE: Mortalidade. Doenças neurológicas. Médicos.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Física.

INTRODUÇÃO

As doenças neurológicas figuram entre as principais causas de morbimortalidade global, sendo responsáveis por expressivo número de óbitos anuais (Feigin et al., 2019; GBD Neurology Collaborators, 2016). Em grupos profissionais específicos, como médicos, a exposição a fatores ocupacionais (incluindo estresse crônico e elevada carga de trabalho) pode contribuir para maior vulnerabilidade a essas condições, além da interação com fatores de risco modificáveis e não modificáveis. No contexto brasileiro, a caracterização demográfica dessa população é essencial para compreensão do fenômeno (Scheffer et al., 2023). Apesar disso, ainda são limitados os estudos que investigam o perfil de mortalidade neurológica nessa população. Nesse cenário, o presente estudo propõe analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por causas neurológicas entre médicos no Brasil, no período de 2013 a 2022, com base em dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (DATASUS).

OBJETIVO

Analisar o perfil epidemiológico da mortalidade por adoecimento neurológico entre médicos brasileiros no período de 2013 a 2022, fomentando o estudo em saúde física do grupo populacional analisado, a fim de identificar a prevalência de óbitos, descrever o perfil desses e discutir possíveis fatores a eles associados à luz da literatura.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, de natureza aplicada, com objetivos descritivos e exploratórios, realizado por meio de pesquisa documental e estudo ecológico retrospectivo (ex-post-facto). Os dados foram obtidos a partir do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponibilizado pelo Departamento de Informática do SUS (DATASUS), utilizando registros oficiais de óbitos no território brasileiro. A população do estudo compreendeu médicos brasileiros, identificados conforme classificação ocupacional registrada nos atestados de óbito, no período de 2013 a 2022. Foram incluídos todos os óbitos cuja causa básica estivesse classificada no Capítulo VI da Classificação Internacional de Doenças, CID-10 (códigos G00–G99), correspondente às doenças do sistema nervoso. A coleta de dados foi realizada por meio de extração tabular das variáveis: ano do óbito, causa básica (CID-10), frequência absoluta e proporção relativa. Não houve intervenção direta, caracterizando-se como estudo observacional.

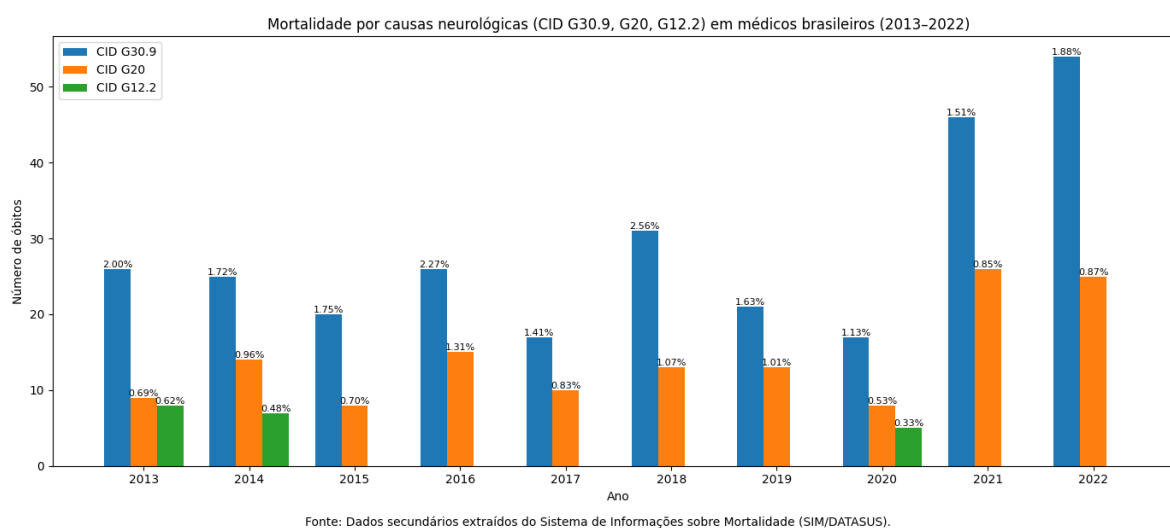
A análise dos dados foi conduzida por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas, relativas e análise de tendência temporal ao longo da série histórica. Os resultados foram organizados em tabelas e analisados comparativamente entre os anos. Por tratar-se de estudo produzido por dados secundários de domínio público, sem identificação individual dos participantes, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme preconizado pelo Conselho Nacional de Saúde, em consonância com a Resolução CNS nº 510/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período analisado, registraram-se 14.896 óbitos de médicos no Brasil, dos quais 673 (4,52%) foram decorrentes de patologias neurológicas. A série revelou estabilidade proporcional até 2020, com média de 55 óbitos anuais, seguida de uma ascensão em 2021, com 112 registros, e em 2022 com 119. A Doença de Alzheimer (G30.9) e a Doença de Parkinson (G20) foram as causas mais comuns em todos os anos, com total de 425 ocorrências, evidenciando o impacto de fatores não modificáveis ligados ao envelhecimento.

Contudo, a redução da representatividade relativa entre 2020 e 2022, com 227 mortes registradas no agrupamento G dentre um total de 7441, sugere um deslocamento da causa básica pela COVID-19 ou subnotificação. No que se refere aos fatores modificáveis, a literatura sugere que condições ocupacionais, como sobrecarga laboral e estresse crônico, podem estar associadas a maior vulnerabilidade neurológica nessa população. Ainda assim, por tratar-se de estudo ecológico retrospectivo com uso de dados secundários, não é possível estabelecer, a partir deste estudo, relação causal direta entre tais fatores e os óbitos observados.

Figura 1: Distribuição anual dos óbitos por causas neurológicas (CID G30.9, G20 e G12.2) entre médicos brasileiros, com proporção relativa ao total de óbitos (2013–2022).



Fonte: Dados secundários extraídos do SIM/DATASUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados atenderam ao objetivo proposto ao demonstrar que a mortalidade por causas neurológicas entre médicos brasileiros, entre 2013 e 2022, representa parcela relevante dos óbitos, com predomínio de doenças neurodegenerativas, como Doença de Alzheimer e Doença de Parkinson, destacando a influência do envelhecimento. Embora condições de trabalho possam estar associadas à maior vulnerabilidade neurológica, tais inferências devem ser interpretadas com cautela, diante das limitações dos dados secundários e de possíveis interferências externas, como a pandemia de COVID-19. Os resultados reforçam a importância de estratégias de promoção da saúde do médico e da realização de estudos mais robustos sobre o tema.

Por fim, a submissão deste trabalho implica concordância dos autores com sua publicação, a critério da Comissão Editorial, sem expectativa de retorno financeiro, visando exclusivamente à divulgação científica e profissional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, DF: CNS, 2016. Disponível em: portal do Conselho Nacional de Saúde. Acesso em: 20 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Datasus: **Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)**. Brasília: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/**

DATASUS): extrações de planilhas para análise epidemiológica de óbitos neurológicos em médicos brasileiros (2013–2022). Dados secundários organizados pelos autores. Acesso em: 17 mar. 2026.

FEIGIN, Valery L. et al. **Global, regional, and national burden of neurological disorders, 1990–2016: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2016.** London: The Lancet Neurology, 2019.

GBD 2016 NEUROLOGY COLLABORATORS. **Global, regional, and national burden of Alzheimer’s disease and other dementias, 1990–2016.** [S.l.]: Global Burden of Disease Study, 2016.

SCHEFFER, Mario et al. **Demografia médica no Brasil.** São Paulo: FMUSP/CFM, 2023.

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE MENTAL

GESTÃO TÓXICA E SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR EM UMA SOCIEDADE DE PRODUTIVIDADE EXACERBADA

Fernanda da Silva¹.

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG.

<http://lattes.cnpq.br/2010038624915302>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Trabalho. Ideologia gerencialista.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem experimentado uma intensificação sem precedentes das exigências de desempenho e produtividade, impulsionada por lógicas corporativas, tecnológicas e econômicas que transformam o trabalho em uma prática extenuante e continuamente mensurável. Esse fenômeno tem repercussões diretas na saúde mental do trabalhador, evidenciando aumento de estresse, ansiedade, depressão e burnout. A gestão moderna, além de organizar fluxos de trabalho, atua como um instrumento de controle simbólico e subjetivo, moldando comportamentos, valores e identidades dos indivíduos, muitas vezes de forma invisível e internalizada.

Autores como Gaulejac (2007) destacam a ideologia gerencialista como força central na produção de sofrimento psíquico, enquanto Bauman (2007) evidencia o impacto de uma sociedade líquida que valoriza produtividade em detrimento do bem-estar. Foucault (1975) reforça que as formas de poder mais eficazes não atuam apenas sobre o corpo, mas sobre a subjetividade, fazendo com que o trabalhador acredite estar agindo de forma autônoma, quando, na realidade, repete padrões impostos pela lógica corporativa. Diante desse cenário, é imprescindível compreender como a gestão tóxica influencia a saúde mental do trabalhador, identificando os mecanismos de dominação e os impactos sobre a qualidade de vida, o equilíbrio emocional e as relações sociais no ambiente profissional.

OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente a relação entre gestão contemporânea e saúde mental do trabalhador, evidenciando como práticas gerenciais, métricas de desempenho e pressões corporativas contribuem para adoecimento psíquico, mal-estar organizacional e perda de qualidade de vida. Busca-se também refletir sobre estratégias de conscientização e intervenção que promovam resiliência, autonomia e bem-

estar no trabalho.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, com abordagem qualitativa, de caráter aplicado e objetivo exploratório-descritivo, utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica. Foram analisadas obras clássicas e contemporâneas de sociologia, filosofia e psicologia social do trabalho, incluindo Gaulejac (2007), Foucault (1975), Bourdieu (1989), Bauman (2007), Marx (1844) e Freud (1930). A análise concentrou-se em categorias centrais: ideologia gerencialista, quantofrenia, alienação, violência simbólica e subjetivação, articulando conceitos para compreender os efeitos da gestão sobre a saúde mental, a motivação, o desempenho e as relações sociais dos trabalhadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidencia que a ideologia gerencialista atua como mecanismo estruturante da subjetividade do trabalhador, impondo padrões de desempenho, métricas quantitativas e metas inatingíveis. Este fenômeno, denominado quantofrenia por Gaulejac (2007), reduz a complexidade da experiência humana a números e indicadores de produtividade, promovendo alienação, hiperprodutividade e adoecimento psíquico.

Os paradoxos do modelo gerencial, exigência de autonomia com controle rígido, promoção de criatividade com normatização da conformidade, estímulo ao mérito com precarização de recursos, contribuem para estresse crônico, ansiedade, burnout e depressão, tornando o sofrimento funcional ao sistema corporativo. A internalização dessa lógica transforma o trabalhador em empreendedor de si mesmo, confundindo desempenho com valor pessoal e condicionando a vida privada a métricas de produtividade.

Além disso, o adoecimento mental repercute diretamente em relacionamentos, vínculos familiares e saúde social, configurando-se como um problema coletivo. A literatura indica que a prevenção e mitigação desses impactos requerem práticas organizacionais conscientes, gestão humanizada, políticas de saúde ocupacional e incentivo à pausa, à autonomia e à valorização do indivíduo para além de seu desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão tóxica e a obsessão por produtividade exacerbada representam uma ameaça significativa à saúde mental do trabalhador, manifestando-se em burnout, ansiedade, depressão e comprometimento das relações sociais e familiares. A análise indica que a ideologia gerencialista cria condições estruturais para adoecimento psíquico, por meio da colonização da subjetividade e naturalização do sofrimento.

Para promover a saúde mental no trabalho, é essencial que organizações adotem práticas de gestão humanizada, priorizando o bem-estar, a autonomia e a resiliência dos trabalhadores. Estratégias de conscientização crítica, reumanização do ambiente de trabalho e políticas preventivas de saúde mental podem reduzir o impacto da sobrecarga produtiva e fortalecer vínculos sociais, tornando a produtividade sustentável sem sacrificar a saúde psicológica.

A sociedade só poderá avançar para uma realidade de trabalho saudável quando reconhecer que a dignidade e o equilíbrio emocional do trabalhador não podem ser medidos em números, mas devem ser tratados como princípios centrais da organização do trabalho e da vida coletiva.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1844.

REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA ÉTICO-POLÍTICA DE CUIDADO INTEGRAL

Sofia de Almeida Bernardes¹.

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro. <http://lattes.cnpq.br/6038294677046101>

PALAVRAS-CHAVE: Redução de Danos. Atenção Psicossocial. Cuidado em Liberdade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

Em consonância com os princípios da Reforma Psiquiátrica, a Portaria nº 3.088, de 2011, instituiu a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), com o fim de criar, ampliar e articular pontos de atenção destinados às pessoas em sofrimento psíquico ou com transtorno mental, bem como àquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas (BRASIL, 2011). A RAPS organiza-se a partir da lógica da desinstitucionalização, do cuidado comunitário e territorial, da promoção da inclusão social e da reabilitação psicossocial, tendo como eixos estruturantes a autonomia do usuário, a construção de vínculos e a estratégia de Redução de Danos.

A constituição da RAPS representa uma mudança paradigmática na organização do cuidado em saúde mental, ao deslocar o eixo da assistência de instituições fechadas e especializadas para uma rede articulada de serviços distribuídos no território. Trata-se de um modelo que rompe com a centralidade da internação psiquiátrica, apostando na corresponsabilização entre diferentes pontos de atenção e na continuidade do cuidado longitudinal (NUNES *et al.*, 2016). Os dispositivos atuam de forma articulada, buscando responder às múltiplas demandas dos usuários sem recorrer, como regra, à lógica da internação de longa permanência (BRASIL, 2011).

Entre as estratégias potencializadoras da RAPS, destaca-se a política pública de Redução de Danos (RD), voltada ao cuidado de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, visando minimizar riscos e agravos associados ao uso, sem a exigência da abstinência como condição para o acesso aos serviços de saúde. Nesse contexto, a RD se apresenta como um campo de disputas éticas e políticas no interior das políticas públicas de saúde mental, especialmente frente à persistência de abordagens abstencionistas e moralizantes.

OBJETIVO

Objetiva-se analisar a Redução de Danos enquanto estratégia ético-política no campo das políticas públicas de saúde mental no Brasil, articulando-a aos princípios da Reforma Psiquiátrica e da Rede de Atenção Psicossocial, em contraposição às práticas orientadas exclusivamente pela lógica abstencionista.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza básica, com objetivos exploratórios e explicativos, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental, de caráter teórico-reflexivo e orientação crítico-analítica. Foram estudadas produções acadêmicas nacionais publicadas em periódicos científicos no período de 2015 a 2025. A seleção do material foi realizada a partir de descritores relacionados à Redução de Danos, Rede de Atenção Psicossocial, saúde mental, políticas públicas e álcool e outras drogas, considerando a pertinência temática ao cuidado em liberdade e à crítica ao modelo manicomial e proibicionista.

Além da literatura científica, também foram analisados documentos normativos que estruturam as políticas públicas de saúde mental no Brasil. A análise ocorreu por meio de leitura interpretativa e articulação conceitual entre os autores e documentos, compreendendo a Redução de Danos no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial como estratégia ético-política de cuidado integral, em diálogo com os princípios da Reforma Psiquiátrica e dos direitos humanos. Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, não houve envolvimento direto de seres humanos, dispensando apreciação por comitê de ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um contexto histórico marcado por práticas de controle, exclusão e penalização dos modos de vida considerados desviantes, a Redução de Danos (RD) emerge como uma inflexão ética e política no campo das políticas públicas de saúde mental. Tradicionalmente, a abstinência foi tomada como prioridade do tratamento, associada a ideais de cura, normalidade e moralidade, funcionando como critério de exclusão do cuidado e afastando usuários dos serviços de saúde (MOURA *et al.*, 2023). Em contraposição, a RD constituiu-se como uma estratégia de cuidado que reconhece a diversidade das trajetórias de uso, de modo a deslocar o foco do disciplinamento dos comportamentos para a proteção da vida e da saúde (MANGUEIRA *et al.*, 2015).

A política pública de Redução de Danos orienta-se pelo cuidado de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas independentemente da interrupção do consumo, tendo como objetivo central a diminuição dos riscos e agravos associados ao uso, sem exigir a abstinência como condição para o acesso aos serviços de saúde (BRASIL, 2005). Trata-se de uma abordagem que reafirma o respeito à autonomia dos sujeitos, fundamentando-

se na valorização da dignidade humana e no reconhecimento do direito à decisão sobre o próprio corpo.

Embora a abstinência possa constituir uma possibilidade clínica legítima para alguns sujeitos, sua imposição como exigência universal tende a produzir exclusões, rompimentos de vínculo e descontinuidade do cuidado. Mesmo com a orientação do Ministério da Saúde para um modelo pautado na RD (BRASIL, 2005), a centralidade da abstinência permanece fortemente presente no imaginário social como critério moral de normalidade, reforçando estigmas associados ao uso de drogas (MACHADO *et al.*, 2020). A crítica formulada no campo da RD não nega a abstinência, mas recusa como norma obrigatória e condição única de cuidado, compreendendo-a como uma possibilidade entre outras, construída de forma singular em cada trajetória de cuidado.

As experiências de cuidado em Redução de Danos demonstram que a construção de vínculos, o acolhimento e o reconhecimento dos sujeitos produzem efeitos clínicos relevantes, incluindo a diminuição ou interrupção do uso em determinados contextos. A aposta na corresponsabilização e na participação ativa dos usuários em seus processos de cuidado fortalece o laço social e amplia as possibilidades terapêuticas, sem recorrer a práticas moralizantes ou punitivas (MANGUEIRA *et al.*, 2015).

Nesse sentido, as práticas de RD articuladas ao território e às redes formais e informais de cuidado reafirmam os princípios do cuidado em liberdade e da atenção psicossocial. O território é compreendido não apenas como espaço geográfico, mas como espaço vivo e relacional, produtor de subjetividades, no qual se constroem projetos terapêuticos singulares em diálogo com a vida cotidiana dos sujeitos (BAPTISTA *et al.*, 2020). Ao operar nessa chave ético-política, a Redução de Danos se alinha às diretrizes da Reforma Psiquiátrica e da RAPS, fortalecendo práticas de cuidado comprometidas com a autonomia, a dignidade e os direitos dos usuários (MOURA *et al.*, 2023).

A partir das discussões desenvolvidas ao longo do texto, a Redução de Danos pode ser compreendida como uma estratégia que articula de forma inerente as dimensões da saúde física, mental e social. No plano da saúde física, a RD contribui para a diminuição de agravos, prevenção de infecções, manejo de comorbidades e acesso contínuo aos serviços de saúde. Na dimensão da saúde mental, sustenta práticas de cuidado que reconhecem o sofrimento psíquico em sua complexidade, apostando na construção de vínculos, na escuta qualificada e na continuidade do cuidado, sem condicionar o acesso à abstinência. Já no campo da saúde social, a RD fortalece o laço social, a inserção territorial e o acesso a direitos, ao reconhecer os determinantes sociais do uso de drogas e produzir estratégias de cuidado que enfrentam estigmas, exclusões e vulnerabilidades. Dessa forma, a RD se afirma como uma abordagem integral, coerente com os princípios da atenção psicossocial e com a concepção ampliada de saúde defendida pelo SUS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas evidenciam que a Redução de Danos constitui uma inflexão ético-política fundamental no campo das políticas públicas de saúde mental, especialmente no cuidado destinado às pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas. Ao se contrapor a modelos moralizantes, abstencionistas e disciplinadores, a RD desloca o eixo do cuidado do controle dos corpos para a proteção da vida, a autonomia e a dignidade dos sujeitos.

Quando articuladas ao território e às redes de cuidado, as práticas de RD fortalecem o cuidado em liberdade e a lógica psicossocial, produzindo efeitos clínicos e políticos relevantes. Tais implicações contribuem para qualificar as práticas nos serviços da Rede de Atenção Psicossocial, ao favorecer a permanência dos usuários no cuidado, a construção de projetos terapêuticos singulares e políticas públicas mais inclusivas e menos orientadas por lógicas punitivas. Assim, a Redução de Danos reafirma-se como eixo fundamental para a consolidação de políticas públicas de saúde mental comprometidas com a vida, os direitos e a pluralidade das experiências humanas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BAPTISTA, J. A.; CAMATTA, M. W.; FILIPPON, P. G.; SCHNEIDER, J. F. Projeto terapêutico singular em saúde mental: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 2, e20180508, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0508.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005*. Dispõe sobre as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1º jul. 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1028_01_07_2005.html. Acesso em: 7 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 maio. 2013. Seção 1, nº 96, p. 37-40. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=21/05/2013&jornal=1&pagina=37&totalArquivos=176>. Acesso em: 10 fev. 2026.

MACHADO, A. R.; MODENA, C. M.; LUZ, Z. M. P. O que pessoas que usam drogas buscam em serviços de saúde? Compreensões para além da abstinência. *Interface (Botucatu)*, v. 24, e190090, 2020. DOI: 10.1590/Interface.190090.

MANGUEIRA, S. O.; GUIMARÃES, F. J.; MANGUEIRA, J. O.; FERNANDES, A. F. C.; LOPES, M. V. O. Promoção da saúde e políticas públicas do álcool no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 157–168, 2015. DOI: 10.1590/1807-03102015v27n1p157.

MOURA, J. F. de *et al.* Por práticas ativistas de cuidado: lógicas da redução de danos no Brasil. *Revista Psicologia Política*, v. 23, n. 58, p. 708–723, 2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2023000300708&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2026.

NUNES, J. M. S.; GUIMARÃES, J. M. X.; SAMPAIO, J. J. C. A produção do cuidado em saúde mental: avanços e desafios à implantação do modelo de atenção psicossocial territorial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1213–1232, 2016. DOI: 10.1590/S0103-73312016000400008.

“DAR CONTA DE TUDO” A QUAL CUSTO?
SOBRECARGA MATERNA, CONTEMPORANEIDADE E DESENVOLVIMENTO
INFANTIL

Taiane Silva da Costa¹.

¹Neuropsicóloga pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR) e Pós-graduanda em Neurociências, Educação e Desenvolvimento Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Rio de Janeiro – RJ. <http://lattes.cnpq.br/4638165022199271>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental Materna. Primeira Infância. Cuidado Emocional.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A maternidade na contemporaneidade tem sido atravessada por múltiplas exigências sociais, afetivas e produtivas, que incidem diretamente sobre a experiência subjetiva das mulheres e sobre o modo como se organiza o cuidado cotidiano com as crianças. Nesse cenário, a ideia de que a mãe deve “dar conta de tudo” ganha força em meio a discursos de produtividade, desempenho e idealização da “boa mãe”, contribuindo para a naturalização da sobrecarga materna e para a invisibilização de seus efeitos sobre a saúde mental e as relações familiares (SILVA *et al.*, 2025). Ao mesmo tempo, a primeira infância é reiteradamente apontada como um período sensível do desenvolvimento, em que a qualidade das interações e do ambiente de cuidado exerce papel central na constituição emocional, cognitiva e social da criança (BRASIL, 2024). Nesse sentido, torna-se incontornável analisar as condições concretas em que esse cuidado é produzido, articulando maternidade, contexto social e desenvolvimento infantil.

Partindo dessa articulação entre maternidade e primeira infância, o presente trabalho propõe-se a discutir em que medida a sobrecarga materna, compreendida como fenômeno vinculado à contemporaneidade, impacta o desenvolvimento infantil. Para isso, toma como eixo a análise do lugar ocupado pelas mães em uma sociedade marcada por desigualdades de gênero, intensificação das demandas de desempenho e fragilidade das redes de apoio, buscando evidenciar como tais elementos repercutem na experiência subjetiva de quem cuida e na qualidade do cuidado ofertado às crianças pequenas (VESCOVI *et al.*, 2022). Ao abordar a maternidade para além de uma vivência individual ou meramente privada, o estudo insere o debate no campo mais amplo das condições sociais, políticas e culturais que conformam o cotidiano das famílias e atravessam o desenvolvimento infantil, aproximando-se de uma leitura crítica da maternagem na atualidade.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é analisar de que maneira a sobrecarga materna, tal como se configura na contemporaneidade, impacta a saúde mental das mães e se relaciona com aspectos do desenvolvimento infantil na primeira infância, considerando as condições sociais, culturais e de gênero que atravessam a experiência da maternidade (RIBEIRO *et al.*, 2025; VESCOVI *et al.*, 2022). Busca-se, ainda, discutir em que medida esses elementos desafiam e tensionam práticas, serviços e políticas voltadas à primeira infância no contexto brasileiro, ressaltando a necessidade de incluir o cuidado à mãe como dimensão fundamental na promoção do desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

A metodologia será apresentada como estudo teórico de natureza qualitativa, com objetivo exploratório-descritivo, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Trata-se de uma reflexão teórica que articula produções científicas, documentos de políticas públicas e materiais técnicos nacionais sobre saúde mental materna, maternidade na contemporaneidade e desenvolvimento infantil na primeira infância, buscando compreender relações e tensionar conceitos, sem coleta de dados empíricos diretos (RIBEIRO *et al.*, 2025; VESCOVI *et al.*, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobrecarga de mulheres e sobrecarga materna

A sobrecarga vivida pelas mulheres, especialmente pelas mães, decorre da acumulação de funções produtivas, reprodutivas e afetivas, distribuídas de forma desigual na organização social do cuidado. Em muitas famílias, recai sobre a mãe a responsabilidade central pelo cuidado das crianças, pela gestão da casa e, frequentemente, pelo trabalho remunerado, configurando jornadas extensas, com pouco espaço para descanso e autocuidado. Estudos que analisam a saúde mental na gestação, no nascimento e na primeira infância mostram que essas condições de vida e de trabalho incidem diretamente na experiência subjetiva das mães, favorecendo quadros de sofrimento psíquico quando não há suporte adequado (VESCOVI *et al.*, 2022).

A literatura nacional evidencia que essa sobrecarga é atravessada por desigualdades de gênero, precarização laboral e fragilidade de políticas de proteção social, sendo ainda mais intensa em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Pesquisas com mães em diferentes configurações familiares apontam níveis elevados de estresse e sentimentos de responsabilidade exclusiva pelo cuidado, especialmente entre mulheres que contam com pouca ou nenhuma ajuda cotidiana (MORAES *et al.*, 2025). Estudos sobre apoio social materno reforçam que redes de suporte – familiares, comunitárias e institucionais – atuam como importante fator de proteção para a saúde mental das mães e para a qualidade do

cuidado ofertado às crianças, enquanto sua ausência intensifica a sensação de exaustão e solidão (SANTOS et al., 2019).

Contemporaneidade e a exigência da mãe que “DÁ CONTA DE TUDO”

Na contemporaneidade, a maternidade é permeada por discursos que combinam ideais de desempenho, autocontrole e produtividade, produzindo a figura da mãe que “dá conta de tudo”. As mulheres são convocadas a serem cuidadoras disponíveis, profissionais bem-sucedidas, parceiras presentes e sujeitos que cuidam de si, como se todos esses papéis pudessem ser desempenhados simultaneamente e sem custos subjetivos. Pesquisas sobre saúde mental na gestação e no puerpério indicam que esse ideal inatingível alimenta sentimentos de insuficiência, fracasso e culpa, sobretudo quando as condições concretas de tempo, renda e apoio não permitem a realização do modelo de maternidade perfeito difundido socialmente (SILVA et al., 2025).

Transformações recentes, como o período da pandemia de COVID-19, tornaram ainda mais visível essa pressão, com aumento da carga de cuidado doméstico e infantil e fragilização de redes de apoio formais e informais, o que acentuou a sensação de que cabia à mãe sustentar quase sozinha o cotidiano familiar (SILVA et al., 2023). Paralelamente, políticas e programas voltados à primeira infância valorizam, com razão, a relevância das experiências precoces para o desenvolvimento, mas nem sempre incorporam a saúde mental materna e as condições de vida das cuidadoras como eixo estruturante do cuidado, o que pode reforçar a responsabilização individual das mães pela garantia de um “bom desenvolvimento” infantil (VESCOVI et al., 2022; BRASIL, 2024).

Repercussões da sobrecarga e das exigências contemporâneas no desenvolvimento infantil

As condições em que a maternidade se realiza, marcadas por sobrecarga e exigências de desempenho, repercutem diretamente na experiência das crianças, sobretudo na primeira infância. Revisões apontam que a saúde mental materna está intimamente relacionada a diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, mediando a qualidade da interação mãe-bebê, a organização do ambiente familiar e as oportunidades de cuidado e estimulação (RIBEIRO et al., 2025). Níveis elevados de estresse, sintomas depressivos e ansiosos e exaustão crônica, frequentemente associados à sobrecarga, dificultam a disponibilidade emocional da mãe, a sensibilidade aos sinais da criança e a consistência das práticas de cuidado, repercutindo em aspectos como vínculo, autorregulação emocional e exploração do ambiente (MORAES et al., 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados discutidos ao longo deste trabalho permitem afirmar que a sobrecarga materna, tal como se configura na contemporaneidade, não é um fenômeno individual, mas expressão de arranjos sociais de gênero, condições de vida e desenho de políticas que concentram sobre as mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado, repercutindo diretamente na saúde mental das mães e na qualidade das experiências oferecidas às crianças na primeira infância, especialmente no que se refere ao vínculo, à responsividade e às oportunidades de exploração e aprendizagem; ao evidenciar que a lógica da mãe que “dá conta de tudo” se articula à insuficiência de redes de apoio e à implementação ainda limitada de ações estruturadas de cuidado de quem cuida, o estudo reforça que a promoção do desenvolvimento infantil não pode ser pensada de forma dissociada das condições em que a maternidade é exercida, indicando a necessidade de que práticas, serviços e políticas considerem a saúde mental materna como eixo central das estratégias voltadas à primeira infância, de modo a integrar, de forma indissociável, o cuidado das crianças e o cuidado das mães, em consonância com o objetivo de analisar essas interfaces e contribuir para uma compreensão ampliada e crítica da maternidade e do desenvolvimento infantil no contexto brasileiro contemporâneo.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde. Primeira infância.** Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>. Acesso em: 01 fev. 2026.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Criança Feliz: Programa Primeira Infância no SUAS.** Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/crianca-feliz>. Acesso em: 21 fev. 2026.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Saúde mental na infância: guia de referência.** Rio de Janeiro: MPRJ, 2018. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/841707/guia_de_referencia_em_saude_mental_na_infancia_1_edicao_2018.pdf. Acesso em: 11 fev. 2026.

MORAES, M. N. et al. Programação fetal e saúde mental: repercussões do sofrimento psíquico materno para o desenvolvimento neuropsicológico infantil. **Journal of Research in Health Sciences**, v. 5, n. 2, p. 1-12, 2025.

RIBEIRO, R. A. et al. Impactos da saúde mental materna no desenvolvimento infantil: uma revisão narrativa. **Revista Nursing**, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 1-10, 2025.

SANTOS, L. F. et al. Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento infantil. **Clínica & Cultura**, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2019.

SILVA, A. P. et al. Saúde mental na gestação: a relevância da Psicologia Perinatal no contexto brasileiro. *Revista Foco*, v. 18, n. 3, p. 1-15, 2025.

SILVA, C. R. et al. Solidão e sobrecarga materna em tempos de pandemia de COVID-19. *Psico-USF*, Itatiba, v. 28, n. 4, p. 1-15, 2023.

VESCOVI, G. et al. Saúde mental na gestação, no nascimento e na primeira infância: análise crítica de políticas públicas brasileiras. *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 525-537, 2022.

DISSOLUÇÃO ABRUPTA DE VÍNCULOS NA MATURIDADE: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL E SOCIAL NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

Francisco Soares Lima Filho¹, Marcos Serafim dos Santos², Maria Karina Mendonça de Moraes³.

^{1,2,3}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Humaitá, Amazonas.

¹<http://lattes.cnpq.br/3065230280054358>,

²<http://lattes.cnpq.br/6287259649959203>,

³<http://lattes.cnpq.br/3720131358074837>

PALAVRAS-CHAVE: Luto não reconhecido. Vínculos afetivos. Ghosting.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental e Social.

INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais de comunicação tem redefinido profundamente as formas de constituição, manutenção e dissolução de vínculos afetivos. Aplicativos de relacionamento e plataformas de mensagens instantâneas tornaram-se ambientes privilegiados para o estabelecimento de conexões interpessoais, ao mesmo tempo em que passaram a mediar seus encerramentos (Fisher et al., 2010; Freedman; Doty et al., 2021). Nesse cenário, emergem práticas relacionais caracterizadas pela interrupção súbita e unilateral do contato, como o *ghosting* e o *breadcrumbing*, que configuram novas modalidades de dissolução afetiva no contexto digital.

A dissolução de relacionamentos amorosos é reconhecida pela literatura como evento potencialmente desencadeador de estresse ao longo do ciclo vital, com repercussões emocionais, cognitivas e sociais (Bowlby, 1980). Entretanto, quando o término ocorre por meio de mensagens digitais, especialmente de forma abrupta e sem explicitação das razões, introduz-se um elemento adicional de ambiguidade comunicacional (Pancani et al., 2024). Na fase da maturidade, em que os vínculos tendem a envolver maior investimento identitário e expectativas de estabilidade, a ruptura abrupta pode assumir contornos ainda mais complexos, configurando-se como fator contemporâneo de vulnerabilidade psicossocial que demanda investigação aprofundada.

OBJETIVO

Analisar os impactos psicossociais das interrupções abruptas de relacionamentos realizadas por meio de mensagens digitais, com ênfase nos processos de luto não reconhecido e erro de previsão afetiva, discutindo suas implicações para a promoção da saúde mental e social na população adulta em fase de maturidade.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo de natureza qualitativa, com delineamento teórico-analítico, fundamentado em revisão narrativa da literatura científica (Rother, 2007). A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados Scopus, Web of Science, PsycINFO e SciELO, contemplando publicações no período de 2014 a 2025, recorte temporal que corresponde à consolidação das práticas de interação afetiva mediadas por aplicativos digitais. Foram utilizados os seguintes descritores em língua inglesa e portuguesa: “*ghosting*”, “*breadcrumbing*”, “*digital breakup*”, “*disenfranchised grief*” e “*attachment styles*”. Foram incluídos estudos empíricos quantitativos e qualitativos, revisões teóricas e artigos conceituais publicados em periódicos revisados por pares. A análise do material selecionado seguiu procedimento interpretativo-comparativo, com identificação de categorias temáticas recorrentes relacionadas a estratégias digitais de dissolução relacional, processos de regulação emocional, erro de previsão afetiva e luto não reconhecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise desenvolvida permitiu identificar que práticas como *ghosting* e *breadcrumbing* introduzem um padrão de ruptura marcado pela ambiguidade comunicacional e ausência de fechamento simbólico. Diferentemente dos termos presenciais, nos quais há possibilidade de negociação narrativa do encerramento, a interrupção súbita via mensagem digital instaura um “vazio interpretativo” que intensifica sentimentos de rejeição e exclusão (Freedman; Powell et al., 2022). Esse vazio tende a ser preenchido por hipóteses autorreferenciais negativas, favorecendo a ruminação cognitiva e a autoinvalidação.

A articulação entre estilos de apego inseguros e estratégias digitais evasivas sugere que a dissolução abrupta pode reativar esquemas prévios de abandono e insegurança relacional (Mikulincer; Shaver, 2016). A ausência de explicações claras impede a organização coerente da experiência, dificultando processos adaptativos de elaboração emocional. A dimensão do erro de previsão afetiva amplia essa compreensão, pois indivíduos tendem a superestimar a duração e a intensidade do sofrimento decorrente do término, especialmente quando este ocorre de forma inesperada (Wilson; Gilbert, 2005).

Na maturidade, tais efeitos assumem maior complexidade, uma vez que vínculos afetivos nessa fase frequentemente envolvem maior investimento identitário e projetos de estabilidade. Sob a perspectiva social, a dissolução digital abrupta insere-se na categoria de

luto não reconhecido (disenfranchised grief), assemelhando-se aos processos de perda que carecem de validação social adequada (Doka, 2002). A minimização social do sofrimento dificulta a validação emocional por parte da rede de apoio, intensificando sentimentos de vergonha e isolamento.

Adicionalmente, a permanência de vestígios digitais, como históricos de mensagens e conexões em redes sociais, mantém ativa a representação simbólica da relação, dificultando o desligamento psíquico. Essa continuidade digital cria uma condição liminar, na qual o vínculo encontra-se formalmente encerrado, mas simbolicamente presente, exigindo esforço duplo de elaboração da perda e restauração da autonomia. Do ponto de vista da saúde integral, o sofrimento relacional prolongado pode associar-se a manifestações psicossomáticas e redução da funcionalidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que a dissolução abrupta de vínculos afetivos mediada por comunicação digital configura fenômeno relacional contemporâneo com potencial significativo de vulnerabilização psicossocial. A articulação com os conceitos de luto não reconhecido e erro de previsão afetiva permitiu compreender que a ausência de fechamento simbólico e a invisibilidade social do sofrimento podem retardar a reorganização emocional, especialmente na maturidade, fase em que os vínculos afetivos envolvem maior investimento identitário.

Do ponto de vista científico, o estudo contribui ao propor uma leitura integrada do fenômeno, articulando dimensões psicológicas, relacionais e socioculturais. No âmbito prático, os achados reforçam a necessidade de estratégias voltadas à educação emocional digital, ao fortalecimento de competências comunicacionais assertivas e à ampliação de redes de apoio social capazes de reconhecer e legitimar o sofrimento decorrente de rupturas relacionais mediadas por tecnologia.

Como limitação, destaca-se o caráter teórico-analítico do estudo, fundamentado em revisão narrativa da literatura, o que não permite generalizações empíricas diretas. Investigações futuras poderão aprofundar a compreensão do fenômeno por meio de estudos longitudinais e pesquisas qualitativas que explorem narrativas de adultos na maturidade que vivenciaram dissoluções abruptas via meios digitais.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. Attachment and Loss: Vol. 3. **Loss: Sadness and Depression**. New York: Basic Books, 1980.

DOKA, Kenneth J. **Disenfranchised Grief: New Directions, Challenges, and Strategies for Practice**. Champaign: Research Press Publishers, 2002.

- FISHER, Helen E. et al. **Reward, addiction, and emotion regulation systems associated with rejection in love.** Journal of Neurophysiology, v. 104, n. 1, p. 51-60, 2010.
- FREEDMAN, Gili; DOTY, Jade et al. **A multi-study examination of attachment and implicit theories of relationships in ghosting experiences.** Journal of Social and Personal Relationships, v. 38, n. 10, p. 2821-2844, 2021.
- FREEDMAN, Gili; POWELL, Katherine J. et al. **Emotional experiences of ghosting.** The Journal of Social Psychology, v. 162, n. 5, p. 535-553, 2022.
- MIKULINCER, Mario; SHAVER, Phillip R. **Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change.** 2. ed. New York: Guilford Publications, 2016.
- PANCAKI, Luca et al. **Ghosting: Abandonment in the Digital Era.** Psychology, v. 4, n. 1, p. 26-41, 2024.
- ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão narrativa vs. revisão sistemática.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, p. v-vi, 2007.
- WILSON, Timothy D.; GILBERT, Daniel T. **Affective Forecasting.** Current Directions in Psychological Science, v. 14, n. 3, p. 131-134, 2005.

O PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR NA CONSOLIDAÇÃO DO CUIDADO EM LIBERDADE NA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Sofia de Almeida Bernardes¹; Veronica Torres Gurgel².

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

²Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Terapêutico Singular. Reforma Psiquiátrica. Atenção Psicossocial.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.216, de 2001, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB), dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Tal legislação representou uma ruptura histórica ao questionar o modelo manicomial até então dominante e ao propor um cuidado orientado pela inclusão social, pela garantia de direitos e pela cidadania, bem como o tratamento em liberdade no território. Esse marco normativo impulsionou a criação de novos dispositivos e estratégias participativas para o cuidado em saúde mental.

Entre eles, destaca-se o Projeto Terapêutico Singular (PTS): uma estratégia terapêutica multidisciplinar construída coletivamente, orientada pelas necessidades, desejos e singularidades de cada sujeito, visando à promoção da dignidade e da autonomia (PINTO et al., 2011). O PTS propõe tensionar práticas biomédicas padronizadas e medicalizantes ao favorecer intervenções que ultrapassam a centralidade do diagnóstico e da prescrição, articulando dimensões clínicas, sociais e territoriais do cuidado (SAMPAIO; BISPO JR., 2021). Além disso, pressupõe a participação ativa do usuário na sua elaboração, execução e avaliação, bem como o envolvimento da família, visando a inclusão social. Dessa forma, torna-se possível reconhecer as vulnerabilidades do sujeito e ajustar as propostas de ação de acordo com sua realidade concreta (BAPTISTA et al., 2020).

Entretanto, a efetivação do PTS no cotidiano dos serviços de saúde mental enfrenta desafios importantes relacionados à precarização das políticas públicas, à sobrecarga das equipes, às dificuldades de articulação em rede e à permanência de lógicas manicomiais que, muitas vezes, operam de forma velada nos dispositivos de atenção psicossocial (SAMPAIO; BISPO JR., 2021). Nesse contexto, torna-se relevante refletir sobre o PTS não apenas como uma ferramenta técnica, mas como um dispositivo ético-político capaz de

sustentar práticas de cuidado em liberdade no âmbito da atenção psicossocial.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o PTS como ferramenta ético-política na consolidação do cuidado em liberdade na atenção psicossocial.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, fundamentado em revisão bibliográfica de produções nacionais e de documentos oficiais do Ministério da Saúde relacionados à Rede de Atenção Psicossocial. As reflexões foram realizadas a partir de textos que articulam o PTS às dimensões ético-política e institucional do cuidado em saúde mental, com ênfase em artigos indexados na base SciELO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Portaria nº 147, de 1994 instituiu o então denominado Projeto Terapêutico (PT), que, naquele momento, era concebido como um conjunto de ações executadas exclusivamente pelos profissionais de saúde, sem implicar o sujeito e sua família na construção do plano de cuidado. Contudo, em 2010 observa-se uma inflexão nesse modelo, quando o Ministério da Saúde propõe uma nova estrutura para a elaboração do PTS. Essa mudança reflete o avanço das diretrizes da Reforma Psiquiátrica e da atenção psicossocial, na medida em que o PTS passa a ser organizado em quatro etapas, todas articuladas ao sujeito: (1) Diagnóstico; (2) Definição de Metas; (3) Divisão de Responsabilidades; e (4) Reavaliação.

Nesse sentido, o PTS consolida-se como um modo de fazer clínica alinhado aos princípios da Reforma Psiquiátrica, configurando-se como uma prática de cuidado integrada e singular, construída a partir das histórias, vivências e possibilidades de cada sujeito. Trata-se de uma ferramenta única, elaborada coletivamente e voltada às necessidades específicas daquele indivíduo. Destaca-se, ainda, a participação efetiva do usuário e de sua família no processo de construção desse plano de cuidados, ampliando o cuidado para além dos serviços especializados, inserindo-o no território e na vida cotidiana. Quanto mais o PTS se articula às demandas reais do usuário e aos diferentes espaços de sua vida, maior tende a ser seu empoderamento e a efetividade do plano de cuidados (MANN, 2020).

Apesar de seu potencial transformador, o PTS enfrenta limites importantes em sua implementação. Baptista et al. (2018) evidenciam divergências entre o que é preconizado pelo Ministério da Saúde e as práticas efetivamente desenvolvidas na rede de atenção. Os autores apontam a baixa participação e corresponsabilidade entre equipe e usuário na elaboração dos PTS, o excesso de encaminhamentos para serviços especializados, a fragmentação do saber dentro da equipe multidisciplinar e a dificuldade no compartilhamento

e na discussão dos casos.

Esses entraves revelam a dificuldade de operacionalizar, de forma homogênea, os ideais da RPB. Embora esta se configure como um projeto crítico ao modelo manicomial tradicional, voltado à valorização das relações sociais, da cidadania, dos direitos humanos e da participação dos sujeitos, na prática, ainda coexistem práticas emancipatórias e práticas tradicionais da psiquiatria manicomial. Observa-se, assim, uma tensão entre concepções que reconhecem o sofrimento como fenômeno social e subjetivo, com aquelas que ainda o tratam como patologia individual, centrada na remediação biológica. Essa contradição atravessa o cotidiano dos serviços e dificulta a efetivação do PTS como instrumento de cuidado em liberdade. Desse modo, a persistência de valores manicomiais aponta para a necessidade de fortalecer os saberes psicossociais emancipatórios, investir na formação profissional e promover mudanças culturais dentro dos serviços de saúde mental (SAMPAIO; BISPO JR., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu refletir sobre o Projeto Terapêutico Singular como uma ferramenta ético-política central para a consolidação do cuidado em liberdade, emancipador e orientado às possibilidades de cada usuário. Contudo, evidenciam-se limites importantes à sua efetivação, relacionados à precarização das políticas públicas, à medicalização do cuidado e à coexistência de lógicas manicomiais nos serviços, demonstrando que mudanças na legislação, embora fundamentais, não são suficientes, por si só, para transformar efetivamente as práticas cotidianas de cuidado. Nesse sentido, sem um tratamento sustentado eticamente, a Reforma Psiquiátrica corre o risco de se reduzir a um discurso esvaziado. Torna-se, portanto, fundamental fortalecer a Rede de Atenção Psicossocial e seus dispositivos, investir na formação profissional e reafirmar o compromisso contínuo com os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BAPTISTA, J. A.; CAMATTA, M. W.; FILIPPON, P. G.; SCHNEIDER, J. F. Projeto terapêutico singular em saúde mental: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 2, e20180508, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0508.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 abr. 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 147, de 25 de agosto de 1994. Dispõe sobre o Projeto Terapêutico no âmbito da atenção em saúde mental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 ago. 1994. Seção 1.

MANN, C. G. Projeto terapêutico singular (PTS) no cuidado em saúde mental. *Blog CENAT Cursos*, [s. l.], 3 ago. 2020 (aproximado). Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/projeto-terapeutico-singular-pts-no-cuidado-em-saude-mental/>

PINTO, D. M.; JORGE, M. S. B.; PINTO, A. G. A.; VASCONCELOS, M. G. F.; CAVALCANTE, C. M.; FLORES, A. Z. T.; ANDRADE, A. S. Projeto terapêutico singular na produção do cuidado integral: uma construção coletiva. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 493–502, jul./set. 2011. DOI: 10.1590/S0104-07072011000300010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/8HVkGwqgWKYZSzH8xdpxcqH/?lang=pt>

SAMPAIO, M. L. BISPO JR. J. P. Dimensão epistêmica da Reforma Psiquiátrica Brasileira: significados de gestores, profissionais e usuários. *Rev. Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, v. 25, p. 01-19, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/f3NwwqqfMvHkHRcdwHRKRGm/?lang=pt#>

CAPS III: DESAFIOS ESTRUTURAIS E SUBJETIVOS NO ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL.

**Daniela Souza da Silva¹; Edson Gabriel Novais de Sousa²; Evelyn Gomes Araújo³;
Renata Nascimento de Araújo Rocha⁴; Vinicius Cinali Zelizi⁵; Yasmin Oliveira de
Morgado⁶; Prof. Me. Jonas Pinheiro⁷.**

¹Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

²Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

³Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁴Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁵Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁶Centro Universitário das Américas, São Paulo, SP.

⁷Universidade SJT, São Paulo, SP.

PALAVRAS-CHAVE: Centro de Atenção Psicossocial III. Políticas Públicas. Saúde mental.

ÁREA TEMÁTICA: Políticas Públicas de Saúde no Brasil

INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, com a emergência da Reforma Psiquiátrica no Brasil, o debate sobre saúde mental passou a ocupar posição central nas políticas públicas do país. Esse movimento resultou na criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), dispositivos estratégicos voltados ao acolhimento de indivíduos em situação de sofrimento psíquico. O objetivo desses centros é oferecer um atendimento humanizado e centrado no sujeito, visando romper com o modelo de tratamento manicomial tradicional e reduzir o número de internações hospitalares (LEAL; ANTONI, 2013).

O CAPS III se configura como uma unidade de referência destinada ao atendimento de pessoas com transtornos mentais graves e persistentes; ele conta com uma equipe multidisciplinar e funcionamento ininterrupto, garantindo a continuidade do cuidado e favorecendo a reabilitação social dos pacientes. Dessa forma, promove uma atenção psicossocial intensiva e acolhedora (ABUHAB et al., 2005).

Observa-se que, entretanto, na maioria, os usuários apresentam resistência em aderir ao atendimento no CAPS III, seja por desconhecimento acerca do serviço, dificuldades na compreensão das particularidades relacionadas à sua condição psicológica ou por barreiras socioeconômicas. Além, verifica-se que negligência durante os atendimentos

por parte dos profissionais do serviço configuram uma problemática que demanda maior atenção no contexto das políticas públicas de saúde mental (AMARANTE et al., 2018).

OBJETIVO

Esta pesquisa busca pela evidenciação e análise dos principais desafios que comprometem o CAPS III, entre eles destacam-se o preconceito ainda presente em relação aos transtornos mentais, a insuficiência de infraestrutura e financiamento, e a elevada demanda associada à complexidade dos serviços ofertados.

A partir disso, é visado examinar como esses fatores repercutem diretamente na qualidade da assistência psicossocial, dificultando a consolidação de práticas humanizadas e a garantia de continuidade no cuidado, enquanto impacta significativamente a reinserção social e a promoção da saúde mental dos usuários.

METODOLOGIA

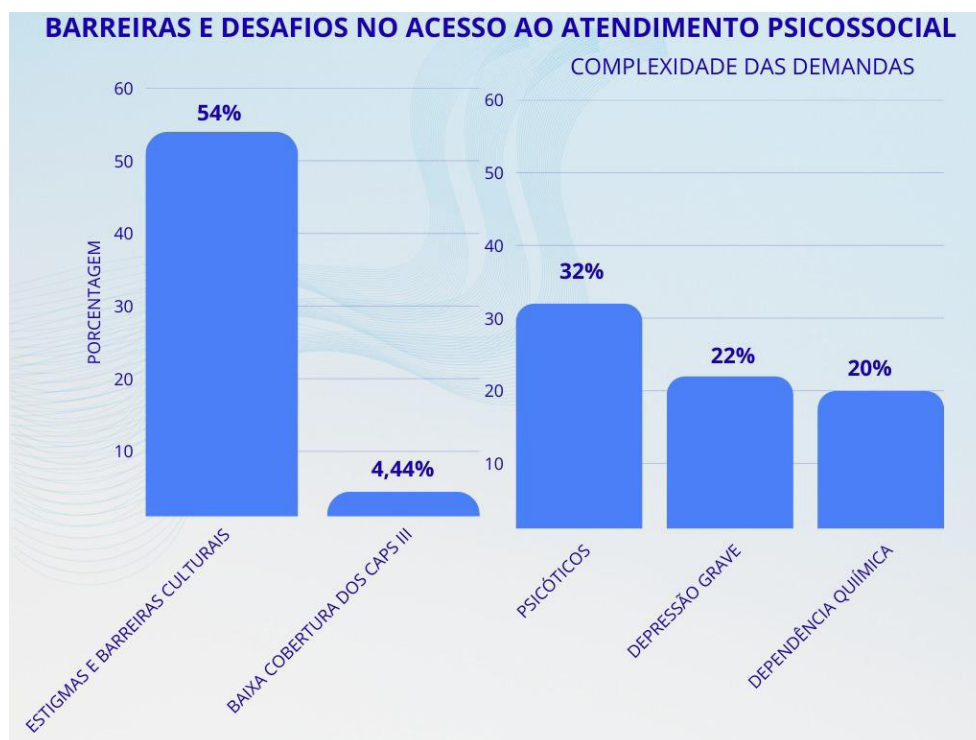
O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada na análise de artigos científicos publicados em plataformas digitais além de repositórios institucionais e documentos eletrônicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise dos dados apresentados no Gráfico 1, é possível demonstrar que a cobertura oferecida pelo CAPS III ainda apresenta baixo alcance, o que limita sua efetividade no atendimento da população. Esse fator, ao lado do estigma socialmente difundido em relação à saúde mental e seus serviços públicos, impacta diretamente no tratamento das complexidades do público-alvo.

Essas complexidades identificadas afetam, em sua maioria, grupos com alta taxa de vulnerabilidade social. Entre esses grupos, são destacadas pessoas com traços psicóticos, representando a maior demanda de atendimento, seguidas pelos casos de depressão grave e de dependência química.

Gráfico 1: Levantamento de barreiras e desafios no acesso ao atendimento psicossocial – período: Janeiro de 2022 a 2024.



Fonte: Ministério da Saúde, Pessoa (2022) e Araújo (2024).

Assim, observa-se que tanto a insuficiência estrutural na oferta de serviços quanto as barreiras culturais e sociais contribuem para dificultar a consolidação de políticas inclusivas e eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse presente estudo visou demonstrar a importância do CAPS III no acolhimento voltado a pessoas com transtornos mentais graves, destacando a necessidade um modelo de atendimento público psiquiátrico humanizado, e contribuir para o aprimoramento dos serviços oferecidos por essa rede de apoio.

Apesar dos progressos significativos nesta área, ainda existem obstáculos de grande impacto como o estigma social ao redor da saúde mental, a cobertura restrita das unidades e a complexidade das demandas apresentadas pelos usuários (SOUZA et al., 2025).

No horizonte de políticas públicas de saúde mental, é indispensável ampliar o serviço do CAPS III para garantir um cuidado próximo, individualizado e com possibilidade de atender as particularidades de cada paciente. Visando isso, é também essencial investir na qualificação contínua dos profissionais e combater o estigma social como prioridade, pois a reeducação dos profissionais de saúde aprimora a humanização do cuidado, reduz a ocorrência de negligências, e, simultaneamente, a redução do estigma, que amplia o

acesso aos serviços, melhora a adesão terapêutica e favorece a reinserção social dos usuários, contribuindo para melhores resultados no acolhimento psicossocial.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ABUHAB, D et al. **O trabalho em equipe no CAPS III: um desafio.** Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS), v. 26, n. 3, p. 369–380, 2005.

AMARANTE, P; NUNES, O. M. **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômio.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro (RJ), v. 23, n. 6, p. 2067–2074, 2018.

ARAÚJO, M. A et al. **Perfil de usuários de um CAPS III com comportamento suicida.** Ciências Médicas e Biológicas, Salvador (BA), 23, n. 1, p. 1–6, 2024.

LEAL, M. B; ANTONI, D. C. **Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): estruturação, interdisciplinaridade e intersetorialidade.** Aletheia, Canoas (RS), n. 40, p. 87–101, 2013.

PESSOA, L et al. **O Estigma sobre as Doenças Mentais e seu Impacto no Tratamento Psiquiátrico.** Pluralidades em Saúde Mental, Curitiba (PR), v. 11, n. 2, p. 6–7, 2022.

SOUZA, N. L. N et al. **Desafios psicossociais no atendimento de saúde mental no CAPS III.** Revista Ibero-Americana de Humanidades. Ciências e Educação – REASE, [S.I.], v. 11, n. 1, p. 1–17, 2025.

NEUROÉTICA E SOCIEDADE: LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA ERA DO CÉREBRO

Zaihanna Salgado Teixeira de Souza¹.

¹UNIFESP, Santos, SP. <http://lattes.cnpq.br/5609343460342380>

PALAVRAS-CHAVE: Neuroética. Liberdade. Responsabilidade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental / Interdisciplinar

INTRODUÇÃO

A crescente utilização de exames de neuroimagem em processos judiciais e diagnósticos psiquiátricos tem reconfigurado o modo como se compreende a responsabilidade individual. Ao localizar bases biológicas para processos complexos de tomada de decisão, a neurociência tensiona conceitos fundamentais das ciências humanas e da prática clínica. O problema central reside no risco de que, ao explicar o comportamento humano exclusivamente através de sinapses e neurotransmissores, adote-se um “determinismo biológico” de caráter reducionista. Como aponta Boas (2010), embora a estrutura mental humana possua bases universais, são as experiências culturais e históricas que dão forma ao pensamento e ao progresso da civilização. Este trabalho busca situar esse debate na intersecção entre biologia e cultura, questionando como a ideia de liberdade individual se sustenta diante do avanço do mapeamento cerebral.

OBJETIVO

Analisar o impacto das descobertas neurocientíficas contemporâneas nas noções sociológicas e jurídicas de liberdade e responsabilidade individual, discutindo como a integração entre saberes biológicos e sociais é fundamental para evitar a desumanização do sujeito e a medicalização excessiva do comportamento.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e objetivos exploratórios. O procedimento adotado foi a pesquisa bibliográfica interdisciplinar, estabelecendo um diálogo entre a neuroética, a sociologia da saúde e a prática terapêutica. Foram analisados textos que discutem o determinismo biológico em contrapartida do livre arbítrio, com foco em artigos científicos indexados nas bases SciELO e PubMed publicados

na última década, além de obras fundamentais de autores como Franz Boas, Georg Simmel e Michel Foucault.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interface entre neurociências e ciências sociais revela uma tensão crescente entre o “sujeito cerebral” e o “sujeito social”. Observa-se que o mapeamento cerebral ao identificar padrões neurais relacionados a comportamentos impulsivos, pode alterar a forma como a sociedade atribui culpa ou mérito. Entretanto, a liberdade não é apenas uma propriedade biológica, mas uma construção ética e política mediada pela cultura. Conforme discute Georg Simmel (2005), a vida nas grandes metrópoles gera um excesso de estímulos nervosos que molda a psique do indivíduo. Nesse sentido, determinadas respostas consideradas “falhas” neurais podem ser uma resposta adaptativa ao ambiente social esgotante.

A análise bibliográfica demonstra que uma visão puramente neurobiológica tende a desconsiderar o que a sociologia chama de “agência”. Ao transformar dilemas morais em meros disparos elétricos, corre-se o risco do indivíduo deixar de ser visto como um sujeito de direitos para ser tratado como um organismo a ser corrigido. Tal perspectiva pode contribuir para a prevalência do diagnóstico medicamentoso sobre a escuta clínica e da consideração das causas sociais do sofrimento psíquico.

Ademais, quando interpretadas fora de seus contextos culturais as descobertas neurocientíficas podem reforçar estigmas. Se um padrão cerebral é rotulado como “predisposto à violência”, por exemplo, corre-se o risco de criar políticas preventivas antes mesmo de qualquer ato social, ferindo o princípio da presunção de liberdade. A agência humana, portanto, deve ser preservada como um espaço que a biologia não pode colonizar integralmente.

Nesse contexto, emerge o debate sobre a biopolítica e a medicalização social. Ao reduzir comportamentos desviantes a disfunções neuroquímicas, desconsideram-se fatores históricos, sociais e de classe. Como apontado por Michel Foucault (1979), a medicalização pode atuar como mecanismo de controle, onde o foco no “órgão doente” retira a responsabilidade das estruturas sociais. A prática terapêutica ao privilegiar a escuta e a contextualização do sofrimento, atua como contraponto a esse reducionismo.

Sob essa perspectiva, a redução do fenômeno mental ao biológico compromete o princípio da autonomia, central à bioética. Se o sofrimento é interpretado apenas como “falha de processamento cerebral” a escuta terapêutica perde centralidade, e o sujeito é silenciado por protocolos farmacológicos padronizados.

A neuroética aplicada à saúde mental propõe, portanto, que o avanço tecnológico seja um instrumento de apoio, e não como substituto da compreensão integral do ser humano. A responsabilidade na prática clínica exige reconhecer que o cérebro está em permanente interação com o meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o mapeamento cerebral não deve anular a subjetividade humana. A neurociência oferece ferramentas valiosas, mas a interpretação de seus dados deve ser sempre mediada pelas ciências humanas. A integração entre saberes mostra-se necessária para que o avanço tecnológico não resulte em um determinismo que ignore a dignidade humana. A responsabilidade individual deve ser compreendida como conceito ético e social, considerando tanto a base orgânica quanto o contexto sociocultural que o constitui.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ROSE, Nikolas. **A neurobiologia da responsabilidade**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 63, n. 2, p. 320-335, 2013.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Rio de Janeiro: Revista Mana, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

NEUROPLASTICIDADE E MEDITAÇÃO MINDFULNESS: UMA REVISÃO DAS EVIDÊNCIAS NEUROCIÊNCIAS SOBRE A ATIVIDADE CEREBRAL

Zaihanna Salgado Teixeira de Souza¹.

¹UNIFESP, Santos, SP. <http://lattes.cnpq.br/5609343460342380>

PALAVRAS-CHAVE: Neuroplasticidade. Meditação. Neuroimagem.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental/Interdisciplinar

INTRODUÇÃO

A meditação é uma prática milenar que teve origem no Oriente, mais precisamente na Índia antiga. Principalmente associada às tradições espirituais e religiosas, difundindo-se até alcançar o Ocidente, no final do século XIX.

Nas últimas décadas a meditação vem ganhando espaço de formas abrangentes, que vão além dos templos budistas ou centros de Yoga. Atualmente, a meditação é aplicada em diversos contextos, como em ambientes corporativos e plataformas digitais, apresentando modalidades e durações variadas.

A prática meditativa trabalha a respiração, visualização, concentração, trazendo mais foco, e ajudando à redução de estresse e ansiedade para o indivíduo que a pratica.

Estudos seminais conduzidos por Das e Gastaut (1955) e, posteriormente, por Kasamatsu e Hirai (1966), forneceram as primeiras evidências eletroencefalográficas de que a meditação induz mudanças significativas nos padrões de onda alfa e teta. Subjacente a esse histórico, o advento de tecnologias permitiu a mensuração objetiva dos impactos dessa prática sobre a arquitetura cerebral.

OBJETIVO

Analisa a evolução das evidências neurocientíficas sobre a meditação, correlacionando os marcos históricos da década de 1950 com os achados contemporâneos de neuroimagem, a fim de investigar as alterações estruturais e funcionais (neuroplasticidade) promovida pela prática de Mindfulness, no sistema nervoso central.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica de natureza básica, com abordagem qualitativa, apresentando objetivos exploratórios e descritivos. O levantamento de dados foi

realizado por meio de buscas nas bases de dados Google Acadêmico, PubMed/Medline e PsycINFO.

Utilizando as palavras-chave “Mindfulness”, “Neuroplasticidade” e “Eletroencefalografia”. Foram selecionados tanto os estudos pioneiros (das décadas de 50 e 60) para dar base histórica, quanto pesquisas atuais que utilizam exames de imagem para comprovar mudanças cerebrais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde os primeiros estudos sobre meditação, conduzidos por autores como Das (1957), Kasamatsu (1960) e Hirai (1965), pesquisadores vêm investigando os efeitos da prática meditativa sobre o cérebro e o comportamento. Esses trabalhos iniciais, geralmente baseados em observações qualitativas e eletroencefalografia (EEG), identificaram alterações nos padrões de atenção e relaxamento em praticantes experientes, lançando as bases para a pesquisa científica moderna.

Com o avanço das técnicas de neuroimagem a partir dos anos 2000, os estudos passaram a demonstrar mudanças estruturais e funcionais concretas no cérebro. Por exemplo, (Lazar et al., 2005) mostraram o aumento da espessura cortical em regiões associadas à atenção e percepção sensorial (Hözel et al., 2011) evidenciaram que apenas oito semanas de prática mindfulness podem aumentar a massa cinzenta no hipocampo e no córtex pré frontal, sugerindo neuroplasticidade induzida pela meditação.

Estudos recentes sugerem que os efeitos da meditação mindfulness estão associados à mecanismos neurobiológicos específicos incluindo modulação da atividade do sistema nervoso autônomo, redução da reatividade da amígdala e fortalecimento das conexões entre o córtex pré frontal e regiões límbicas. Esses processos favorecem autorregulação emocional, controle atencional e redução da resposta ao estresse, indicando que a prática meditativa atua tanto em circuitos cognitivos quanto afetivos do cérebro (Young et al., 2021).

Pesquisas de neuroimagem também indicam que a prática de mindfulness influencia grandes redes cerebrais, como a Default Mode Network (DMN), associada a processos autorreferenciais e divagação mental (Raichle et al., 2001). Estudos mostram que os meditadores experientes apresentam menor ativação dessa rede durante estados de atenção plena (Brewer et al., 2011), o que pode explicar a redução de ruminação e pensamentos automáticos frequentemente associados à ansiedade e depressão.

Em conjunto, esses achados sugerem que a prática não apenas produz estados subjetivos de relaxamento e atenção plena, mas também promove modificações mensuráveis na estrutura e no funcionamento cerebral. Tais evidências reforçam a hipótese de que a meditação atua como uma forma de treinamento mental capaz de induzir processos de neuroplasticidade, impactando sistemas neurais envolvidos na atenção, regulação emocional e autoconsciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura evidencia que a investigação científica sobre a meditação tem avançado significativamente nas últimas décadas, especialmente com o desenvolvimento de técnicas de neuroimagem que permitem observar de forma mais precisa os correlatos neurais associados à prática meditativa. Esses avanços contribuíram para ampliar a compreensão sobre como experiências mentais sistemáticas podem estar relacionadas a processos de reorganização funcional do cérebro.

Nesse contexto, a meditação tem sido compreendida não apenas como uma prática contemplativa ou cultural, mas também como um objeto relevante de investigação nas neurociências, ao oferecer um modelo de treinamento mental capaz de influenciar processos cognitivos e emocionais. A articulação entre estudos fisiológicos pioneiros e pesquisas recentes em neuroimagem têm permitido construir um corpo crescente de evidências acerca dos possíveis mecanismos neurais envolvidos nessa prática.

Dessa forma, o diálogo entre diferentes abordagens metodológicas e campos do conhecimento mostra-se fundamental para aprofundar a compreensão dos efeitos da meditação sobre o funcionamento cerebral.

REFERÊNCIAS

BREWER, J. A. et al. **Meditation experience is associated with differences in default mode network activity and connectivity.** Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 108, n. 50, p. 20254–20259, 2011.

DAS, N. N.; GASTAUT, H. **Variations de l'activité électrique du cerveau, du coeur et des muscles squelettiques au cours de la méditation et de l'extase yogique.** Electroencephalography and Clinical Neurophysiology, v. 6, p. 211–219, 1955.

FOX, Kieran C. R. et al. **Is meditation associated with altered brain structure? A systematic review and meta-analysis of morphometric neuroimaging in meditation practitioners.** Neuroscience & Biobehavioral Reviews, v. 43, p. 48–73, 2014.

HÖLZEL, Britta K. et al. **Mindfulness practice leads to increases in regional brain gray matter density.** Psychiatry Research: Neuroimaging, v. 191, n. 1, p. 36–43, 2011.

KASAMATSU, A.; HIRAI, T. **An electroencephalographic study on the Zen meditation (Zazen).** Folia Psychiatrica et Neurologica Japonica, v. 20, n. 4, p. 315–336, 1966.

LARDONE A, Liparoti M, Sorrentino P, Minino R, Polverino A, Lopez ET, Bonavita S, Lucidi F, Sorrentino G, Mandolesi L. **Topological changes of brain network during mindfulness meditation: an exploratory source level magnetoencephalographic study.** AIMS Neurosci. 2022 May 7;9(2):250-263. doi: 10.3934/Neuroscience.2022013. PMID: 35860681; PMCID: PMC9256519.

LAZAR, Sara W. et al. **Meditation experience is associated with increased cortical**

thickness. NeuroReport, v. 16, n. 17, p. 1893–1897, 2005.

RAICHLE, Marcus E. et al. **A default mode of brain function.** Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 98, n. 2, p. 676–682, 2001.

TANG, Yi-Yuan; HÖLZEL, Britta K.; POSNER, Michael I. **The neuroscience of mindfulness meditation.** Nature Reviews Neuroscience, v. 16, n. 4, p. 213–225, 2015.

YOUNG, K. S. et al. **The impact of mindfulness-based interventions on brain activity: a systematic review of functional magnetic resonance imaging studies.** Neuroscience & Biobehavioral Reviews, 2021.

O PODER TERAPÊUTICO DA LITERATURA EM BIBLIOTECA HOSPITALAR

Maria do Carmo Santos¹.

¹Ministério da Saúde, Rio de Janeiro, RJ. <https://lattes.cnpq.br/9523127716432044>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/3

PALAVRAS-CHAVE: Ficção de cura. Mediação da leitura. Humanização da saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A literatura é reconhecida como um importante recurso simbólico, cultural e emocional, capaz de contribuir para o bem-estar humano, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A ficção de cura é uma tendência recente no universo literário que reúne narrativas sensíveis e reflexivas, capaz de conduzir o leitor a uma sensação de acolhimento e bem-estar. No ambiente hospitalar, marcado por situações de sofrimento, ansiedade e ruptura da rotina, a presença da leitura e da mediação literária pode atuar como estratégia de humanização do cuidado em saúde.

Como explica Machado (2025), trata-se de um gênero literário que valoriza histórias inspiradas em experiências humanas reais, geralmente conduzidas a desfechos positivos, marcados pela esperança e pela superação. Ao abordar temas como afeto, cuidado e reconstrução emocional, essas obras funcionam como um recurso de conforto ao oferecer narrativas que aquecem o coração e auxiliam no enfrentamento de desafios emocionais.

O termo foi introduzido pelo renomado psicólogo James Hillman (2010), que reconheceu o poder simbólico da literatura na psicoterapia e no desenvolvimento humano. Estudos recentes apontam que práticas como a Literatura de Cura favorecem a expressão de sentimentos, o alívio do estresse e o fortalecimento emocional de pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde. Dentre estes podemos citar, Caldin (2009), Fonseca e Fonseca (2011), Santa Anna, Gregorio e Gerlin (2014), Carvalho (2018), que tratam a leitura literária como prática humanizadora, que funciona como uma ferramenta terapêutica capaz de promover o bem-estar emocional e o crescimento pessoal.

A Política Nacional de Humanização (PNH) (2013), conhecida como HumanizaSUS, compreende a humanização como a inclusão das diferenças nos processos de gestão e de cuidado em saúde, reconhecendo a diversidade de sujeitos, saberes e experiências que atravessam o cotidiano dos serviços. Nessa perspectiva, a humanização implica a criação de espaços saudáveis, acolhedores e confortáveis, que respeitem a privacidade e se constituam como lugares de encontro, diálogo e corresponsabilização entre usuários e

profissionais.

Em consonância com esse entendimento ampliado de cuidado, Hillman (2010) propõe uma psicologia em diálogo estreito com a arte e a poesia, concebida como uma prática que reconhece a metáfora, o mito e o símbolo como caminhos privilegiados para o autoconhecimento e o processo de cura. Assis e Santos (2025) identificam essa vertente como ainda pouco explorada no campo da Ciência da Informação, especialmente no âmbito das bibliotecas hospitalares, que podem se configurar como espaços humanizados de mediação simbólica, cultural e informacional.

No cenário atual, torna-se cada vez mais evidente a procura por soluções interdisciplinares que articulem saúde e cultura como estratégias de promoção do bem-estar e da saúde mental. A literatura de cura, ou *healing fiction*, se torna uma nova forma de contar histórias que vai além do simples entretenimento e ajuda as pessoas a lidar com momentos difíceis, já que propõe o uso das narrativas literárias como ferramentas de reflexão, acolhimento e fortalecimento emocional.

Apesar de seu potencial terapêutico, a aplicação sistematizada da literatura nas bibliotecas hospitalares ainda enfrenta desafios relacionados à estrutura, à formação dos mediadores e ao reconhecimento institucional dessas práticas. Estariam os bibliotecários aptos a atuar com empatia o bastante para olhar o outro além de uma mera necessidade informacional?

OBJETIVO

O estudo tem como objetivo investigar o papel da literatura de cura no contexto das bibliotecas hospitalares, considerando seu potencial como recurso informacional e cultural capaz de promover o bem-estar emocional e contribuir para a humanização do cuidado em saúde. Assim, busca-se compreender a função das bibliotecas hospitalares como espaços de acolhimento, informação e mediação cultural, bem como identificar as práticas desenvolvidas pelos bibliotecários na mediação de leitura com fins terapêuticos e os principais desafios enfrentados nesse processo.

Além disso, pretende-se analisar estratégias que favoreçam a consolidação de políticas institucionais voltadas ao fortalecimento dessas iniciativas, incluindo a captação de recursos para a formação de acervos literários relacionados à literatura de cura e a oferta de formação específica aos bibliotecários para atuação nesse campo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, fundamentado nos pressupostos metodológicos, que compreende a pesquisa qualitativa como adequada à análise de significados, valores e práticas sociais. A pesquisa

foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, conforme definido por Cervo, Bervian e Da Silva (2007), em bases de dados científicas, repositórios institucionais e periódicos das áreas da Ciência da Informação, Educação e Saúde.

Foram selecionados artigos científicos, dissertações e livros que abordam os temas literatura de cura, bibliotecas hospitalares e mediação da leitura, considerando critérios de relevância, pertinência temática e contribuição teórica. A análise dos dados ocorreu por meio de leitura crítica e interpretação do conteúdo, em consonância com a abordagem da análise qualitativa, buscando identificar conceitos, práticas, benefícios e desafios relacionados à aplicação da literatura de cura em bibliotecas hospitalares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que este tipo de literatura, especialmente quando aplicada por meio da contação de histórias e da leitura mediada, exerce um papel relevante no contexto hospitalar. Observou-se que essas práticas contribuem significativamente para a redução da ansiedade, o estímulo à imaginação e a criação de experiências de prazer, conforto e acolhimento, aspectos frequentemente destacados como fundamentais para a humanização. A análise bibliográfica evidencia que a literatura de cura se configura como uma prática interdisciplinar, articulando dimensões da comunicação, da cultura, da informação e do lazer.

Conforme apontado por estudos anteriores, essa atividade favorece a construção de vínculos afetivos, promove valores simbólicos e possibilita aos sujeitos vivenciarem experiências subjetivas que transcendem os limites físicos e emocionais impostos pelo ambiente hospitalar, contribuindo para o fortalecimento emocional. Os achados dialogam com pesquisas que defendem o uso da leitura e da narrativa como estratégias de cuidado complementar, que contribui para o enfrentamento dos conflitos internos e ressignificando a experiência hospitalar.

Nesse sentido, os resultados reforçam o entendimento de que a literatura de cura não se limita ao entretenimento, mas atua como um recurso de apoio emocional e de promoção da saúde mental, em consonância com os objetivos propostos neste estudo. Entretanto, essa análise também revela desafios recorrentes apontados pelos autores, como a ausência de políticas institucionais consolidadas, a escassez de recursos materiais e a falta de formação específica dos bibliotecários para atuarem como mediadores em contextos terapêuticos. Tais limitações comprometem a continuidade e a ampliação dessas ações, indicando a necessidade de maior investimento, capacitação profissional e reconhecimento institucional das práticas de leitura no âmbito da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou analisar a literatura de cura como uma prática informacional e cultural relevante no ambiente da biblioteca hospitalar, evidenciando seu potencial na humanização do cuidado em saúde. Os resultados indicam que a leitura literária contribui para reduzir a ansiedade, fortalecer o equilíbrio emocional e ressignificar a experiência hospitalar. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, uma vez que se identificou a literatura de cura como um recurso capaz de articular saúde, cultura e informação, favorecendo vínculos afetivos e experiências simbólicas significativas para pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde.

A análise bibliográfica indica que essas práticas atuam como estratégias de cuidado emocional, alinhadas à humanização dos serviços de saúde. Contudo, persistem desafios, como a ausência de políticas institucionais consolidadas, carência de recursos e a falta de formação específica dos bibliotecários. **Entre as limitações do estudo**, destaca-se seu caráter exclusivamente bibliográfico.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas empíricas que aprofundem a atuação do bibliotecário como mediador da literatura de cura e assim avaliar os impactos dessas ações em diferentes contextos hospitalares, contribuindo para o fortalecimento desse campo ainda emergente na Ciência da Informação. Dessa forma, as bibliotecas hospitalares podem se afirmar como espaços estratégicos de cuidado, nos quais a mediação da leitura assume papel relevante na promoção do bem-estar, da escuta sensível e da integralidade da atenção em saúde.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acesso à Informação**. Ações e Programas. Política Nacional de Humanização - HumanizaSUS. Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus>. Acesso em: 10 mar. 2026.

CALDIN, C. F. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2026.

HILLMAN, J. **Ficções que curam**: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Rio de Janeiro: Verus, 2010. 212 p.

CARVALHO, C. **O que é healing fiction**: conheça o gênero de ficção de cura. Projeto Overflow. 2025. Disponível em: <https://projetooverflow.com.br/o-que-e-healing-fiction-conheca-o-genero-de-ficcao-de-cura/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

CARVALHO, C. B. M. Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 143–154, 2018. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/721>. Acesso em: 15 mar. 2026.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 218 p.

HILLMAN, J. **Ficções que curam**: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Rio de Janeiro: Verus, 2010. 212 p.

FONSECA, T. F.G.; FONSECA, P. H. G. A humanização hospitalar: um olhar sobre o projeto “Leitura: asas da liberdade” na Santa Casa de Caridade em Formiga-MG. **Conexão Ciência** (Online), [S. l.], v. 5, n. 1, p. 105–115, 2011. DOI: 10.24862/cco.v5i1.64. Disponível em: <https://revistas.uniformg.edu.br/conexaociencia/article/view/64>. Acesso em: 10 mar. 2026.

MUSICOTERAPIA E CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA

Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira¹; Alicia Vitória Pereira².

¹Universidade Potiguar (UNP), Mossoró, RN. <https://lattes.cnpq.br/3524436229344940>.

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN.

<https://lattes.cnpq.br/7750984256109540>.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Internação psiquiátrica. Musicoterapia.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A saúde mental não pode ser compreendida apenas a partir da lógica clínica tradicional, como se estivesse restrita ao uso de medicamentos, ao consultório ou ao controle de sintomas. Pensá-la de forma mais ampla exige considerar políticas públicas, modos de cuidado não medicalizantes, vínculos, condições de vida e as diferentes formas pelas quais o sofrimento se produz e se expressa. No Brasil, esse debate ganhou força com a Reforma Psiquiátrica, que redirecionou o modelo assistencial e afirmou a defesa dos direitos das pessoas com transtornos mentais, em oposição ao hospitalocentrismo e em favor de práticas mais humanizadas e articuladas ao cuidado psicossocial. (Brasil, 2001).

Mesmo quando a internação se coloca como recurso em situações de crise, o cotidiano do hospital psiquiátrico pode acabar concentrando o cuidado nas respostas mais imediatas, como estabilização, contenção de sintomas e adesão ao tratamento medicamentoso. Nesses contextos, existe o risco de que experiências complexas de sofrimento sejam tratadas de forma reduzida, com pouca atenção às dimensões sociais, afetivas, relacionais e biográficas que também compõem a experiência do adoecimento psíquico. Essa crítica dialoga com discussões mais amplas sobre medicalização e sobre os limites de um cuidado excessivamente técnico diante da complexidade da vida concreta. (Tabet et al., 2017).

Em contrapartida, o campo da saúde mental também tem mostrado que o cuidado não se sustenta apenas em procedimentos e prescrições. Escuta, acolhimento, vínculo, responsabilização e presença são dimensões fundamentais do trabalho em saúde, especialmente em contextos institucionais onde o sofrimento tende a ser silenciado ou tratado de forma padronizada. Nessa perspectiva, o cuidado passa a ser entendido também como relação, e não apenas como intervenção técnica, o que amplia a possibilidade de pensar práticas mais sensíveis à história e à singularidade de quem sofre. (Merhy e Franco,

2008).

É nesse horizonte que a musicoterapia pode ser compreendida como uma estratégia relevante de cuidado, sobretudo em ambientes marcados por rigidez institucional e dificuldade de expressão. A música pode favorecer encontro, escuta e criação, abrindo espaço para a circulação de afetos e para formas simbólicas de elaboração do sofrimento. A partir dessa compreensão, este trabalho apresenta uma intervenção do Projeto Integra, realizada em outubro de 2019 no Hospital Psiquiátrico X, com aproximadamente 30 pacientes, por meio de recursos de musicoterapia, como voz, violão, caixa de som e cajon. Entre os diferentes momentos do encontro, o texto se detém especialmente em uma cena central: o acolhimento de uma paciente em sofrimento relacionado ao luto e a perdas gestacionais por meio de uma canção improvisada. Com base nessa experiência, discutem-se as possibilidades da musicoterapia como cuidado intramuros, bem como seus limites quando realizada de forma pontual e sem articulação com a continuidade do cuidado em rede. (Silva e Moraes, 2007).

OBJETIVO

Apresentar e analisar uma intervenção do Projeto Integra realizada em outubro de 2019, no Hospital Psiquiátrico X, em contexto de internação, por meio de musicoterapia (voz, violão, caixa de som e cajon). Discute-se como esses recursos podem favorecer a escuta, o vínculo e a expressão simbólica do sofrimento, tomando como exemplo a cena em que uma paciente em luto por perda gestacional foi acolhida por uma canção improvisada. Por fim, apontam-se limites de uma ação pontual e destaca-se a importância de continuidade e integração dessas práticas ao cuidado psicossocial.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, construído a partir de uma intervenção realizada pelo Projeto Integra em outubro de 2019, no Hospital Psiquiátrico X, em contexto de internação, com a participação de aproximadamente 30 pacientes. A atividade foi conduzida pelo autor, então estagiário do projeto, com uso de recursos de musicoterapia, como voz, violão, caixa de som e cajon.

O encontro ocorreu em um único momento e foi acompanhado por observação direta da dinâmica grupal, das formas de participação e dos efeitos produzidos ao longo da atividade. Para este trabalho, a análise se concentra especialmente em uma cena central do encontro: o acolhimento de uma paciente em sofrimento relacionado ao luto e à perda gestacional por meio da composição e do compartilhamento de uma canção improvisada.

As reflexões aqui apresentadas foram elaboradas com base em registro descritivo produzido após a atividade, considerando o contexto institucional, as interações entre os participantes, a resposta do grupo à proposta e os sentidos produzidos no decorrer da experiência musical. Para preservar os participantes, foram adotados cuidados de

anonimização e confidencialidade, sem identificação pessoal. Assim, a análise se volta aos efeitos observados naquele contexto específico, sem pretensão de generalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência realizada no Hospital Psiquiátrico X indicou que a musicoterapia pode constituir uma estratégia importante de cuidado em saúde mental, especialmente em contextos de internação, nos quais o cotidiano tende a ser marcado pela centralidade da medicação e por práticas mais rígidas. Nesse cenário, a música apareceu como possibilidade de ampliar a escuta e o vínculo, deslocando, ainda que momentaneamente, o foco exclusivo do manejo técnico do sofrimento. (Tabet et al., 2017; Merhy e Franco, 2008).

Ao longo do encontro, os recursos musicais favoreceram a participação do grupo e contribuíram para a construção de um ambiente mais acolhedor. A presença do violão, da voz, da caixa de som e do cajon ajudou a criar uma ambiência diferente daquela geralmente associada ao cotidiano hospitalar, permitindo que afetos, memórias e falas circulassem com mais liberdade. Nesse sentido, a música não apareceu apenas como atividade complementar, mas como mediação capaz de sustentar presença, escuta e cuidado. (Merhy e Franco, 2008; Silva e Moraes, 2007).

O momento mais significativo ocorreu quando uma paciente em sofrimento relacionado ao luto e à perda gestacional foi acolhida por meio de uma canção improvisada. Nessa cena, a música funcionou como forma de reconhecimento e de expressão simbólica do sofrimento, sem transformar a dor em algo a ser imediatamente corrigido ou explicado. Observou-se maior atenção do grupo em torno da paciente, fortalecimento do vínculo entre os presentes e abertura de um espaço em que o sofrimento pôde ser acolhido de modo mais humano e compartilhado. (Silva e Moraes, 2007).

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer os limites da experiência. Por se tratar de uma ação pontual, não é possível generalizar seus efeitos nem afirmar impactos duradouros. Ainda assim, o encontro aponta que práticas como essa podem contribuir para a humanização do cuidado e para o enfrentamento de lógicas manicomiais ainda presentes nos serviços de saúde mental, sobretudo quando articuladas a uma rede de atenção psicossocial capaz de sustentar continuidade e acompanhamento. (Brasil, 2001; Brasil, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato analisou um encontro do Projeto Integra (outubro/2019) no Hospital Psiquiátrico X, em um ambiente de internação que utilizou musicoterapia como estratégia de cuidado em saúde mental. Conforme os resultados, percebe-se que a musicoterapia pode ajudar os pacientes a se tornarem mais conectados, bem como adicionar ressignificação ao sofrimento em contextos onde o tratamento frequentemente requer manejo medicamentoso

e comportamentos que privilegiam a expertise psiquiátrica em detrimento de abordagens igualmente relevantes.

A abertura do encontro, com um gesto de cuidado dirigido à paciente em luto e perdas gestacionais, e a canção improvisada como resposta, mostrou como práticas expressivas podem funcionar como recursos relacionais e humanizadores. Esse tipo de ação amplia o repertório clínico possível na internação, porque recoloca em destaque a presença, o vínculo e o reconhecimento como dimensões do cuidado em saúde mental.

Ao mesmo tempo, por ter sido um encontro único, os resultados precisam ser lidos como efeitos situados. A experiência também revelou limites importantes, como participação desigual e a fragilidade de ações pontuais quando não há continuidade, o que tende a reduzir seus impactos no cotidiano institucional.

Por isso, a vivência reforça a necessidade de inserir práticas artísticas nos projetos terapêuticos, com planejamento, periodicidade e apoio do serviço, além de articulação com a rede territorial de atenção psicossocial. Assim, elas deixam de ser eventos isolados e passam a contribuir de forma mais consistente para a sustentação de direitos, singularidade e produção de sentido no cuidado

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 9 abr. 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm. Acesso em: 1 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do SUS. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 26 dez. 2011. Republicada. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 1 mar. 2026.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. Trabalho em saúde. In: PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Júlio César França (org.). **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2008. p. 278-283. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/Trabalho_em_Saude_ts.pdf. Acesso em: 1 mar. 2026.

SILVA, Raquel Siqueira da; MORAES, Marcia. **Musicoterapia e saúde mental**: relato de uma experimentação rizomática. *Psico*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 139-147, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1423>. Acesso em: 1 mar. 2026.

MÚSICA, ESCUTA E REEXISTÊNCIA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO MUSICOTERAPÊUTICA COM PESSOAS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

Flávia Carolina Silva Santos de Castro¹; Luana Araújo de Matos²; Ana Clara Lima de Castro³; João Gabriel da Costa Rodrigues⁴.

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/9770802652936431>

²Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6912617260700403>

³Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6299498100514048>

⁴Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/5928602046982757>

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia. Saúde Mental. Sofrimento Psíquico.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A musicoterapia é uma prática terapêutica que utiliza a música e seus elementos, som, ritmo, melodia e harmonia, como recursos para promover processos de expressão, comunicação e elaboração emocional. No campo da saúde mental, a música pode funcionar como linguagem simbólica capaz de acessar dimensões subjetivas que nem sempre se apresentam de forma verbalizada. De acordo com Bruscia (2016), a musicoterapia envolve o uso sistemático da experiência musical na relação terapêutica com o objetivo de promover saúde e bem-estar.

Autores como Ruud (1990) destacam que a música pode favorecer processos de construção de identidade, pertencimento e ressignificação da experiência subjetiva. Nesse sentido, práticas musicoterapêuticas podem constituir importantes dispositivos de cuidado em contextos clínicos marcados por sofrimento psíquico intenso.

A articulação entre musicoterapia e psicanálise também oferece importantes contribuições para a compreensão da clínica musical. A partir das formulações de Freud (1912;1915) sobre inconsciente e transferência, é possível compreender que expressões sonoras, escolhas musicais e improvisações podem funcionar como formas simbólicas de manifestação de conteúdos psíquicos. Nessa perspectiva, a música pode operar como mediadora de processos de simbolização e elaboração emocional.

Diante disso, este trabalho apresenta a experiência de estágio supervisionado em musicoterapia realizado em um serviço universitário de atendimento psicológico, buscando refletir sobre as possibilidades de intervenção musicoterapêutica junto a pessoas em

sofrimento psíquico, especialmente em situações marcadas por ideação suicida.

OBJETIVO

Relatar a experiência de atuação em estágio supervisionado em musicoterapia em um serviço universitário de saúde mental, refletindo sobre as possibilidades de intervenção musicoterapêutica no cuidado a pessoas em sofrimento psíquico.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, baseado nas atividades desenvolvidas durante estágio curricular supervisionado em musicoterapia realizado em centro de serviços de psicologia aplicada em uma Universidade Federal na região Norte do país.

O estágio teve duração de 90 horas e foi realizado entre outubro de 2024 e abril de 2025, envolvendo atendimentos clínicos individuais supervisionados com pacientes em sofrimento psíquico atendidos pelo serviço. O público atendido incluía principalmente jovens com histórico de ideação suicida, tentativas prévias de suicídio, transtornos psiquiátricos e conflitos familiares.

A prática clínica foi estruturada em três etapas: observação, coatuação e atuação supervisionada. As intervenções musicoterapêuticas envolveram experiências musicais de improvisação, recriação, composição e audição musical, conforme sistematizadas por Bruscia (2016).

Instrumentos como teclado, escaleta e ukulele foram utilizados como mediadores da expressão emocional, associados a momentos de escuta verbal e reflexão sobre os sentidos subjetivos da experiência musical. A atuação foi orientada por referenciais da musicoterapia clínica e por aportes da psicanálise, especialmente na compreensão dos processos de simbolização, transferência e expressão do inconsciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência clínica evidenciou o potencial da música como mediadora de processos de expressão e elaboração emocional em contextos de sofrimento psíquico. Em diversas sessões, a utilização de recursos musicais permitiu que os pacientes expressassem sentimentos difíceis de verbalizar como tristeza profunda, ansiedade, raiva e sentimentos de vazio.

A improvisação musical mostrou-se especialmente potente como dispositivo de expressão emocional, possibilitando que os pacientes traduzissem afetos e conflitos internos em experiências sonoras. Nesses momentos, a música funcionou como continente

simbólico para experiências subjetivas intensas, favorecendo processos de regulação emocional e elaboração psíquica.

A análise e recriação de canções também permitiram acessar conteúdos simbólicos relevantes para os pacientes. Em determinados atendimentos, a escolha de músicas com temáticas relacionadas à dor, perda ou morte possibilitou a abertura de espaços de reflexão sobre experiências de sofrimento e sobre a relação dos sujeitos com suas próprias histórias.

Essas experiências dialogam com as contribuições de Benenzon (1989), que destaca o conceito de identidade sonora (ISO) como elemento fundamental para a compreensão da relação do sujeito com o universo sonoro e musical. A mobilização dessas referências sonoras pessoais pode favorecer processos de reconexão com aspectos identitários e afetivos do sujeito.

Além disso, a experiência clínica evidenciou que a música pode funcionar como espaço intermediário de simbolização, aproximando-se da noção de espaço potencial proposta por Winnicott (2019). Nesse contexto, a experiência musical compartilhada entre terapeuta e paciente possibilita a criação de um ambiente de acolhimento e experimentação, no qual novas formas de expressão e elaboração subjetiva podem emergir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio supervisionado em musicoterapia evidenciou o potencial das práticas musicais como dispositivos de cuidado em saúde mental. A música mostrou-se um recurso potente para favorecer processos de expressão emocional, simbolização e construção de vínculos terapêuticos. Especialmente em contextos marcados por sofrimento psíquico intenso e dificuldades de verbalização, a experiência musical pode ampliar as possibilidades de escuta clínica e oferecer caminhos alternativos para a elaboração subjetiva.

Assim, a musicoterapia se apresenta como uma prática terapêutica sensível e potente, capaz de contribuir para a promoção de cuidado em saúde mental e para a construção de espaços de escuta e reexistência para sujeitos em sofrimento.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao contexto do conhecimento não-verbal. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Pennsylvania: Barcelona Publishers, 2016.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 107–122.

_____. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159–222.

RUUD, EVEN. **Caminhos da Musicoterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

ENTRE A MÚSICA E O ABISMO: NARRATIVAS AUTOETNOGRÁFICAS SOBRE SUICÍDIO E PRODUÇÃO DE CUIDADO ATRAVÉS DA MÚSICA

Flávia Carolina Silva Santos de Castro¹; Luana Araújo de Matos²; Ana Clara Lima de Castro³; João Gabriel da Costa Rodrigues⁴.

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/9770802652936431>

²Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6912617260700403>

³Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6299498100514048>

⁴Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/5928602046982757>

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Autoetnografia. Música.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

O suicídio constitui um fenômeno complexo e multifacetado, atravessado por dimensões psicológicas, sociais, culturais e existenciais. Tradicionalmente abordado a partir de perspectivas biomédicas ou epidemiológicas, o tema tem sido progressivamente investigado também a partir de abordagens qualitativas que buscam compreender as experiências subjetivas associadas ao sofrimento psíquico e às tentativas de autoaniquilamento conforme apontado por estudos de Dantas e colaboradores (2021) e Minayo, Figueiredo e Bastos (2017).

Nesse contexto, metodologias narrativas têm ganhado destaque por possibilitar a aproximação com as dimensões vivenciais do sofrimento. Entre essas abordagens, a autoetnografia permite que o pesquisador utilize sua própria experiência como ponto de partida para a produção de conhecimento, articulando narrativa pessoal, reflexão crítica e análise cultural. Conforme propõem Raimondi e colaboradores (2020) e Santos (2017), a autoetnografia busca compreender fenômenos sociais a partir da experiência vivida, produzindo narrativas que conectam o pessoal ao coletivo.

No campo da arte e da saúde, a música pode constituir um importante dispositivo de elaboração subjetiva. Autores como Ruud (1990) destacam que a música pode contribuir para processos de construção de identidade, pertencimento e produção de sentido, especialmente em contextos marcados por sofrimento psíquico.

Diante disso, este trabalho apresenta reflexões provenientes de uma pesquisa de mestrado que articula narrativa autoetnográfica e práticas musicais como formas de

compreender o sofrimento suicida e explorar possibilidades de produção de cuidado através da música.

OBJETIVO

Refletir sobre as possibilidades da autoetnografia e da experiência musical como caminhos de elaboração do sofrimento psíquico e produção de cuidado em contextos relacionados ao suicídio.

METODOLOGIA

O estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza autoetnográfica. Segundo Santos (2017), a autoetnografia constitui uma metodologia que articula experiência pessoal, análise cultural e produção narrativa, permitindo que o pesquisador investigue fenômenos sociais a partir de sua própria trajetória vivida.

A pesquisa foi desenvolvida no contexto de um mestrado em Psicologia e se estrutura a partir de narrativas autobiográficas relacionadas à experiência de sofrimento psíquico e tentativas de suicídio, articuladas com reflexões teóricas provenientes dos campos da psicologia, da musicoterapia e dos estudos culturais da música.

Além da dimensão narrativa, a pesquisa também incorpora práticas musicais como dispositivos de elaboração subjetiva e produção de sentido. A música é compreendida, nesse contexto, não apenas como objeto artístico, mas como prática relacional e simbólica capaz de mediar processos de escuta, expressão e cuidado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas pessoais apresentadas pelos sujeitos do estudo realizado por Minayo, Figueiredo e Mangas (2017) evidenciam que o sofrimento suicida frequentemente se articula a experiências de ruptura de vínculos, silenciamento emocional e dificuldade de elaboração simbólica da dor psíquica. Nesse cenário, segundo Benenzon (1989), a música pode emergir como uma forma de expressão capaz de acolher e traduzir afetos que muitas vezes escapam à linguagem verbal.

A experiência musical pode funcionar como um espaço de escuta e elaboração subjetiva, permitindo que sentimentos de angústia, tristeza e desamparo sejam simbolizados por meio de sons, melodias e letras de canções. Conforme argumenta Small (2025), a música deve ser compreendida como uma prática social e relacional, na qual os sujeitos constroem significados e vínculos por meio da experiência sonora compartilhada.

No contexto da pesquisa, a música aparece tanto como linguagem de expressão pessoal quanto como ferramenta de cuidado coletivo. A escuta musical, a composição

de canções e a partilha de experiências musicais configuram-se como práticas que possibilitam a produção de sentidos sobre o sofrimento vivido e a construção de narrativas de reexistência.

A autoetnografia, nesse processo, permite transformar experiências individuais de dor em material reflexivo e analítico, contribuindo para ampliar a compreensão social do fenômeno do suicídio. Essa posição teórica é sustentada em estudos como aqueles realizados por Raimondi e colaboradores (2020) e Santos (2017).

Ao articular experiência pessoal, produção artística e análise crítica, essa abordagem possibilita a construção de conhecimentos sensíveis às dimensões subjetivas e culturais do sofrimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre autoetnografia e práticas musicais revelou-se um caminho potente para a investigação e elaboração do sofrimento psíquico associado ao suicídio. Ao transformar experiências pessoais em narrativa reflexiva, a autoetnografia possibilita produzir conhecimento situado, sensível e comprometido com a complexidade das experiências humanas.

A música, por sua vez, mostrou-se um importante dispositivo de cuidado e produção de sentido, capaz de favorecer processos de escuta, expressão e reconstrução subjetiva. Nesse sentido, práticas que articulam arte, narrativa e pesquisa podem contribuir para ampliar as formas de compreensão e cuidado em saúde mental.

Assim, ao situar-se entre a música e o abismo, a pesquisa busca afirmar a potência das narrativas e das práticas artísticas como caminhos possíveis de elaboração do sofrimento e de produção de reexistências.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao contexto do conhecimento não-verbal. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira; MEIRA, Karina Cardoso; BREDEMEIER, Juliana; AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. **Suicídio de mulheres no Brasil**: necessária discussão sob a perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 5, p. 1469–1477, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos; MANGAS, Raimunda Matilde do Nascimento. **O comportamento suicida de idosos institucionalizados**: histórias de vida. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 981–1002, 2017.

RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Claudio; BRILHANTE, Aline Veras; BARROS, Nelson Filice de. **A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva:** (des)encontros metodológicos. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 12, 2020.

RUUD, EVEN. **Caminhos da Musicoterapia.** São Paulo: Summus Editorial, 1990.

SANTOS, Silvio Mateus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica:** perspectivas e desafios. PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017.

SMALL, Christopher. **Musicking:** The meanings of Performing and listening. Connecticut: Wesleyan University Press, 2025.

II GINCANA ESPORTIVA DA ODONTOLOGIA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DE ESTUDANTES

Maria Eduarda Peres Gonçalves¹; Augusto José Alves²; Matheus Tavares Reis França³; Diego de Oliveira Camargos⁴; Giovana Veloso Souza⁵; Rayelle Santos Souza⁶; Daniele das Graças Silva⁷; Karen Laíssa da Silva Araújo⁸; Nathan Rodrigues Souza⁹; Paula Cristina Pelli Paiva¹⁰.

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

³Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁴Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁵Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁶Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁷Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁸Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

¹⁰Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes de Ciências da Saúde. Promoção de Saúde. Qualidade de Vida.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental; Saúde Física.

INTRODUÇÃO

A promoção da saúde no ambiente universitário vai além do desempenho acadêmico, envolvendo aspectos físicos, mentais e sociais dos estudantes (Dooris, 2002). Em cursos de graduação como a Odontologia, múltiplos fatores podem impactar negativamente a saúde dos discentes, como a elevada carga horária, a constante exigência psicomotora e a alta pressão por desempenho (Elani et al., 2014). Desse modo, ações que articulam as atividades e demandas institucionais com lazer e bem-estar são de suma importância para a permanência e continuidade dos alunos ao longo do curso (Rodrigues et al., 2019).

Atividades esportivas e recreativas no ambiente acadêmico reduzem o estresse e a ansiedade, incentivam a adoção de hábitos saudáveis e fortalecem relações interpessoais dentro da comunidade universitária (Teuber et al., 2024). Nessa perspectiva, as gincanas

esportivas configuram-se como estratégias de promoção e prevenção de saúde física e mental, por favorecerem a formação de redes de apoio, estimularem a identidade coletiva e constituírem ambientes favoráveis ao fortalecimento de vínculos sociais (Putnam, 2000).

Com base nessas premissas, a II Gincana Esportiva da Odontologia foi idealizada pelo grupo PET Odontologia no Vale, do curso de Odontologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com o apoio dos departamentos de Odontologia e Educação Física, bem como dos grupos Empresa Júnior de Odontologia de Diamantina (EJOD) e Associação Atlética Acadêmica de Odontologia de Diamantina (Matilha). A iniciativa teve como propósito promover a saúde física e mental de estudantes, técnicos e professores por meio da prática de atividades esportivas, além de integrar e socializar toda a comunidade acadêmica.

OBJETIVO

Relatar a percepção dos graduandos acerca do evento “II Gincana Esportiva da Odontologia”, destacando sua contribuição para a promoção e prevenção da saúde física e mental dos estudantes do curso de Odontologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa, que se baseia na descrição e análise da II Gincana Esportiva da Odontologia, realizada no Campus I da UFVJM, no Município de Diamantina, Minas Gerais. A organização do evento ocorreu de forma colaborativa, sob a coordenação do grupo PET Odontologia no Vale e com apoio dos departamentos de Odontologia e Educação Física, EJOD e Matilha. A divulgação da atividade ocorreu pelos canais oficiais dos organizadores.

A inscrição dos participantes foi feita a partir de um formulário online com o interesse de participação dos alunos. Os participantes inscritos foram distribuídos em equipes previamente definidas (amarela, azul, verde e vermelha), de modo que cada equipe fosse composta por estudantes de períodos distintos. Cada equipe contou com o apadrinhamento de professores e técnicos-administrativos, visando ampliar a interação entre os diferentes segmentos da comunidade acadêmica. As atividades esportivas foram organizadas em diferentes modalidades (intelectuais, individuais e de equipe) e distribuídas ao longo dos três dias do evento, conforme cronograma e regulamento previamente estabelecidos. A arbitragem dos jogos foi realizada por árbitros do departamento de Educação Física da Universidade.

O primeiro dia do evento contou com a abertura oficial, seguida pela competição de xadrez entre as quatro equipes participantes. O segundo dia incluiu competições de peteca mista, futsal masculino, vôlei misto, badminton misto, queimada, rouba bandeira e truco. Por

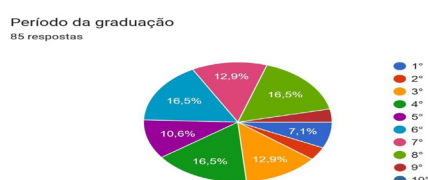
fim, no terceiro e último dia, ocorreram as finais entre os esportes, disputa de partidas de perguntas e respostas (torta na cara) e entrega dos troféus com encerramento do evento. Cada modalidade seguiu regras específicas e todos os jogos foram supervisionados pela comissão organizadora.

Ao final do evento, uma coleta de dados foi realizada por meio de uma pesquisa de levantamento. Para isso, aplicou-se um questionário online aos alunos de graduação participantes, com o objetivo de obter relatos e percepções acerca das contribuições da gincana para a promoção e prevenção da saúde física e mental e para a integração social no ambiente acadêmico. O questionário contemplou questões relacionadas à avaliação da relevância dos temas e atividades propostas, à contribuição do evento para a formação acadêmica e à identificação de pontos positivos da gincana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento ocorreu nos dias 22, 23 e 24 de agosto de 2025 e contou com a participação de alunos, professores e técnicos do curso de Odontologia da Universidade, totalizando 128 inscrições. Após o encerramento, um formulário online foi disponibilizado para a coleta da percepção dos estudantes, obtendo-se 85 respostas. Todos responderam ao questionário de forma consentida e cientes dos objetivos do estudo. A distribuição percentual dos participantes conforme o período do curso está apresentada na Figura 1, destacando-se maior concentração de discentes do 4º, 6º e 8º períodos, que juntos somam 49,5%.

Figura 1: percentual de participação por período da graduação



Fonte: Acervo das autoras (2026).

Dos 85 respondentes, 67,1% avaliaram os temas e atividades propostas pela II Gincana Esportiva da Odontologia como “muito relevantes”. Além disso, 81,2% afirmaram que o evento contribuiu positivamente para a formação acadêmica. Entre os principais aspectos apontados pelos participantes, destacam-se a contribuição para o aprimoramento do aprendizado, o fortalecimento da vivência universitária e o estímulo à reflexão sobre a importância de atividades esportivas e recreativas no ambiente acadêmico. Tais resultados indicam que a iniciativa foi percebida pelos estudantes como uma estratégia relevante para a promoção da saúde física e mental, ao proporcionar momentos de lazer, redução do estresse acadêmico, incentivo à prática de atividades físicas em diferentes modalidades e melhoria do desempenho cognitivo, favorecendo o processo de aprendizagem.

Os participantes apontaram os momentos de recreação, aliados ao incentivo a hábitos saudáveis, como um dos principais pontos positivos da gincana. Também destacaram a importância da integração entre estudantes de diferentes períodos, técnicos e professores, a oportunidade de se afastar temporariamente da rotina acadêmica intensa e o fortalecimento do espírito de equipe. Esses achados sugerem que iniciativas dessa natureza podem contribuir significativamente para a promoção e prevenção da saúde física e mental no ambiente universitário, por favorecer a redução do esgotamento acadêmico, propiciar relaxamento e fortalecer práticas de boa convivência e o sentimento de pertencimento ao curso.

Figura 2: equipes vermelha, amarela, verde e azul participantes da II Gincana Esportiva da Odontologia.



Fonte: Acervo das autoras (2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A II Gincana Esportiva da Odontologia demonstrou que ações de integração e lazer contribuem para redução dos impactos negativos associados a elevada carga horária e pressão acadêmica, além de cumprir seus objetivos ao incentivar a prática de atividades físicas e fortalecer vínculos entre alunos, técnicos e professores. Logo, a gincana é uma poderosa estratégia de promoção e prevenção de saúde física e mental de estudantes, ao proporcionar interação e bem-estar à toda comunidade acadêmica.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

DOORIS, Mark. **The Health Promoting University**: opportunities, challenges and future developments. Promotion & Education, Londres, supl. 1, p. 20–24, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/10253823020090010112>>. Acesso em: 22 mar. De 2026.

ELANI, Hadeel W. et al. **A systematic review of stress in dental students**. Journal of Dental Education, Washington, v. 78, n. 2, p. 226–242, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0022011814263823>>.

org/10.1002/j.0022-0337.2014.78.2.tb05673.x>. Acesso em: 22 mar. De 2026.

PUTNAM, Robert D. **Bowling alone**: the collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2000.

RODRIGUES, Maria Imaculada de Queiroz et al. **Fatores de estresse e qualidade de vida de estudantes de Odontologia**. Revista da ABENO, Brasília, v. 19, n. 1, p. 49-57, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.30979/rev.abeno.v19i1.620>>. Acesso em: 22 mar. De 2026.

TEUBER, Monika; LEYHR, Daniel; SUDECK, Gorden. **Physical activity improves stress load, recovery, and academic performance-related parameters among university students**. BMC Public Health, Londres, v. 24, p. 598, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-024-18082-z>>. Acesso em: 22 mar. De 2026.

MANEIRAS DE MITIGAR A SÍNDROME DE BURNOUT EM MÉDICOS E ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE

Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros¹; Maria do Carmo Pimentel Franca²; Brenno Barbosa Martins³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Helena Monteiro de Moura⁵.

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

²Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

⁴Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes. Médicos. Síndrome de Burnout.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Burnout, descrita pela primeira vez por volta de 1970, é um fenômeno psíquico altamente prevalente entre médicos e estudantes da saúde ao redor do mundo. É definida como uma síndrome física e psicológica causada pela exposição e exaustão prolongadas, além da redução da eficácia tanto no âmbito profissional como acadêmico. Também pode ser percebida por meio de atitudes insensíveis com outras pessoas (Antonsen et al., 2025); (Shrestha et al., 2021); (Antico; Brewer, 2025).

Com isso, pode-se notar que essa síndrome impacta diretamente na qualidade do atendimento médico, gerando cuidados de menor qualidade, erros médicos e uma piora da relação médico-paciente. Outro ponto importante a se ressaltar é a baixa procura de serviços de ajuda pelas pessoas afetadas, por motivos como: pouco tempo disponível, receio de perdas acadêmicas futuras e questões financeiras (Bhardwaj et al., 2023).

É válido pontuar que fatores de bem-estar psicológico como relacionamentos saudáveis, autonomia e um propósito de vida bem traçado, corroboram para baixos índices de Burnout, acontecendo o inverso com a privação de sono, priorizar a vida profissional e ausência de apoio familiar (Villalón López et al., 2025).

OBJETIVO

Esse trabalho objetiva analisar os achados literários e sintetizar a existência ou não de formas de reduzir ou curar os casos da Síndrome de Burnout entre profissionais médicos e estudantes da saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura sobre o tema. Para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes fases: A) identificação do tema da pesquisa; B) procura na base de dados; C) análise e inclusão dos estudos elegíveis; D) compreensão dos resultados; E) elaboração do resumo.

A procura dos estudos foi realizada no mês de janeiro de 2026 por meio de busca online de publicações que atendessem a pergunta da pesquisa. A busca evidenciou 6 artigos elegíveis, que foram utilizados para elaboração da revisão. Foi utilizado o PubMed como base de dados. Para auxiliar a busca, foram utilizados os Descritores da Ciência da Saúde (DeCS) no idioma inglês “*burnout syndrome*” e “*doctors*”, além do operador booleano “AND”.

No decorrer da pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os seguintes fatores de inclusão: artigos publicados nos últimos 5 anos, trabalhos realizados entre maiores de 19 anos e que possuísem texto completo disponível. Os fatores de exclusão utilizados foram: trabalhos que não fossem ensaios clínicos controlados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme pesquisas, os prejuízos causados pela Síndrome de Burnout em quem a possui. Com isso, foi descoberto que o tratamento realizado em médicos por meio de um “Treinamento de Mindfulness”, utilizando um podcast ou aplicativo digital, contribuiu fortemente como intervenção em casos dessa síndrome, reduzindo a incidência nesse grupo de profissionais. Além disso, esse treinamento é uma forma bastante acessível para que médicos muito ocupados busquem enfrentar o Burnout de maneira efetiva e, com isso, colaborando diretamente na melhora do cuidado com o paciente que venha a procurá-lo (Antico; Brewer, 2025).

Estudos realizados com diversos universitários de medicina, apontam que o Burnout afeta semelhantemente pessoas de ambos os sexos e em diferentes faixas etárias. Nesse grupo, as principais causas estão relacionadas a um ambiente altamente estressante, rotina agitada, competitividade, carga de trabalho excessiva, falta de sono e outros motivos. Nos estudantes dos dois primeiros anos do curso, isso também se deve à rápida necessidade de adaptação à uma nova rotina e falta de tempo livre (Shrestha et al., 2021).

Além disso, um trabalho realizado na Europa e Ásia demonstrou que a realização de

um exercício conhecido como Sudarshan Kriya Yoga (SKY), que consiste em alongamentos suaves e técnicas de respiração controladas, atuou diretamente na diminuição dos casos de Síndrome de Burnout nos médicos. Desse modo, por ser uma técnica de fácil implementação, pode ser aderida em instituições de saúde para mitigar os danos causados pela síndrome (Korkmaz et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, foi possível concluir que existem formas de se tratar ou até mesmo curar casos da Síndrome de Burnout entre profissionais da saúde, sendo técnicas essas fáceis e com baixo custo para serem implementadas nos serviços de assistência médica, podendo até mesmo serem estendidas para o âmbito acadêmico, dada a grande importância médica dessa condição entre os estudantes.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ANTICO, Lia; BREWER, Judson. Digital mindfulness training for burnout reduction in physicians: clinician-driven approach. *JMIR Formative Research*, v. 9, p. e63197, 2025. Disponível em: <https://formative.jmir.org/2025/1/e63197/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

ANTONSEN, K. K. et al. Assessing the effect of on-site supportive communication training (on-site SCT) on doctor burnout: a randomized controlled trial. *BMC Medical Education*, v. 25, n. 1, p. 112, 2025. Disponível em: <https://bmcmmededuc.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12909-025-06710-0>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BHARDWAJ, Praag et al. Efficacy of mHealth aided 12-week meditation and breath intervention on change in burnout and professional quality of life among health care providers of a tertiary care hospital in north India: a randomized waitlist-controlled trial. *Frontiers in Public Health*, v. 11, p. 1258330, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1258330>. Acesso em: 23 mar. 2026.

KORKMAZ, Asli et al. Sudarshan Kriya yoga breathing and a meditation program for burnout among physicians: a randomized clinical trial. *JAMA Network Open*, v. 7, n. 1, p. e2353978, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2023.53978>. Acesso em: 23 mar. 2026.

SHRESTHA, Dhan Bahadur et al. Burnout among medical students of a medical college in Kathmandu: a cross-sectional study. *PLOS ONE*, v. 16, n. 6, p. e0253808, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0253808>. Acesso em: 23 mar. 2026.

VILLALÓN LÓPEZ, Francisco et al. Impact of burnout on turnover, medical errors, medical leave and a cross-sectional study of contributing factors among Chilean physicians. *BMJ Open*, v. 15, n. 5, p. e099773, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2024-099773>. Acesso em: 23 mar. 2026.

A APLICABILIDADE DA CANNABIS MEDICINAL COMO TERAPIA ADJUVANTE NA EPILEPSIA REFRACTÁRIA

Maria do Carmo Pimentel Franca¹; Matheus Figueiredo de Araujo Medeiros²; Brenno Barbosa Martins³; Enzo Araujo Perandim Aires⁴; Talita Helena Monteiro de Moura⁵.

¹Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB.

<https://lattes.cnpq.br/3651415891233960>

²Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/9789519504812253>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2582608556822256>

⁴Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/7126187244595038>

⁵Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE. <https://lattes.cnpq.br/2896565079048696>

PALAVRAS-CHAVE: Canabidiol. Epilepsia. Terapia.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A epilepsia trata-se de uma das patologias neurológicas mais comuns no mundo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estimam-se que entre 4 e 10 a cada 1.000 pessoas sofrem com a epilepsia ativa. Entre esses pacientes, cerca de um terço apresenta um fenótipo de resistência a múltiplos fármacos (MDR) e desenvolve epilepsia refratária, que se caracteriza por uma persistência de crises convulsivas apesar do uso adequado de medicamentos antiepiléticos (Janson; Bainbridge, 2021).

O uso medicinal da cannabis, nesses casos, é pautado no sistema endocanabinoide, que é neuromodulador e encontra-se difundido por todo o corpo humano. É constituído por receptores canabinoides, seus respectivos ligantes, canabinoides endógenos (endocanabinoides) e as enzimas que os sintetizam e degradam. Os receptores canabinoides são os principais mediadores dos efeitos dos endocanabinoides. Existem dois subtipos principais de receptores canabinoides: o receptor canabinoide tipo 1 (CB1) e o receptor canabinoide tipo 2 (CB2) (Kaur *et al.*, 2025).

Esses receptores apresentam alto grau de eficácia terapêutica ao interagirem com o canabidiol (CBD) e o tetraidrocanabinol (THC), principais substâncias dentre os mais de 100 fitocanabinoides e terpenos presentes na planta da cannabis, e atuam por meio de vias moleculares e redes de sinalização complexas. Desse modo, o uso dessas substâncias tem se mostrado uma alternativa de tratamento complementar e com novos mecanismos de

ação em relação à terapia convencional (Casillas-Espinosa *et al.*, 2023).

OBJETIVO

Esse trabalho objetiva analisar os achados literários e sintetizar os principais efeitos da cannabis no tratamento adjuvante da epilepsia resistente a medicamentos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de revisão de literatura sobre o tema, para a realização do estudo, foram seguidas as seguintes fases: A) identificação do tema da pesquisa; B) procura na base de dados; C) análise e inclusão dos estudos elegíveis; D) compreensão dos resultados; E) elaboração do resumo.

A procura dos estudos foi realizada no mês de janeiro de 2026 por meio de busca online de publicações que atendessem a pergunta da pesquisa. A busca evidenciou 4 artigos elegíveis, que foram utilizados para elaboração da revisão. Foi utilizado a National Library of Medicine (PubMed) como base de dados. Para auxiliar a busca, foram utilizados os descritores no idioma inglês “*refractory epilepsy*” e “*cannabis*”, além do operador booleano “AND”.

No decorrer da pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os seguintes fatores de inclusão: artigos em inglês e que possuísem texto completo disponível. Os fatores de exclusão utilizados foram: trabalhos publicados há mais de 10 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tetraidrocanabinol (THC) e seu análogo, o canabidiol (CBD), são fitocanabinoides derivados da mesma planta, Cannabis, e compartilham semelhanças estruturais do ponto de vista químico. Entretanto, apresentam diferenças marcantes quanto aos seus mecanismos de ação e aos efeitos exercidos sobre os sistemas do corpo humano. Embora ambos demonstrem potencial terapêutico relevante, no contexto da epilepsia refratária, o canabidiol se destaca por seus mecanismos anticonvulsivantes multifatoriais e complexos. Apesar dos avanços significativos na investigação científica, tais mecanismos ainda não estão completamente esclarecidos (Stella, 2023).

Nesse contexto, o início de uma crise epilética ocorre quando há comprometimento da homeostase entre os mecanismos de excitação e inibição do cérebro. Tal desregulação pode resultar de alterações em diversos níveis da função cerebral, incluindo fatores genéticos, cascatas de sinalização e circuitos neuronais. Os fatores genéticos podem incluir anormalidades nos circuitos neurais, níveis alterados de receptores, como o ácido γ -aminobutírico (GABA), bem como disfunção de canais iônicos, como mutações de canais de potássio. Fatores adquiridos, como insultos cerebrais, processos inflamatórios ou

traumatismos cranioencefálicos, podem causar alterações nas funções do circuito neuronal, resultando em crises convulsivas (Kaur *et al.*, 2025).

Desse modo, estudos pré-clínicos demonstraram que ao antagonizar o GPR55, o canabidiol (CBD) interfere na sinalização pró-excitatória associada a esse receptor, contribuindo para a redução da hiperexcitabilidade neuronal e da suscetibilidade às crises epiléticas. Isso se explica, porque a ativação desse receptor está associada ao aumento da liberação intracelular de cálcio (Ca^{2+}) e à modulação de correntes excitatórias. Os receptores GPR55 são expressos em regiões cerebrais relevantes para a epileptogênese, como o hipocampo, além de outras áreas envolvidas na regulação da neurotransmissão, incluindo a modulação de vias GABAérgicas. Embora o papel exato da sinalização mediada pelo GPR55 nas sinapses inibitórias ainda não esteja completamente elucidado, há indícios de que esse receptor participe da coordenação de mecanismos pró-excitatórios e de processos de desinibição (Reddy, 2023).

Adicionalmente, o canabidiol (CBD) exerce efeitos moduladores sobre os canais do potencial receptor transitório vaniloide tipo 1 (TRPV1). O CBD atua como agonista desses canais catiônicos não seletivos, os quais apresentam elevada permeabilidade ao cálcio (Ca^{2+}). A ativação inicial dos TRPV1 pelo CBD é seguida por um processo de dessensibilização rápida desses canais, resultando em redução do influxo de cálcio extracelular. Considerando que o aumento da concentração intracelular de Ca^{2+} está diretamente relacionado à liberação de neurotransmissores e à amplificação da excitabilidade neuronal, a diminuição desse influxo contribui para a atenuação da neurotransmissão excitatória e diretamente na diminuição da expressão das crises convulsivas (Kaur *et al.*, 2025).

Ainda sobre o CBD, estudos apontam a capacidade de inibição dos transportadores de nucleosídeos equilibrativos (ENTs), responsáveis pela recaptação de adenosina, especialmente em células gliais, como astrócitos e microglia. Essa inibição promove aumento das concentrações extracelulares de adenosina, um neuromodulador purinérgico endógeno com propriedades anticonvulsivantes e anti-inflamatórias, contribuindo para a redução da neurotransmissão excitatória e da hiperexcitabilidade. O CBD modula o sistema GABAérgico ao atuar sobre receptores GABA-A de forma direta e indireta, por meio da ativação de receptores canabinoides CB1 e CB2 em terminais pré- e pós-sinápticos. Essa modulação pode alterar a liberação pré-sináptica de GABA e potencializar as correntes pós-sinápticas mediadas por GABA-A, envolvendo mecanismos como estabilização de receptores na membrana e regulação de vias de fosforilação dependentes de calcineurina (Reddy, 2023).

O fitocanabinoide tetraidrocanabinol (THC) apresenta atividade anticonvulsiva divergente na literatura. Estudos *in vivo* demonstram resultados predominantemente antiepiléticos, apesar de que também tenham sido descritos efeitos pró-convulsivantes ou ausência de eficácia significativa. Seus mecanismos de ação compõem-se, principalmente, pela ativação do receptor CB1, encarregado também por suas propriedades psicoativas.

Ao ativar esse receptor, ocorre a modulação da neurotransmissão glutamatérgica, gerando depressão da liberação de glutamato e diminuição da excitabilidade neuronal. O THC tende a operar como modulador alostérico de receptores opióides μ e δ , inibindo a liberação de neurotransmissores e diminuindo a ativação de receptores NMDA, o que impacta na expressão das crises. Em resumo, os estudos pré-clínicos indicam um potencial efeito antiepiléptico do THC, apesar de haver contradições a depender do modelo experimental (Kaur *et al.*, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epilepsia refratária apresenta grande relevância, sendo uma doença crônica e potencialmente incapacitante, com repercussões clínicas, psicossociais e na qualidade de vida dos pacientes. Diante disso, a planta da cannabis e seus derivados, em especial o canabidiol (CBD), têm se mostrado eficientes no tratamento suplementar da epilepsia, uma vez que modulam o sistema nervoso por meio de mecanismos de antagonismo e agonismo. Apesar dos avanços nas pesquisas, diversos aspectos relacionados aos seus mecanismos de ação, segurança e padronização terapêutica ainda necessitam de investigações mais aprofundadas. Além disso, o debate em torno da cannabis ainda é permeado por estigmas, o que, por vezes, dificulta a ampliação das pesquisas e a incorporação racional dessa terapia na prática clínica. Assim, além de demonstrar eficácia no tratamento complementar da epilepsia com resistência medicamentosa, a cannabis configura-se como uma alternativa terapêutica promissora, cujo potencial ainda demanda maior elucidação científica.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

CASILLAS-ESPINOSA, Pablo M. *et al.* Disease-modifying effects of sodium selenate in a model of drug-resistant, temporal lobe epilepsy. *eLife*, v. 12, p. e78877, 2023.

JANSON, Marnie T.; BAINBRIDGE, Jacquelyn L. Continuing burden of refractory epilepsy. *The Annals of Pharmacotherapy*, v. 55, n. 3, p. 406-408, 2021.

KAUR, Varinder *et al.* Medical cannabis and epilepsy: the evidence. *British Journal of Hospital Medicine*, v. 86, n. 11, p. 1-20, 2025.

REDDY, Doodipala Samba. Therapeutic and clinical foundations of cannabidiol therapy for difficult-to-treat seizures in children and adults with refractory epilepsies. *Experimental Neurology*, v. 359, p. 114237, 2023.

STELLA, Nephi. THC and CBD: similarities and differences between siblings. *Neuron*, v. 111, n. 3, p. 302-327, 2023.

A PSORÍASE COMO DOENÇA PSICODERMATOLÓGICA: UMA REVISÃO NARRATIVA

João Lucas da Silva Veron¹; Luana Pizarro Meneghello².

¹UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, <https://lattes.cnpq.br/0024643050459338>

²UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, <https://lattes.cnpq.br/6177276476888753>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/10

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Comorbidades psiquiátricas. Depressão.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A psoríase é uma doença imunoinflamatória, cutâneo-articular, crônica e recorrente, que se caracteriza por hiperplasia epidérmica, aceleração do ciclo dos queratinócitos e ativação imune inapropriada. Trata-se de uma das dermatoses crônicas mais prevalentes, afetando cerca de 2 a 3% da população ocidental (Carneiro; Azulay-Abulafia; Azulay, 2013).

Além do impacto cutâneo, a psoríase está associada a importantes repercussões psicossociais, estando relacionada a condições psiquiátricas como depressão, transtornos de ansiedade, ideação suicida e abuso de substâncias (Hedemann *et al.*, 2022; Luna *et al.*, 2023). Essas comorbidades ultrapassam a resposta emocional à doença, sendo também explicadas por mecanismos fisiopatológicos compartilhados, como a inflamação sistêmica e desregulação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA) (Brown *et al.*, 2015).

A psoríase apresenta base genética multifatorial, com expressão modulada por fatores ambientais, incluindo o estresse emocional. Nesse contexto, a integração entre aspectos dermatológicos, neuroendócrinos e psicossociais é fundamental para a compreensão ampliada da doença (Carneiro; Azulay-Abulafia; Azulay, 2013).

OBJETIVO

Revisar a literatura acerca da psoríase como doença psicodermatológica, enfatizando a interação entre fatores imunológicos, neuroendócrinos e psicossociais e seu impacto no cuidado integral ao paciente.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. A busca foi realizada nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed/MEDLINE) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO), no período de fevereiro de 2026 a março de 2026. Foram utilizados os Descritores

da Ciência da Saúde (DeCS) no idioma inglês: “psoríase”, “depression”, “anxiety” e “mental disorders”, combinados pelo operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e revisões narrativas que abordassem a associação entre psoríase e comorbidades psiquiátricas, bem como os mecanismos neuroimunoendócrinos. Foram excluídos estudos duplicados, artigos que não abordavam diretamente a interface entre psoríase e saúde mental e publicações sem acesso ao texto completo. A busca resultou em vinte e dois artigos, dos quais dez foram considerados pertinentes e incluídos para a elaboração deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psoríase configura-se como uma condição clássica da interface entre dermatologia e psiquiatria. Estudos evidenciam elevada prevalência de comorbidades psiquiátricas entre nesses pacientes, especialmente depressão e ansiedade (Ferreira *et al.*, 2024).

A prevalência de depressão varia entre 20% e 30%, podendo atingir até 62% em determinados contextos clínicos (Egeberg *et al.*, 2018). Em relação à ansiedade, cerca de 34% dos pacientes apresentam sintomas ansiosos, enquanto transtornos específicos ocorrem em aproximadamente 9% a 15% (Lee *et al.*, 2019).

Dados adicionais demonstram que até 27,8% dos pacientes podem apresentar comorbidades psiquiátricas ou comportamentais associadas, incluindo depressão, ansiedade, tabagismo e uso abusivo de álcool (Ferreira *et al.*, 2024).

Do ponto de vista fisiopatológico, mediadores inflamatórios, como TNF- α , IL-17 e IL-23, desempenham papel relevante tanto na psoríase quanto em transtornos psiquiátricos. Alterações no eixo HHA e na resposta do sistema nervoso simpático reforçam a natureza bidirecional desta interação (Carneiro; Azulay-Abulafia; Azulay, 2013).

Além dos mecanismos biológicos, fatores psicossociais também exercem influência significativa. A visibilidade das lesões cutâneas e o estigma social contribuem para o isolamento, prejuízo nas relações interpessoais e impacto na qualidade de vida (Brown *et al.*, 2015).

A ideação suicida também se mostra relevante nesse contexto. Estudos indicam maior frequência de automutilação e ideação suicida em indivíduos com psoríase quando comparados à população geral (Parisi *et al.*, 2019; Singh *et al.*, 2017).

Comportamentos de risco, como consumo de álcool e tabagismo, também são mais prevalentes nesses pacientes, podendo agravar tanto o quadro inflamatório, quanto o sofrimento psicológico (Wei *et al.*, 2022).

Dessa forma, tais achados reforçam que a psoríase deve ser compreendida como uma condição sistêmica, que exige abordagem clínica ampliada e integrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psoríase deve ser compreendida como uma doença psicodermatológica, na qual fatores imunológicos, neuroendócrinos e psicossociais interagem de forma dinâmica.

A elevada associação com transtornos psiquiátricos, o impacto na qualidade de vida e a presença de comportamentos de risco reforçam a necessidade de ampliar o olhar clínico para além das manifestações cutâneas.

Apesar da existência de instrumentos validados para rastreio em saúde mental, sua aplicação na prática clínica ainda é limitada. Nesse sentido, destaca-se a importância da incorporação dessas estratégias no cuidado rotineiro. Dessa forma, a abordagem multidisciplinar e o reconhecimento precoce das comorbidades psiquiátricas são fundamentais para melhores desfechos terapêuticos e maior adesão ao tratamento.

REFERÊNCIAS

BROWN, G. E.; MALAKOUTI, M.; SORENSON, E.; et al. **Psychodermatology**. Advances in Psychosomatic Medicine, Basel, v.34, p 123-134, 2015.

CARNEIRO, S.; AZULAY-ABULAFIA, L.; AZULAY, D. R. **Dermatoses Eritematoescamosas**. In: AZULAY, R. D.; AZULAY, D. R.; AZULAY-ABULAFIA, L. Azulay Dermatologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

EGEBERG, A.; THYSSEN, J. P.; WU, J. J.; SKOV, L. **Risk of first-time and recurrent depression in patients with psoriasis: a population-based cohort study**. British Journal of Dermatology, v. 180, n. 5, p1167-1173, 2018.

FERREIRA, B. I. R. C. et al. **Psoriasis and associated psychiatric disorders: a systematic review on etiopathogenesis and clinical correlation**. Journal of Clinical and Aesthetic Dermatology, v.9, n.6, p. 36-43, 2016.

HEDEMANN, T. L.; LIU, X.; KANG, C. N.; HUSAIN, M. I. **Associations between psoriasis and mental illness: an update for clinicians**. General Hospital Psychiatry, v. 75, p. 30-36, 2022.

LEE, S.; LEE, H.; LEE, C. H.; LEE, W.-S. **Prevalence and odds of anxiety disorders and anxiety symptoms in psoriasis: a systematic review and meta-analysis**. Acta Dermato-Venereologica, v. 99, n.10, p 1-8, 2019.

LUNA, P. C.; CHU, C. Y.; FATANI, M.; BORLENGHI, C.; ADORA, A.; LLAMADO, L. Q.; WEE, J. **Psychosocial burden of psoriasis: a systematic literature review of depression among patients with psoriasis**. Dermatology and Therapy, v. 13, n.1, p. 1-15, 2023.

PARISI, R.; WEBB, R. T.; KLEYN, C. E.; et al. **Psychiatric morbidity and suicidal behaviour in psoriasis: a primary care cohort study**. British Journal of Dermatology, v.180, n.1, p. 108-115, 2019.

SINGH, S.; TAYLOR, C.; KORNMEHL, H.; et al. **Psoriasis and suicidality:** a systematic review and meta-analysis. Journal of the American Academy of Dermatology, v.77, n.3, p. 425-440, 2017.

WEI, L. et al. **Prevalence of tobacco smoking and its association with disease severity among patients with psoriasis in China:** a cross-sectional study. Frontiers in Medicine, v.9, p 1-9, 2022.

NEUROEDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: ESTRATÉGIAS INTERDISCIPLINARES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL EM MULHERES ADULTAS

Erika Aparecida Domiciano Moser¹ Guilherme André Morschel² Cármem Marilei Gomes³.

¹Instituição de Ensino FACCAT, Taquara, RS. <https://lattes.cnpq.br/4767725219598228>.

²Instituição de Ensino FACCAT, Taquara, RS. <https://lattes.cnpq.br/7168982132152975>

³Instituição de Ensino FACCAT, Taquara, RS. <https://lattes.cnpq.br/7168982132152975>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/15

PALAVRAS-CHAVE: Neurociências. Estresse. Saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

FOMENTO: FAPERGS

INTRODUÇÃO

O presente estudo delimita-se à investigação dos efeitos de intervenções interdisciplinares baseadas em neuroeducação no bem-estar de mulheres adultas residentes em Taquara (RS) e região. A proposta fundamenta-se na concepção de que o conhecimento neurocientífico, aplicado por meio de práticas pedagógicas e terapêuticas, pode favorecer o desenvolvimento das funções executivas, autorregulação emocional e motivação para o autocuidado (Bear et al, 2017; Cosenza e Guerra, 2011).

A neuroeducação é uma abordagem interdisciplinar que visa aprimorar a aprendizagem ao integrar conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia. De acordo com OH et al. (2023), esse campo investiga como os processos neurais, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais influenciam o aprendizado e as decisões que impactam na qualidade de vida. Lima (2017) reforça que a plasticidade cerebral é um processo contínuo, no qual o sistema nervoso central (SNC) se reorganiza em resposta a novas experiências e conhecimentos. Dessa forma, a Neuroeducação pode ser um instrumento eficaz na promoção da saúde mental e na regulação emocional, criando condições para que o indivíduo desenvolva novas estratégias de enfrentamento do estresse e modulação das emoções (Cosenza e Guerra, 2011).

A questão central que orienta este estudo é: Como disciplinas que combinam diferentes áreas de conhecimento, baseadas em neuroeducação, podem contribuir para melhorar a qualidade de vida de mulheres adultas? Para isso, consideramos quatro ideias principais: (1) o conhecimento sobre o cérebro pode melhorar o bem-estar; (2) trabalhar de forma interdisciplinar pode aumentar os efeitos positivos da neuroeducação; (3) encontros

regulares, a cada duas semanas, focados em cuidar de todas as necessidades podem mudar a percepção do estresse e do bem-estar; e (4) essas intervenções podem levar a mudanças significativas na qualidade de vida e nos níveis de estresse ao longo do tempo.

OBJETIVOS

Avaliar a percepção de estresse de mulheres adultas antes e após as intervenções, promovendo a melhoria na qualidade de vida e bem-estar através da implantação de oficinas com técnicas de neuroeducação para estimular a atenção, a memória e as funções executivas, que são práticas de estimulação de neuroeducação que integram saúde física, cognitiva e emocional.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, com abordagem quantitativa com mulheres adultas em plenas condições de funcionalidade. Este método torna-se eficiente, ao fornecer subsídios para a construção da investigação atuando com níveis de realidade, e tem como objetivo trazer à tona dados, indicadores e tendências observáveis. Os instrumentos utilizados neste estudo foram compostos pela Escala de Estresse Percebido (PSS-10), que verifica como as situações de estresse são percebidas nos últimos 30 dias, e um questionário sociodemográfico com questões para avaliar informações pessoais, escolaridade, situação profissional e renda, saúde e bem-estar.

O presente estudo atendeu aos requisitos da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, iniciando após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) vinculado à Plataforma Brasil com número de registro no CAAE 91119725.0.0000.8135. A coleta de dados ocorreu em um salão comunitário com localização central no município de Taquara (RS). No primeiro e último encontro foi aplicada a Escala de Estresse Percebido.

As oficinas interventivas ocorreram de forma quinzenal com duração de uma hora e trinta minutos, durante oito meses e foram organizadas em blocos temáticos que visavam garantir um equilíbrio entre teoria e prática. Sendo conduzidos por profissionais e/ou estagiários voluntários de áreas como educação física, fisioterapia, nutrição, pedagogia e psicologia, promovendo uma abordagem interdisciplinar da neuroeducação para o bem-estar. Incluíram estratégias para manejo do estresse, regulação emocional, práticas de relaxamento e autocuidado, alimentação saudável e sua relação com a saúde mental, além da importância da atividade física no bem-estar.

RESULTADO E DISCUSSÃO

As participantes foram mulheres adultas, entre 28 e 64 anos, com idade média de 58 anos. Inicialmente, haviam 17 mulheres, contudo, apenas 7 delas tiveram os dados

analisados, mediante critério de exclusão adotado de presença superior a 70% nos encontros para que ocorresse a leitura dos dados. A análise dos dados sociodemográficos demonstrou que as participantes praticavam atividades físicas regularmente, sendo 5 delas mães, com estado civil e formação superior variado, estando todas ao menos com o ensino médio completo. Para além, 4 das 7 participantes frequentavam grupos comunitários ou de cunho religioso.

Quanto à análise dos dados da Escala de Percepção de Estresse-10 (EPS-10), foi aplicado o Teste t para amostras pareadas e observada uma média de 22 pontos na escala antes das intervenções. Na reaplicação, as participantes obtiveram uma média de 17 pontos, considerando o valor de $P=0,004$ e $T=-4,52$. Assim, foi verificada uma mudança expressiva no que tange o estresse das participantes com uma redução estatisticamente significativa na pontuação da Escala de Percepção ao Estresse após as intervenções. Entende-se, por sua vez, que a abordagem de encontros interdisciplinares atuaram de maneira significativa para redução do estresse nas mulheres. Desta maneira, a regulação emocional desempenha um papel fundamental na ampliação da relação entre afetos positivos e bem-estar. Estratégias de reavaliação cognitiva podem modificar a maneira como reagimos emocionalmente a situações estressantes, funcionando como um fator protetivo contra o impacto negativo do estresse (Fortes et al., 2022). Sob a perspectiva da Neurociência, a autorregulação emocional envolve a ativação do córtex pré-frontal, que emite projeções neurais ao sistema límbico, permitindo o controle das emoções e das respostas ao estresse (Lent, 2022). Dessa forma, intervenções que incentivem a reflexão sobre estados emocionais e promovam estratégias para modular emoções, podem contribuir significativamente para a regulação emocional e a melhoria da qualidade de vida (Bear et al, 2017).

Mediante as perguntas avaliadas no EPS-10, destaca-se a que tange a percepção de que não conseguiria resolver os problemas acumulados. Na referida pergunta, as participantes, com pontuações somadas, totalizaram 15 pontos no primeiro questionário, passando para 7 pontos totais ao refazerem o questionário. Essa redução de mais de 50% se comparado aos dados anteriores demonstra de maneira direta o impacto das intervenções realizadas para o manejo de problemas, evitando a sobrecarga percebida. Ressalta-se que a redução da percepção de estresse observada neste estudo assume especial relevância quando considerada no contexto de vida das mulheres participantes, que frequentemente acumulam múltiplos papéis sociais, como trabalho, cuidado familiar e participação comunitária. Nesse sentido, a diminuição significativa dos níveis de estresse não apenas reflete um efeito imediato das intervenções, mas também indica um potencial impacto positivo a longo prazo na saúde física e mental dessas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, entende-se que as abordagens multidisciplinares foram de crucial importância para reduzir a percepção do estresse no público feminino presente. O

autoconhecimento proposto por tais abordagens neuroeducacionais está diretamente relacionado ao bem-estar percebido.

Evidências apontam que a percepção elevada de estresse está associada a desfechos negativos, como maior risco de adoecimento, prejuízos cognitivos e redução da qualidade de vida. Assim, ao promover a diminuição dessa percepção, as intervenções contribuem para o fortalecimento de recursos internos de enfrentamento, ampliando a sensação de controle sobre a própria vida e favorecendo processos de autonomia e bem-estar.

Para futuras pesquisas, compreende-se a necessidade de ampliação do número de participantes e da aplicação de testes que avaliem os diferentes domínios na vida das participantes, inicialmente e posteriormente as intervenções, como o WHOQOL-Bref da OMS.

Para além, pesquisas com indivíduos do gênero masculino, ou mesmo de outras faixas etárias, seria de crucial importância para definir uma maior generalização do público atingido pelas intervenções multidisciplinares em neuroeducação. Ademais, entende-se que os encontros quinzenais foram suficientemente bons para relação com a diminuição do estresse. Contudo, novos estudos para comparar com abordagens de atuação semanais pode-se fazer necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. tradução: Carla Dalmaz *et al.* 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

CAZELLA, L.; ALMEIDA, L.; OLIVEIRA; ZANETTI, A. C.; SOUZA, J.. **Qualidade de vida de mulheres e as características sociodemográficas associadas**. *Enfermagem em Foco*, v. 10 (3), 2019.

LENT, R. **Cem Bilhões de Neurônios: Conceitos Fundamentais em Neurociências**. 3. ed. Atheneu, 2022.

LIMA, K. R.; GARCIA, A.; FILIPIN, G. E.; VARGAS, L. S.; MELLO-CARPES, P. B. **Trabalhando conceitos da neurociência na escola: saúde do cérebro e plasticidade cerebral**. *Revista Ciência em extensão*, UNESP. 2017.

OH, H.; LIU, P. W.; KAIUT, R. K. T.; RODRIGUES, F. A. A.. **Neuroeducação: quais são as técnicas mais usadas nas escolas utilizando a neurociência**. *Cuadernos de educación y desarrollo*. 2023.

O IMPACTO DO PROJETO “ESPAÇO CABEÇA” NA SAÚDE MENTAL DE DISCENTES DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFVJM

Daniele das Graças Silva¹; Rayelle Santos Souza²; Giovana Veloso Souza³; Karen Laíssa da Silva Araújo⁴; Maria Eduarda Peres Gonçalves⁵; Augusto José Alves⁶; Diego de Oliveira Camargos⁷; Matheus Tavares Reis França⁸; Nathan Rodrigues Souza⁹; Paula Cristina Pelli Paiva¹⁰.

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

³Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁴Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁵Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁶Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁷Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁸Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

⁹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

¹⁰Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Bem-estar. Saúde mental. Socialização.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

No meio acadêmico, depressão, ansiedade e estresse são distúrbios psicológicos com alta prevalência e que podem impactar negativamente a qualidade de vida dos estudantes. Uma revisão de literatura com uma amostra total de 4.225 estudantes universitários, realizada pela Universidade Federal de Jataí e Universidade de Brasília, demonstrou que cerca de 29,3% apresentaram ansiedade e 42,7% apresentaram depressão (Cardoso *et al.*, 2024).

O projeto “Espaço Cabeça” é uma iniciativa do Programa de Educação Tutorial (PET) Odontologia no Vale, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). É disponibilizada uma sala destinada ao acolhimento dos estudantes, além da promoção de oficinas e práticas integrativas. O ambiente foi pensado para oferecer condições que minimizem o estresse e a fadiga decorrentes da rotina, nele tem disponível

mesas, cadeiras, sofás e colchões, livros, jogos, televisão e mesas para estudo. Assim, ações que promovam o bem-estar entre os universitários, como o projeto de extensão “Espaço Cabeça” são de suma relevância.

O projeto organiza eventos e oficinas que visam promover e incentivar o lazer e a recuperação mental e social dos estudantes, como sessões de reiki, prática integrativa que promove relaxamento mental e físico, roda de conversa com psicólogos, além de oficinas de jardinagem, orquideoterapia, crochê e sessões de cinema. Contribuindo para a melhoria da qualidade de vida, do bem estar e da saúde física e mental dos discentes. O Projeto realiza oficinas e disponibiliza um espaço físico destinado ao descanso físico e mental, e interação entre universitários, visando a saúde e o bem estar na UFVJM.

OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo apresentar a percepção dos participantes através de relatos sobre o projeto “Espaço Cabeça” na sua rotina acadêmica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, de caráter descritivo, com o objetivo de avaliar a percepção dos usuários do Projeto Espaço Cabeça em relação ao bem estar físico, emocional e psíquico. Os dados foram obtidos por meio de relatos dos participantes de forma voluntária e anônima. A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário estruturado, aplicado de forma online pelo período de 40 dias, contendo perguntas abertas e com alternativas de múltipla escolha.

Os dados foram obtidos por meio de respostas dos estudantes da graduação regularmente matriculados na instituição que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e agrupados em gráficos de pizza. O questionário possui variáveis curso, período e questões relacionadas ao uso do espaço, tais como frequência de utilização, finalidade, percepção de conforto e acolhimento, bem como a influência percebida na saúde física, mental e bem estar geral.

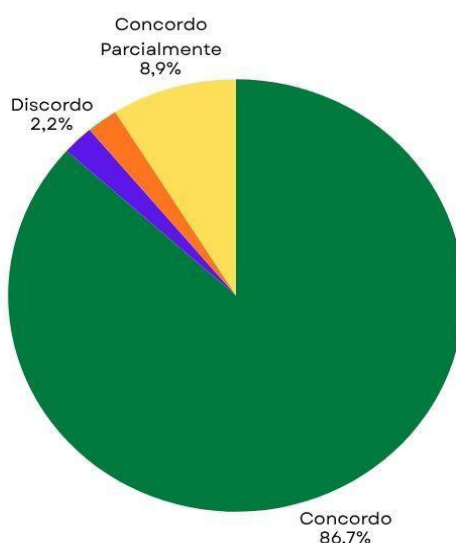
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto Espaço Cabeça conta com a colaboração de 47 alunos voluntários ao ano e aproximadamente 90 alunos que visitam a sala ao longo do ano. Os voluntários são responsáveis por zelar pelo ambiente e dar assistência aos alunos visitantes, isso faz com que a sala mantenha um fluxo constante de pessoas durante horários livres e de intervalo, momentos esses que detém o ápice da participação dos discentes, que nem sempre é garantida em atividades oferecidas em horários que não sejam de livre demanda. Durante a coleta de dados foram obtidas 50 respostas no formulário da pesquisa, e 100%

delas são de estudantes do curso de odontologia da UFVJM, em que 38% destes estão cursando o 7º período, 20% o 5º, enquanto 4º e 8º tem a mesma distribuição, 10%. As respostas de estudantes de outros períodos apresentam porcentagens abaixo de 8%. Ao longo da pesquisa foram realizadas perguntas que pretendiam abranger as percepções dos discentes de odontologia acerca da influência do projeto em sua jornada acadêmica e saúde mental.

Quando questionados sobre a média de tempo que os alunos passaram na sala do Espaço Cabeça, constatou-se que durante todo o ano de 2025, 54% dos alunos estiveram em média de 0 a 30 horas presentes nas ambientações da sala, 32% de 30 a 60 horas, e os outros 14% estiveram na sala por mais de 60 horas. Dessa maneira, buscando conectar o tempo presente no Espaço Cabeça com o aumento da concentração e disposição dos alunos para as aulas teóricas, dentre outras, é possível perceber que 86,7% dos alunos concordam que os momentos de descontração e alívio promovidos pelo Espaço Cabeça são fatores que favorecem a melhoria de seu desempenho acadêmico.

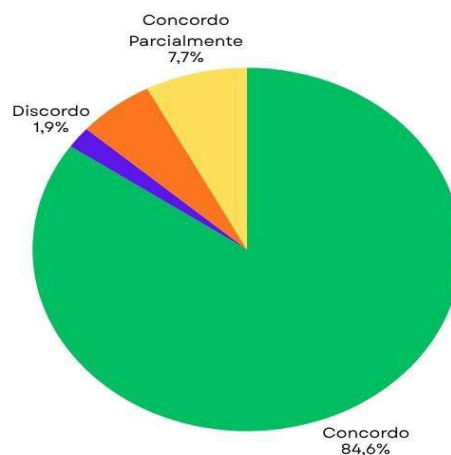
Figura 1: “O tempo que passo na sala do Espaço Cabeça favorece minha concentração e disposição para as aulas teóricas e práticas clínicas e laboratoriais”



Fonte: Autoria própria, 2026

No que tange à saúde mental, percebeu-se que os discentes avaliam positivamente as ações do projeto e as atividades disponíveis em sua sala, uma vez que apenas 97,1% apresentou concordância quanto à efetividade da metodologia de ação do Espaço Cabeça em sua saúde mental.

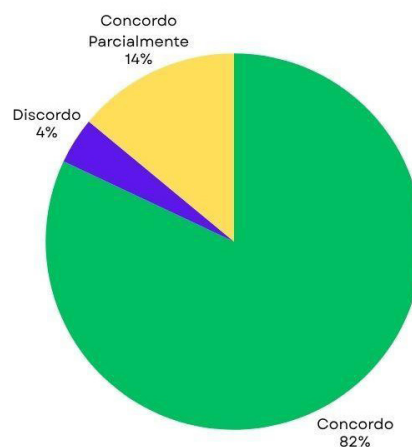
Figura 2: “Os momentos em que estive presente na sala do Espaço Cabeça contribuíram para a melhoria da minha saúde mental”



Fonte: Autoria própria, 2026.

Além disso, como exposto no gráfico abaixo, percebe-se que as diversas ações promovidas pelo projeto, como Reiki, gincanas esportivas, campeonatos de xadrez, pinturas de telas, dentre outras, impactam positivamente não apenas na saúde física, mas também mental dos alunos, reduzindo a ansiedade e o estresse.

Figura 3: “O projeto contribuiu para reduzir sentimentos de estresse ou ansiedade”



Fonte: Autoria própria, 2026

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, após uma análise dos dados, observa-se que o projeto Espaço Cabeça exerce impacto positivo na saúde mental dos discentes do curso de Odontologia. Embora os resultados evidenciem maior alcance entre os estudantes desse curso, o projeto se configura como uma ferramenta promissora para a promoção de mudanças nos âmbitos

psicológico, social e de saúde, podendo beneficiar discentes de todos os cursos da universidade. Por fim, com os relatos dos alunos foi possível perceber que o projeto “Espaço Cabeça” influencia positivamente a rotina acadêmica dos estudantes.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

CARDOSO, Renata Alves *et al.* **Ansiedade e depressão em universitários: uma revisão sistemática da literatura.** *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v.16, n.9, p. 01-26, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n9-059>. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5544>. Acesso em 25 mar. 2026.

SEXUALIDADE FEMININA, REPRESSÃO E SAÚDE MENTAL: ENTRE ESTIGMA, PODER E INTEGRAÇÃO PSÍQUICA

Natana Crespo dos Santos Machado¹; Ivana Maria Peres Morgado Carvalho²; Adriano Barros Rangel³.

¹UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. <https://lattes.cnpq.br/7498943261889994>

²UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. <https://lattes.cnpq.br/3404925083796196>

³UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. <https://lattes.cnpq.br/6545786700602569>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Sexualidade. Subjetividade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A sexualidade feminina constitui-se como um campo historicamente atravessado por relações de poder, normas sociais e dispositivos discursivos que regulam o corpo, o desejo e a expressão subjetiva das mulheres. Longe de se restringir à dimensão biológica, a sexualidade integra aspectos psíquicos, culturais e relacionais, sendo reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como componente fundamental do bem-estar físico, emocional e social. No entanto, processos de repressão e silenciamento do desejo feminino têm produzido efeitos significativos na saúde mental, manifestando-se por meio de culpa, vergonha e dissociação entre corpo e consciência. Nesse sentido, Michel Foucault demonstra que a sexualidade moderna não é simplesmente reprimida, mas produzida por discursos que classificam e normatizam os corpos. Já Pierre Bourdieu evidencia que tais normas se inscrevem nos habitus, naturalizando a contenção do desejo feminino como virtude. Complementarmente, Erving Goffman permite compreender como essas normas operam na produção do estigma, enquanto Judith Butler problematiza o gênero como construção performativa, regulada por expectativas sociais reiteradas.

OBJETIVO

Analisar a relação entre repressão da sexualidade feminina e saúde mental, articulando contribuições da psicanálise, da psicologia analítica e das teorias sociais, com ênfase nos efeitos do estigma, das normas de gênero e das relações de poder na constituição subjetiva.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, natureza básica e caráter exploratório. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica em autores clássicos e contemporâneos da psicanálise, da psicologia analítica e da sociologia, incluindo Freud, Winnicott, Jung, Foucault, Butler, Bourdieu e Goffman, além de referenciais da Organização Mundial da Saúde sobre saúde sexual. A análise foi orientada por uma perspectiva interdisciplinar, buscando compreender a articulação entre processos psíquicos, normas sociais e produção de subjetividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a repressão da sexualidade feminina está associada à produção de sofrimento psíquico, manifestando-se em dissociações entre corpo, emoção e consciência. À luz de Freud, conteúdos reprimidos retornam sob a forma de sintomas, evidenciando a centralidade da sexualidade na estrutura psíquica. Winnicott contribui ao afirmar que a integração entre corpo e self é condição essencial para a saúde emocional, sendo comprometida em contextos de inadequação ambiental. No plano social, Foucault demonstra que os discursos sobre sexualidade funcionam como dispositivos de poder que produzem normas e classificações, enquanto Butler evidencia que tais normas moldam as possibilidades de existência por meio da performatividade de gênero. Bourdieu, por sua vez, permite compreender como essas estruturas são incorporadas como disposições duráveis, naturalizando a submissão feminina. Goffman evidencia que a transgressão dessas normas pode gerar estigmatização, levando à autocensura e ao controle do comportamento. Nesse sentido, a repressão da sexualidade feminina configura-se como fenômeno simultaneamente social e psíquico, com impactos diretos na saúde mental, incluindo baixa autoestima, fragmentação da identidade e dificuldade de integração subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a sexualidade feminina, quando atravessada por dispositivos de poder, normas de gênero e processos de estigmatização, produz efeitos significativos na saúde mental. A articulação entre psicanálise, psicologia analítica e teorias sociais evidencia que a repressão do desejo não apenas limita a expressão subjetiva, mas também contribui para a produção de sofrimento psíquico. A integração da sexualidade, compreendida como elaboração simbólica do desejo, constitui elemento fundamental para a promoção do bem-estar emocional, favorecendo a continuidade do self, a autonomia subjetiva e a resistência a normas que produzem silenciamento e exclusão.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JUNG, Carl Gustav. O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Defining sexual health. Geneva: WHO, 2006.

WINNICOTT, Donald W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 1983.

RELAÇÃO ENTRE HÁBITOS ALIMENTARES E SAÚDE MENTAL EM PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE

Michelle Martins Gomes de Oliveira¹; Maria Clara Gonçalves Araújo Ferreira²; Paula Vieira Nascimento Oliveira Silva³; Gabriela Oliveira Monteiro⁴; Maria Eduarda Cabreira⁵; Maria Rita Barbosa da Silva⁶; Roberta Larissa Rolim Fidelis⁷.

¹Faculdade Bezerra de Araújo (FABA), Rio de Janeiro, RJ.

<https://lattes.cnpq.br/7440825213297947>

²Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul-Faculdades Integradas (AEMS), Três, Lagoas, MS.

<https://lattes.cnpq.br/3156620128587857>

³Universidade Paulista (UNIP), Brasília, DF.

<https://lattes.cnpq.br/7856326430664538>

⁴Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO), Juazeiro do Norte, CE.

<https://lattes.cnpq.br/7536162293068842>

⁵Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

<https://lattes.cnpq.br/4197806200716054>

⁶Centro Universitário Mauricio de Nassau - Redenção (UNINASSAU), Teresina, PI.

<https://lattes.cnpq.br/2041821021780914>

⁷Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, CE.

<https://lattes.cnpq.br/2616334007913773>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Nutrição. Profissional da saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A atuação dos profissionais da saúde está diretamente ligada à sustentação dos sistemas assistenciais, especialmente em contextos que exigem alta complexidade técnica e tomada de decisão contínua. No entanto, as condições em que esse trabalho é realizado frequentemente envolvem carga horária extensa, pressão psicológica recorrente e elevado nível de responsabilidade, fatores que podem comprometer aspectos fundamentais do estilo de vida desses indivíduos, incluindo a alimentação (Cavalcante et al., 2021).

Entre os agravos associados a esse contexto, destacam-se alterações na saúde mental, com ênfase na depressão e na Síndrome de Burnout. Essa condição está relacionada à exposição contínua ao estresse ocupacional e manifesta-se por meio de exaustão emocional, distanciamento interpessoal e redução do engajamento profissional. Trata-se, portanto, de um processo de adoecimento progressivo, que ultrapassa a ideia de fadiga e envolve alterações mais amplas no funcionamento psicológico e ocupacional (Brasil & OPAS, 2001).

Embora esses profissionais detenham conhecimento sobre práticas saudáveis, como alimentação adequada, sono de qualidade e atividade física regular, a rotina de trabalho frequentemente impede a adoção consistente desses comportamentos. Nesse cenário, observa-se a priorização de alimentos de preparo rápido e fácil acesso, bem como a irregularidade nas refeições. Esse padrão alimentar, geralmente associado a maior consumo de produtos ultraprocessados, pode favorecer alterações metabólicas, inflamação sistêmica e aumento do risco para doenças crônicas (Schumann Kruger et al., 2018).

Além disso, a ausência de estratégias institucionais voltadas ao bem-estar e a limitação do autocuidado contribuem para o agravamento desse quadro. Dessa forma, torna-se necessário discutir não apenas os hábitos individuais, mas também as condições estruturais que influenciam a saúde desses trabalhadores e, conseqüentemente, a qualidade da assistência prestada (Schumann Kruger et al., 2018).

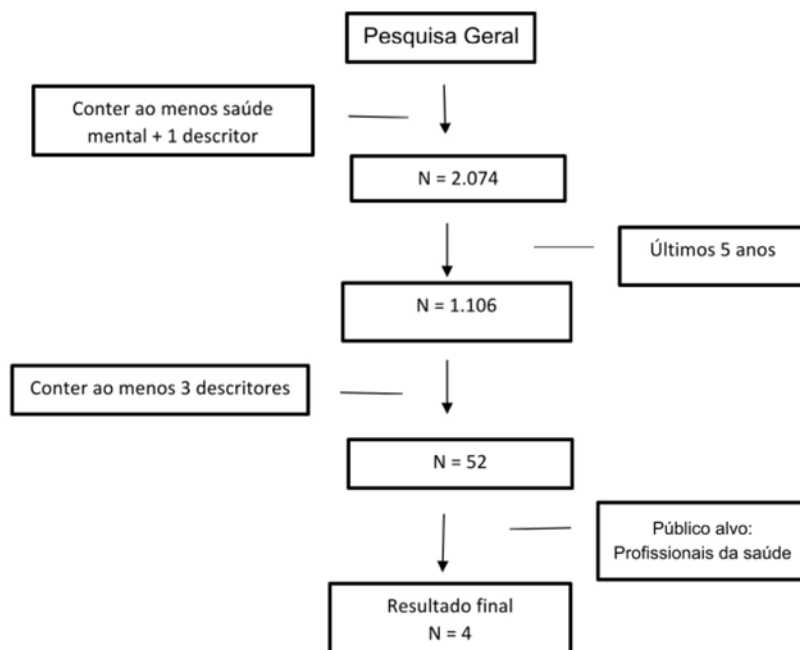
OBJETIVO

Investigar os fatores associados à saúde de profissionais da área da saúde, considerando aspectos de risco e proteção, com ênfase nos hábitos alimentares, na ocorrência da Síndrome de Burnout e na presença de doenças crônicas não transmissíveis.

METODOLOGIA

Este estudo apresenta abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, sem intervenção. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com levantamento de dados nas bases SciELO e PubMed, no período de fevereiro de 2026.

Figura 01. Organograma de triagem e inclusão dos estudos para amostra.



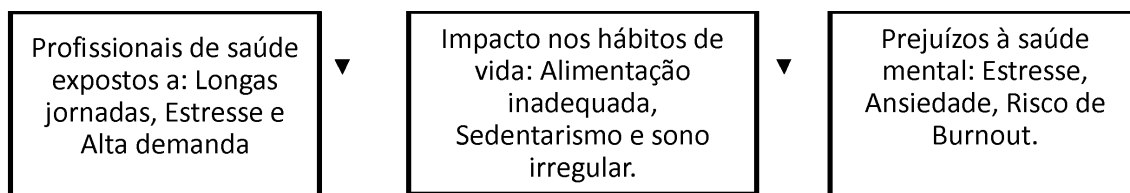
Fonte: Elaborada pelos autores.

Foram utilizados descritores em português e inglês. Em português, incluíram-se os termos saúde mental, nutrição, hábitos alimentares e profissionais da saúde. Em inglês, utilizaram-se mental health, nutrition, eating habits e healthcare professionals. Os termos foram combinados com os operadores booleanos AND e OR, visando ampliar e refinar os resultados obtidos.

Foram incluídos artigos publicados entre 2020 e 2025, disponíveis em português e inglês, que abordassem profissionais da área da saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 02. Relação entre condições de trabalho, hábitos de vida e desfechos em saúde mental em profissionais de saúde.



Fonte: Elaborada pelos autores.

A análise dos estudos selecionados evidencia que o desenvolvimento da Síndrome de Burnout está associado a múltiplos fatores, organizados em dimensões ambientais, sociais e individuais, que interagem entre si e impactam os hábitos de vida e a saúde mental dos profissionais.

Os aspectos ambientais referem-se principalmente às condições de trabalho, como jornadas extensas, elevada demanda assistencial e atuação em ambientes de alta complexidade. Já os fatores sociais envolvem relações interpessoais, suporte institucional e organização do trabalho. Por sua vez, os fatores individuais englobam características comportamentais, estratégias de enfrentamento e hábitos de vida.

Nesse contexto, o padrão alimentar emerge como um componente relevante entre os fatores individuais. A dinâmica de trabalho, frequentemente marcada por plantões prolongados e horários irregulares, contribui para a adoção de práticas alimentares inadequadas, como baixa ingestão de alimentos in natura e maior consumo de produtos ultraprocessados.

Esses hábitos podem influenciar negativamente o estado metabólico, aumentar a sensação de fadiga e comprometer o desempenho cognitivo. Além disso, a alimentação inadequada pode interferir em mecanismos neurobiológicos relacionados ao humor e à resposta ao estresse.

Como consequência, indivíduos com hábitos alimentares desorganizados tendem a apresentar menor capacidade de enfrentamento das exigências ocupacionais, o que pode favorecer o surgimento ou agravamento do Burnout. Esses resultados indicam a importância de considerar, de forma integrada, tanto os aspectos laborais quanto os comportamentais na abordagem desse problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados apontam que as condições de trabalho dos profissionais da saúde exercem influência significativa sobre sua saúde global, incluindo aspectos físicos, mentais e sociais. A incompatibilidade entre conhecimento técnico e prática cotidiana evidencia limitações impostas pelo próprio contexto ocupacional.

A alimentação inadequada, associada à rotina exaustiva, contribui para o aumento de fatores de risco relacionados às doenças crônicas e ao comprometimento da saúde mental. Paralelamente, o Burnout se apresenta como um fenômeno frequente, com repercussões que ultrapassam o indivíduo e impactam diretamente a qualidade da assistência prestada.

Diante disso, torna-se fundamental a implementação de ações que não se restrinjam ao indivíduo, mas que envolvam mudanças nas condições de trabalho e no suporte institucional. Estratégias voltadas à promoção da saúde, incentivo ao autocuidado e valorização profissional podem contribuir para a redução desses impactos.

Assim, a atenção à saúde dos profissionais da área deve ser compreendida como parte essencial do próprio sistema de saúde, sendo indispensável para garantir qualidade, segurança e efetividade na assistência.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

SCHUMANN KRUGER, Mônica, *et al.* Avaliação dos hábitos de vida e alimentares de profissionais da saúde de um hospital do sul do Brasil. **Nutrición Clínica y Dietética Hospitalaria**, v. 38, n. 4, p. 204-208, 2018.

PERNICIOTTI, Patrícia, *et al.* Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 35-52, 2020.

SILVA, Beatriz Fiúza Gondim, *et al.* Burnout e alimentação em profissionais da saúde: impacto e intervenções nutricionais. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 25, n. 11, e22030, 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

INTERAÇÃO ENTRE MEDICAMENTOS PRESCRITOS E DROGAS ILÍCITAS: IMPLICAÇÕES E ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO

Ana Bruna Magalhães¹; Bruna Cristiele Souza Braga²; Carla Andreia Nascimento Gonçalves³; Eliene Costa Camurça⁴; Julia Vitoria Marques Santos⁵; Joseph Wesley de Souza Viana⁶; Leonardo Paulino de Lima⁷; Rosilene Rocha Gonçalves Ramos⁸; Thamirys Vitoria de Oliveira⁹; Samela Sobreira Rodrigues¹⁰; Vinicius Ferreira da Silva¹¹; Jussara Isa Braga Pacheco¹².

¹São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

²São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0515516911745208>

³São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁴São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁵São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/2247575082031585>

⁶São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/2828045003408363>

⁷São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁸São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁹São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

¹⁰São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

¹¹UEPG, Ponta Grossa, Paraná. <https://lattes.cnpq.br/3098684576137313>

¹² São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

PALAVRAS-CHAVE: Interações medicamentosas. Drogas ilícitas. Assistência farmacêutica.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

O uso concomitante de medicamentos prescritos e drogas ilícitas tem se configurado como um importante desafio para os sistemas de saúde, sobretudo devido aos riscos de interações farmacológicas que podem comprometer a segurança e a eficácia dos tratamentos. Essas interações podem ocorrer por mecanismos farmacocinéticos ou farmacodinâmicos, interferindo na absorção, distribuição, metabolização e excreção dos fármacos, além de potencializar ou reduzir seus efeitos terapêuticos (KATZUNG, 2017; RANG et al., 2016). Substâncias ilícitas como cocaína, maconha, anfetaminas e opioides podem provocar alterações significativas no organismo quando utilizadas em associação

com medicamentos prescritos, principalmente aqueles que atuam no sistema nervoso central, como antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos (RANG et al., 2016).

Além dos riscos clínicos, a identificação dessas interações é dificultada pelo fato de que muitos pacientes não relatam o uso de drogas ilícitas durante consultas médicas ou farmacêuticas, o que compromete o planejamento terapêutico e aumenta a probabilidade de eventos adversos. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender os possíveis efeitos dessas associações, bem como desenvolver estratégias de acompanhamento e orientação aos pacientes, visando ao uso seguro e eficaz dos medicamentos (OMS, 1985; ANVISA, 2012).

Diante desse cenário, destaca-se a relevância da atuação do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos e na prevenção de problemas relacionados à farmacoterapia. O profissional farmacêutico possui competências técnicas para identificar interações medicamentosas, orientar pacientes quanto aos riscos do uso concomitante de substâncias psicoativas e contribuir para a segurança do tratamento. Assim, este estudo aborda a interação entre medicamentos prescritos e drogas ilícitas, destacando os riscos envolvidos e o papel do farmacêutico na prevenção de complicações e na promoção da saúde (BRASIL, 2001; ANVISA, 2012).

OBJETIVO

Analisar as possíveis interações entre medicamentos prescritos e drogas ilícitas, além seus riscos para a saúde e a importância da atuação do farmacêutico na identificação, orientação e prevenção de problemas relacionados à farmacoterapia.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura, com foco nas interações entre medicamentos prescritos e drogas ilícitas e na atuação do farmacêutico. Busca-se compreender como o uso concomitante dessas substâncias pode afetar a segurança do paciente, gerar reações adversas e comprometer a eficácia dos tratamentos.

A revisão integrativa permite analisar e sintetizar estudos sobre interações medicamentosas, farmacoterapia e uso de substâncias psicoativas, reunindo evidências relevantes sobre riscos e estratégias de prevenção na assistência à saúde.

Essa abordagem também possibilita identificar o papel do farmacêutico na detecção de interações, orientação aos pacientes e promoção do uso racional de medicamentos, destacando sua importância na segurança do tratamento e na prevenção de complicações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), referentes ao ano de 2025, evidencia que as intoxicações exógenas no Brasil estão fortemente relacionadas ao uso de medicamentos e substâncias psicoativas. Os medicamentos configuram-se como o principal agente envolvido, com mais de um milhão de notificações, seguidos pelas drogas de abuso, também com ocorrência significativa, o que reforça a relevância do tema para a saúde pública.

Os resultados indicam que o uso inadequado de medicamentos, associado ou não a drogas ilícitas, eleva o risco de intoxicações e eventos adversos. A literatura aponta que essas interações podem alterar o metabolismo dos fármacos, especialmente por interferência em enzimas hepáticas, resultando em aumento da toxicidade, redução da eficácia terapêutica ou intensificação dos efeitos farmacológicos (KATZUNG, 2017; RANG et al., 2016).

Destaca-se ainda que muitas intoxicações envolvendo drogas de abuso ocorrem junto ao uso de medicamentos prescritos, sobretudo em tratamentos psiquiátricos, doenças crônicas e dor. Essa associação pode provocar efeitos graves, como depressão do sistema nervoso central, alterações cardiovasculares, crises hipertensivas, distúrbios neurológicos e agravamento de quadros psiquiátricos.

Figura 1: Notificações de intoxicação por agente tóxico no Brasil



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN / Ministério da Saúde (2025).

Diante disto, destaca-se a importância da atuação do farmacêutico na prevenção e no manejo dessas situações. A atuação por meio da atenção farmacêutica e do acompanhamento farmacoterapêutico contribui para a detecção precoce de problemas relacionados a medicamentos, além de promover o uso racional de fármacos e reduzir a ocorrência de intoxicações.

Além disso, a integração do farmacêutico em equipes multiprofissionais de saúde possibilita o desenvolvimento de estratégias educativas voltadas para a conscientização da população sobre os riscos associados ao uso indiscriminado de medicamentos e ao consumo de substâncias psicoativas. Dessa forma, os resultados evidenciam que a

atuação do farmacêutico é essencial para fortalecer as práticas de segurança do paciente e contribuir para a redução dos agravos relacionados às intoxicações por interações entre medicamentos e drogas ilícitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações entre medicamentos prescritos e drogas ilícitas representam um importante problema de saúde pública, uma vez que podem comprometer a eficácia dos tratamentos e aumentar o risco de eventos adversos graves. A complexidade dessas interações exige atenção especial dos profissionais de saúde, sobretudo no acompanhamento de pacientes que utilizam medicamentos de forma contínua.

Com isso, a atuação do farmacêutico destaca-se como fundamental para a promoção do uso racional de medicamentos, a identificação de potenciais interações farmacológicas e a orientação adequada aos pacientes. Por meio da atenção farmacêutica, do acompanhamento farmacoterapêutico e da educação em saúde, esse profissional contribui para a prevenção de complicações clínicas e para a melhoria da segurança do tratamento.

Desta forma, fortalecer a presença do farmacêutico nas equipes de saúde e ampliar as estratégias de orientação e monitoramento terapêutico são medidas importantes para minimizar os riscos associados ao uso concomitante de medicamentos prescritos e drogas ilícitas, promovendo maior qualidade e segurança na assistência à saúde.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Uso racional de medicamentos: fundamentos e práticas**. Brasília: ANVISA, 2012.

Katzung, Bertram G. **Farmacologia básica e clínica**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2017.

Rang, H. P.; Dale, M. M.; Ritter, J. M.; Flower, R. J. **Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

Organização Mundial da Saúde. ***The rational use of drugs: report of the conference of experts***. Geneva: WHO, 1985.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PACIENTES COM ESQUIZOFRENIA

Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Nicolas Felipe Machado³.

¹Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

²Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO.

<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

³Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/3862262066144040>

PALAVRAS-CHAVE: Esquizofrenia. Educação. Psicossocial.

ÁREA TEMÁTICA: Outros

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia, enquanto transtorno mental crônico e complexo, caracteriza-se por uma síndrome comportamental que engloba sintomas positivos, negativos e cognitivos, impactando significativamente a funcionalidade e a qualidade de vida dos indivíduos (TSENG et al., 2022). Embora os tratamentos farmacológicos modernos sejam eficazes para os sintomas psicóticos agudos, sua ação sobre os déficits negativos, cognitivos e sobre o autocuidado frequentemente é limitada, perpetuando desafios no manejo global da doença (TSENG et al., 2022).

Neste contexto, intervenções complementares, especialmente aquelas baseadas em educação em saúde, surgem como componentes essenciais para a reabilitação psicossocial. A educação em saúde para essa população visa não apenas à transmissão de informações sobre a doença e o tratamento, mas também ao desenvolvimento de habilidades para o autogerenciamento, à melhoria da adesão terapêutica e ao empoderamento do paciente e de sua rede de apoio (LI; LANG, 2021; DUAN et al., 2024).

Contudo, a implementação eficaz dessas estratégias enfrenta obstáculos, como o despreparo de profissionais em ambientes não especializados (WEISSINGER et al., 2021), a complexidade dos sintomas que prejudicam a aprendizagem e a necessidade de abordagens inovadoras que contornem déficits cognitivos (HUANG et al., 2025). Esta revisão integrativa da literatura propõe-se a compilar e discutir evidências recentes sobre intervenções educativas e psicossociais direcionadas a pacientes com esquizofrenia,

explorando seus impactos, formatos e os desafios contemporâneos para sua aplicação.

OBJETIVO

Analisar os efeitos de estratégias de educação em saúde para pacientes com esquizofrenia na qualidade de vida, no manejo de sintomas (especialmente os negativos e cognitivos), no autocuidado e no suporte à rede familiar. Busca-se identificar modalidades de intervenção eficazes, incluindo abordagens tradicionais e inovações baseadas em tecnologia, para fundamentar práticas de cuidado mais holísticas e efetivas.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada na base de dados PubMed e a estratégia de busca foi estruturada utilizando operadores booleanos para otimizar a identificação dos estudos relevantes. Inicialmente, os descritores principais foram combinados com o operador AND, garantindo que os resultados incluíssem simultaneamente os conceitos centrais do tema. Dessa forma, os termos “health education” AND “schizophrenia” foram utilizados como base da pesquisa. Em seguida, para ampliar a busca e incluir diferentes abordagens relacionadas às intervenções e aos desfechos analisados, foram integrados os descritores “psychosocial interventions”, “self-management” e “quality of life” por meio do operador OR. Assim, a estratégia final foi estruturada da seguinte forma: (“health education” AND “schizophrenia”) AND (“psychosocial interventions” OR “self-management” OR “quality of life”). Essa combinação permitiu abranger publicações alinhadas ao objetivo da revisão, mantendo rigor e especificidade na seleção do material científico.

Após aplicação da estratégia de busca, foram inicialmente identificados 53 artigos. Para refinar os resultados e assegurar atualidade e relevância científica, filtros adicionais foram aplicados, considerando apenas publicações dos últimos cinco anos e envolvendo estudos com seres humanos, restando 14 resultados, destes 9 foram selecionados. A seleção considerou ainda a leitura de títulos, resumos e posteriormente os textos completos, garantindo alinhamento com o objetivo da revisão. Foram excluídos estudos em animais, publicados fora do período estabelecido, incompletos, pagos e que não abordavam intervenções educativas, psicossociais ou relacionadas à qualidade de vida na esquizofrenia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quantidade de casos diagnosticados de esquizofrenia aumentou de maneira significativa na última década, ressaltando a importância do manejo correto e educação em saúde para os pacientes portadores da doença. A esquizofrenia é uma desordem mental

crônica expressada como uma síndrome comportamental complexa. Os principais sintomas da doença são divididos em sintomas positivos e negativos. Ainda que existam antipsicóticos eficazes para o tratamento dos sintomas positivos, os seus efeitos são limitados para o tratamento de sintomas negativos. Dessa forma, intervenções mais ativas são necessárias para o tratamento holístico do paciente (Tseng et al., 2022).

Além dos sintomas positivos e negativos, é importante ressaltar os impactos causados pelos sintomas cognitivos, como a dificuldade de interpretação social. Além do impacto social, os sintomas cognitivos podem causar distúrbios no sono do paciente, o que pode induzir outras doenças mentais, como ansiedade e depressão. Nesse caso, estudos demonstraram diferença significativa na qualidade de vida e tratamento dos pacientes que faziam terapia comportamental e, em alguns casos mais complexos, com apoio da equipe multidisciplinar, por exemplo, com a enfermagem psicológica sistemática (EPS). Outro fator que demonstra a maior necessidade de acompanhar os pacientes esquizofrênicos é o déficit no autocuidado básico. Um estudo sobre saúde mental, na Índia, demonstrou que pacientes com esquizofrenia negligenciam a higiene devido aos sintomas, no entanto, programas educativos específicos melhoram a saúde física e a rotina (Purushothaman et al., 2024; Liu et al., 2023 e Li & Lang, 2021).

Diante disso, cabe entender o cenário atual da educação em saúde. Um estudo longitudinal realizado em Taiwan demonstrou que o uso problemático de redes sociais piora a autoestima e a qualidade de sono. O uso problemático de redes sociais refere-se a potenciais impactos negativos do uso de plataformas digitais para se conectar com outras pessoas, tais como sintomas semelhantes aos da dependência, flutuações de humor, preocupação, prejuízos psicológicos ou funcionais e tolerância. Mudando para o ambiente presencial, no cenário hospitalar, a literatura relata que há um despreparo em unidades não-psiquiátricas, gerando experiências traumáticas. Assim, a educação precisa atingir também os profissionais de saúde. No cenário de internação prolongada não é diferente, a educação é uma das poucas ferramentas capazes de elevar a qualidade de vida nesses ambientes (Fojcik et al., 2023; Weissinger et al., 2021 e Saffari et al., 2023).

Como alternativa para o cenário apresentado, é essencial que alguns pontos-chave sejam trabalhados, evoluindo para abordagens multimodais. Um estudo recente demonstrou que o uso de Inteligência Artificial (IA) e mapas mentais são estratégias promissoras para contornar déficits cognitivos, facilitando a visualização e compreensão do processo saúde-doença por parte dos pacientes. De maneira simultânea, é fundamental que o tratamento alcance a rede de apoio dos pacientes. Para isso, intervenções online baseadas em mindfulness para cuidadores reduzem significativamente a ansiedade e depressão destes, criando um ambiente doméstico mais favorável à recuperação. Portanto, as estratégias de intervenção devem integrar obrigatoriamente o letramento digital, o suporte familiar contínuo e o uso de tecnologias assistivas para garantir uma reabilitação psicossocial efetiva e sustentável (Huang et al., 2025 e Duan et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa realizada permitiu concluir que a educação em saúde constitui um pilar fundamental no cuidado integral à pessoa com esquizofrenia, transcendendo a mera informação para atuar como uma ferramenta de reabilitação psicossocial. Os estudos analisados demonstram que intervenções educativas estruturadas, como a terapia comportamental, a enfermagem psicológica sistemática e programas específicos para autocuidado, produzem impactos positivos mensuráveis na qualidade de vida, na higiene pessoal e na regulação do sono dos pacientes, aspectos frequentemente negligenciados pelo tratamento medicamentoso isolado (PURUSHOTHAMAN et al., 2024; LI; LANG, 2021).

Conclui-se ainda que o cenário atual demanda a superação de desafios importantes. A educação precisa ser estendida e adaptada para contextos além dos serviços especializados, como unidades hospitalares gerais, onde o despreparo da equipe pode gerar experiências traumáticas (WEISSINGER et al., 2021). Simultaneamente, as intervenções devem considerar os riscos do ambiente digital, como o uso problemático de redes sociais, incorporando o letramento digital como parte do processo educativo (SAFFARI et al., 2023).

Por fim, as evidências apontam para a necessidade e a eficácia de abordagens multimodais e inovadoras. Como observado, “o uso de Inteligência Artificial (IA) e mapas mentais são estratégias promissoras para contornar déficits cognitivos, facilitando a visualização e compreensão do processo saúde-doença por parte dos pacientes” (HUANG et al., 2025). Da mesma forma, o suporte à rede de apoio, por meio de intervenções como mindfulness online para cuidadores, é crucial para criar um ambiente propício à recuperação (DUAN et al., 2024). Portanto, estratégias futuras de educação em saúde na esquizofrenia devem ser abrangentes, envolvendo pacientes, familiares e profissionais, e flexíveis, incorporando ferramentas tecnológicas para promover uma recuperação sustentável e uma melhor qualidade de vida.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

Tseng, Ping-Tao et al. “Assessment of Noninvasive Brain Stimulation Interventions for Negative Symptoms of Schizophrenia: A Systematic Review and Network Meta-analysis.” JAMA psychiatry vol. 79,8 (2022): 770-779. doi:10.1001/jamapsychiatry.2022.1513. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35731533/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Fojcik, Joanna et al. “The Impact of Health Education on the Quality of Life of Patients Hospitalized in Forensic Psychiatry Wards.” International journal of environmental research and public health vol. 20,5 4533. 3 Mar. 2023, doi:10.3390/ijerph20054533. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36901541/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Saffari, Mohsen et al. “Sleep Quality and Self-Stigma Mediate the Association Between Problematic Use of Social Media and Quality of Life Among People With Schizophrenia

in Taiwan: A Longitudinal Study.” *Psychiatry investigation* vol. 20,11 (2023): 1034-1044. doi:10.30773/pi.2023.0169. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37997331/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Purushothaman, Binu et al. “Evaluation of oral health education programs among patients with schizophrenia in India: An interventional study.” *Journal of education and health promotion* vol. 13 14. 7 Feb. 2024, doi:10.4103/jehp.jehp_492_23. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38532916/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Weissinger, Guy M 2nd et al. “Experiences of Hospitalization of Patients With Psychotic Disorders on Medical-Surgical Units: A Thematic Analysis.” *Journal of the American Psychiatric Nurses Association* vol. 27,4 (2021): 306-321. doi:10.1177/1078390319892313. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31795792/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Liu, Siyu et al. “Neural mechanism underlying the beneficial effect of Theory of Mind psychotherapy on early-onset schizophrenia: a randomized controlled trial.” *Journal of psychiatry & neuroscience : JPN* vol. 48,6 E421-E430. 7 Nov. 2023, doi:10.1503/jpn.230049. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37935475/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Li, Manru, and Bibo Lang. “The effects of systematic psychological nursing on the sleep quality of schizophrenic patients with sleep disorders.” *American journal of translational research* vol. 13,6 7263-7269. 15 Jun. 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34306491/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Duan, Deng'ai et al. “Online mindfulness-based stress reduction improves anxiety and depression status and quality of life in caregivers of patients with severe mental disorders.” “网络正念减压疗法可改善严重精神障碍患者照料者焦虑抑郁状态及其生活质量.” *Zhejiang da xue xue bao. Yi xue ban = Journal of Zhejiang University. Medical sciences* vol. 53,1 108-115. 31 Jan. 2024, doi:10.3724/zdxbyxb-2023-0555. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38310084/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

Huang, Hsin-Shu et al. “Application of AI Mind Mapping in Mental Health Care.” *Healthcare (Basel, Switzerland)* vol. 13,15 1885. 1 Aug. 2025, doi:10.3390/healthcare13151885. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40805917/>>. Acesso em 01 de março de 2026.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Bianca Angeline Rendaki Duarte¹; Pedro Henrique Xavier Garcia²; Júlia de Araújo Marques³; Samella Soares Oliveira Medeiros⁴; Pedro Henrique Lessa de Oliveira⁵; Izabella Melo⁶; Humberto César Machado⁷.

¹Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/8834346401096361>

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/3472095084449504>

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/9086885369743439>

⁴Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

⁵Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

⁶Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

⁷Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/9471137419666996>

PALAVRAS-CHAVE: Violência psicológica. Violência doméstica. Transtorno de estresse pós-traumático.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A análise dos estudos selecionados demonstra os impactos da violência doméstica (*intimate partner violence*) na saúde mental das mulheres, levando em consideração a existência de mais de um tipo de violência contra a mulher. Nesse sentido, a violência doméstica de natureza psicológica foi o ponto em comum dos artigos escolhidos, os quais evidenciam diferentes facetas desse tipo de violação no bem-estar mental da população feminina afetada. Os trabalhos dissertam sobre a definição de violência psicológica, a qual se apresenta de forma bastante variada entre os autores, mas que pode ser diferenciada em dois tipos: a de dominância-isolamento, com foco no cerceamento da vítima, e a

emocional-verbal, com foco em ataques à honra. Independentemente do caráter da violência psicológica, os artigos concordam que seu objetivo consiste em destruir a autoestima da parceira. Além disso, os impactos dessa violência podem variar amplamente de acordo com a cultura local, podendo ser normalizados e até incentivados.

Evidencia-se, por meio das pesquisas, a prevalência acima da média populacional feminina de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, em mulheres vítimas de violência psicológica, demonstrando seu caráter traumático. Consoante a isso, momentos singulares, como a pandemia da COVID-19, afetaram drasticamente o estado de saúde mental das vítimas, dado o aumento da violência decorrente do isolamento e da convivência contínua com o agressor, ocasionando o agravamento de quadros de ansiedade, depressão, estresse e ideação suicida.

OBJETIVOS

Analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as evidências científicas acerca da violência psicológica praticada por parceiro íntimo contra mulheres adultas e seus impactos na saúde mental, buscando compreender a associação entre esse tipo de violência e o desenvolvimento de transtornos mentais, especialmente depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático. Ademais, pretende-se discutir a violência psicológica como fator de risco independente para o adoecimento mental, considerando diferentes contextos socioculturais e situações de vulnerabilidade, como períodos de crise, a exemplo da pandemia da COVID-19.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, adotada por sua capacidade de reunir e sintetizar evidências científicas de diferentes tipos de estudo sobre violência psicológica contra a mulher e seus impactos na saúde mental. Seguiu-se um protocolo sistemático, com o objetivo de garantir reprodutibilidade e rigor científico. A busca foi realizada exclusivamente na base de dados PubMed/MEDLINE, no período de 2019 a 2025, utilizando descritores controlados e não controlados em inglês: “psychological violence”, “intimate partner violence”, “violence against women” e “mental health”.

A estratégia de busca foi estruturada com operadores booleanos da seguinte forma, conforme inserido diretamente no campo de pesquisa avançada da PubMed: (“psychological violence” OR “intimate partner violence”) AND women AND (“mental health” OR depression OR anxiety OR “post-traumatic stress disorder”). Foram aplicados os seguintes filtros na própria plataforma PubMed: período de publicação entre 2019 e 2025; espécie humana; sexo feminino; idiomas inglês, português ou espanhol; tipo de texto “Free full text”; e tipo de estudo “Article” e “Review”. Não foram utilizados filtros por faixa etária na plataforma para evitar exclusão indevida de estudos relevantes, sendo esse critério aplicado manualmente

na etapa de triagem.

A aplicação da estratégia de busca resultou inicialmente em 36 registros. Após a remoção de 7 duplicatas (decorrentes de indexações cruzadas com PubMed Central), permaneceram 29 estudos para triagem. Os critérios de inclusão contemplaram artigos originais e revisões com texto completo disponível em acesso aberto via PubMed ou PubMed Central, estudos envolvendo mulheres adultas (≥ 18 anos), publicações em português, inglês ou espanhol e que abordassem explicitamente violência psicológica praticada por parceiro íntimo e seus impactos psicológicos ou psiquiátricos. Foram excluídos estudos com população menor de 18 anos, publicações que abordassem exclusivamente violência física ou sexual sem recorte psicológico, artigos que não apresentassem desfechos relacionados à saúde mental de forma clara e estudos cujo foco não estivesse na população feminina.

Após a leitura de títulos e resumos, 19 artigos foram excluídos por não atenderem ao tema central, restando 10 estudos para leitura na íntegra. Desses, 6 foram excluídos por não apresentarem recorte específico para violência psicológica ou por não relatarem desfechos em saúde mental de forma direta, resultando em uma amostra final de 4 artigos incluídos na síntese.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Foram analisados estudos que abordaram a associação entre violência psicológica por parceiro íntimo e desfechos em saúde mental em mulheres adultas. A revisão sistemática com meta-análise identificou que a violência psicológica está significativamente associada a maiores níveis de depressão, ansiedade e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, mesmo quando avaliada de forma isolada, sem concomitância com violência física ou sexual.

Estudos observacionais realizados em diferentes contextos geográficos apontaram maior prevalência de sintomas depressivos e ansiosos, além de menor satisfação com a vida, entre mulheres expostas à violência psicológica. Em cenários específicos, como durante a pandemia de COVID-19, observou-se aumento da intensidade do sofrimento psíquico e maior frequência de transtornos mentais comuns, especialmente entre mulheres em situação de isolamento social. Dessa forma, os estudos demonstram que a violência psicológica atua como fator de risco independente para o adoecimento mental, comprometendo de forma duradoura o bem-estar emocional das mulheres.

Os resultados evidenciam que a violência psicológica exerce impacto significativo e consistente sobre a saúde mental das mulheres, configurando-se como uma forma de violência com potencial tão danoso quanto as agressões físicas. A associação com depressão, ansiedade e estresse pós-traumático pode ser explicada pelo caráter contínuo e coercitivo desse tipo de violência, que compromete a autonomia, a autoestima e o senso de segurança das vítimas.

A presença desses desfechos em diferentes países e contextos socioculturais reforça o caráter transversal do fenômeno, indicando que a violência psicológica não se restringe a realidades específicas. Além disso, o agravamento observado em períodos de crise, como a pandemia, sugere que fatores estruturais e sociais podem potencializar seus efeitos sobre a saúde mental.

Assim, os achados reforçam a necessidade de maior reconhecimento da violência psicológica nos serviços de saúde e de sua inclusão como fator determinante nos processos de avaliação e cuidado em saúde mental, contribuindo para intervenções mais precoces e eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa evidenciou que a violência psicológica praticada por parceiro íntimo constitui um grave problema de saúde pública, com impactos profundos e persistentes na saúde mental das mulheres. Os estudos analisados demonstram de forma consistente que esse tipo de violência está associado a maior prevalência de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e redução da satisfação com a vida, mesmo quando ocorre de maneira isolada, sem concomitância com violência física ou sexual.

Os achados reforçam que a violência psicológica atua como fator de risco independente para o adoecimento mental, em razão de seu caráter contínuo, coercitivo e destruturante, que compromete a autoestima, a autonomia e o senso de segurança das vítimas. A recorrência desses desfechos em diferentes contextos socioculturais indica a transversalidade do fenômeno, enquanto o agravamento observado em períodos de crise, como a pandemia da COVID-19, evidencia a influência de fatores estruturais e sociais na intensificação do sofrimento psíquico.

Diante disso, torna-se fundamental o reconhecimento da violência psicológica como uma forma de agressão tão danosa quanto as violências física e sexual, especialmente no âmbito dos serviços de saúde. A incorporação sistemática da investigação desse tipo de violência nos processos de avaliação em saúde mental pode favorecer a identificação precoce das vítimas e a implementação de intervenções mais eficazes. Ademais, os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas integradas, ações intersetoriais e estratégias de prevenção e acolhimento que considerem as especificidades da violência psicológica, contribuindo para a promoção da saúde mental e a proteção dos direitos das mulheres.

REFERÊNCIAS

DE BAUMONT, A. C.; OLIVEIRA, G. S.; DE FIGUEIREDO, J. B.; DOS SANTOS, J. F.; GENRO, B. P.; HABIGZANG, L. F.; MANFRO, G. G. **Intimate partner violence and women's mental health during the COVID-19 pandemic in Brazil.** Trends in Psychiatry and Psychotherapy, [s. l.], v. 46, e20220594, 2024. DOI: 10.47626/2237-6089-2022-0594.

DOKKEDAH, S. B.; KIRUBAKARAN, R.; BECH-HANSEN, D.; KRISTENSEN, T. R.; ELKLIT, A. **The psychological subtype of intimate partner violence and its effect on mental health: a systematic review with meta-analyses.** Systematic Reviews, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 163, 2022. DOI: 10.1186/s13643-022-02025-z.

LORTKIPANIDZE, M.; JAVAKHISHVILI, N.; SCHWARTZ, S. J. **Mental health of intimate partner violence victims: depression, anxiety, and life satisfaction.** Frontiers in Psychology, [s. l.], v. 16, p. 1531783, 2025. DOI: 10.3389/fpsyg.2025.1531783.

MUCHEMWA, M.; PHIRI, M.; HOLLINGTON, M.; SODI, T. **Intimate partner violence and mental health outcomes among ever-married women in Mozambique.** BMC Women's Health, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 447, 2025. DOI: 10.1186/s12905-025-03990-y.

1) <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37068784/>

2) <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35948921/>

3) <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12376295/>

4) <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12465947/>

ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Behrens Cayres¹; Sâmella Soares Oliveira Medeiros²; Lara Marçal Machado³; Hanna Elisa Dias Machado Gonçalves⁴; Heloísa Samartino Costa⁵; Pedro Henrique Lessa de Oliveira⁶.

¹Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO. <http://lattes.cnpq.br/5023004034313736>

²Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, GO.

<http://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO. <http://lattes.cnpq.br/2827478118730929>

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO. <http://lattes.cnpq.br/7540252789039326>

⁵Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO. <http://lattes.cnpq.br/8360201877707275>

⁶Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO. <https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Depressão. Estudantes.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A ansiedade e a depressão em estudantes da área da saúde constituem uma problemática de alta relevância, apresentando prevalências que frequentemente superam as da população em geral e geram impactos negativos significativos na qualidade de vida acadêmica. Este estudo aborda esse cenário de vulnerabilidade, discutindo fatores agravantes, como a síndrome de burnout, a privação do sono e as pressões inerentes à formação em cursos como medicina, enfermagem e odontologia. Nesse contexto, foram analisadas as perspectivas atuais sobre o manejo desse sofrimento psíquico, avaliando o alcance das intervenções digitais e a urgência de reestruturações institucionais. O trabalho destaca, portanto, a necessidade de transitar de ações pontuais para estratégias de suporte sistêmico, visando a promoção de um ambiente de aprendizado que preserve a saúde mental dos futuros profissionais.

OBJETIVO

Descrever o panorama de vulnerabilidade acadêmica e o sofrimento psíquico entre estudantes da área da saúde, com ênfase na ocorrência de ansiedade e depressão.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, ou seja, com uso de evidências quantitativas (medidas estatísticas) e qualitativas (fatores contextuais) sobre ansiedade e depressão em estudantes da área da saúde. Quanto aos procedimentos, configura-se como pesquisa bibliográfica, sem envolvimento direto de campo. A pesquisa ocorreu acessando bases de dados das plataformas PubMed e SciELO. Descritores aplicados: “ANXIETY”, “DEPRESSION”, “HEALTH” e “STUDENTS”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR: (“health” AND “students”) AND (“anxiety” OR “depression”). Utilizou-se artigos publicados em inglês entre 2019 e 2025, visto que a determinação de um período recente traz direcionamento a seleção de estudos atualizados. Foram incluídas referências publicadas nos últimos 7 anos e que contemplam a multiplicidade de cursos da área da saúde (medicina, enfermagem, odontologia, etc.) e sua relação com ansiedade e/ou depressão. Foram excluídos relatos de casos isolados, estudos com populações não universitárias ou que não eram acadêmicos da área da saúde. De um total de 95 artigos encontrados nas bases de dados escolhidas, 6 foram selecionados para compor a amostra final da revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos apresentam diversas perspectivas sobre o sofrimento psíquico em estudantes de saúde, destacando a eficácia de intervenções e a prevalência de transtornos em diferentes contextos e subáreas.

As intervenções digitais em saúde mental, predominantemente entregues via websites (80% dos estudos analisados) e baseadas em terapia cognitivo-comportamental (31%), demonstram potencial para melhorar quadros de depressão e ansiedade. Cerca de 37% desses programas incorporam o apoio humano via coaching, uma forma de suporte humano integrada às ferramentas digitais para auxiliar o usuário, visando aumentar o engajamento com a plataforma e melhorar a experiência geral com o programa. As fontes indicam que 47% dessas intervenções foram efetivas e 34% parcialmente efetivas na mudança de desfechos psicológicos. Contudo, o rigor metodológico ainda é limitado, com 51% dos estudos omitindo dados sobre usabilidade e apenas 4% examinando a implementação ampla nos campi.

No contexto da América Latina, o estresse excessivo e prolongado gera altas taxas de esgotamento emocional e despersonalização, caracterizando a síndrome de burnout, que afeta entre 4,3% e 43,90% dos estudantes de medicina no período pré-pandemia. Nos Estados Unidos, estima-se que aproximadamente 50% dos estudantes de medicina experimentem burnout durante a formação. Investigações pós-pandemia no México revelaram uma prevalência de 69,87%, afetando majoritariamente o sexo feminino. O esgotamento frequentemente coexiste com a depressão — que atingiu 80% na Colômbia em 2020 — e a ideação suicida, cuja média regional na América Latina é de 13,85%.

Fatores como a privação de sono e o sentimento de inadequação financeira contribuem para este cenário, enquanto a resiliência, o apoio familiar e a prática de exercícios atuam como protetores.

Estudos com estudantes de ciências da saúde de forma ampla, que obtiveram uma taxa de resposta de 93,9%, revelam que 65% sofriam de estresse, 85,1% de ansiedade e 51,4% de depressão. Verificou-se que 74,6% dos casos de ansiedade foram de nível moderado a extremamente grave, com sintomas físicos como fadiga, dores de cabeça e febre baixa servindo como preditores. A relação entre esses sintomas e a qualidade de vida é inversamente proporcional: quanto maior a gravidade do quadro, menores os escores nos domínios físico, psicológico, social e ambiental. A depressão impacta negativamente todos os domínios, enquanto o estresse e a ansiedade afetam mais agudamente a percepção psicológica e o meio ambiente.

Em subgrupos específicos, como os estudantes de odontologia, uma meta-análise de 45 estudos estimou prevalências combinadas de 38% para depressão, 48% para ansiedade e 31% para transtornos do sono. Na área da enfermagem, uma revisão com 171.828 estudantes indicou uma prevalência global de problemas de saúde mental de 27%. Nesse grupo, os distúrbios do sono foram os mais frequentes (50%), seguidos pelo medo (41%), burnout (32%) e depressão e ansiedade (29% cada). Além disso, a nomofobia (vício em smartphones) emergiu como uma preocupação moderna, afetando 30% dos estudantes de enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa evidencia que a ansiedade e a depressão constituem uma realidade preocupante e disseminada entre os estudantes da área da saúde, com prevalências elevadas e impacto significativo na qualidade de vida. Os dados sintetizados apontam para uma vulnerabilidade acentuada desse grupo, com índices de sofrimento psíquico que frequentemente superam os da população geral, variando conforme a subárea profissional – como observado em medicina, enfermagem e odontologia – e agravados por fatores como burnout, privação de sono e pressões acadêmicas.

Diante desse cenário, conclui-se ser premente a implementação de estratégias institucionais sistêmicas de prevenção e suporte à saúde mental. Embora intervenções digitais baseadas em terapia cognitivo-comportamental demonstrem potencial, a eficácia duradoura e a ampla adoção nos contextos universitários exigem maior rigor metodológico e investimento em suporte humano integrado. Portanto, a criação de ambientes de formação que promovam resiliência, apoio psicossocial e equilíbrio entre demandas acadêmicas e bem-estar representa não apenas uma necessidade ética, mas um imperativo para a formação de futuros profissionais de saúde sustentáveis e capacitados.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- EFSTATHIOU, Maria et al. **The prevalence of mental health issues among nursing students: An umbrella review synthesis of meta-analytic evidence.** *International Journal of Nursing Studies*, v. 163, 104993, 2025. DOI: 10.1016/j.ijnurstu.2025.104993.
- FAUZI, Muhammad Faris et al. **Stress, anxiety and depression among a cohort of health sciences undergraduate students: The prevalence and risk factors.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 6, 3269, 22 mar. 2021. DOI: 10.3390/ijerph18063269.
- FREITAS, Pedro Henrique Batista de et al. **Symptoms of depression, anxiety and stress in health students and impact on quality of life.** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 31, e3884, 17 abr. 2023. DOI: 10.1590/1518-8345.6315.3884.
- MORADI, Shayan et al. **The prevalence of depression, anxiety, and sleep disorder among dental students: A systematic review and meta-analysis.** *Journal of Dental Education*, v. 88, n. 7, p. 900–909, 2024. DOI: 10.1002/jdd.13506.
- MORRIS, M.; SERRANO, L. P.; PATEL, K.; CERVANTES, J. **I can't get no satisfaction: burnout, stress, and depression in Latin medical students.** *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, v. 47, e20240818, 2025.
- PINHO, Lara Guedes et al. **Symptoms of anxiety and depression among health and social science students: A multicenter study.** *Heliyon*, v. 11, n. 2, e41957, 15 jan. 2025. DOI: 10.1016/j.heliyon.2025.e41957.

NOMOFOBIA COMO SINTOMA PSICOSSOCIAL E DESAFIO EDUCACIONAL: REGULAÇÃO EMOCIONAL NO CONTEXTO DIGITAL

Joaquim Pinto¹.

¹Universidade Europeia Del Atlântico, Benguela, Angola.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Nomofobia. Regulação emocional.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A expansão das tecnologias digitais transformou profundamente os processos de aprendizagem e interação social. O uso intensivo de smartphones tem sido associado a mudanças cognitivas e emocionais relevantes (CARR, 2011). Nesse contexto, surge a nomofobia, caracterizada pelo medo de desconexão e pela dependência de dispositivos móveis (ROSEN, 2012). No ambiente educacional, essa condição compromete a atenção, a autonomia e a profundidade da aprendizagem, exigindo novas abordagens pedagógicas.

OBJETIVO

Analisar a nomofobia como sintoma psicossocial e seus impactos na regulação emocional e no processo de aprendizagem em contextos digitais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com abordagem exploratória e procedimento bibliográfico. A coleta ocorreu entre janeiro e fevereiro de 2026 nas bases National Library of Medicine (PubMed), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Foram utilizados os descritores DeCS “nomophobia” AND “emotional regulation” AND “education”. Foram identificados 87 estudos, sendo 18 incluídos após critérios de elegibilidade (2010–2025, textos completos). A análise foi interpretativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados indicam associação entre uso excessivo de smartphones e aumento da ansiedade, além de prejuízos na atenção e aprendizagem (KUSS; GRIFFITHS, 2017). Observa-se que a tecnologia tem sido utilizada como mecanismo de regulação emocional, o que reduz a capacidade de enfrentamento interno. No contexto educacional, isso resulta

em aprendizagem superficial e baixa autonomia cognitiva. A nomofobia evidencia uma transformação na relação entre sujeito e tecnologia, exigindo integração entre educação digital e competências socioemocionais (TURKLE, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anomofobia representa um desafio emergente para a educação contemporânea. Seus impactos sobre a regulação emocional e a aprendizagem exigem estratégias pedagógicas que promovam o uso consciente da tecnologia e o desenvolvimento de competências emocionais. Estudos futuros devem aprofundar análises empíricas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- CARR, Nicholas. A geração superficial. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
KUSS, D. J.; GRIFFITHS, M. D. Social networking sites and addiction. 2017.
ROSEN, L. D. iDisorder. 2012.
TURKLE, Sherry. Reclaiming conversation. 2015.

DO MATCH AO OSTRACISMO: A DUALIDADE DA TECNOLOGIA NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

Francisco Soares Lima Filho¹.

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), Humaitá, AM.

<http://lattes.cnpq.br/3065230280054358>

PALAVRAS-CHAVE: *Technoference*. Relacionamentos. Saúde mental.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental

INTRODUÇÃO

A difusão massiva dos smartphones e das tecnologias de comunicação digital tem transformado a forma como os indivíduos interagem socialmente. Nas últimas décadas, esses dispositivos passaram a ocupar um papel central na organização da vida cotidiana, influenciando práticas sociais e dinâmicas relacionais (Mcdaniel e Coyne, 2016). O uso intensivo dessas tecnologias reconfigura as interações interpessoais, ampliando as possibilidades de comunicação, mas introduzindo novas formas de distração e fragmentação da atenção nas relações presenciais (Montag, 2019).

No contexto dos relacionamentos amorosos, embora permitam comunicação constante, a presença contínua dos smartphones em interações face a face pode reduzir a qualidade da comunicação e afetar negativamente a satisfação relacional (Misra, 2014; Dwyer, 2017). Fenômenos como o *phubbing* (ignorar o parceiro para dedicar atenção ao celular) e a *technoference* (interrupções causadas pela tecnologia) têm sido identificados como comportamentos crescentes que geram sentimentos de rejeição e micro-ostracismo, impactando diretamente o bem-estar psicológico e a saúde mental dos indivíduos (Chotpitayasunondh; Douglas, 2016; Abeelee, 2019).

OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo analisar de que forma o uso excessivo de smartphones pode gerar conflitos em relacionamentos amorosos, investigando seus impactos na qualidade relacional, na comunicação interpessoal e no bem-estar psicológico dos parceiros.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa. A busca foi conduzida nas bases de dados Scopus, ResearchGate, Web of Science e Google Scholar, delimitada ao período de 2014 a 2024 para capturar a produção científica da década de consolidação dos smartphones.

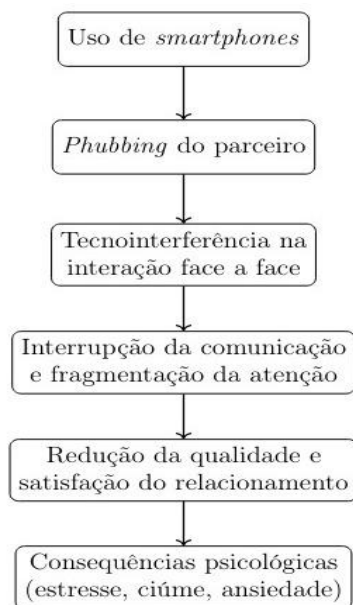
Utilizaram-se strings de busca booleanas combinando os descritores: (*'phubbing'* OR *'technoference'*) AND (*'romantic relationships'* OR *'marital satisfaction'*) AND *'mental health'*. A análise do material coletado seguiu uma abordagem interpretativa e analítica, na qual os estudos foram comparados e organizados em categorias temáticas: interferência tecnológica, efeitos do *phubbing*, impactos da comunicação digital e implicações para a saúde mental. Por utilizar exclusivamente dados secundários, dispensou-se a submissão a comitê de ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura indica que a tecnologia digital opera sob uma lógica de ambivalência estrutural nas dinâmicas relacionais contemporâneas. Por um lado, o Modelo de Comunicação Hiperpessoal favorece a aproximação emocional e a construção acelerada de intimidade. Por outro lado, a mesma infraestrutura potencializa a dispersão atencional e a fragmentação das interações presenciais.

O fenômeno do *partner phubbing* é frequentemente interpretado como um sinal de desatenção ou desvalorização, associando-se à redução da satisfação no relacionamento e ao aumento de sentimentos de ciúme e insegurança. Além disso, a *technoference* atua como um mecanismo de micro-ostracismo, comprometendo a percepção de pertencimento e validação emocional, elementos essenciais para a manutenção do vínculo relacional.

Figura 1: Modelo conceitual da interferência tecnológica em relacionamentos amorosos.



Fonte: Elaboração própria (2026).

A análise aponta que a deterioração da qualidade relacional não decorre propriamente da presença do dispositivo, mas da transição disfuncional entre a conectividade permanente e a presença física comprometida. A hiperconectividade fragmenta a experiência face a face, reduzindo a profundidade das conversas e a continuidade da atenção compartilhada entre parceiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a interferência tecnológica é um fator crítico na dinâmica dos relacionamentos amorosos contemporâneos. Embora ampliem a conexão emocional, o uso excessivo de smartphones pode gerar conflitos e impactar negativamente o bem-estar psicológico. É fundamental promover práticas de uso consciente, como a implementação de protocolos de “Higiene Digital Relacional”, incluindo o estabelecimento de zonas e horários livres de dispositivos (*device-free zones*) para restaurar a ritualística da interação presencial. Tais estratégias são imperativas para mitigar a erosão dos vínculos na era da hiperconectividade.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ABEELE, M. V. **The social consequences of phubbing**. Computers in Human Behavior, v. 93, p. 1–9, 2019.

CHOTPITAYASUNONDH, V.; DOUGLAS, K. **How phubbing becomes the norm**. Computers

in Human Behavior, v. 63, p. 9–18, 2016.

MCDANIEL, B.; COYNE, S. **Technoference: Technology interference in couple relationships**. Psychology of Popular Media Culture, v. 5, 2016.

MISRA, S. The iphone effect. Environment and Behavior, v. 48, 2014.

ROBERTS, J. A.; DAVID, M. **Partner phubbing and relationship satisfaction**. Computers in Human Behavior, v. 54, p. 134–141, 2016.

WALTHER, J. **Computer-mediated communication: Hyperpersonal model**. Communication Research, v. 23, 1996.

SAÚDE MENTAL DE MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Cíntia Márcia de Magalhães¹.

¹Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/6358405839372476>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/5

PALAVRAS-CHAVE: Mães. Representação Social. Autismo.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A saúde mental compreende um estado de equilíbrio biopsicossocial que permite ao indivíduo desenvolver suas potencialidades e lidar com as adversidades cotidianas, transcendendo a mera ausência de patologias. No âmbito da maternidade, esse equilíbrio é tensionado por construções sócio-históricas que idealizam o papel materno sob a égide do sacrifício e da abnegação. De acordo com a teoria das representações sociais de Moscovici (1978), tais significados operam como sistemas de valores que orientam condutas e estabelecem expectativas rígidas sobre o comportamento feminino.

Essa configuração torna-se substancialmente complexa no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na interação social e padrões restritos de comportamento. A transição do “filho idealizado” para o “filho real” impõe às mães uma carga emocional e prática intensificada, que envolve desde a mediação de terapias até a renúncia de projetos pessoais e profissionais. Diante desse cenário, a sobrecarga materna é frequentemente naturalizada, resultando em elevados índices de estresse, ansiedade e depressão, agravados pela carência de redes de apoio e de políticas públicas eficazes.

OBJETIVO

O presente trabalho objetiva realizar uma revisão bibliográfica acerca dos impactos psicológicos na saúde mental de mães de crianças diagnosticadas com TEA, analisando como as representações sociais da maternidade influenciam a sobrecarga emocional e a qualidade de vida dessas mulheres.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza básica, conduzida sob os moldes de uma revisão narrativa. O levantamento de dados foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES entre fevereiro e junho de 2025, utilizando descritores padronizados pelo DeCS.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos completos publicados em português, inglês e espanhol nos últimos cinco anos (2020-2025), que abordassem especificamente os impactos psicológicos e os desafios enfrentados por mães de crianças autistas. A seleção dos estudos ocorreu por meio de triagem em dois momentos: leitura de títulos e resumos, seguida pela análise integral dos textos selecionados para a composição do corpus final da revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela que a maternidade atípica tensiona as representações sociais tradicionais, que ainda fundamentam o bem-estar dos filhos como responsabilidade quase exclusiva da figura materna. Sob a lente de Badinter (1985), a romantização do “amor materno” funciona como um mecanismo de invisibilização do sofrimento psíquico, culpabilizando a mulher por eventuais dificuldades no desenvolvimento da criança. Esse peso simbólico é acompanhado por uma exaustão física decorrente da sobrecarga de funções, que frequentemente leva à interrupção da carreira profissional e ao isolamento social.

Nesse contexto, a rede de apoio emerge como um fator protetivo indispensável, conforme preconizado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1979). Verificou-se que mães com suporte familiar, conjugal e institucional robusto apresentam maior resiliência emocional e menores níveis de estresse crônico. No entanto, a efetividade desse suporte é atravessada por condições socioeconômicas; famílias em situação de vulnerabilidade enfrentam barreiras estruturais no acesso a terapias e direitos básicos, o que potencializa o risco de adoecimento mental. Assim, a saúde mental materna não deve ser vista apenas como um fenômeno individual, mas como um sofrimento ético-político derivado de uma estrutura social que delega o cuidado integral à mulher sem oferecer o respaldo coletivo necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão demonstra que a promoção da saúde mental de mães de crianças com TEA requer a desnaturalização da abnegação materna e o fortalecimento da corresponsabilização familiar e social. É urgente a implementação de políticas públicas intersetoriais que garantam não apenas o suporte terapêutico à criança, mas também espaços de acolhimento psicológico e valorização da identidade da mulher para além

do papel de cuidadora. O cuidado, portanto, deve ser compreendido como uma prática compartilhada em rede, visando à justiça social e ao bem-estar coletivo.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de S. D. Vasconcelos. São Paulo: Difusão Editora, 2009. v. 2.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

CRISÓSTOMO, K. N.; GROSSI, F. R. S.; SOUZA, R. S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 79-96, 2019.

MEIMES, A. M.; SALDANHA, H. C.; BOSA, C. A. Adaptação materna ao Transtorno do Espectro Autismo: relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 412-422, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

UTILIZAÇÃO DE *Cymbopogon citratus* STAPF. NO MANEJO PALIATIVO DA ANSIEDADE: UM ESTUDO NA FEIRA DE ORGÂNICOS

Virginia Mesquita Ramos¹; Dra Kátia Maria da Silva Parente²; Dr Euclides Gomes Parente Filho³.

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - <https://lattes.cnpq.br/0726983808821125>

²Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - <https://lattes.cnpq.br/1891154742599443>

³Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) - <https://lattes.cnpq.br/8405955314901291>

PALAVRAS-CHAVE: Capim santo. Saúde. Extensão universitária.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais constitui uma prática milenar, amplamente difundida em diferentes culturas ao redor do mundo, sendo reconhecida como importante recurso terapêutico, especialmente em comunidades que dependem de alternativas mais acessíveis aos sistemas convencionais de saúde em diferentes aspectos quando comparados aos medicamentos alopáticos, seja pelo custo reduzido, facilidade de obtenção ou tradição cultural (CARNEIRO et al., 2014). Nesse contexto, destaca-se o capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.), uma erva aromática amplamente adaptada às regiões tropicais, incluindo o Brasil, onde apresenta significativa relevância etnofarmacológica (MATOS; 2024).

O mesmo autor menciona que o capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.) possui óleo essencial rico em citral e mirceno, compostos responsáveis por suas propriedades farmacológicas. Entre seus principais efeitos, destaca-se a ação calmante, a mais reconhecida e utilizada pela população, sendo frequentemente associada ao alívio de sintomas relacionados à ansiedade.

Paralelamente, observa-se um aumento expressivo na incidência de transtornos de ansiedade, especialmente durante e após o período da pandemia, consolidando-se como uma das condições de saúde mental mais prevalentes na atualidade (CURY, 2017).

O tratamento convencional da ansiedade, geralmente baseado no uso de fármacos, pode envolver custos elevados e estar associado a diversos efeitos colaterais, o que leva muitos indivíduos a buscarem alternativas terapêuticas. Nesse contexto, o uso de plantas medicinais, como o capim-santo, tem se destacado como uma opção complementar no manejo dos sintomas ansiosos.

Assim, o comércio de plantas medicinais em feiras livres desempenha papel fundamental na democratização do acesso a esses recursos terapêuticos.

OBJETIVO

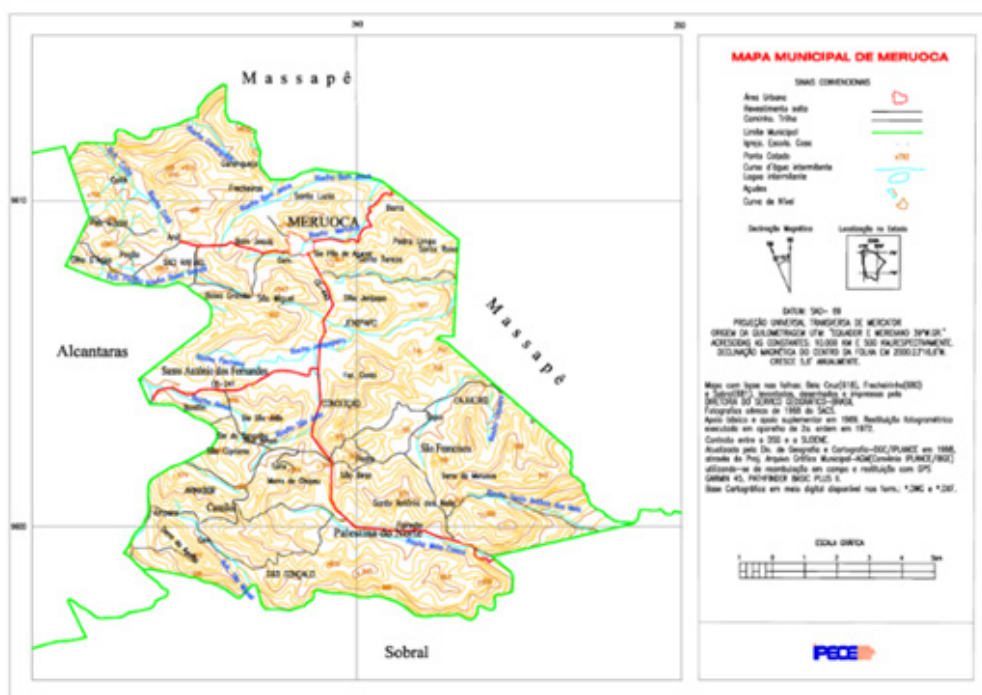
Analisar a provável função do capim-santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.) como planta medicinal utilizada no combate paliativo da ansiedade entre consumidores da Feira de Orgânicos, no Município de Meruoca-CE.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado na Feira de Orgânicos localizada na CE-404, Km 15 no município de Meruoca, localizado na região Noroeste do estado do Ceará (Figura 1) no terceiro mês do ano de 2026. A Feira configura-se como um importante espaço de comercialização de espécies medicinais, possibilitando que a população que não dispõe de condições para o cultivo próprio possa adquirir e utilizar plantas medicinais em seu cotidiano.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem descritiva e quanti-qualitativa. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado contendo questões objetivas e subjetivas destinadas à obtenção de informações sobre a utilização das plantas comercializadas, suas formas de uso e as partes utilizadas.

Figura 1 – Mapa municipal de Meruoca, CE segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

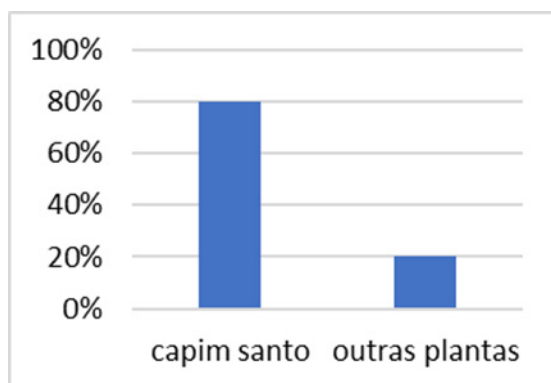


Fonte: <https://www.ipece.ce.gov.br/>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

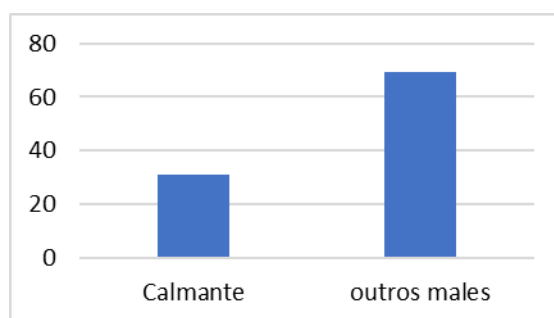
Observou-se que o **capim-santo** (*Cymbopogon citratus* Stapf.) foi a planta medicinal mais citada, sendo mencionado pela maioria **dos comerciantes entrevistados** (Figura 2) evidenciando sua ampla comercialização e relevância local.

Figura 2 – Percentual de plantas mais citadas pelos feirantes.



Em relação à finalidade de uso, verificou-se que um pouco mais de **30% dos entrevistados** indicaram a procura por plantas medicinais com a finalidade **calmante** (Figura 3), destacando-se como o principal motivo de busca pelos consumidores.

Figura 3 – Finalidade de uso segundo os comerciantes em termos percentuais.



Segundo Campos Filho e Tavares (2019), a planta *Cymbopogon citratus* Stapf., popularmente conhecida como capim-santo, possui propriedades calmantes, podendo ser introduzida na dieta de pacientes que sofrem de ansiedade como auxílio no tratamento e controle dos sintomas ocasionados pela patologia. A medicina alternativa ayurveda, originária da Índia, utiliza o capim-santo como fonte de cura de diversas patologias existentes, incluindo o combate aos sintomas de ansiedade. O entendimento que os organismos devem funcionar de forma conjunta e não individualizada, na atuação de uma vivência harmônica entre todos os seres que fazem parte de um todo e que, portanto, estão interligados no

desenvolvimento de uma sinergia, além da compreensão que para a obtenção da cura é necessário um equilíbrio entre corpo, mente e alma, tornam-se cada vez mais necessários no mundo atual.

Com os estudos conduzidos por Mendonça Neto; Costa; Barbosa; Vale; Nunes; Aires; Moraes e Brito (2022) foi possível demonstrar efeitos ansiolíticos para as plantas capim santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.), lavanda (*Lavandula officinalis* Chaix.), melissa (*Melissa officinalis* L.), maracujá (*Passiflora incarnata* L.) e valeriana (*Valeriana officinalis* L.). Portanto, a potencial aplicação clínica dessas plantas é indicada para tratamento dos sintomas de ansiedade e insônia. Contudo, vale ressaltar a necessidade da padronização dos procedimentos metodológicos e avanço da fitoterapia na prática médica.

Quanto à forma de utilização, constatou-se que todos os entrevistados relataram o uso do capim santo na forma de chá e assim utilizando as folhas como a parte vegetal empregada no seu preparo. (Figura 4).

Figura 4 – Forma unânime, em percentual, de utilização das plantas medicinais mencionadas pelos feirantes.



Santos, Pereira, Silva, Oliveira, Ferreira e Cavalcanti (2024) realizaram uma revisão integrativa da literatura acerca do potencial antidepressivo e ansiolítico das plantas medicinais *Matricaria chamomilla* L., *Cymbopogon citratus* Stapf. e *Melissa officinalis* L. Na realização da busca geral dos artigos foram encontrados 8.397, dos quais, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram incluídos no estudo 13 artigos. As partes das plantas utilizadas variaram em cada estudo, sendo o extrato seco das folhas analisado em 5 estudos, os óleos essenciais analisados em 3, seguido pelo extrato seco das flores com 2 estudos e o chá, extrato aquoso das folhas e as partes aéreas com 1 estudo cada. Poucos estudos relatam a atividade de *Cymbopogon citratus* L. em humanos para tratamento da depressão e ansiedade. Os relatos apontaram um envolvimento positivo da Camomila, Erva Cidreira e do Capim Santo no tratamento de sintomas de ansiedade e depressão, como também demonstraram uma atuação dessas espécies em outros distúrbios neurológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados deste estudo evidenciam a importância do *Cymbopogon citratus* Stapf. como uma alternativa terapêutica complementar no manejo dos sintomas de ansiedade de acordo com os comerciantes da Feira de Orgânicos. A presença de propriedades calmantes, já descritas na literatura, associada à ampla aceitação e utilização pela população, reforça o potencial dessa espécie no contexto da fitoterapia aplicada à saúde mental.

Entretanto, apesar dos resultados promissores, destaca-se a necessidade de aprofundamento científico quanto à padronização de métodos de preparo, dosagens e avaliação dos efeitos terapêuticos. Tais aspectos são fundamentais para garantir maior segurança e eficácia no uso da planta, contribuindo para sua inserção de forma mais consistente na prática clínica.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS FILHO, H.J.M.; TAVARES, A.B.A. Capim-Santo e Transtornos de Ansiedade - Uma Relação de Cura Pela Busca do Todo. (2019). *Encontros Universitários Da UFC*, 4(2), 1098. <https://periodicos.ufc.br/eu/article/view/58493>.
- CARNEIRO, F. M.; SILVA, M. J. P.; BORGES, L. L.; ALBERNAZ, L. C.; COSTA, J. D. P (2014). Tendências dos estudos com plantas medicinais no Brasil. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*, 3(2), 44-75.
- CURY, Augusto. Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo: Saraiva, 2014
- MATOS, F.J. ABREU. Farmácias vivas. 5. Ed. Fortaleza: Editora UFC, 2024. 286p.
- MENDONÇA NETO, I.J.; COSTA, S.S.L.; BARBOZA, V.N.; VALE, C.M. G.C.; NUNES, F.V.A.; AIRES, C.A.M.; MORAES, M. BRITO, T.S.. (2022). Plantas medicinais e fitoterápicos no cuidado da saúde mental em tempos de pandemia: uma revisão da literatura. *Revista De Medicina*, 101(3), e-183634.
- SANTOS, A.T.; PEREIRA, C.J.G.; SILVA, D.B.M.; OLIVEIRA, L.R.; FERREIRA, M.D.L.; CAVALCANTI, É.B.V.S.. Plantas Medicinais no Auxílio dos Sintomas da Ansiedade e Depressão: Uma Revisão Integrativa: Medicinal Plants Helping Symptoms Of Anxiety And Depression: An Integrative Review. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, [S. l.], v. 21, n. Esp2, p. 540–555, 2024. DOI: 10.17695/rcsne.vol21.nEsp2.p540-555. Disponível em: <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/924>. Acesso em: 22 mar. 2026.

SAÚDE MENTAL E ESTIGMATIZAÇÃO EM ANGOLA: CRENÇAS SOBRENATURAIS E IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS

Joaquim Pinto¹.

¹Universidade Europeia del Atlántico, Santander, Espanha.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Estigma. Crenças sobrenaturais.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

A saúde mental é influenciada por fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. Em Angola, observa-se que transtornos mentais são frequentemente explicados por crenças sobrenaturais, como feitiçaria e possessão espiritual (Kleinman, 1980; Patel et al., 2018). Essas interpretações culturais contribuem diretamente para a estigmatização social, limitando o acesso a serviços de saúde e prejudicando a qualidade de vida dos indivíduos (Goffman, 1988; WHO, 2021). Estudos recentes em contextos africanos apontam que o estigma é reforçado por interpretações religiosas e tradicionais, dificultando intervenções psicossociais efetivas (Ae-Ngibise et al., 2010; Thornicroft et al., 2007).

OBJETIVO

Analisar a influência das crenças sobrenaturais na estigmatização da saúde mental em Angola, destacando suas implicações nos itinerários terapêuticos e no acesso aos serviços de saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos, realizada através de revisão integrativa da literatura (Souza, Silva & Carvalho, 2010). A coleta de dados envolveu buscas em bases como Google Scholar, SciELO, PubMed e Scopus, considerando publicações entre 2010 e 2024. A análise temática permitiu identificar categorias interpretativas relacionadas a crenças sobrenaturais, estigma e barreiras de acesso ao tratamento (Braun & Clarke, 2006). Todos os procedimentos seguiram normas éticas de pesquisa em seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Três eixos principais emergiram da análise:

1. **Modelos explicativos sobrenaturais:** transtornos mentais frequentemente interpretados como manifestações de forças espirituais ou maldições (Ae-Ngibise et al., 2010).
2. **Estigmatização e exclusão social:** associações entre doença mental e crenças espirituais reforçam o isolamento e a discriminação, afetando relações familiares e comunitárias (Thornicroft et al., 2007).
3. **Itinerários terapêuticos:** prevalência de práticas tradicionais de cura, incluindo curandeiros e rituais, que podem atrasar o acesso ao tratamento formal (Patel et al., 2018).

Esses achados indicam a necessidade de integrar saberes tradicionais e biomédicos, promovendo educação em saúde mental, políticas públicas de redução do estigma e estratégias culturalmente sensíveis (WHO, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estigmatização da saúde mental em Angola está fortemente associada às crenças sobrenaturais. Estratégias de intervenção devem integrar diferentes sistemas de conhecimento e promover políticas públicas que aumentem a conscientização e a educação em saúde mental, reduzindo preconceitos e barreiras culturais.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- AE-NGIBISE, K. et al. (2010). **Whether you like it or not people with mental problems are going to go to them.** *International Review of Psychiatry*. DOI: <https://doi.org/10.3109/09540261.2010.536149>
- BRAUN, V.; CLARKE, V. (2006). **Using thematic analysis in psychology.** *Qualitative Research in Psychology*. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- GOFFMAN, E. (1988). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC.
- KLEINMAN, A. (1980). **Patients and healers in the context of culture.** Berkeley: University of California Press.
- PATEL, V. et al. (2018). **The Lancet Commission on global mental health.** *The Lancet*. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31612-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31612-X)
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. (2010). **Revisão integrativa.** *Einstein*. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

THORNICROFT, G. et al. (2007). **Reducing stigma and discrimination.** *International Journal of Mental Health Systems*. DOI: <https://doi.org/10.1186/1752-4458-1-3>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2021). **Mental Health Atlas 2020**. Geneva: WHO.

SAÚDE MENTAL EM NÚMEROS – PANORAMA DA CIDADE DE UBERLÂNDIA ENTRE 2018 A JULHO DE 2025

Matheus Kristhian Cardoso¹.

¹Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG. <https://lattes.cnpq.br/9435921435126859>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/18

PALAVRAS-CHAVE: Internações. Perfil sociodemográfico. Setores de saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Uberlândia integra a Região de Saúde Triângulo Norte, no estado de Minas Gerais, Brasil (Brasil, 2020), possui área territorial de 4.115,206 km² e população estimada em 761.835 habitantes (IBGE, 2022), configurando-se, segundo a Prefeitura Municipal de Uberlândia, como polo regional de referência em saúde devido ao maior contingente populacional e à ampla oferta de procedimentos de média e alta complexidade (Uberlândia, 2021).

Segundo o Plano Municipal de Saúde 2022–2025 da Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia (Uberlândia, 2021), o sistema público de saúde urbano organiza-se em cinco setores - Norte, Sul, Leste, Oeste e Central (Figura 1) -, que orientam a estrutura da Rede de Atenção à Saúde (RAS), composta por diferentes pontos de atenção com serviços específicos e distintos níveis de complexidade, articulados entre si e igualmente relevantes no processo assistencial, compartilhando a corresponsabilidade pelo cuidado integral dos usuários e assegurando atenção contínua, qualificada, humanizada e responsável (Brasil, 2025).

O Sistema Único de Saúde (SUS) instituiu, além da RAS, redes temáticas voltadas às necessidades de saúde recorrentes e prioritárias da população, entre as quais se destaca a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), fundamental para o cuidado em saúde mental. Em Uberlândia, essa rede é formada por pontos de atenção articulados que buscam assegurar o cuidado ao paciente o mais próximo possível de sua residência, favorecendo a participação da família, a inclusão social e o desenvolvimento de projetos terapêuticos adequados às características de cada paciente.

A RAPS de Uberlândia é composta por UBSF e UBS articuladas aos CAPS - duas unidades de CAPS II, uma CAPS I, uma CAPS III e uma CAPS AD III -, além de um Centro de Convivência e Cultura, das Unidades de Atendimento Integrado (UAI), responsáveis por situações de crise, urgência e emergência, e do Hospital de Clínicas da Universidade

Federal de Uberlândia (HC-UFU), referência regional no atendimento a pessoas com diferentes sofrimentos mentais, inclusive nos casos mais graves e nos encaminhamentos realizados pela regulação municipal (Brasil, 2025; Uberlândia, 2021; EBSEH, 2025).

No período de 2018 a julho de 2025, segundo dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS, disponibilizados pelo DATASUS por meio da plataforma TABNET, o HC-UFU registrou 2.949 internações por transtornos mentais e comportamentais, classificadas conforme a CID-10, enquanto as UAI's, contabilizaram 3.746 internações no mesmo período (Brasil, 2025).

Quanto à contextualização territorial dos dados analisados, a distribuição dos registros de internações, com base na localização dos pontos de atenção à saúde nos diferentes setores de saúde, indica que as UAI's situadas no setor Oeste concentram o maior número de ocorrências (2.451), seguidas pelas regiões Central (554), Leste (494), Sul (170) e Norte (77). Em relação às Unidades de Atenção Hospitalar (AH), além do HC-UFU, destacam-se o Hospital Municipal Dr. Odelmo Leão Carneiro (HMMDOLC), com 21 casos, e o Centro de Internações Clínicas, com 17 registros, localizados nos setores Sul e Oeste, respectivamente, enquanto o anexo do HMMDOLC (Hospital Santa Catarina), situado no setor Central, registrou 7 casos no mesmo período, conforme ilustrado na Figura 1.

Observa-se que parcela significativa da população uberlandense apresenta surtos psicóticos, transtornos em graus leves ou graves, crises de ansiedade, episódios depressivos ou outras manifestações comportamentais adversas, reforçando a importância de aprofundar o debate sobre a saúde mental no contexto urbano de Uberlândia.

OBJETIVO

Com base nos dados apresentados, o objetivo principal é identificar a faixa etária e o gênero dos indivíduos internados entre 2018 e julho de 2025, com o intuito de compreender o perfil sociodemográfico do público assistido nos diferentes pontos de atenção à saúde de Uberlândia.

METODOLOGIA

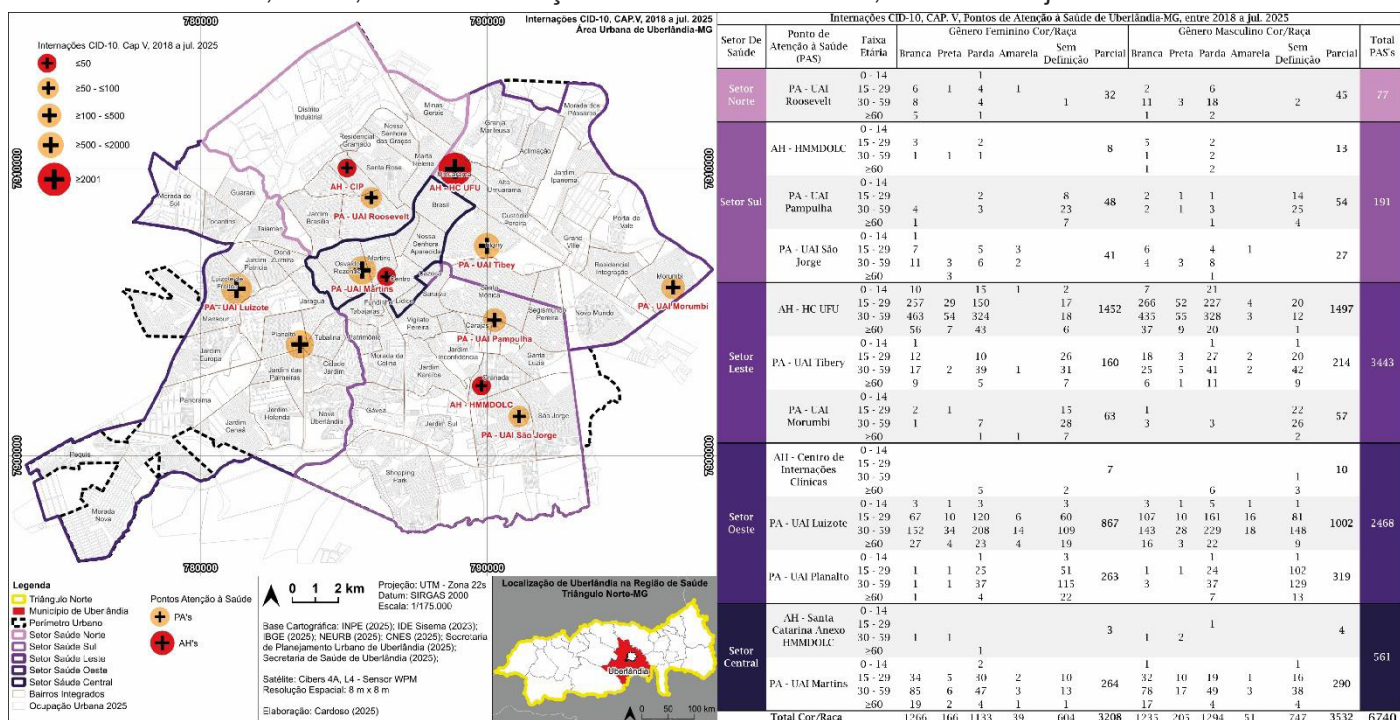
O estudo integra uma pesquisa de mestrado em andamento, de abordagem qualitativa, natureza aplicada e caráter descritivo. O levantamento de dados foi realizado por meio do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), acessado via plataforma TABNET do DATASUS, a partir da consulta à base "Epidemiologia e Morbidade", na seção "Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS)", com seleção da pesquisa por local de internação, em "Geral, por local de internação - a partir de 2008", e definição da abrangência geográfica para o estado de Minas Gerais.

Em seguida, definiu-se o recorte do município de Uberlândia, a seleção da variável “Capítulo CID-10”, a definição do conteúdo como “internações”, a delimitação do período de análise entre janeiro de 2018 e julho de 2025, a estratificação por faixa etária, a identificação da origem dos dados a partir dos estabelecimentos de saúde disponíveis, a seleção das variáveis sexo e cor/raça e, por fim, o processamento, a organização e a sistematização dos resultados conforme os pontos de atenção à saúde consultados e seus respectivos setores de saúde no município de Uberlândia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados de internações do DATASUS, apresentados na Figura 1, revelam que o gênero masculino é o mais acometido por transtornos mentais e comportamentais, sobretudo na faixa etária de 30 a 59 anos, com destaque para a cor/raça parda, predominante entre os grupos analisados. Apenas nas UAI's dos bairros São Jorge (setor Sul) e Morumbi (setor Norte) as internações são majoritariamente do gênero feminino, mantendo-se, entretanto, o mesmo padrão quanto à cor/raça e à faixa etária. Com base nos dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE (2022), observa-se, contudo, que a população de Uberlândia é predominantemente feminina, o que permite inferir que, embora esse grupo apresente maior representatividade demográfica no município, mostra-se menos suscetível aos quadros de depressão e ansiedade.

Figura 2: Compilado: Mapa Localização de Uberlândia na Região de Saúde Triângulo Norte – MG, Mapa Internações CID-10, CAP.V, 2018 a jul. 2025, Área Urbana de Uberlândia – MG e Tabela de Internações CID-10, CAP.V, Pontos de Atenção à Saúde de Uberlândia, entre 2018 a julho 2025.



Fonte: Autor (2025).

A cor/raça mais recorrente nas internações, em ambos os gêneros, é a branca, seguida da parda, o que confirma os dados do IBGE (2022), que caracterizam a população de Uberlândia como majoritariamente branca, seguida da parda. No que se refere à faixa etária, a análise dos dados apresentados na Figura 2 indica que, no período de 2018 a julho de 2025, o gênero feminino apresenta maior número de internações na faixa etária de 60 anos ou mais e menor incidência entre 0 e 14 anos, comportamento semelhante ao verificado no gênero masculino. A baixa representatividade de casos no ciclo de vida denominado por Uberlândia (2021) como infância e adolescência (0 a 14 anos) relaciona-se ao processo de envelhecimento da população uberlandense, caracterizado por maior contingente na faixa etária de 20 a 59 anos, classificada pela prefeitura como população adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As internações por transtornos mentais e comportamentais em Uberlândia, entre 2018 e julho de 2025, revelam demanda expressiva por atenção em saúde mental, distribuída de forma desigual entre os setores urbanos. A predominância de casos entre homens adultos, especialmente na faixa de 30 a 59 anos, e a maior recorrência entre pessoas brancas e pardas permitem delinear tendências importantes do perfil sociodemográfico atendido pela rede pública. Destaca-se, ainda, a concentração dos registros em unidades localizadas no setor Oeste e no HC-UFU, evidenciando a necessidade de um planejamento territorial mais sensível às demandas específicas da população. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Articulação das Redes de Atenção à Saúde e Atenção Primária à Saúde (APS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/redes-de-atencao-a-saude>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Informações de saúde (TABNET). Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2024]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Macrorregiões e Regiões de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2020]. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_MACRORREGIOES/SEIDIGI_DEMAS_MACRORREGIOES.html. Acesso em: 19 ago. 2025.

EMPRESABRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES (EBSERH). HC-UFU: Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Brasília, DF: EBSERH, [s. d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hc-ufu>. Acesso em: 20 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2102011>. Acesso em: 18 ago. 2025.

UBERLÂNDIA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Saúde. Plano Municipal de Saúde 2022-2025. Uberlândia: Prefeitura Municipal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Plano-Municipal-2022-2025-1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2025.

REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS DO TRATAMENTO DE CÂNCER PENIANO EM HOMENS ADULTOS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA EM PSICO-ONCOLOGIA

Rebeca Elena da Silva Oliveira¹.

¹Universidade Ceuma (Ceuma), São Luís, Maranhão. <https://lattes.cnpq.br/1609805503687732>

PALAVRAS-CHAVE: Câncer de Pênis. Penectomia. Psico-Oncologia.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

O câncer peniano é uma neoplasia multifatorial, presente na sociedade brasileira com um número significativo de casos em relação a outros países, constituindo 2,1% de todas as neoplasias encontradas em homens, tendo como um dos principais fatores a falta de higienização e a precariedade sanitária (BRASIL, 2026). Trata-se de um carcinoma nocivo cuja principal forma de tratamento é a penectomia, uma cirurgia de remoção das partes do pênis afetadas (SILVA et al., 2023).

Nesse contexto, é perceptível como esses procedimentos impactam o indivíduo em diversos âmbitos, como os físicos (nas relações sexuais e no sistema urinário), psicológicos e emocionais (MARTINS et al., 2025; CONCEIÇÃO et al., 2022). Nesse viés, torna-se evidente como a cultura e os ideais falocêntricos afetam o modo como o indivíduo realiza o autocuidado e procura ajuda quando necessário, demonstrando como muitos preferem ignorar a dor e o sofrimento para manter uma reputação (SANTOS et al., 2025).

Essa, por sua vez, é gravemente afetada a partir do diagnóstico de câncer peniano, momento em que os homens passam a se preocupar diante da possibilidade de perder um órgão altamente valorizado tanto para si quanto para a sociedade. Tal perspectiva afeta o modo como o indivíduo se percebe, sua reputação e suas relações próximas (SOUZA, 2026).

Assim, agregam-se impactos psicológicos profundos no indivíduo, ao se perceber como uma figura menos masculinizada ou menos forte, e também no âmbito emocional, ao enfrentar um processo de luto por uma parte de seu corpo (MARTINS et al., 2025).

Logo, faz-se imprescindível compreender essas repercussões na vida do indivíduo, principalmente diante da pouca visibilidade atribuída ao tema, o que agrava a problemática da falta de conscientização dos homens perante essa condição (BRASIL, 2024). Portanto, é fundamental analisar como essa situação afeta os indivíduos, em sua percepção de si,

na forma como se inserem no mundo e em como acreditam ser percebidos pelos outros.

OBJETIVO

O objetivo desta revisão é analisar os impactos psicológicos no indivíduo que recebe o diagnóstico de câncer peniano e se depara com a perspectiva de tratamento cirúrgico e a sua recuperação. Busca-se também observar como esse processo afeta o indivíduo em diferentes âmbitos, identificando agravantes emocionais, psicológicos e físicos. Assim, pretende-se compreender a relevância do tema no contexto brasileiro, contribuindo para a ampliação de sua visibilidade.

METODOLOGIA

Através de uma pesquisa e avaliação, foi sintetizado este resumo expandido, de caráter qualitativo, com foco na análise e interpretação dos impactos psicológicos associados ao câncer peniano. Como base para essa pesquisa bibliográfica básica, realizou-se o levantamento de artigos de revistas, cartilhas e periódicos, em bases de dados científicas como SciELO, *Revista Brasileira de Cancerologia*, Ministério da Saúde e o INCA, utilizando como palavras-chave “câncer peniano”, “impacto psicológico” e “penectomia”.

Foram examinados e selecionados 7 artigos, dentre 14 inicialmente encontrados, que melhor contribuíssem e apresentassem conteúdos relevantes para o desenvolvimento do estudo, contemplando publicações nos idiomas inglês e português, a fim de ampliar a compreensão do tema, no período entre 2013 e 2026. Dessa maneira, buscou-se analisar e identificar os principais impactos psicológicos, bem como compreender como eles decorrem no contexto do diagnóstico e tratamento do câncer peniano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tratamento do câncer peniano envolve uma cirurgia invasiva que consiste na remoção do carcinoma no membro. Contudo, observa-se que, quanto mais tardia for a busca por ajuda e tratamento, maior tende a ser o tumor, aumentando também as chances de disseminação para outras partes do corpo (SILVA et al., 2023; BRASIL, 2026).

Dessa maneira, a busca tardia por cuidados médicos e a falta de prevenção por parte dos próprios indivíduos resultam em maior necessidade de retirada parcial ou total do órgão masculino, o que afeta significativamente a qualidade de vida do paciente (MARTINS et al., 2025). Nesse contexto, evidenciam-se repercussões como a percepção negativa do próprio corpo, além de ansiedade e depressão, bem como prejuízos em atividades antes cotidianas, como a micção e as relações sexuais, que exercem influência direta na saúde emocional do indivíduo (CONCEIÇÃO et al., 2022).

Entretanto, observa-se que, quando a retirada ocorre de forma parcial e em estágios iniciais, há a possibilidade de reestruturação estética, o que agrega à qualidade de vida, permitindo a manutenção das atividades básicas sem prejuízos graves (SILVA et al., 2023). Em contrapartida, nos casos em que o tratamento ocorre tardiamente, identificam-se dificuldades emocionais mais intensos, especialmente em função do contexto cultural brasileiro, marcado pela masculinidade hegemônica, que reforça o falo como símbolo de força, virilidade e identidade (SANTOS et al., 2025).

No que se refere às estratégias de enfrentamento, observa-se, conforme apontado por (CONCEIÇÃO et al., 2022), que o indivíduo pode reagir de diferentes formas à perda associada à masculinidade. Alguns conseguem ressignificar essa identidade, deixando de centralizar o falo e valorizando outros atributos; outros apresentam sentimentos de vergonha e uma percepção negativa de si, chegando a se perceber como “meio-homens”; e, por fim, há aqueles que utilizam estratégias de enfrentamento por não aceitarem sua situação, como a negação, o isolamento e tentativas de reafirmação da masculinidade.

Por conseguinte, destaca-se a importância das relações familiares, especialmente do parceiro sexual, cuja reação e apoio se mostram fundamentais nesse processo (CONCEIÇÃO et al., 2022). Isso porque, para muitos homens, não basta apenas se perceber como masculino, mas também ser reconhecido socialmente dessa forma. Ademais, evidencia-se a relevância do acompanhamento psicológico no pré e pós-tratamento, contribuindo para o gerenciamento das mudanças e para a promoção da saúde mental (MARTINS et al., 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, ao analisar e sintetizar os conteúdos abordados nos artigos, observou-se que fatores de risco, como a falta de conhecimento e as pressões sociais, agravam negativamente o cuidado e a saúde do homem, que muitas vezes prioriza a manutenção de sua reputação em detrimento do autocuidado. Dessa maneira, evidencia-se a demora na busca por assistência frente a esse câncer, bem como a clara necessidade de conscientização.

Verificando que a demora leva a casos mais críticos e a tratamentos mais profundos, nota-se então, a maneira como esses tratamentos afetam diretamente a qualidade de vida desses homens, em aspectos psicológicos, emocionais e físicos. Evidenciando, assim, problemáticas na adequação da autoimagem diante de uma ruptura com o que era previamente estabelecido pela masculinidade hegemônica, com diferentes métodos de enfrentamento para lidar com a dor da perda, tanto de parte do órgão quanto de tudo o que ele representa.

Assim, tornou-se perceptível a necessidade de um cuidado psico-oncológico especializado para esses homens, bem como a importância da presença da família e de redes de apoio para o auxílio nesse processo. Além disso, destaca-se o imperativo de conscientizar a população acerca dessa situação, promovendo maior visibilidade para esse

câncer e para todos que sofrem com ele.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Câncer de pênis**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/cancer-de-penis>. Acesso em: 24 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer (INCA). **Câncer de pênis: nota técnica traz orientações para profissionais de saúde e gestores**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/noticias/2024/cancer-de-penis-nota-tecnica-traz-orientacoes-para-profissionais-de-saude-e-gestores>. Acesso em: 24 mar. 2026.

MARTINS, L. Q. *et al.* **Impactos psicológicos e na qualidade de vida de pacientes com câncer de pênis: revisão de literatura**. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcan/a/drZKL8gGLK6FgFpw5sds9jQ/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SANTOS, A. L. *et al.* **Estudos epidemiológicos sobre câncer de pênis no tocante aos Cuidados de enfermagem**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, 2025. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/4353/4213>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SILVA, T. C. *et al.* **Epidemiological study of penile cancer in a northeastern state – Brazil**. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/wyLVKZ9zcbwmSQ38WHbYcZM/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

CONCEIÇÃO, V. M. *et al.* **Masculinidades e rupturas após a penectomia**. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/LrkSCJqXgmLbFRRQCw5yqGL/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

SOUZA, V. B. *et al.* **Penile primary melanoma: analysis of 6 patients treated at Brazilian national cancer institute in the last eight years**. International Brazilian Journal of Urology, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ibju/a/LyWhpCfPcrxTcXbhzfYC6yw/>. Acesso em: 24 mar. 2026.

O DOCENTE SUPERIOR E A SÍNDROME DO PENSAMENTO ACELERADO (SPA): A BUSCA DA MELHOR QUALIDADE DE VIDA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Gicele Santos da Silva¹.

¹Docente Superior e Pesquisadora Inter e Multidisciplinar. Mestranda PPGEDU/UFRGS. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil-RS. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil; UNINTER – Centro Universitário Internacional, Porto Alegre, RS, Brasil; Faculdade ANHANGUERA, Porto Alegre, RS; UNITRI – Centro Universitário do Triângulo Mineiro, Uberlândia, MG, Brasil. Diversas Graduações (7), Pós-Graduações (17) e MBA (03). Registros Profissionais: CRA-RS Nº RS-055130/O. CAU-RS Nº A87479-5. CFEP Nº 23.008.098. CREA-RS Nº RS278344.

Contatos: professoragicelesantos@gmail.com | gicele.santos@ufrgs.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5705290214900644> | Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8624-1600>

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome do Pensamento Acelerado. Docente Superior. Saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Mental

INTRODUÇÃO

O presente Estudo possui como tema central o Docente Superior e a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). Uma grande elaboração de pensamentos, numa velocidade tão alta que consome e estressa o cérebro. Estímulos sociais, atividades em excesso, a necessidade de se manter constantemente atento e produtivo, impede o refletir antes de reagir, o expor e não o impor, a empatia. Sintomas como dores de cabeça, dores musculares, irritabilidade, déficit de memória, insônia e fadiga surgem, e este estado, segundo Augusto Cury (2014) tem nome. Trata-se da **Síndrome do Pensamento Acelerado**, mais conhecida como **SPA** (grifo nosso).

A SPA é uma Síndrome decorrente do Pensamento Acelerado que produz sintomas parecidos com a Hiperatividade, porém suas causas estão relacionadas com o excesso de estímulos, de atividades e de informações. Atingindo principalmente pessoas adultas e que trabalham em locais que exige uma constante concentração ou que seja preciso lidar com metas, prazos e uma série de responsabilidades, a Síndrome pode perturbar a boa noite de sono do indivíduo, rondando a sua mente fazendo com que não consiga se desligar e deixar de se preocupar, acordando várias vezes com o pensamento nas atividades a serem realizadas no outro dia e estes pensamentos são substituídos pelos próximos até que se levante sem descansar fisicamente e mentalmente.

Sob o ponto de vista de Cury (2014), onde enfatiza que as pessoas que têm um trabalho intelectual excessivo, como os Professores, terão mais probabilidade de desenvolver a SPA. Isso não descarta que outros profissionais e até mesmo as crianças poderão, em algum momento, desenvolver a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). Tudo dependerá da qualidade de vida e da saúde que o indivíduo esteja apresentando. Com o conhecimento do público alvo da SPA, o estudo será dedicado ao público de Docentes Superiores.

OBJETIVO

Para o desenvolvimento do Estudo estabeleceu-se os objetivos necessários para uma

apreciação total da temática abordada. O estudo tem por objetivo geral apresentar a Síndrome do Pensamento Acelerado e a importância da prevenção, para uma melhor qualidade de vida e das práticas pedagógica, para os Docentes Superiores. Como objetivos específicos: conhecer a SPA; identificar as causas, os sintomas e os prejuízos da SPA; analisar as possibilidades de prevenção contra a SPA.

Os objetivos definidos darão condições de responder à questão objeto do estudo: Como o Docente Superior deve estabelecer um processo de prevenção, contra a Síndrome do Pensamento Acelerado, objetivando a sua qualidade de vida e que não ocorra prejuízo em suas práticas pedagógicas?

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa de objetivo exploratório e descritivo, através de um procedimento bibliográfico, de autores que dão ênfase à questão e na sua contribuição. As buscas bibliográficas foram realizadas no período entre novembro de 2026 e janeiro de 2026, além de publicações em periódicos e diretórios acadêmicos, coletados na base *Web of Science*, do *Institute for Scientific Information (ISI)*, disponível no Portal da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, 1951), órgão do Governo Federal do Brasil, ligado ao Ministério da Educação, escolhida por ser multidisciplinar, indexar somente os periódicos mais citados em cada área; *SciELO* - Biblioteca Eletrônica Científica Online e *Google Scholar* - Plataforma de Pesquisa Online, tendo como corte temporal o período de 2000 a 2025. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores, com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo.

A questão que orientou a busca pelos materiais de pesquisa: Como o Docente Superior deve estabelecer um processo de prevenção, contra a Síndrome do Pensamento Acelerado, objetivando a sua qualidade de vida e que não ocorra prejuízo em suas práticas pedagógicas? Os descritores foram escolhidos de forma a representar plenamente a

temática abordada e desenvolvida no estudo. Na concepção de Gil (2022):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (Gil, 2022, p.44).

Os textos em que o enfoque não se alinhava ao contexto da pesquisa foram desconsiderados. Concluindo a leitura dos materiais pesquisados, e relacionando-os com os objetivos de pesquisa, realizou-se a explanação do assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), não é uma doença, mas um sintoma que

associado a um quadro de ansiedade. Quando se fala dessa síndrome, fala-se de uma dificuldade pessoal em relaxar, acalmar e organizar a mente e de uma busca incessante por informações e estímulos, ou seja, ocorre uma inundação por pensamentos acelerados o tempo todo, o que dificulta a concentração, e desgasta a saúde física e mental. Ressaltando, que um sintoma se torna patológico, de acordo com sua intensidade. Cury (2014) define o conceito da Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) como:

O SPA é caracterizado por baixa concentração, dificuldade em lidar com estímulos da rotina diária, irritabilidade, esquecimento, ansiedade intensa. Acontece que as pessoas pensam em cada vez mais coisas e pensam cada vez rapidamente, o que obriga a uma tensão psíquica intensa para que o cérebro possa responder ao que dele exigimos (Cury, 2014, p.03).

Sob o ponto de vista de Kanaame (1999), o ritmo alucinante dos grandes centros provoca a produção de um número excessivo de informações, o que cria uma mente hiperpensante, agitada, impaciente, com dificuldades no campo criativo e baixo nível de tolerância. Na concepção de Cury (2014), os principais vilões causadores da SPA, nesta categoria profissional são: I - Excesso de informação; II - Excesso de atividades; III - Excesso de trabalho intelectual; IV - Excesso de preocupação; V - Excesso de cobrança; VI - Excesso de uso de celulares; VII - Excesso de uso de computadores. Dentre estes, a instabilidade emocional, intolerância a frustração, déficit de concentração, cansaço ao acordar, são queixas comuns dos Profissionais de Educação. A partir daí a SPA já estará instalada no corpo e no cérebro do indivíduo.

Na SPA, as causas podem ser originadas por alguns transtornos como: Ansiedade, Bipolaridade, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Síndrome de Borderline e, como consequência do uso de drogas. O portador da SPA produz uma super construção de pensamentos, em uma velocidade tão alta que acaba por estressar e desgastar o cérebro e a aceleração do pensamento aumenta a ansiedade e interfere na saúde física e mental.

Outra característica é o cansaço físico exagerado e inexplicável. Isso porque os portadores dessa Síndrome, ao pensarem demais, tendem a roubar energia do córtex cerebral, que é a camada mais evoluída do cérebro, uma energia que deveria ser utilizada para manter os órgãos do corpo, provocando o organismo a responder com a fadiga. Outros sintomas considerados psicossomáticos são dores de cabeça, dores musculares, gastrite, e até mesmo queda de cabelo, podem surgir. Para a obtenção de um diagnóstico correto, faz-se necessário a ajuda de um profissional da Psicologia, ou Psiquiatria, que avaliará os sintomas apresentados, bem como, em que contexto em que se está inserido.

A disposição dos acadêmicos em sala de aula, também tem uma considerável contribuição para este desgaste. Na maioria das vezes, a indisciplina é a grande responsável por uma eventual sensação de decepção e até de desmotivação do profissional. Como expõem Eisenstein e Bestefenon (2011), essa sobrecarga de trabalho vem atrelada à intensidade de se ter que realizar várias atividades ao mesmo tempo como: planejar, estudar, corrigir provas e trabalhos, dar feedbacks aos alunos e ainda ter que participar de atividade e exigências da Instituição, além da necessidade de um aprimoramento contínuo através de cursos, seminários, pós-graduações, dentre outros. O acúmulo de tantas responsabilidades acaba por provocar grande fadiga física e emocional, o aumento da ansiedade e do estresse.

Na compreensão de Apple (1995) a Educação vem a ser uma grande preocupação, onde o trabalho Docente Superior é de suma importância para a formação e transformação da sociedade, porém, essa categoria é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e alta exigência de trabalho, refletindo em sua saúde física e mental, assim como no desenvolvimento de suas atividades profissionais e rotineiras.

A Ansiedade, para a OMS - Organização Mundial de Saúde (OMS, 1993) é um dos maiores problemas, e de grande gravidade, que vem associado à contemporaneidade, que tanto prejudica a qualidade de vida do indivíduo Docente e que é levado para dentro da sala de aula. Para o tratamento da SPA, inicialmente faz-se necessário tratar a ansiedade dos pensamentos, buscando entender que não há como resolver todos os problemas, ao mesmo tempo.

Como registra Cury (2014), dividir as tarefas do dia a dia, bem como as atividades do trabalho de forma a não se sobrecarregar, e diminuir a autoexigência e a autocobrança. O tratamento mais indicado para a SPA é a Psicoterapia, com o objetivo de controlar pensamentos e a gestão de emoções.

Ao exercer a atividade de Docente Superior, o Professor assume uma dimensão de formação que ultrapassa a sala de aula e que irá perdurar por toda a vida do seu aluno. O processo de ensino e aprendizagem desenvolvidos na universidade procura buscar a evolução do ser humano, tanto de forma profissional, quanto de forma social.

Conforme a análise de Cury (2014, p. 58): “[...] seus gestos e palavras não têm impactos emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência [...]”. O autor complementa que a maior consequência do excesso de estímulos através da TV é contribuir para gerar a Síndrome do Pensamento Acelerado, pois nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos.

Na compreensão de Cury (2014, p. 58): “A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreria uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens [...]”.

O Docente Superior necessita perceber quando é a hora de relaxar, estabelecer limites para si mesmo e conhecer suas responsabilidades. Saber quando relaxar e quando é hora de agir e buscar por uma Terapia. O profissional Psicólogo ajudará na organização dos pensamentos e sentimentos, bem como saber se preocupar e se apropriar com o que realmente importa e praticar esportes, yoga e atividades físicas em geral. Cuidados com a mente e o corpo são essenciais, assim como, o controle ao acesso à tecnologia e à informação que está facilmente ao alcance. É fácil cometer excessos, principalmente quando estamos cansados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) identificado pelo psiquiatra Augusto Cury influencia a vida dos Docentes Superiores e de seus alunos. É preciso desacelerar. Se alimentar corretamente e devagar, abrir os olhos pela manhã e levar alguns minutos para levantar e não viver a mercê do acúmulo das tarefas e cobranças diárias. O estudo demonstrou que muitos problemas causados pela SPA, dizem respeito ao nível de estresse dos Docentes Superiores, entre estes: A dupla e por vezes tripla jornada de trabalho; O cansaço constante; Os problemas com a memória; O desgaste físico e emocional, além da Dificuldade em utilizar-se das novas tecnologias a fim de tornar as aulas mais produtivas e prazerosas, melhorando as suas práticas pedagógicas.

Aquele Docente Superior, que permitir conhecer-se e compreender a situação em que se encontra, de uma forma racional e consciente, desfrutará dos benefícios de uma melhor qualidade de vida, com um bem-estar físico e emocional, diminuindo os sintomas da SPA. É importante salientar, que quando falamos de saúde mental, não falamos em cura, ela pode sim, ser tratada e administrada. O tratamento varia de caso para caso, porque

ele é feito com adaptações nos hábitos do cotidiano de cada indivíduo. A consciência, a adaptação, a mudança de hábitos não exige o Docente Superior de desenvolver os sintomas da Síndrome do Pensamento Acelerado, mas será, com certeza, um novo recomeço.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. **Trabalho Docente e Textos: Economia e Políticas das Relações de Classe e de Gênero em Educação**. Porto Alegre/RS: Editora Artes Médicas, 1995. 222p.

BRASIL. Ministério da Educação. **DECRETO Nº 29.741, de 11 de julho de 1951. Instituiu uma Comissão para promover a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Publicado no Diário Oficial da União, de 13/07/1951, Seção 1, página 10.425 (Publicação Original). Coleção de Leis do Brasil, v. 6, p. 8. Brasília/DF: MEC, 1951. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29741-11-julho-1951-336144-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10/11/2025.

CURY, Augusto Jorge. **Ansiedade, Como Enfrentar o Mal do Século: A Síndrome do Pensamento Acelerado. Como e Porque a Humanidade Adoeceu Coletivamente, das Crianças aos Adultos**. 3ª. ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora GEN Benvirá, 2025. 192p.

EISENSTEIN, Evelyn, BESTEFENON Susana B. Geração Digital: Riscos das Novas Tecnologias para Crianças e Adolescentes. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE)**. Rio de Janeiro/RJ, v. 10, n. 2, pp. 42-52, UERJ, 2011. Disponível em:

http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105#citar. Acesso em 12/12/2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7ª ed. São Paulo/SP: Editora Atlas, 2022.

KANAAME, Roberto. **Comportamento Humano nas Organizações: O Homem Rumo ao Século XXI**. 2ª ed. São Paulo/SP: Editora Atlas, 2009. 136p.

OMS – Organização Mundial de Saúde (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID 11)**. 11ª. ed. Genebra/Suíça: OMS; 2022. 352p. Disponível em: <https://icd.who.int/en2pt>. Acesso em: 07/12/2025.

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE SOCIAL

SAÚDE SOCIAL E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: COLONIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL, MERCANTILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES E IMPACTOS DO GERENCIALISMO NOS LAÇOS COMUNITÁRIOS

Fernanda da Silva¹.

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG. <http://lattes.cnpq.br/2010038624915302>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Social. Colonização da vida social. Mercantilização das relações. Gerencialismo. Fragmentação social.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Social

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atravessa um processo profundo de reorganização das formas de sociabilidade, marcado pela intensificação de lógicas econômicas, gerenciais e produtivistas sobre esferas tradicionalmente reguladas por valores éticos, afetivos e comunitários. Esse fenômeno, conceituado por Jürgen Habermas (1987) como colonização da vida social — ou colonização do mundo da vida, refere-se à invasão das racionalidades do sistema (mercado, burocracia, eficiência e controle) sobre os espaços da comunicação, da cultura, da subjetividade e das relações cotidianas.

Nesse contexto, observa-se a crescente mercantilização das relações humanas, na qual vínculos afetivos, identidades pessoais e formas de pertencimento social passam a ser mediadas por critérios de utilidade, desempenho e valor de troca (Bauman, 2007; Dardot; Laval, 2016). A modernidade líquida, descrita por Bauman (1998; 2000), caracteriza-se justamente pela fragilidade dos laços sociais, pela instabilidade das relações e pela substituição do compromisso duradouro por conexões efêmeras e funcionais.

Paralelamente, o avanço do gerencialismo, entendido como a aplicação de modelos empresariais de gestão a todas as esferas da vida social, contribui para a transformação das relações humanas em métricas, indicadores e metas de desempenho (Frigotto, 2015; Rosa, 2019). Essa lógica se articula à chamada ideologia do desempenho, analisada por Boltanski e Chiapello (2009) e aprofundada por Byung-Chul Han (2017), na qual os indivíduos são permanentemente convocados à autossuperação, à competitividade e à responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso.

Tais processos produzem impactos diretos sobre a saúde social, entendida não apenas como ausência de adoecimento, mas como a qualidade das relações, dos vínculos comunitários e das redes de apoio que sustentam a vida coletiva. A fragmentação social, o

enfraquecimento da solidariedade e a individualização dos riscos ampliam vulnerabilidades psicossociais e comprometem práticas de cuidado coletivo (Castel, 1997; Sennett, 2006). Diante desse cenário, torna-se fundamental refletir criticamente sobre os efeitos da colonização da vida social, da mercantilização das relações e do gerencialismo nos laços comunitários e na promoção da saúde social.

OBJETIVO

Analisar os impactos da colonização da vida social, da mercantilização das relações humanas e do gerencialismo institucional sobre os vínculos familiares e comunitários, discutindo seus efeitos na fragmentação social, na ideologia do desempenho e na saúde social, com vistas à reflexão sobre estratégias de fortalecimento do cuidado coletivo, da solidariedade e da coesão social.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e analítica, realizada por meio de revisão bibliográfica crítica. Foram selecionadas obras clássicas e contemporâneas da sociologia, filosofia social, saúde coletiva e estudos críticos do trabalho, com destaque para autores como Habermas (1987), Bauman (1998, 2000, 2007), Castel (1997), Boltanski e Chiapello (2009), Frigotto (2015), Sennett (2006), Dardot e Laval (2016), Han (2017), Dejours (2012) e Rosa (2019). A análise buscou compreender como os processos de colonização da vida social, mercantilização das relações e gerencialismo afetam os vínculos comunitários e a saúde social na contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia que a colonização da vida social promove a substituição de relações baseadas na comunicação, no reconhecimento e na solidariedade por relações instrumentais orientadas pela eficiência e pelo controle (Habermas, 1987). Esse processo reduz a autonomia real dos sujeitos, ao mesmo tempo em que amplia a responsabilização individual, gerando sentimentos de inadequação, culpa e fracasso.

A mercantilização das relações, conforme discutido por Bauman (2007), transforma pessoas em mercadorias e vínculos em objetos descartáveis, intensificando a superficialidade das relações e fragilizando laços duradouros. Essa lógica impacta diretamente as redes de apoio social, fundamentais para a promoção da saúde social, ao enfraquecer práticas de cuidado mútuo e pertencimento comunitário.

A fragmentação social, analisada por Castel (1997), amplia processos de desfiliação e vulnerabilidade, especialmente entre grupos sociais mais expostos à precarização do trabalho e à instabilidade econômica. A dissolução de vínculos coletivos compromete a

capacidade de enfrentamento dos sofrimentos sociais, contribuindo para o aumento de adoecimentos psíquicos e sociais.

A ideologia do desempenho, conforme Boltanski e Chiapello (2009) e Han (2017), impõe um modelo de subjetividade centrado na autossuperação permanente, no empreendedorismo de si e na competitividade generalizada. Tal dinâmica produz exaustão, ansiedade, isolamento e internalização do fracasso, fenômenos amplamente associados ao adoecimento psíquico contemporâneo (Dejours, 2012).

O gerencialismo, por sua vez, estende a lógica empresarial para instituições públicas, famílias e comunidades, redefinindo o cuidado, a educação e as relações sociais a partir de métricas de produtividade e eficiência (Frigotto, 2015; Rosa, 2019). Esse modelo reduz o espaço para práticas solidárias e para o reconhecimento das dimensões afetivas e relacionais da vida social, comprometendo a saúde social coletiva.

Os resultados indicam que a saúde social depende fundamentalmente da qualidade dos vínculos sociais, do fortalecimento das redes comunitárias e da valorização do cuidado como prática social e política, e não apenas da oferta de serviços de saúde ou intervenções individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos processos de colonização da vida social, mercantilização das relações, fragmentação social, ideologia do desempenho e gerencialismo evidencia impactos profundos, contínuos e estruturais sobre os vínculos comunitários e sobre a saúde social. A expansão das racionalidades instrumentais, baseadas na eficiência, na produtividade e no controle, tem reconfigurado as formas de sociabilidade, reduzindo o espaço para práticas solidárias, afetivas e cooperativas que historicamente sustentaram o cuidado coletivo e o pertencimento social.

Observa-se que a centralidade do desempenho e do consumo como critérios de valor social contribui para a individualização dos riscos, a responsabilização subjetiva pelo sucesso ou fracasso e a naturalização do sofrimento social. Nesse contexto, relações humanas tendem a ser instrumentalizadas, comunidades tornam-se fragmentadas e os vínculos sociais enfraquecidos, comprometendo redes de apoio fundamentais para a promoção do bem-estar coletivo e da saúde social.

Diante desse cenário, a promoção da saúde social exige a superação de abordagens individualizantes, tecnocráticas e produtivistas, que desconsideram as dimensões relacionais, simbólicas e políticas da vida social. Torna-se necessário fortalecer políticas públicas e práticas sociais orientadas pela cooperação, pela solidariedade e pelo reconhecimento do cuidado como eixo central da vida coletiva, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e precarização das condições de existência.

A saúde social deve, portanto, ser compreendida como um fenômeno essencialmente relacional e político, indissociável da qualidade dos vínculos humanos, da vitalidade das redes comunitárias e da capacidade coletiva de resistir à colonização da vida pelo mercado e pelo gerencialismo. Investir na reconstrução dos laços sociais e na valorização do cuidado coletivo constitui um passo fundamental para a construção de sociedades mais justas, solidárias e socialmente saudáveis.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2012.

FRIGOTTO, G. **Educação, trabalho e sociedade: desafios do gerencialismo**. São Paulo: Cortez, 2015.

HABERMAS, J. **Teoria da ação comunicativa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: UNESP, 2019.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VOZES QUE SE FORTALECEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CORAL COMUNITÁRIO COMO DISPOSITIVO DE CUIDADO COLETIVO

Flávia Carolina Silva Santos de Castro¹; Luana Araújo de Matos²; Ana Clara Lima de Castro³; João Gabriel da Costa Rodrigues⁴.

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/9770802652936431>

²Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6912617260700403>

³Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/6299498100514048>

⁴Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas. <https://lattes.cnpq.br/5928602046982757>

PALAVRAS-CHAVE: Canto Coral. Práticas Grupais. Saúde Mental.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Social.

INTRODUÇÃO

A música constitui uma importante forma de expressão humana, capaz de mobilizar afetos, produzir vínculos e favorecer processos de elaboração subjetiva. No campo da saúde mental, práticas musicais coletivas têm sido utilizadas como dispositivos de cuidado, promovendo espaços de escuta, convivência e compartilhamento de experiências. Entre essas práticas, o canto coral se destaca por possibilitar a construção de experiências coletivas baseadas na cooperação, na escuta e na produção conjunta de sonoridades.

Entre as práticas musicais coletivas, o canto coral destaca-se por mobilizar processos de cooperação, escuta e participação compartilhada. O fazer musical em grupo pode ser compreendido como uma experiência relacional na qual os participantes constroem conjuntamente uma sonoridade comum. Nesse sentido, o conceito de musicking, proposto por Small (2025), permite compreender a música não apenas como objeto estético, mas como uma prática social na qual relações e significados são continuamente produzidos.

No campo da musicoterapia, autores como Benenzon (1989) destacam que a experiência sonora e musical possibilita a construção de canais de comunicação não verbal, favorecendo a expressão de conteúdos subjetivos e o fortalecimento de vínculos interpessoais. A prática musical coletiva, nesse contexto, pode funcionar como mediadora de encontros e de experiências de pertencimento.

Além disso, experiências grupais baseadas na criação e na expressão podem constituir espaços potencialmente facilitadores do desenvolvimento emocional. A partir da perspectiva de Winnicott (2019), ambientes que favorecem a criatividade e a espontaneidade

possibilitam experiências de integração subjetiva e de encontro com o outro.

No contexto universitário, projetos de extensão representam importantes estratégias de articulação entre universidade e sociedade, promovendo trocas de saberes e experiências. Inspiradas em perspectivas dialógicas de educação, como as propostas por Freire (2019), iniciativas extensionistas podem contribuir para a construção coletiva de conhecimentos e para a promoção de práticas de cuidado e convivência.

Nesse sentido, práticas artísticas comunitárias, como o canto coral, podem favorecer processos de fortalecimento de vínculos sociais, participação cultural e promoção de bem-estar conforme relatado nos estudos de Braga (2011) e Costa e colaboradores (2011). Diante disso, o presente trabalho apresenta a experiência de um projeto de extensão universitária baseado na prática de canto coral comunitário.

OBJETIVO

Relatar a experiência de um projeto de extensão universitária baseado na prática de canto coral comunitário e refletir sobre suas repercussões nos participantes.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir das atividades de um projeto de extensão universitária realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que ocorre desde 2019. O projeto consiste em um coral comunitário aberto à participação de estudantes, egressos, professores, técnicos administrativos e membros da comunidade externa.

Os encontros ocorrem semanalmente e envolvem práticas coletivas de canto, exercícios vocais, ensaios musicais e momentos de convivência entre os participantes. As atividades buscam promover a participação ativa do grupo, favorecendo a escuta mútua, a cooperação e a construção coletiva da experiência musical.

A análise foi realizada de forma descritiva e reflexiva, considerando as experiências vivenciadas ao longo das atividades do coral e suas ressonâncias na dinâmica grupal e na vivência dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência do coral comunitário tem se configurado como um espaço de encontro e convivência entre pessoas com diferentes trajetórias e vínculos com a universidade. A prática coletiva do canto mobiliza processos de escuta, cooperação e negociação entre os participantes, favorecendo a construção de uma experiência grupal baseada na interdependência entre as vozes.

Durante os encontros, observa-se que a música atua como mediadora das relações, possibilitando a expressão de afetos e a criação de um ambiente de acolhimento e partilha. Nesse sentido, o fazer musical coletivo pode ser compreendido como uma prática de musicking, conforme proposto por Small (2025), na qual os participantes constroem significados e relações por meio da experiência musical compartilhada.

Além disso, a participação no coral favorece experiências de pertencimento e reconhecimento mútuo entre os integrantes do grupo. Tais experiências dialogam com a perspectiva de Winnicott (2019) acerca da importância de ambientes que sustentem a criatividade e a expressão espontânea, possibilitando a emergência de processos subjetivos e relacionais.

Sob a perspectiva da musicoterapia, a experiência sonora compartilhada pode funcionar como um canal de comunicação não verbal e de construção de vínculos, conforme apontado por Benenzon (1989) e Bruscia (2016). A prática coral, nesse sentido, possibilita que diferentes vozes se integrem em uma produção musical coletiva, favorecendo processos de interação e colaboração.

Além disso, o caráter extensionista do projeto contribui para a construção de espaços de encontro entre universidade e comunidade, promovendo experiências que articulam arte, cultura e cuidado. Essa dimensão dialógica aproxima-se das perspectivas educativas defendidas por Freire (2019) e Correia (2010), nas quais o conhecimento é produzido coletivamente a partir da experiência e da participação ativa dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do coral comunitário evidencia o potencial das práticas musicais coletivas como estratégias de promoção de saúde mental e fortalecimento de vínculos sociais. Ao reunir participantes de diferentes trajetórias em torno da produção musical compartilhada, o coral cria um espaço de convivência, expressão e construção coletiva.

Projetos de extensão dessa natureza contribuem para ampliar as formas de cuidado no contexto universitário, articulando arte, cultura e saúde. Assim, iniciativas baseadas na música e na experiência grupal podem constituir importantes dispositivos de promoção de bem-estar e de fortalecimento da comunidade.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao contexto do conhecimento não-verbal. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

BRAGA, Tainá Wandelli. **O sentido subjetivo atribuído ao vínculo no projeto de canto coral “En-canta a Vida”**: um estudo com adolescentes em medida socioeducativa de internação. 2011. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do

Amazonas, Manaus, 2011.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Pennsylvania: Barcelona Publishers, 2016.

CORREIA, Marcos Antonio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical**: uma possibilidade na educação. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 36, p. 127–145, 2010.

COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da; SANTOS, Maíra Mendes dos; FRANCO, Kelly Silva; BRITO, Afonso de Oliveira. **Música e transformação no contexto da medida socioeducativa de internação**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 31, n. 4, p. 840–855, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

SMALL, Christopher. **Musicking**: The meanings of Performing and listening. Connecticut: Wesleyan University Press, 2025.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

A GINCANA ACADÊMICA COMO FORMA DE PROMOVER A SAÚDE SOCIAL ENTRE OS DISCENTES DE UM CURSO DE ODONTOLOGIA

Diego de Oliveira Camargos¹; Giovana Veloso Souza²; Maria Eduarda Peres Gonçalves³; Augusto José Alves⁴; Rayelle Santos Souza⁵; Daniele das Graças Silva⁶; Karen Laíssa da Silva Araújo⁷; Nathan Rodrigues Souza⁸; Matheus Tavares Reis França⁹; Paula Cristina Pelli Paiva¹⁰.

^{1,2,3,4,5,6,7,8,9,10} Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Interação social. Estudantes universitários. Atividade física.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde Social.

INTRODUÇÃO

O ambiente acadêmico representa um local propício para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental, devido à rotina exaustiva e exigente, além da sobrecarga de atividades e responsabilidades (Herbert, 2022). Neste sentido, a prática esportiva mostra-se como uma oportunidade para que os discentes possam evadir-se relativamente das inúmeras responsabilidades às quais lhe estão incubidas, tornando-se efetivas na amenização das fragilidades emocionais e psicológicas, contribuindo assim para criar um ambiente mais saudável, além de proporcionar a interação social dos estudantes (Donnelly et al., 2024).

Comprometido com este cenário e, como forma de oportunizar a interação entre os discentes do Curso de Odontologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), no mês de agosto de 2025 juntamente com o Programa de Educação Tutorial (PET) Odontologia no Vale desenvolveu a “II Edição da Gincana da Odontologia”, a qual contou com a participação dos alunos de todos os períodos do referido curso, além de docentes e técnicos administrativos.

OBJETIVO

Relatar a percepção dos participantes em relação ao impacto em sua saúde mental, psicossocial e socialização, tendo como mediador a prática esportiva e atividades de lazer realizadas durante o evento “II Gincana da Odontologia”.

METODOLOGIA

O estudo é um relato de experiência, onde os dados foram coletados mediante solicitação de feedbacks colhidos logo após o término da atividade. Os voluntários na pesquisa foram os discentes do curso de graduação em Odontologia da UFVJM, sendo que a participação dos mesmos foi voluntária e anônima. Os dados foram coletados dos dados de forma quali-quantitativa, por meio de questionário semi-estruturado, disponibilizado na entrada do evento.

O evento “II Gincana da Odontologia” ocorreu durante os dias 22, 23 e 24 de agosto do ano de 2025, nas intermediações do Campus I da UFVJM. A atividade contou com a participação de discentes de todos os períodos, além de técnicos, docentes e servidores técnicos/administrativos. Para a realização do evento foi elencado diversas modalidades esportivas, como vôlei, futsal, queimada, rouba bandeira, xadrez, entre outras. Nesse sentido, a organização do evento priorizou que fosse oferecida uma variedade maior de atividades para que houvesse a participação de toda a comunidade acadêmica de acordo com as preferências e perfis, como forma de atender a todos os públicos e para que todos se sentissem acolhidos e empoderados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inscreveram-se para participar do evento 128 discentes, onde 85 contribuíram com a coleta de dados. Destes, são estudantes distribuídos entre o 1º e o 9º período do curso, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1: tabela da distribuição dos estudantes por período



Fonte: Autoria própria.

No que se refere a organização, a maioria dos participantes apresentou uma avaliação positiva, classificando como boa (54%) ou excelente (30%), o que evidencia satisfação com o planejamento e a execução das atividades propostas, essencial para o engajamento dos

participantes.

Quanto aos temas e propostas abordados, a maioria (68%) responderam ser de grande relevância. De acordo com Barros e Peixoto (2022), as relações sociais estabelecidas no contexto universitário configuram-se como um importante fator de proteção para a saúde mental dos estudantes, onde aqueles que se percebem mais integrados com colegas, docentes e demais membros da instituição tendem a apresentar melhores condições de saúde mental, além de menor propensão ao desenvolvimento de transtornos mentais comuns.

Na grande maioria das respostas (90%), os participantes afirmaram que o evento contribuiu significativamente para a aproximação com a comunidade acadêmica e a interação entre estudantes de diferentes períodos foi apontado como o principal ponto positivo da gincana. Souza (2017) revela que essa interação é crucial no suporte social, evidenciando este fator protetor frente a sintomas de depressão, ansiedade, estresse e sentimentos de solidão, sendo que atividades coletivas no ambiente universitário favorecem troca de experiências, fortalecimento de vínculos institucionais e transmite aos alunos calouros o sentimento de pertencimento ao curso.

Além disso, 81% dos participantes relataram que a gincana contribuiu de forma expressiva para a vivência, aprendizado e formação acadêmica. Esse número evidencia que atividades extracurriculares podem desempenhar um papel importante no desempenho do estudante, estimulando habilidades sociais e trabalho em equipe, corroborando deste tema Santos et al. (2013), revelando que a integração e a satisfação acadêmica são entendidas como um processo dinâmico e interativo, no qual os estudantes influenciam o ambiente universitário e as normas vigentes por meio de suas percepções, decisões e atitudes.

Além das avaliações positivas, foram apontadas sugestões de melhoria para futuras edições. Entre elas, destacaram a necessidade de cumprimento mais rigoroso dos horários previstos, maior divulgação prévia das atividades, principalmente informações sobre programação e regras de participação, aumento da duração do evento e sua realização com maior frequência, preferencialmente de forma fixa anualmente.

Figura 1: II Gincana da Odontologia.



Fonte: acervo pessoal dos autores, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados observados sugerem ter havido um impacto positivo na comunidade acadêmica participante do evento, sendo as atividades esportivas, desenvolvidas durante o evento um importante mediador para promover a integração entre os alunos do nível superior. Nesse sentido, destacam-se os benefícios notados com relação a maior aproximação entre os pares, assim, corroborando para a saúde psicossocial dos mesmos.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BARROS, Rebeca; PEIXOTO, Adriano. **Integração ao ensino superior e saúde mental:** um estudo em uma universidade pública federal brasileira. *Avaliação*, Campinas, v. 27, n. 03, p. 609-631, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300012>. Acesso em 18 de março de 2026.

DONNELLY, Samantha; PENNY, Kay; KYNN, Mary. **The effectiveness of physical activity interventions in improving higher education students' mental health:** a systematic review. *Health Promotion International*, v. 39, n. 2, e daae027, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1093/heapro/daae027>.

HERBERT, Cornelia. Enhancing mental health, well-being and active lifestyles of university students by means of physical activity and exercise research programs. *Frontiers in Public Health*, v. 10, p. 849093, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.849093>.

SANTOS, Acácia *et al.* Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 4, p. 780-793, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qF9KKY4hWRSy4fg3VKrt5jG/?format=html&lang=pt>. Acesso em 17 de março de 2026.

SOUZA, Deise. **Condições emocionais de estudantes universitários:** estresse, depressão, ansiedade, solidão e suporte social. 2017. 90f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017. Disponível em: <https://bdtd.ufmt.edu.br/handle/tede/507>. Acesso em 18 de março de 2026.

IMPACTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE SOCIAL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFVJM

Karen Laíssa da Silva Araújo¹; Maria Eduarda Peres Gonçalves²; Diego de Oliveira Camargo³; Daniele das Graças Silva⁴; Giovana Veloso Souza⁵; Rayelle Santos Souza⁶; Augusto José Alves⁷; Nathan Rodrigues Souza⁸; Matheus Tavares Reis França⁹; Paula Cristina Pelli Paiva¹⁰.

^{1,2,3,4,5,6,7,8,9,10}Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Conexão social. Humanização. Projeto extensionista.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde social.

INTRODUÇÃO

A substituição do conceito biomédico de saúde pelo modelo biopsicossocial implicou uma compreensão mais ampla e multidimensional do processo saúde-doença (Lindau et al., 2003). A partir dessa mudança de paradigma, emergiram novas reflexões acerca dos mecanismos de adoecimento e cuidado, evidenciando a indissociabilidade entre conexão social, interação comunitária e promoção da saúde física e mental (OMS, 2025).

A saúde social é compreendida como a capacidade do indivíduo de estabelecer e manter relações interpessoais saudáveis, associada a algum nível de participação e inclusão social na comunidade em que vive (Waite, 2018). Em contraste, o Relatório Global da Comissão sobre Conexão Social da Organização Mundial de Saúde, publicado em 2025, divulgou o atual cenário de fragilização dos vínculos humanos e de “adoecimento” social.

Diante disso, a extensão universitária tem desempenhado papel relevante no fortalecimento das conexões sociais entre estudantes e a comunidade. As atividades extensionistas possibilitam aos acadêmicos o contato direto com diferentes realidades, nas quais são convidados a “pertencer” temporariamente, favorecendo o desenvolvimento da comunicação, empatia, senso crítico, humanização do cuidado e engajamento social (Pizzolatto; Dutra; Corralo, 2021).

Nessa perspectiva, o Projeto Universidade nas Comunidades, associado ao Núcleo de Saúde Digital da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em conjunto com o PET Odontologia no Vale, realiza atividades de atenção básica nas Unidades Móveis em Municípios dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; de forma interdisciplinar, englobando enfermagem, medicina e odontologia. Para a execução das ações, o programa conta com a participação de discentes do curso de Odontologia da

UFVJM, supervisionados por docentes da instituição.

OBJETIVO

Analisar o impacto do projeto de extensão “Universidade nas Comunidades” no fortalecimento dos vínculos sociais entre estudantes, sociedade e equipe prestadora dos serviços de saúde. Além disso, busca demonstrar o desenvolvimento de habilidades interpessoais, empatia, escuta ativa, comunicação humanizada e maior sensibilização diante de diferentes realidades sociais pelos participantes do programa.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quali-quantitativa e de natureza aplicada. O material foi coletado no período de fevereiro a março do ano de 2026, a partir de um questionário eletrônico semi-estruturado, composto de sete itens, sendo seis questões objetivas e uma discursiva, retiradas da literatura. Foram incluídas as respostas de alunos ou ex-alunos que já participaram de, no mínimo, uma ação do programa e excluídos aqueles que nunca participaram ou que não responderam o formulário integralmente. As perguntas objetivas contemplaram questões relacionadas à percepção dos estudantes quanto à influência da participação nas ações e o desenvolvimento de habilidades sociais, enquanto a discursiva explorou a experiência dos participantes na extensão.

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, sendo apresentados em frequências absolutas e relativas. Já as respostas discursivas foram analisadas por meio de abordagem qualitativa, com identificação de categorias temáticas relevantes. Foram respeitados os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 29 estudantes do 1º ao 10º período da graduação e da pós-graduação do Curso de Odontologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) vinculados ao projeto de extensão “Universidade nas Comunidades” do Núcleo de Saúde Digital e PET Odontologia no Vale da UFVJM. Em relação aos participantes da pesquisa, 93,1% atuaram nas ações mais de uma vez, sendo que 27,6% participaram mais de cinco vezes.

A seguir, as demais perguntas demonstraram a percepção dos estudantes sobre o programa: 100% acreditam que a extensão universitária fortalece vínculos sociais entre os estudantes e a sociedade; 79,3% afirmaram que participar das ações trouxe algum impacto para sua capacidade de se relacionar com outras pessoas; 100% confirmaram que as ações de extensão ajudaram no desenvolvimento de empatia, escuta ativa e

comunicação mais humanizada; 75,9% perceberam uma mudança muito grande na sua forma de enxergar realidades sociais e de interagir com outros grupos; 96,6% acreditam que as ações fortalecem o vínculo entre a equipe, sociedade e serviço.

Assim, entende-se que a prestação de serviços à comunidade por meio de projetos de extensão e a formação de uma relação de reciprocidade estimula o conhecimento do mundo atual, em especial os problemas regionais e nacionais, como é preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996).

Para avaliar de forma qualitativa, baseado na resposta discursiva, foi elaborada uma categorização por eixos temáticos, evidenciando os principais impactos do programa na vida social desses estudantes. O tema mais reportado pelos discentes foi a ampliação do acesso à saúde e o impacto social do programa. Nesse aspecto, nota-se que os alunos desenvolveram um olhar crítico em relação à oferta de saúde nos locais, geralmente periféricos, das ações.

Outro ponto relevante mencionado refere-se a humanização e empatia no cuidado. Os participantes alegaram que a partir de sua participação, puderam conhecer outras realidades e desenvolver a promoção de ambiente acolhedor e participativo. Portanto, os relatos dos estudantes participantes do programa “Universidade nas Comunidades” confirma a importância da extensão em favorecer a criação do vínculo, sentimento e conscientização, bem como em aplicar atitudes humanistas e embasadas no modelo biopsicossocial para melhor troca entre os estudantes e a sociedade (Tirroni; Isobe; Polidoro, 2023).

O trabalho em equipe e a multidisciplinaridade também emergiram como fatores relevantes para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, favorecendo a redução da timidez, o fortalecimento do senso de pertencimento ao grupo e o estreitamento dos vínculos com docentes e colaboradores das diferentes áreas da saúde. Tais indícios corroboram a literatura, que aponta que experiências interprofissionais na formação em saúde contribuem para o aprimoramento da comunicação, do trabalho colaborativo e da empatia entre estudantes (Sezgin; Bektas, 2023; Chua, 2024).

Por fim, os relatos evidenciaram a valorização da presença do programa, reforçando a extensão universitária como estratégia de aproximação entre ensino, serviço e sociedade e de fortalecimento do compromisso social da Universidade (MEC, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação nas atividades extensionistas do Programa Universidade nas Comunidades sugeriu um impacto positivo no fortalecimento dos vínculos sociais entre estudantes, sociedade e serviço, bem como no desenvolvimento de habilidades interpessoais, empatia, escuta ativa e comunicação humanizada. A vivência em diferentes contextos sociais e a atuação integrada entre discentes, docentes e técnicos favoreceram maior sensibilização diante de realidades distintas, além de ampliar a capacidade de

interação e convivência. Dessa forma, o Programa mostrou-se uma estratégia relevante para o fortalecimento das relações interpessoais e para a formação acadêmica, social e humanizada dos estudantes de Odontologia da UFVJM.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://www.in.gov.br/> . Acesso em: 26 jan. 2026.

CHUA, Ting Xuan Jolene; LOPEZ, Violeta; CHUA, Qi Wen Cheryl; LAU, Siew Tiang. **Impact of interprofessional education on empathy of pre-licensure healthcare students: a mixed-studies systematic review**. *Nurse Education Today*, v. 143, 106380, 2024. DOI: 10.1016/j.nedt.2024.106380

LINDAU, Stacy Tessler; LAUMANN, Edward O.; LEVINSON, Wendy; WAITE, Linda J. **Synthesis of scientific disciplines in pursuit of health: the interactive biopsychosocial model**. *Perspectives in Biology and Medicine*, v. 46, n. 3, p. 74–86, 2003. DOI: 10.1353/pbm.2003.0055

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Conexão social é associada à melhoria da saúde e à redução do risco de morte prematura**. Washington, D.C.: OPAS, 2025. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/30-6-2025-conexao-social-e-associada-melhoria-da-saude-e-reducao-do-risco-morte-prematura>>. Acesso em: 26 jan. de 2026.

PIZZOLATTO, Gabriela; DUTRA, Mateus José; CORRALO, Daniela Jorge. **A extensão universitária na formação do cirurgião-dentista**. *Revista da ABENO*, v. 21, n. 1, e974, 2021. DOI: 10.30979/revabeno.v21i1.974.

SEZGIN, Merve Gozde; BEKTAS, Hicran. **Effectiveness of interprofessional simulation-based education programs to improve teamwork and communication for students in the healthcare profession: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials**. *Nurse Education Today*, v. 120, p. 105619, 2022. DOI: 10.1016/j.nedt.2022.105619

TIRRONI, João Paulo; ISOBE, Fellipe Diogo; POLIDORO, André Alexey. **Percepção do usuário da unidade básica de saúde sobre o atendimento dos acadêmicos de Medicina**. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v.47 (1) : e050, 2023. DOI: 1590/1981-5271v47.1-20210330.

WAITE, Linda J. **Social well-being and health in the older population: moving beyond social relationships**. In: HAYWARD, Mark D.; MAJMUNDAR, Malay K. (ed.). *Future directions for the demography of aging: proceedings of a workshop*. Washington, DC: National Academies Press,

2018. p. 99–130. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK513086/>>. Acesso em: 25 mar. de 2026.

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA VIGILÂNCIA EM SAÚDE: CARTILHA INTELIGENTE SOBRE RISCO DE DOENÇA DE CHAGAS ASSOCIADA AO CONSUMO DE AÇAÍ EM PORTO VELHO-RO

Ana Bruna Magalhães¹; Bruna Cristiele Souza Braga²; Carla Andreia Nascimento Gonçalves³; Eliene Costa Camurça⁴; Julia Vitoria Marques Santos⁵; Joseph Wesley de Souza Viana ⁶; Leonardo Paulino de Lima⁷; Rosilene Rocha Gonçalves Ramos⁸; Thamirys Vitoria de Oliveira⁹; Samela Sobreira Rodrigues¹⁰; Vinicius Ferreira da Silva¹¹; Jussara Isa Braga Pacheco¹².

¹São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

²São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0515516911745208>

³São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁴São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁵São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/2247575082031585>

⁶São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/2828045003408363>

⁷São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁸São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

⁹São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

¹⁰São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

¹¹UEPG, Ponta Grossa, Paraná. <https://lattes.cnpq.br/3098684576137313>

¹²São Lucas, Porto Velho, Rondônia. <https://lattes.cnpq.br/0035027072306669>

PALAVRAS-CHAVE: Açaí. Doença de Chagas. Educação em saúde.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde social.

INTRODUÇÃO

A Doença de Chagas, também denominada Tripanossomíase Americana, é causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi* e constitui importante problema de saúde pública na América Latina, devido à sua elevada morbimortalidade (WHO, 2022; Rassi; Marin-Neto, 2010). Apresenta evolução clínica bifásica, com fase aguda geralmente assintomática ou de baixa gravidade e fase crônica que pode evoluir para complicações cardíacas, digestivas ou mistas (Bern, 2015; Dias et al., 2016).

Embora historicamente associada à transmissão vetorial, observa-se, nas últimas décadas, uma mudança no perfil epidemiológico da doença no Brasil, com destaque para a transmissão oral (Brasil, 2020; Shikanai-Yasuda; Carvalho, 2012). Nesse contexto, a ingestão de alimentos contaminados, especialmente o açaí processado de forma artesanal e sem adequado tratamento térmico, tem sido associada ao aumento de casos, principalmente na região Norte (Nóbrega et al., 2009; Valente et al., 2019).

Diante desse cenário, torna-se fundamental o desenvolvimento de estratégias inovadoras de vigilância em saúde, com ênfase na educação sanitária mediada por tecnologias digitais, visando ampliar o acesso à informação e promover práticas seguras entre manipuladores de alimentos (WHO, 2021; Brasil, 2021).

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo analisar o nível de conhecimento da população acerca dos riscos da Doença de Chagas associados ao consumo de açaí, bem como subsidiar a elaboração de uma cartilha digital interativa voltada à prevenção da transmissão oral, direcionada a feirantes e comerciantes do município de Porto Velho-RO. Ressalta-se que a cartilha constitui o produto educacional resultante da pesquisa, não sendo o foco central do estudo, mas sim um instrumento de intervenção baseado nos achados obtidos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvido em três etapas complementares. Na primeira etapa, foi realizado um levantamento do conhecimento da população por meio de enquetes aplicadas na rede social Instagram, no período de 13 a 27 de maio de 2025. Essa etapa teve como finalidade identificar o nível de informação dos participantes acerca da relação entre a Doença de Chagas e o consumo de açaí, permitindo uma análise inicial das percepções e lacunas de conhecimento.

Na segunda etapa, procedeu-se à revisão de literatura em bases de dados científicas, incluindo Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde. Para a busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), no idioma inglês, “Chagas disease” e “açaí”, combinados pelo operador booleano “AND”. Foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025, resultando em um conjunto de estudos pertinentes, que foram analisados e sistematizados para fundamentação teórica da pesquisa.

Na terceira etapa, foi realizada a elaboração da cartilha digital interativa, estruturada em três seções: (1) apresentação ilustrativa e contextualização do tema; (2) conteúdos informativos sobre a Doença de Chagas, formas de transmissão e sintomas; e (3) orientações preventivas direcionadas aos manipuladores e comerciantes de açaí. Para a construção do

material, foram utilizadas ferramentas como Microsoft Word, PowerPoint e Canva, visando garantir acessibilidade, clareza e atratividade visual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram baixo nível de conhecimento sobre a transmissão oral da Doença de Chagas, especialmente associada ao consumo de açaí. A maioria dos participantes desconhecia essa forma de contaminação, o que reforça a necessidade de intervenções educativas direcionadas.

A cartilha desenvolvida apresenta linguagem acessível, recursos visuais e organização didática, favorecendo a compreensão. O uso de tecnologias digitais amplia o alcance do material e possibilita sua disseminação em diferentes contextos.

A literatura científica aponta que a educação em saúde aliada às tecnologias digitais contribui significativamente para a prevenção de agravos. Além disso, práticas adequadas de higiene e processamento do açaí são essenciais para reduzir o risco de contaminação.

Tabela 1 – Principais formas de transmissão da Doença de Chagas e período de incubação.

FORMA DE TRANSMISSÃO	PERÍODO DE INCUBAÇÃO
Vetorial	4 a 15 dias
Oral	3 a 22 dias
Transfusional	30 a 40 dias ou mais
Acidental	até 20 dias

Fonte: Ministério da Saúde (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a cartilha digital pode se constituir como uma importante ferramenta na estratégia de educação em saúde, contribuindo para a **sensibilização** de feirantes e comerciantes acerca dos riscos da Doença de Chagas por transmissão oral. Contudo, é necessário considerar que parte do público-alvo pode apresentar limitações de letramento ou dificuldades de interpretação, o que exige a adoção de recursos acessíveis, como linguagem simples, elementos visuais e abordagens complementares.

Nesse contexto, a incorporação de tecnologias digitais fortalece as estratégias de vigilância em saúde ao ampliar o acesso à informação e favorecer a adoção de práticas seguras, especialmente quando articulada a ações educativas presenciais. Destaca-se, ainda, a necessidade de medidas complementares, como fiscalização sanitária, controle de vetores e capacitação contínua dos manipuladores de alimentos, visando potencializar a efetividade das ações de educação em saúde e reduzir os riscos de transmissão da doença.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Chagas disease (also known as American trypanosomiasis)*. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/chagas-disease>. Acesso em: 20 mar. 2026.

RASSI JUNIOR, A.; RASSI, A.; MARIN-NETO, J. A. Chagas disease. *The Lancet*, Londres, v. 375, n. 9723, p. 1388–1402, 2010. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(10\)60061-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(10)60061-X). Acesso em: 20 mar. 2026.

BERN, C. Chagas' Disease. *The New England Journal of Medicine*, Boston, v. 373, n. 5, p. 456–466, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMra1410150>. Acesso em: 20 mar. 2026.

DIAS, J. C. P. et al. 2nd Brazilian Consensus on Chagas Disease, 2015. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, Uberaba, v. 49, supl. 1, p. 3–60, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0505-2016>. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Doença de Chagas: aspectos epidemiológicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SHIKANAI-YASUDA, M. A.; CARVALHO, N. B. Oral transmission of Chagas disease. *Clinical Infectious Diseases*, Oxford, v. 54, n. 6, p. 845–852, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cid/cir956>. Acesso em: 20 mar. 2026.

NÓBREGA, A. A. et al. Oral transmission of Chagas disease by consumption of açaí palm fruit, Brazil. *Emerging Infectious Diseases*, Atlanta, v. 15, n. 4, p. 653–655, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.3201/eid1504.081450>. Acesso em: 20 mar. 2026.

VALENTE, S. A. S. et al. Epidemiology and transmission of Chagas disease in the Brazilian Amazon. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 114, e190111, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0074-02760190111>. Acesso em: 20 mar. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Ending the neglect to attain the Sustainable Development Goals: road map for neglected tropical diseases 2021–2030*. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240010352>. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de vigilância em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 20 mar. 2026.

ÁREA TEMÁTICA: OUTRAS

AUTOMEDICAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: RISCOS, IMPACTOS E O PAPEL DO FARMACÊUTICO

Ellen Juliana da Silva Santos¹.

¹UNIFAVIP, Bonito, Pernambuco.

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/7

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Atenção Primária. Riscos e automedicação.

ÁREA TEMÁTICA: Outros

INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado uma expressiva transição demográfica, com projeções que indicam aumento progressivo da população idosa nas próximas décadas. Esse cenário repercute diretamente no maior consumo de medicamentos, tornando mais frequentes situações relacionadas ao uso inadequado dessas substâncias. Entre essas situações, destaca-se a automedicação, prática que pode favorecer interações medicamentosas, agravamento de patologias e comprometimento dos resultados terapêuticos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000), a automedicação consiste no uso de medicamentos para tratar sintomas ou doenças autodiagnosticadas, sem prescrição ou acompanhamento de profissional habilitado. No contexto brasileiro, essa prática tem se intensificado, especialmente entre idosos, sendo influenciada pela facilidade de acesso aos medicamentos e pela ampla divulgação publicitária, associadas à insuficiência de ações educativas quanto aos riscos do uso irracional (Xavier et al., 2021; Santos et al., 2023).

Nesse panorama, a Atenção Primária à Saúde (APS), enquanto principal porta de entrada do sistema público, assume papel estratégico na promoção do uso racional de medicamentos. O farmacêutico, inserido na equipe multiprofissional da atenção básica, destaca-se como agente fundamental na orientação terapêutica, identificação de riscos e prevenção de eventos adversos. Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de analisar os impactos da automedicação e evidenciar a relevância da atuação farmacêutica na APS como estratégia para a promoção da segurança e qualidade do cuidado em saúde.

OBJETIVO

Destacar, por meio da literatura científica, os problemas associados a automedicação, além disso, busca-se identificar os fatores de risco e os padrões comportamentais associados ao consumo de medicamentos sem orientação profissional.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza aplicada e abordagem qualitativa, com caráter descritivo, fundamentada em artigos científicos publicados preferencialmente no período de 2015 a 2025. A busca foi realizada nas bases de dados Google Acadêmico, SciELO e LILACS. Ao final do processo de seleção, foram incluídos 12 artigos, nos idiomas português e inglês, utilizando-se como descritores: “Automedicação”, “Automedicação na Atenção Básica” e “Interações e problemas relacionados à automedicação”.

Os critérios de inclusão contemplaram publicações revisadas que abordassem os fatores associados à automedicação e seus impactos na Atenção Primária à Saúde. Foram excluídos estudos duplicados e aqueles que não apresentavam relação direta com a temática proposta. A análise dos dados foi conduzida por meio da organização em tópicos temáticos, assegurando sistematização e rigor científico ao estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos estudos comprovam que a automedicação é um problema encontrado em praticamente todas as faixas etárias, mas principalmente em idosos, visto que são mais suscetíveis a problemas de saúde. Os principais motivos incluem dores de cabeça, dente e coluna. Nos estudos conduzidos por Shafie et al. e AlQahtani et al. cerca de 70,7% dos indivíduos fizeram uso de medicamentos sem prescrição baseados na premissa da falta de gravidade deste problema comparado com os demais agravos à saúde.

Existem diversos problemas causados pela automedicação, principalmente em pacientes da terceira idade, que já possuem a sua capacidade funcional comprometida. O maior risco de eventos adversos é uma consequência da automedicação irresponsável, principalmente em pacientes idosos, que já costuma ser mais suscetível a apresentar efeitos colaterais no uso de muitos medicamentos. (Moreira; Lima; Sousa, 2021)

Entre as classes mais utilizadas de medicamentos estão os analgésicos simples, anti-inflamatórios, medicamentos digestivos incluindo inibidores das bombas de prótons, antiácidos e psicotrópicos. Todas estas classes de medicamentos estão associadas a problemas como reações gastrointestinais, alterações hepáticas e renais, risco de dependência, mascaramento de sintomas clínicos e interações medicamentosas, especialmente quando utilizadas sem orientação profissional adequada.

Pode-se citar também que as interações medicamentosas ocorrem principalmente em decorrência da automedicação, visto que a maioria dos pacientes já fazem uso de outros medicamentos e passam a se automedicar de forma simultânea. Pacientes, por exemplo que fazem uso de anti-hipertensivos como losartana ou valsartana e passam a tomar anti-inflamatórios como ibuprofeno, existem chances de diminuição de efeitos dos anti-hipertensivos. Outro exemplo clássico, são os pacientes que tomam algum

psicotrópico e passam a tomar um anti-histamínico simultaneamente, podendo aumentar consideravelmente o efeito sedativo e os antibióticos usados por conta própria, associados ao aumento da resistência bacteriana.

Conclui-se, portanto que a automedicação apresenta elevada frequência na população, caracterizando-se como um comportamento recorrente e consolidado ao longo dos anos e está associada a diversos problemas patológicos leves ou graves e a permanência dessa prática evidencia a relevância de ações educativas e de políticas públicas direcionadas ao uso racional de medicamentos, com vistas à redução de possíveis riscos associados ao seu consumo sem orientação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tendência do aumento do número de medicamentos está de acordo com a maioria da literatura e o uso múltiplo de medicamentos é comum em adultos com maior idade, pelo maior número de morbidades, no entanto requer maior atenção, tendo em vista que tal conduta está relacionada a riscos que podem comprometer a prescrição adequada, a adesão ao tratamento e favorecer a ocorrência de eventos adversos e demais impactos negativos à saúde.

A Atenção Básica à Saúde (ABS) configura-se como estratégia essencial para a redução desses eventos, considerando que representa o nível de atenção mais acessado pela população. Nesse contexto, torna-se fundamental implementar ações de educação em saúde, desenvolver campanhas de sensibilização e incorporar ferramentas tecnológicas que auxiliem no monitoramento e na orientação quanto ao uso adequado de medicamentos. Além disso, é indispensável investir na qualificação contínua dos profissionais de saúde, a fim de garantir maior segurança e precisão nas condutas adotadas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vivian Ferreira et al. Fatores sociodemográficos, culturais e comportamentais da automedicação em unidades de Atenção Primária à Saúde na Amazônia. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 17, n. 8, p. e9124, 2025.

ALQAHTANI, H. A. et al. Self-medication for oral health problems among adults attending the University Dental Hospital, Sharjah. *Journal of Taibah University Medical Sciences*, v. 14, n. 4, p. 370-375, 2019.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 50, p. 13s, 2016.

ASSUNÇÃO, Élide Lúcia Ferreira et al. Automedicação em idosos: uma investigação na atenção primária à saúde para uma abordagem integral. *Revista Coopex*, v. 15, n. 3, p. 5631-5642, 2024.

- BATISTA, Julia Arruda et al. Automedicação e saúde pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. *Fármacos*, v. 10, 2021.
- MOREIRA, E. M. F.; LIMA, A. L. V.; SOUSA, M. N. A. Riscos da automedicação entre idosos. *Bioethics Archives, Management and Health*, v. 1, n. 1, p. 169-178, 2021.
- MOREIRA, Thais de Abreu et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, p. e200025, 2020.
- SANTOS, G. G. et al. Os riscos da automedicação: a importância da prescrição farmacêutica. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 4, n. 1, 2023.
- SHAFIE, M. et al. Prevalence and determinants of self medication practice among selected households in Addis Ababa community. *PLoS ONE*, v. 13, n. 3, e0194122, 2018.
- SILVA, Islany Dynara Diogenes et al. Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. *Journal Health NPEPS*, v. 4, n. 2, p. 132-150, 2019.
- SILVA, Thalita Cristinny Araujo et al. Automedicação em idosos da atenção básica. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 10, n. 2, p. 188-196, 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication*. Geneva: World Health Organization, 2000.
- XAVIER, M. S. et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 1, p. 225-240, 2021.

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DO PROCESSO DE ADOECIMENTO EM *A MORTE DE IVAN ILITCH*

Gracinda Vieira Barros¹; Arthur Barros de Souza².

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG. <https://lattes.cnpq.br/0653685938728743>

²Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG. <https://lattes.cnpq.br/0991549110603945>

PALAVRAS-CHAVE: Saúde social. Adoecimento. Literatura.

ÁREA TEMÁTICA: Outras

INTRODUÇÃO

A morte de Ivan Ilitch é uma pequena novela, escrita por Liev Tolstói, em meados de 1870, com caráter moralizante habitual da literatura russa da época, na qual o autor questiona a morte como fim invariável, e o papel do processo de adoecimento na determinação da futilidade e hipocrisia da sociedade burguesa, por meio da exposição da trajetória profissional e pessoal de um magistrado russo e o questionamento de seu lugar na sociedade a partir do adoecimento e invalidez.

A partir do processo de adoecimento, ocorre a desconstrução do personagem, em virtude da marginalização e invalidação social. Nesse sentido, observa-se a partir do ponto de vista do personagem, a vulnerabilidade social do indivíduo além dos processos patológicos, numa perspectiva social dos processos de saúde e adoecimento.

OBJETIVO

O trabalho pretende expor como a novela *A morte de Ivan Ilitch* utiliza conceitos sociológicos aplicados a saúde, a partir da definição do processo de adoecimento do personagem e seus efeitos sociais e psicológicos, sendo uma crítica à visão explicativa-biológica da medicina, comum em fins do século XIX.

METODOLOGIA

O texto, de caráter exploratório, busca compreender o adoecimento, enquanto fenômeno, também, social, amparado em pesquisa bibliográfica interdisciplinar através da análise do texto literário, sob a perspectiva teórica da crítica de Antônio Candido, que ressalta que a profunda relação entre a análise sociológica e literária, na medida em que a obra não se dissocia completamente da sociedade, mas, tendo origem em um contexto

cultural específico, carrega os limites discursivos de sua época, sendo historicamente constituída (Candido, 2006).

Resguardando as especificidades das Ciências Sociais e da Literatura, o texto procura discutir, a partir da análise da obra literária apresentada, os limites conceituais da doença na sociedade ocidental do século XIX, assim como os impactos da doença nas sociabilidades e subjetividades dos sujeitos, compreendendo a literatura como um fenômeno social na perspectiva de Candido (2006), ou seja, um fenômeno estético que assimila as condições sociais em sua produção, tornando-os internos à obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A novela começa ironizando as relações sociais da classe aristocrática, toda a interação social no velório de Ivan Ilitch se dá em função de sua vida profissional, sem nenhum aspecto pessoal ou emotivo. No contexto da obra, o trabalho burocrático estatal é ligado a uma classe aristocrática hereditária e o valor do indivíduo é definido a partir da ocupação de um lugar nessa estrutura. Desse modo, partir do momento em que as restrições causadas pelo processo de adoecimento começam a se manifestar, é possível perceber a corrosão das relações familiares e sociais do personagem, na medida em que um indivíduo doente não tem valor para uma sociedade burguesa baseada no trabalho e no status social, expondo a fragilidade dessas relações, assim como de seu próprio corpo.

Nesse contexto, quando o personagem é arrancado de sua estrutura social, ele passa a questionar os valores e o modo de vida da classe burguesa, reiterando a crítica ao modelo de sociedade vigente. A novela explora, justamente, a degeneração das relações sociais e de trabalho do personagem a partir de uma incapacidade fisiológica, alertando para a importância da compreensão do processo de adoecimento como fenômeno multifacetado, e não como um acontecimento meramente biológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A novela critica a sociedade burguesa à medida que narra a transformação gradual do ser humano através do adoecimento (Alves, 2018), revelando o abandono tanto familiar quanto social. Além disso, critica também o modelo cientificista biológico-explicativo da medicina, que desconstrói o ser humano somente em patologia, sem levar em conta outros aspectos decisivos no processo de adoecimento.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Cesar. “A Morte de Ivan Ilitch” e as múltiplas dimensões da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, Volume: 23, Número: 2, 2018

BIASI, Evelyn Yamashita; RANTICHERI, Bruna Ramos. Análise do discurso de

trabalhadores afastados por doença incapacitante: neocapitalismo, adoecimento e a construção da identidade. **Psicólogo InFormação**, [S. l.], v. 24, n. 24, p. 145–168, 2024. DOI: 10.15603/2176-0969/pi.v24n24p145-168.

BOLDT J. The concept of vulnerability in medical ethics and philosophy. **Philos Ethics Humanit Med**. 2019 Apr 11;14(1):6. doi: 10.1186/s13010-019-0075-6. PMID: 30975177; PMCID: PMC6458617.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro: 2006.

CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira. A morte de Ivan Ilitch, de Leon Tolstói: elementos para se pensar as múltiplas dimensões da gestão do cuidado. **Interface - Comunicação., Saúde, Educação**, v.13, 2009.

NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira Do et al. **Trabalho manual versus trabalho intelectual: dualidade e historicidade na qualificação do trabalhador**. Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/17005>>. Acesso em: 20/01/2026.

INNOCENCIO, G. O sofrimento psíquico na sociedade capitalista e neoliberal sob a ótica da determinação social do processo saúde-doença. **Mosaico-Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 12, n. 3, p. 16-22, set/dez 2021.

TOLSTÓI, Liev. **A morte de Ivan Ilitch**. Jandira: São Paulo: Principis, 2023.

World Health Organization (WHO). **Basic documents: forty-ninth edition** (including amendments adopted up to 31 May 2019). Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/gb/bd/>, consultado em 03 de janeiro de 2026.

TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO DE SOJA E REPERCUSSÕES SOCIOAMBIENTAIS PARA A SAÚDE COLETIVA EM CAPANEMA (PR)

Gustavo Luís de Carvalho¹.

¹UNIOESTE, Foz do Iguaçu, Paraná. <https://lattes.cnpq.br/4734848629129843>

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio. Saúde coletiva. Soja.

ÁREA TEMÁTICA: Outras.

INTRODUÇÃO

A expansão da produção de soja no Brasil constitui um dos principais vetores de transformação do espaço agrário nas últimas décadas, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Inicialmente concentrada na Região Sul, a cultura da soja encontrou condições favoráveis ao desenvolvimento e foi posteriormente impulsionada por avanços técnico-científicos que possibilitaram sua expansão para áreas do Cerrado brasileiro, por meio da adaptação de cultivares e da correção química dos solos (Embrapa, 2004; Frederico, 2010). Esse processo esteve diretamente associado à modernização da agricultura e à intensificação da inserção do país no mercado internacional de commodities agrícolas.

Do ponto de vista geográfico, essa expansão não se restringe à dimensão produtiva, mas implica profundas transformações territoriais, envolvendo a reconfiguração do uso da terra, a concentração fundiária e a reorganização das relações sociais no campo (Santos, 2008; Elias, 2011). Nesse contexto, a consolidação do agronegócio como modelo hegemônico tende a privilegiar sistemas produtivos altamente mecanizados e dependentes de insumos químicos, o que acarreta impactos relevantes para o meio ambiente e para as dinâmicas sociais locais.

Essas transformações também se articulam à dimensão da saúde coletiva, uma vez que os impactos ambientais decorrentes da intensificação agrícola, como o uso intensivo de agrotóxicos, a degradação do solo e a contaminação de recursos hídricos, podem afetar diretamente as condições de vida e a saúde das populações rurais e urbanas (Porto; Soares; Freitas, 2012). Além disso, a marginalização de sistemas produtivos alternativos, como a agricultura orgânica, limita a diversificação produtiva e restringe possibilidades de desenvolvimento territorial mais sustentáveis.

Diante desse cenário, torna-se relevante analisar, em escala local, como essas dinâmicas se materializam no território. O Município de Capanema, localizado no sudoeste do Paraná, apresenta-se como um caso representativo desse processo, evidenciando a

predominância da soja convencional e a baixa inserção da produção orgânica. Assim, este estudo busca compreender as transformações territoriais associadas à expansão da soja e suas implicações, com ênfase nos efeitos socioambientais e nas relações com a saúde coletiva.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo analisar as transformações territoriais associadas à expansão da produção de soja no Município de Capanema (PR), destacando suas implicações socioambientais, especialmente no que se refere à saúde coletiva. Busca-se compreender a reconfiguração do uso do território no contexto da consolidação do agronegócio e avaliar os impactos decorrentes da intensificação produtiva, especialmente quanto ao uso de insumos químicos. Por fim, examinam-se os limites e a marginalização da produção de soja orgânica no território analisado.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e analíticos, configurando-se como um estudo de caso no Município de Capanema (PR). O referencial teórico-metodológico adotado é o materialismo histórico-dialético, articulado à abordagem da Investigação-Ação-Participativa (IAP).

A pesquisa foi desenvolvida no período de janeiro de 2024 a março de 2026. A etapa empírica contou com a participação de 10 agricultores e de um agente técnico do setor produtivo, selecionados por amostragem em rede (por indicação). Os participantes foram contatados por telefone ou visita, sendo informados sobre os objetivos da pesquisa, com garantia de sigilo e anonimato das informações.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas abertas, de caráter dialógico, centradas na trajetória de vida dos sujeitos e em suas percepções sobre o território, o modelo produtivo e as transformações socioambientais. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou remota e, quando necessário, envolveram encontros complementares para aprofundamento e devolutivas, conforme os princípios da IAP.

Paralelamente, realizou-se uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de fundamentar teoricamente a análise. A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, Google Scholar e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “soja”, “agronegócio”, “saúde coletiva”, “território” e “agrotóxicos”, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Como critérios de inclusão, foram considerados: (i) artigos publicados entre 2000 e 2025; (ii) textos completos disponíveis; e (iii) estudos que abordassem a relação entre

produção agrícola, impactos socioambientais e saúde coletiva. Como critérios de exclusão, consideraram-se: (i) trabalhos duplicados; (ii) estudos fora do escopo temático; e (iii) publicações sem relação com impactos à saúde.

Inicialmente, foram identificados aproximadamente 60 estudos, dos quais 30 foram selecionados após a leitura dos títulos e resumos, sendo 15 incluídos na análise final; os dados foram organizados com base em registros de caderno de campo e sistematizados em ambiente digital, sendo posteriormente analisados por meio da identificação de recorrências e da construção de categorias analíticas que articularam as narrativas dos sujeitos aos processos estruturais do agronegócio e às suas implicações socioambientais e para a saúde coletiva.

A pesquisa seguiu os princípios éticos para estudos com seres humanos, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o CAAE nº 89661525.9.0000.0107, com garantia de sigilo e anonimato dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das dinâmicas territoriais no Município de Capanema (PR), articulando a revisão da literatura aos dados obtidos nas entrevistas com agricultores locais e com um agente técnico do setor produtivo, evidencia a consolidação da produção de soja como atividade dominante no espaço agrário, inserida no contexto mais amplo da intensificação do agronegócio no Brasil. Esse processo reflete a expansão do uso do território voltado à produção de commodities, caracterizado pela mecanização, pelo uso intensivo de insumos químicos e pela integração aos mercados nacionais e internacionais (Frederico, 2010; Elias, 2011).

Os dados empíricos indicam que a predominância da soja convencional está diretamente associada à lógica produtiva do agronegócio, que privilegia a maximização da produtividade e a padronização das técnicas agrícolas. Nesse contexto, os entrevistados destacaram a dificuldade de acesso às políticas públicas, a baixa assistência técnica estatal e a dependência de estruturas privadas de comercialização, além da limitada disponibilidade de sementes adequadas e da escassez de mão de obra, fatores que contribuem para a marginalização da produção de soja orgânica. Esses elementos revelam barreiras estruturais à adoção de modelos produtivos mais sustentáveis.

Do ponto de vista socioambiental, tanto a literatura quanto os relatos dos entrevistados apontam impactos relevantes associados ao modelo dominante, como a degradação do solo, a pressão sobre os recursos hídricos e o uso recorrente de agrotóxicos. Os participantes associaram diretamente esses fatores a riscos à saúde, destacando a presença de substâncias químicas nos alimentos e seus possíveis efeitos sobre a população. Além disso, observa-se, nos relatos, a percepção de que o modelo convencional tende a ser priorizado em função de interesses econômicos e políticos, em detrimento de práticas mais

sustentáveis.

Outro aspecto recorrente nas entrevistas refere-se à fragilidade da sucessão geracional e à redução da continuidade das práticas agrícolas familiares, o que compromete a reprodução social do campesinato e favorece a expansão de modelos produtivos mais concentradores. A baixa inserção da produção orgânica no Município, nesse sentido, não se apresenta como uma escolha individual isolada, mas como resultado de um conjunto de condicionantes estruturais.

Assim, os resultados evidenciam que as transformações territoriais decorrentes da expansão da soja envolvem múltiplas dimensões — econômicas, sociais, ambientais e sanitárias. Além disso, a produção orgânica configura-se como uma forma de resistência, ainda que limitada, frente à hegemonia do agronegócio. Tais elementos reforçam a necessidade de políticas públicas que promovam a diversificação produtiva e a sustentabilidade, considerando suas implicações diretas para a saúde coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações territoriais observadas no Município de Capanema (PR), analisadas a partir da articulação entre a revisão da literatura e os dados empíricos obtidos nas entrevistas com agricultores locais e com um agente técnico do setor produtivo, evidenciam a consolidação da produção de soja como elemento estruturante do espaço agrário, inserido na lógica de expansão do agronegócio. Esse processo está associado à predominância da soja convencional, à redução da diversidade produtiva e à marginalização de sistemas alternativos, como a produção orgânica. Os dados de campo indicam que tal cenário decorre de condicionantes estruturais, técnicos, econômicos e institucionais, que dificultam a adoção de práticas mais sustentáveis.

Nesse sentido, o estudo reforça a necessidade de abordagens integradas e de políticas públicas que promovam a diversificação produtiva e incentivem modelos agrícolas mais sustentáveis, conciliando desenvolvimento econômico, preservação ambiental e melhoria das condições de vida. Ademais, destaca-se a importância do aprofundamento de investigações futuras sobre os impactos da produção agrícola na saúde, dada a centralidade dessas dinâmicas na organização do território.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

EMBRAPA SOJA. **Tecnologias de produção de soja**: região central do Brasil, 2004. Londrina: Embrapa Soja, 2004.

ELIAS, Denise. **Agronegócio e produção do espaço**. *Geografia*, Rio Claro, v. 36, n. 2, p. 215–228, 2011.

FREDERICO, Samuel. **O novo tempo do Cerrado**: expansão agrícola e organização do

espaço. São Paulo: Annablume, 2010.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza; SOARES, Wagner Lopes; FREITAS, Carlos Machado de. **Problemas socioambientais e de saúde coletiva relacionados ao uso de agrotóxicos no Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1571–1580, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008.

AVALIAÇÃO INFORMATIZADA NA NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE USO DE PLATAFORMA DIGITAL EM CONTEXTO APLICADO

Ana Lúcia Hennemann¹; Tiago José Benedito Eugênio².

¹Universidade Internacional Iberoamericana, UNIB, San Juan, Porto Rico, EUA.

<https://lattes.cnpq.br/5389152042350939>

²Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, São Paulo.

<https://lattes.cnpq.br/1101624272991092>

DOI: 10.47094/IIICOBRAAFIMES.2026/RE/6

ÁREA TEMÁTICA: Outras.

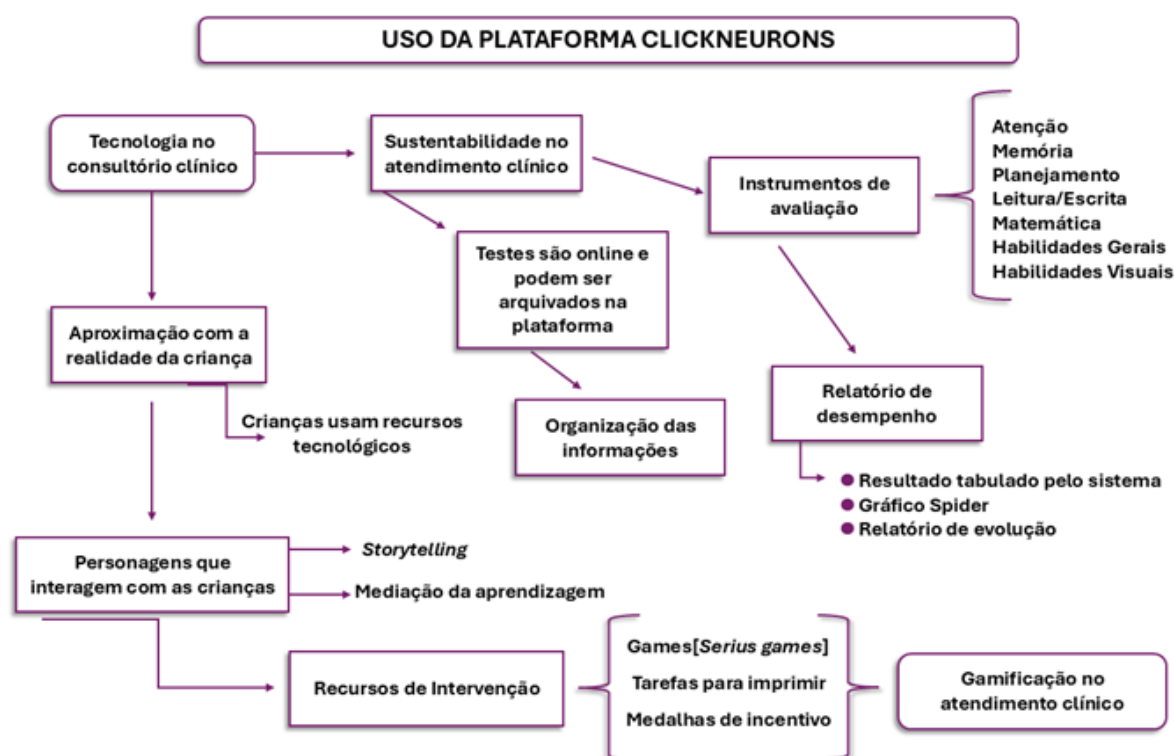
INTRODUÇÃO

A Neuropsicopedagogia configura-se como uma ciência transdisciplinar, fundamentada na interface entre a Neurociência da Educação, a Psicologia Cognitiva e a Pedagogia, com atuação nos contextos clínico e institucional. Seu objeto de estudo centra-se na relação entre o funcionamento do sistema nervoso e os processos de aprendizagem humana (SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOPEDAGOGIA, 2021), assumindo como uma de suas principais atribuições a avaliação e a intervenção nas dificuldades de aprendizagem, seja no campo de atuação clínico ou institucional. A avaliação neuropsicopedagógica clínica se constitui num processo importante para a identificação de perfis cognitivos em crianças com dificuldades de aprendizagem, envolvendo a análise de funções como atenção, raciocínio lógico-matemático, memória, linguagem, desenvolvimento neuromotor e funções executivas (SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOPEDAGOGIA, 2021). Apesar de sua relevância, esse processo ainda se apoia predominantemente em instrumentos físicos que em sua grande maioria envolvem uso de lápis e papel, demandam elevado tempo de aplicação, correção e interpretação.

Burile, Veruck e Teixeira (2021) descrevem que o uso de recursos tecnológicos está presente e disponível em todos os locais permitindo a ampliação e maior acesso aos serviços, pessoas e possibilidades, sendo fundamental que contextos de aprendizagem incluam o direito ao acesso às tecnologias, para promoção de maior engajamento e ampliar as formas de aprender e ensinar. O uso da tecnologia no processo de avaliação neuropsicopedagógica pode auxiliar a encontrar respostas mais rápidas e precisas, contribuindo com o fator de sustentabilidade ao diminuir o uso de materiais físicos (Hennemann e Rodriguez, 2025). Diante da crescente incorporação de tecnologias digitais na área da saúde e educação, emerge a necessidade de investigar o uso de plataformas informatizadas como recurso para

otimização do processo avaliativo. Nesse contexto, a Plataforma Clickneurons apresenta-se como uma ferramenta digital, voltada à avaliação e intervenção de crianças e adolescentes na faixa etária de 6 a 15 anos, composta por múltiplos instrumentos, organizados em diferentes áreas cognitivas, denominadas rotas, permitindo avaliação integrada e padronizada das funções cognitivas. Além do processo de avaliação a Plataforma Clickneurons abarca jogos e tarefas gamificadas, relatórios de desempenho, personagens interativos, entre outros, e se mostra como instrumento diferencial na *práxis* neuropsicopedagógica, conforme pode ser observado na figura 1.

Figura 1: Estrutura do uso da Plataforma Clickneurons



Fonte: elaborado pelos autores

OBJETIVO

Investigar a aplicabilidade, usabilidade e eficiência de uma plataforma digital gamificada no processo de avaliação neuropsicopedagógica clínica, evidenciando seu potencial como recurso complementar aos métodos tradicionais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de natureza aplicada, desenvolvido no contexto da prática clínica neuropsicopedagógica. Participaram 45 profissionais brasileiros da área, usuários da Plataforma Clickneurons, com predominância de experiência entre 1 e 5 anos.

Os dados foram coletados por meio de questionário eletrônico estruturado (*Google Forms*), composto por 18 questões, das quais 8 eram de múltipla escolha e 10 abertas contemplando variáveis relacionadas à usabilidade, eficiência, aplicabilidade clínica e interação das crianças com a plataforma. As análises estatísticas incluíram estatística descritiva e testes inferenciais (ANOVA e Teste Qui-quadrado)¹ para comparação entre variáveis relacionadas às etapas do processo avaliativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram elevada aceitação da plataforma entre os profissionais, com destaque para os atributos de facilidade de uso (73,81%) e eficiência (69,05%). Observou-se também redução significativa do tempo despendido nas etapas do processo avaliativo, em comparação aos métodos tradicionais.

As análises estatísticas evidenciam pela análise de variância (ANOVA) indicaram diferenças significativas entre os níveis de dificuldade atribuídos às etapas da avaliação clínica tradicional ($p < 0,05$), sem variações relevantes entre as etapas, sugerindo uma demanda temporal elevada e uniforme ao longo do processo avaliativo.

Adicionalmente, a plataforma apresentou avaliações positivas quanto à usabilidade, qualidade dos relatórios e interação das crianças. Não foram identificadas associações significativas entre tempo de experiência profissional e frequência de uso da plataforma, indicando sua aplicabilidade transversal entre diferentes níveis de experiência clínica.

Esses achados corroboram a literatura sobre avaliação informatizada, ao indicar que ferramentas digitais possibilitam maior padronização, precisão na coleta de dados e análise mais ágil do desempenho cognitivo, além de promover uma experiência mais ecológica e motivadora para o público infantil. Portanto, recursos tecnológicos que agilizam os processos clínicos podem contribuir para a redução do tempo empregado na execução dos processos de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação informatizada configura-se como uma estratégia promissora para a otimização do processo avaliativo na neuropsicopedagogia clínica. A Plataforma Clickneurons demonstra potencial como recurso complementar aos métodos tradicionais, contribuindo para maior eficiência, padronização e engajamento no processo de avaliação.

Além disso, sua estrutura digital favorece a geração de indicadores quantitativos e a possibilidade de futuras investigações psicométricas, ampliando as perspectivas de uso em diferentes contextos clínicos e educacionais.

¹ ANOVA – Análise da variância - para analisar se há variância entre os níveis dificuldades e etapas do processo que o clínico desempenha durante seus atendimentos, como também, analisar os níveis de avaliação constituídos a plataforma Clickneurons em relação aos aspectos avaliados. TESTE QUI-QUADRADO - analisar se o tempo de atuação na clínica influencia na frequência de uso da plataforma

REFERÊNCIAS

BURILE, N., VERUCK, C. T. M., & TEIXEIRA, A. C. (2021) **A tecnologia como possibilidade de inovação na educação**. Revista Educar Mais. V 5, Nº 5 p 1083-1101 DOI: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.5.2021.2391>

HENNEMANN, A.L.; RODRÍGUEZ, D.E.G. **Avaliação informatizada na neuropsicopedagogia clínica: percepções sobre o uso da Plataforma Clickneurons**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 01-20, may/jun., 2025. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv8n3-280>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOPEDAGOGIA. SBNPp. **Resolução nº 05/2021 – Código de Ética Técnico-Profissional da Neuropsicopedagogia**. Joinville, SBNPp, 2021.

PLANO DE INTERVENÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS E GESTÃO DO LUTO FAMILIAR

Marta Filipa Dias Martins¹; Sandra Cristina Jesus da Silva Neves²; Sandra Maria Tavares Matela³; Susana Isabel Eduardo Rito⁴.

¹Enfermeira Especialista e Mestre em Saúde Infantil e Pediátrica, Unidade Local de Saúde (ULS São José), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0009-0001-7725-6843>

²Enfermeira Especialista e Mestre em Saúde Comunitária, Unidade Local de Saúde (ULS São José), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0009-0002-5941-4024>

³Enfermeira Especialista Saúde Materna e Obstétrica, Unidade Local de Saúde São José (ULS São José), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0009-0008-6737-3465>

⁴Enfermeira Especialista e Mestre em Saúde Comunitária, Unidade Local de Saúde (ULS São José), Lisboa, Portugal. <https://orcid.org/0009-0002-8376-3427>

DOI: 10.47094/IIICOBRAFIMES.2026/RE/8

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação de más notícias. Protocolo SPIKES. Luto.

ÁREA TEMÁTICA: Outros

INTRODUÇÃO

Comunicar más notícias é uma das atividades mais desafiantes para os profissionais de saúde, especialmente em casos imprevistos, como uma morte repentina. Esse tipo de comunicação transcende a mera transmissão de informações clínicas, demandando sensibilidade, empatia e habilidade para proporcionar apoio emocional à família enlutada (González-Cabrera et al., 2025). Segundo a literatura, uma má notícia é qualquer informação que possa mudar de forma significativa a percepção de futuro do paciente ou de sua família, podendo provocar reações emocionais fortes e causar um impacto psicológico considerável (Rosenbaum et al., 2004). A maneira como a notícia é transmitida afeta diretamente a compreensão da família e sua habilidade para lidar com a situação (Lino et al., 2011).

De acordo com Pereira et al. (2013), muitos profissionais afirmam se sentir mal preparados para transmitir notícias difíceis, devido à ausência de uma formação específica durante seus estudos acadêmicos ou experiência prática. A experiência clínica, isoladamente, raramente é adequada para aprimorar habilidades nessa área; é imprescindível o uso de protocolos organizados e estratégias fundamentadas em evidências (González-Cabrera et al., 2025). Casos de morte súbita reclamam uma atenção diferenciada, destacando a relevância de um procedimento organizado e humanizado (Rosenbaum et al., 2004).

OBJETIVO

Desenvolver um plano de intervenção para a comunicação de más notícias com base no protocolo SPIKES, assegurando que a informação seja transmitida de forma clara e proporcionando suporte emocional imediato aos familiares enlutados, no âmbito dos cuidados de saúde primários.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos descritivos, baseado na análise de uma ocorrência de morte súbita em uma unidade de cuidados primários de saúde. Refere-se a um paciente de 68 anos que sofreu uma paragem cardiorrespiratória súbita em uma Unidade de Saúde Familiar. Informar a esposa sobre a morte foi feito sem seguir um protocolo estabelecido, o que causou problemas na gestão emocional tanto da equipe quanto da família. A intervenção sugerida envolve a criação de um programa organizado para a comunicação de más notícias, fundamentado no protocolo SPIKES (Baile et al., 2000), e complementado por um programa de apoio inicial ao luto.

Componentes da Intervenção

○ **Formação Educativa:**

- Aulas teóricas e práticas, com atividades de simulação e encenação;
- Análise reflexiva de casos reais;
- Recursos de suporte que descrevem cada fase do protocolo, incluindo guias e listas de verificação.

○ **Prática Clínica:**

- Implementação das seis fases do SPIKES:
- Setting: organizar o local, assegurar a privacidade e reduzir ao máximo as interrupções;
- Perception: analisar o entendimento prévio da família a respeito da situação;
- Invitation: descobrir o quanto a família quer saber;
- Knowledge: transmitir a notícia de maneira progressiva, transparente e compreensível;
- Emotions: identificar e validar sentimentos, proporcionando suporte imediato;
- Strategy & Summary: estabelecer as etapas seguintes e organizar o acompanhamento (Grupo de Estudos de Cuidados Paliativos, 2020);

- Disponibilização de recursos para apoio psicológico e técnicas de coping;
- Follow-up organizado: imediato, uma semana, um mês e três meses depois da notícia.
- **Avaliação:**
 - Verificação da implementação do protocolo SPIKES;
 - Avaliação da percepção da família em relação à comunicação;
 - Autoavaliação do grupo no que diz respeito à confiança e eficiência da comunicação;
 - Modificações constantes do plano com base nos resultados da monitorização.
- **Recursos necessários**
 - Humanos: equipe multidisciplinar composta por enfermeiros, médicos e psicólogos, formador qualificado e suporte administrativo;
 - Materiais: sala reservada, computador, projetor, folhetos informativos, listas de verificação, questionários de avaliação e sistema de suporte clínico (SCLínico).

Tabela 1 - Cronograma de atividades

Atividades	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4
Diagnóstico da situação (ausência de protocolo de comunicação de más notícias)				
Formação (workshops, Role-play, discussão de casos)				
Implementação do protocolo				
Avaliação (aplicação de questionários aos profissionais e familiares)				

Fonte: Autores

RESULTADOS

Pesquisas apontam que a ausência de formação específica em como transmitir más notícias contribui significativamente para a insegurança dos profissionais (Pereira et al., 2013; Khaki et al., 2024). O protocolo SPIKES oferece um guia claro para os profissionais, permitindo que eles transmitam informações de maneira gradual, reconheçam e validem emoções, além de estabelecerem estratégias de acompanhamento (Baile et al., 2000). A aplicação de protocolos estruturados evidencia um crescimento na confiança profissional e uma maior satisfação familiar em relação à comunicação (González-Cabrera et al., 2025). O suporte emocional inicial após a notícia da morte é fundamental, pois afeta a experiência do luto e favorece uma adaptação mais saudável (Lino et al., 2011).

Transmitir notícias em casos de morte súbita requer não apenas habilidade técnica, mas também sensibilidade emocional e ética profissional. A falta de protocolos bem definidos prejudica a efetividade da comunicação e o auxílio prestado aos familiares enlutados (Goumas et al., 2024). A adoção do protocolo SPIKES, juntamente com um programa estruturado de suporte ao luto, permite uma comunicação mais humanizada e eficiente. A formação da equipe, o uso de checklists e o acompanhamento constante trazem vantagens tanto para os profissionais — fortalecendo a confiança e padronizando procedimentos — quanto para os familiares — fornecendo suporte emocional sólido desde o momento da notícia até o suporte durante o luto, prevenindo um luto complicado (González-Cabrera et al., 2025; Lino et al., 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que a implementação deste modelo promova uma comunicação mais estruturada, empática e baseada em evidência, aumentando a confiança dos profissionais, a qualidade do atendimento e o suporte emocional aos familiares enlutados. Pretendemos com o nosso trabalho reforçar a importância da integração de protocolos científicos e estratégias educativas na prática clínica, demonstrando que a comunicação de más notícias vai além do ato informativo, constituindo um processo complexo que envolve competências técnicas, emocionais e éticas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BAILE, Walter F. **SPIKES—A Six-Step Protocol for Delivering Bad News to Patients with Cancer**. The Oncologist, Houston: Alphamed Press, 2000.

GONZÁLEZ-CABRERA, Isabel et al. **Comunicación de malas noticias y apoyo emocional en el ámbito sanitario**. Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2025.

GOUMAS, Christos et al. **Communication challenges in unexpected death: evidence-based approaches for clinicians**. Journal of Clinical Communication, Londres: HealthComm Press, 2024.

GRUPO DE ESTUDOS DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Protocolo SPIKES: Guia Nacional de Comunicação de Más Notícias**. Lisboa: GECP, 2020. Disponível em: <https://www.gecp.pt>. Acesso em: 18 mar. 2026.

KHAKI, Shima et al. **Breaking Bad News in Primary Care: Training and Outcomes**. International Journal of Family Medicine, Londres: Taylor & Francis, 2024.

LINO, Claudia A. et al. **Impact assessment of bad news communication on family understanding and emotional adaptation**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília: ABEn, 2011.

PEREIRA, Cláudia et al. **Competências dos profissionais de saúde na comunicação de**

más notícias: uma revisão integrativa. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

ROSENBAUM, Mark E.; FERGUSON, Kristi J.; LOBAS, James G. **Teaching medical students and residents skills for delivering bad news.** Academic Medicine, Washington: AAMC, 2004.

ANÁLISE DA GLICEMIA PLASMÁTICA DE JEJUM EM PROFISSIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO: UMA ANÁLISE POR SEXO

Rafaela de Araujo Fernandes Corrêa¹; Aurélio dos Santos²; Isabelly da Silva Izidio³; Nathália Maria da Silva Campos⁴; Marta Tomas J. Lampiao Namuanho⁵; Adriana Madeira Álvares da Silva⁶; Suzanny Oliveira Mendes⁷.

¹Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <https://lattes.cnpq.br/3779536178314341>

²Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <http://lattes.cnpq.br/6930735178624492>

³Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <https://lattes.cnpq.br/0401726221842131>

⁴Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <https://lattes.cnpq.br/8318287040965243>

⁵Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <https://lattes.cnpq.br/9512791944554331>

⁶Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <https://lattes.cnpq.br/6445492335035108>

⁷Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES. <http://lattes.cnpq.br/5613486906366786>

PALAVRAS-CHAVE: Hiperglicemia. Agentes de Segurança pública. Diabetes.

ÁREA TEMÁTICA: Outras (Saúde Cardiovascular)

INTRODUÇÃO

A hiperglicemia pode ser definida como níveis anormalmente elevados de glicose no sangue, tendo como causa principal o diabetes mellitus, podendo ocorrer também em outras condições como: estresse agudo, uso de medicamentos, doenças graves e durante a gestação (Pramanik, *et al.* 2023; Goncalves, Farooki, 2022; Estoppey *et al.* 2023).

O diagnóstico de diabetes mellitus (DM) é estabelecido a partir da identificação de hiperglicemia (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2025). Ao realizar testes para diagnóstico de DM, também podem ser identificadas pessoas com hiperglicemia leve, que não preenchem critérios para DM. De acordo com a International Diabetes Federation (IDF), esses casos constituem a “hiperglicemia intermediária”, composta pela “glicemia de jejum alterada”, nos casos em que a disglucemia leve ocorre em jejum e pela “intolerância à glicose”, na situação em que há hiperglicemia leve após TTGO, sem preencher critérios para DM. A American Diabetes Association (ADA) e a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD) utilizam a nomenclatura “pré-diabetes” para estes indivíduos (AMERICAN DIABETES ASSOCIATION PROFESSIONAL PRACTICE COMMITTEE, 2024).

Há uma clara relação entre pré-diabetes e risco cardiovascular. Um estudo com 505 indivíduos com idade entre 19 anos e 88 anos demonstrou que os níveis de HbA1c e glicemia

de jejum característicos de pré-diabetes estão associados a maior risco cardiovascular, o que justifica o rastreamento para identificar indivíduos que devem ser alvo de avaliação e intervenção (Jesudason *et al.*, 2003).

Além disso, existem evidências de que a glicemia é influenciada pelo sexo biológico, com os homens apresentando maior tendência ao desenvolvimento de diabetes tipo 2 e resistência à insulina e as mulheres exibindo maior risco relativo cardiovascular associado à hiperglicemia (Jain; Lai, 2024; Pramanik *et al.*, 2023).

O rastreamento de DM2 permite detecção precoce da doença, o que pode reduzir o risco de suas complicações crônicas. Além disso, identifica pessoas com maior propensão para desenvolvimento de DM, que poderão se beneficiar de estratégias eficazes de prevenção da doença, como modificações do estilo de vida (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2025).

OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho é analisar a relação entre sexo biológico e glicemia de jejum em profissionais de Segurança Pública da região metropolitana da Grande Vitória - ES.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e analítico, com delineamento transversal, cujo objetivo foi verificar a associação entre as variáveis categóricas sexo e níveis de glicemia (normal ou alta). A amostra incluiu 220 participantes, sendo 55 do sexo feminino e 165 do sexo masculino.

Os dados foram coletados por meio do banco de dados do projeto “SOMA SI - Um programa de Autogerenciamento do Bem- Estar a partir da análise do Estresse de Agentes da Segurança Pública do Espírito Santo”. Nesse projeto, foi firmada parceria com a Secretaria de Segurança Pública e realizou-se um estudo transversal com os profissionais de Segurança Pública da região Metropolitana de Vitória - ES. Utilizou-se uma amostragem não probabilística, por conveniência, adotando-se como critérios de inclusão ser servidor ativo e apresentar voluntariedade para participar da pesquisa. Como critérios de exclusão, estabeleceu-se estar afastado temporária ou definitivamente durante o período do estudo.

Os dados foram organizados em tabelas de contingência para análise contendo as seguintes variáveis categóricas: Variável 1: sexo (masculino/feminino); Variável 2: glicemia de jejum normal (60 a 99mg/dL) / alterada (igual ou superior a 100mg/dL).

Para verificar a associação entre as variáveis categóricas, foi aplicado o teste do Qui-Quadrado de Pearson (χ^2). O nível de significância adotado foi de 5% ($\alpha = 0,05$). Resultados com $p \leq 0,05$ foram considerados estatisticamente significativos. As análises

foram realizadas utilizando o software IBM SPSS Statistics para Windows, versão 20.0.

O presente estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Espírito Santo, CAAE número 53145521.1.0000.5060 e parecer número 5.382.872/2022. Além disso, os participantes do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prevalência de hiperglicemia entre os participantes do estudo foi de 28,64%. Neste estudo o sexo biológico foi significativamente associado à classificação glicemia de jejum em normal ou alterada ($\chi^2 (1)=4,6338$; $p=0,03135$). Observou-se que a prevalência de glicemia alta foi superior no grupo masculino (32,72%; $n=54$) em comparação ao feminino (16,36%; $n=9$).

Tabela 1: Frequências absoluta e relativa de indivíduos com glicemia alterada e normal em relação ao sexo.

	Glicemia de jejum alterada	Glicemia de jejum normal
Feminino	9 (16,36%)	46 (83,64%)
Masculino	54 (32,72%)	111(67,28%)

Fonte: próprio autor.

Os resultados encontrados no presente estudo corroboram com evidências demonstradas em outros estudos de que o sexo biológico influencia nos níveis de glicemia de jejum, com homens tendendo a apresentar glicemia de jejum mais elevada e maior prevalência de glicemia de jejum alterada e mulheres apresentando mais frequentemente tolerância à glicose diminuída (Kim *et al.*, 2025).

Essa diferença entre os sexos nos níveis de glicemia plasmática de jejum resulta em desfechos desfavoráveis nos homens como maior risco de resistência à insulina e evolução metabólica desfavorável (Tramunt *et al.*, 2020).

A realização do rastreamento através do teste de glicemia de jejum tem bom custo-benefício. Sob a perspectiva do sistema de saúde americano, considerando várias premissas, em adultos com média de idade de 48 anos e de IMC de 30 Kg/m², o custo do rastreamento e intervenção com metformina e modificação de estilo de vida nos casos identificados de DM e pré-diabetes, em 3 anos, seria menor do que o custo de não realizar o rastreamento e não diagnosticar pessoas com DM (Chatterjee *et al.*, 2010)

Diante do exposto, o estudo apresentado contribui para o cuidado integral ao profissional de segurança pública, favorecendo o diagnóstico precoce e tratamento do pré-diabetes e diabetes mellitus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foi possível verificar uma associação entre glicemia de jejum elevada e o sexo masculino na população de profissionais de segurança pública do estado do Espírito Santo. Esse resultado evidencia a necessidade de investimento em rastreamento para diagnóstico precoce de pré-diabetes e diabetes mellitus através da realização de testes laboratoriais como a avaliação da glicemia plasmática de jejum.

REFERÊNCIAS

AMERICAN DIABETES ASSOCIATION PROFESSIONAL PRACTICE COMMITTEE. **2. Diagnosis and Classification of Diabetes:** Standards of Care in Diabetes-2024. Diabetes Care. 2024 Jan 1;47(Suppl 1):S20-S42. doi: 10.2337/dc24-S002.

Chatterjee R, Venkat Narayan KM, Lipscomb J, Phillips LS. **Screening adults for pre-diabetes and diabetes may be cost-saving.** Diabetes Care. 2010 Jul 1;33(7):1484–90.

Estoppey, P.; Clair, C.; Auderset, D.; Puder, J. J. **Sex differences in type 2 diabetes.** 2023.

Goncalves, M. D.; Farooki, A. **Management of phosphatidylinositol-3-kinase inhibitor-associated hyperglycemia.** 2022.

Jain, A. B.; Lai, V. **Medication-induced hyperglycemia and diabetes mellitus:** a review of current literature and practical management strategies. 2024.

Jesudason D.R, Dunstan K, Leong D, Wittert GA. **Macrovascular risk and diagnostic cCriteria for type 2 diabetes:** implications for the use of FPG and HbA1c for cost-effective screening. Diabetes Care. 2003 Feb 1;26(2):485–90.

Kim, B.; Park, E.-S.; Lee, J.-S.; Suh, J. G. **Sex-specific differences in glucose metabolism and pancreatic function in streptozotocin-induced diabetic mice:** the protective role of estrogen. 2025.

Pramanik, S.; Ray, S.; Biswas, K.; Bandyopadhyay, T.; Mukhopadhyay, M. **Management of steroid-induced hyperglycemia.** 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. **Diretriz da Sociedade Brasileira de Diabetes** – Ed. 2025. São Paulo: SBD, 2025. Disponível em: <https://diretriz.diabetes.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2026.

Tramunt, B.; Smati, S.; Grandgeorge, N.; Montagner, A.; Gourdy, P. **Sex differences in metabolic regulation and diabetes susceptibility.** 2020.

ESTUDO ECOLÓGICO SOBRE O NÚMERO DE ATENDIMENTOS POR FISIOTERAPEUTAS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS CLÍNICOS E CIRÚRGICOS

Bruna de Souza Ferreira¹; Cleyton de Oliveira Filho²; Felipe Rodrigues Resende³; Isabela Luiza Pacheco Rodrigues⁴; Pedro Henrique Lessa de Oliveira⁵; Sâmella Soares Oliveira Medeiros⁶; Nayara Alves de Freitas Lemos⁷.

¹Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

²Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/6945243482509050>

³Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

⁴Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/7700244285082906>

⁵Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

⁶Faculdade de Medicina do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

⁷Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC-UFG), Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/5074078922336323>

PALAVRAS-CHAVE: Reabilitação. Assistência em saúde. Epidemiologia.

ÁREA TEMÁTICA: Outros.

INTRODUÇÃO

Pacientes oncológicos devem passar por cuidado multiprofissional durante e após o tratamento clínico e cirúrgico, sendo a fisioterapia essencial para melhora funcional do corpo e dar qualidade de vida ao paciente. Nesse sentido, analisar o número de atendimentos por fisioterapeutas em pacientes oncológicos é importante para identificar, no âmbito quantitativo, se há, após iniciados procedimentos clínicos e cirúrgicos, cuidado fisioterapêutico compatível e adequado com o número de atendimentos oncológicos.

OBJETIVO

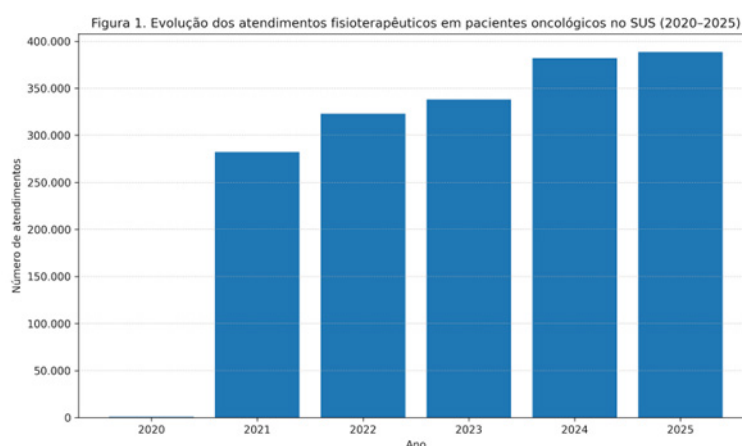
Analisar a distribuição numérica e temporal de atendimentos por fisioterapeutas entre pacientes oncológicos clínicos e cirúrgicos no Brasil, para compreender possíveis padrões relacionados à assistência fisioterapêutica no cuidado de pacientes com câncer.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, com dados obtidos do Sistema de Informações Ambulatoriais (SIA/SUS), do DATASUS. Obteve-se dados sobre o número de atendimentos realizados pela fisioterapia em pacientes oncológicos clínicos e cirúrgicos, no período de 2020 a 2025, que foram tabelados, e fez-se uma análise estatística de comparação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Figura 1: Evolução do número de atendimentos fisioterapêuticos em pacientes oncológicos no SUS, Brasil, 2020–2025.



Fonte: Dados secundários do Sistema de Informações Ambulatoriais do Sistema Único de Saúde (SIA/SUS) – DATASUS, Ministério da Saúde, Brasil.

Foram identificados 1.716.533 atendimentos fisioterapêuticos ambulatoriais aprovados no Sistema Único de Saúde (SUS), abrangendo o cuidado de pacientes oncológicos clínicos e cirúrgicos ao longo do período analisado. Desses, 773.294 corresponderam a atendimentos em pacientes clínicos, enquanto 943.239 referiram-se ao acompanhamento fisioterapêutico no período pré e pós-operatório oncológico.

Observou-se tendência consistente de crescimento no número de atendimentos, com aumento de 282.240 registros em 2021 para 388.411 em 2025, representando incremento aproximado de 37,6% no período. Esse comportamento sugere expansão progressiva da oferta e/ou da demanda por reabilitação oncológica no âmbito ambulatorial do SUS,

possivelmente associada à ampliação do acesso aos serviços e ao reconhecimento crescente da fisioterapia como componente essencial no cuidado integral ao paciente com câncer.

Adicionalmente, verificou-se predomínio dos atendimentos relacionados ao período pré e pós-operatório em todos os anos analisados. Tal achado pode ser interpretado à luz do perfil assistencial da oncologia contemporânea, na qual procedimentos cirúrgicos ocupam papel central no manejo terapêutico. Nesse contexto, a maior demanda por fisioterapia no perioperatório reflete a necessidade de reabilitação funcional, prevenção de complicações e otimização da recuperação clínica.

O ano de 2020 apresentou número expressivamente reduzido de registros (797 atendimentos), o que pode estar relacionado ao impacto da pandemia de COVID-19 sobre a organização dos serviços de saúde, incluindo a suspensão ou redução de atendimentos ambulatoriais eletivos e possíveis limitações nos sistemas de registro.

Do ponto de vista clínico-assistencial, a literatura evidencia que a fisioterapia oncológica desempenha papel estratégico na prevenção e manejo de complicações decorrentes do tratamento, promovendo melhora funcional e qualidade de vida (SILVA et al., 2024). Em neoplasias prevalentes, como o câncer de mama, intervenções fisioterapêuticas são fundamentais após procedimentos cirúrgicos, especialmente diante de limitações como dor, restrição da amplitude de movimento e alterações posturais (SOUZA et al., 2024). Complicações como linfedema de membro superior, frequentemente associadas ao tratamento cirúrgico, reforçam ainda mais a necessidade de acompanhamento fisioterapêutico contínuo (CENDRON et al., 2015; PACHECO et al., 2012).

Dessa forma, o predomínio de atendimentos no período perioperatório observado neste estudo está alinhado com as demandas clínicas reais da população oncológica, evidenciando a relevância da fisioterapia como componente estruturante da assistência multiprofissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciam crescimento dos atendimentos fisioterapêuticos oncológicos no SUS entre 2021 e 2025, com predominância no período perioperatório, reforçando seu papel na reabilitação e no cuidado integral ao paciente com câncer. A queda em 2020 sugere impacto da pandemia, destacando a vulnerabilidade da assistência ambulatorial. Os achados confirmam a relevância estratégica da fisioterapia oncológica e a necessidade de seu fortalecimento nas políticas públicas de saúde. A submissão deste trabalho implica concordância dos autores com sua divulgação científica, sem expectativa de retorno financeiro, conforme diretrizes editoriais.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS (SIA/SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

CENDRON, Suiane Weimer et al. **Fisioterapia complexa descongestiva associada a terapias de compressão no tratamento do linfedema secundário ao câncer de mama: uma revisão sistemática**. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, 2015. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2015v61n1.773>.

PACHECO, Mariana Nolde; DETONI FILHO, Adriano; MELO, Denizar Alberto da Silva. **Fisioterapia para o tratamento do linfedema no pós-operatório de mastectomia: revisão de literatura**. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, Sorocaba, v. 14, n. 1, 2012.

SILVA, Eduarda Fernanda Veloso; SANTOS, Helen de Sousa; MATTOS, José Mário Fernandes. **Avaliação de intervenções de fisioterapia em pacientes oncológicos: uma revisão bibliográfica sistemática**. Revista FT, v. 28, ed. 135, 2024.

SOUZA, Felipe Éden de; SÁ, Sueny Roberta Paiva de; LOPES, Kathllen de Souza. **Fisioterapia em oncologia: abordagem fisioterapêutica na reabilitação de pós-mastectomia radical**. Revista FT, v. 28, ed. 139, 2024. DOI: <https://doi.org/10.69849/revistaft/ra10202410281652>.

MORTALIDADE POR NEOPLASIA MALIGNA DE ESTÔMAGO NO BRASIL (2020-2024): UM ESTUDO ECOLÓGICO DESCRITIVO POR REGIÃO

Bruna de Souza Ferreira¹; Felipe Rodrigues Resende²; Milena de Campos Miranda³; Pedro Henrique da Silva Lessa⁴; Samella Soares Oliveira Medeiros⁵; Paulo Victor Monteiro Quinan⁶.

¹Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <http://lattes.cnpq.br/4672495860254028>

²Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

³Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/1589667288340823>

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/4369145539696787>

⁵Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Aparecida de Goiânia, Goiás.

<https://lattes.cnpq.br/8633385382278383>

⁶Universidade Evangélica de Goiás (UNIEVA), Anápolis, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/5361118846901665>

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasias da mama. Neoplasias da próstata. Oncologia.

ÁREA TEMÁTICA: Epidemiologia

INTRODUÇÃO

O câncer gástrico representa um importante problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Trata-se de uma doença com alta letalidade, frequentemente diagnosticada em estágios avançados devido à inespecificidade dos sintomas iniciais, o que compromete o prognóstico e reduz as chances de tratamento curativo. Fatores como infecção por *Helicobacter pylori*, hábitos alimentares inadequados, tabagismo e consumo de álcool estão entre os principais determinantes para o desenvolvimento da doença. Diante desse cenário, conhecer a distribuição da mortalidade por câncer de estômago nas diferentes regiões brasileiras torna-se essencial para orientar políticas públicas de saúde, direcionar recursos e fortalecer estratégias de prevenção e detecção precoce.

OBJETIVO

Analisar as taxas brutas de mortalidade por neoplasia maligna de estômago no Brasil (2020-2024) por unidade da federação, identificando diferenças regionais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico, descritivo, com abordagem quantitativa, que analisou a mortalidade por câncer de estômago no Brasil no período de 2020 a 2024. Foram avaliadas as taxas brutas de mortalidade por 100.000 habitantes nas unidades da federação, considerando indivíduos de ambos os sexos. Os dados de óbitos foram obtidos no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), base oficial do Ministério da Saúde do Brasil responsável pelo registro nacional das declarações de óbito. A causa básica analisada foi neoplasia maligna do estômago, classificada pelo código C16 da Classificação Internacional de Doenças.

A consulta e extração das informações foram realizadas por meio do Atlas On-line de Mortalidade por Câncer do Instituto Nacional de Câncer, que utiliza dados do SIM e estimativas populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para cálculo das taxas de mortalidade. Os dados foram organizados em planilha eletrônica e analisados por meio de estatística descritiva, permitindo comparar a distribuição da mortalidade entre as unidades federativas no período estudado. Por se tratar de dados secundários, de domínio público e apresentados de forma agregada, sem identificação individual dos indivíduos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2020 e 2024, as taxas brutas de mortalidade por neoplasia maligna do estômago no Brasil variaram aproximadamente entre 4 e 9 óbitos por 100.000 habitantes, com maiores valores observados em Distrito Federal, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro e menores em Amapá, Rio Grande do Norte e Mato Grosso. Estados como Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba e Goiás apresentaram valores intermediários, evidenciando heterogeneidade regional na mortalidade por câncer gástrico (INCA, 2024; Ministério da Saúde – SIM/DATASUS, 2024).

A mortalidade reflete a interação entre fatores etiológicos, perfil etário e capacidade diagnóstica. Entre os principais determinantes destacam-se a infecção por *Helicobacter pylori*, dieta rica em alimentos salgados ou conservados, tabagismo e consumo de álcool, fatores associados à carcinogênese gástrica (Smyth et al., 2020; Bray et al., 2021). A maior incidência em indivíduos idosos também contribui para o aumento da mortalidade, acompanhando o envelhecimento populacional brasileiro (IBGE, 2023; DeVita et al., 2019).

Além disso, a baixa disponibilidade de diagnóstico endoscópico em algumas regiões favorece detecção tardia da doença. Como o câncer gástrico apresenta sintomas inespecíficos nas fases iniciais, muitos casos são diagnosticados em estágios avançados, condição associada a pior prognóstico e maior mortalidade (Abeloff, 2020; NCCN, 2024).

Assim, as diferenças regionais observadas podem estar associadas à exposição a fatores de risco modificáveis, envelhecimento populacional e limitações na detecção precoce da doença (WHO, 2023; IARC – GLOBOCAN, 2021).

Figura 1: Taxas brutas de mortalidade de câncer de estômago, por 100.000 homens e mulheres, pelas unidades da federação do Brasil, entre 2020 e 2024



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do SIM/DATASUS/Ministério da Saúde, Atlas de Mortalidade por Câncer do INCA e estimativas populacionais do IBGE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos, observa-se que a mortalidade por neoplasia maligna de estômago apresenta variações relevantes entre os estados brasileiros no período analisado. Os resultados indicam que determinados estados apresentam valores mais elevados de mortalidade, enquanto outros registram taxas menores, demonstrando heterogeneidade na distribuição da doença no território nacional. Esses achados evidenciam desigualdades regionais possivelmente relacionadas à exposição a fatores de risco, ao perfil populacional e ao acesso aos serviços de diagnóstico. Dessa forma, reforça-se a importância da elaboração de estratégias de prevenção e detecção precoce para reduzir o impacto do câncer gástrico no país.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

ABELOFF, M. D. *Abeloff's clinical oncology*. Philadelphia: Elsevier, 2020.

BRAY, F. et al. Global cancer statistics 2020: GLOBOCAN estimates of incidence and mortality worldwide for 36 cancers in 185 countries. *CA: A Cancer Journal for Clinicians*, [S. l.], 2021.

DEVITA, V. T.; LAWRENCE, T. S.; ROSENBERG, S. A. *DeVita, Hellman, and Rosenberg's cancer: principles & practice of oncology*. Philadelphia: Wolters Kluwer, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). *Atlas de mortalidade por câncer*. Rio de Janeiro: INCA, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/centrais-de-conteudo/aplicativos/atlas-de-mortalidade-por-cancer>. Acesso em: 15 mar. 2026.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). *GLOBOCAN 2020: estimated cancer incidence, mortality and prevalence worldwide in 2020*. Lyon: World Health Organization, 2021.

NATIONAL COMPREHENSIVE CANCER NETWORK (NCCN). *NCCN clinical practice guidelines in oncology: gastric cancer*. Plymouth Meeting: NCCN, 2024.

SMYTH, E. C. et al. Gastric cancer. *The Lancet*, London, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Fact sheets: cancer. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 15 mar. 2026.

COMPARAÇÃO DA MORTALIDADE DE CÂNCER DE MAMA E CÂNCER DE PRÓSTATA NA POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 2016 A 2024

Ana Luiza Naujorks Zimmers; Felipe Rodrigues Resende²; Giovana Vilas Boas do Prado³; Milena de Campos Miranda⁴.

^{1,2,3,4} Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás.

¹<https://lattes.cnpq.br/8076289651834199>

²<https://lattes.cnpq.br/4943584035225583>

³<https://lattes.cnpq.br/7744667998426135>

⁴<https://lattes.cnpq.br/1589667288340823>

PALAVRAS-CHAVE: Mortalidade. Neoplasias da Mama. Neoplasias da Próstata.

ÁREA TEMÁTICA: Outros.

INTRODUÇÃO

O câncer é um dos principais problemas de saúde pública no mundo, sendo responsável por uma elevada morbimortalidade e significativo impacto nos sistemas de saúde. No Brasil, estimativas recentes apontam para cerca de 704 mil novos casos de câncer por ano de 2023 à 2025, excluindo os tumores de pele não melanoma, o que evidencia a magnitude da doença no país. Entre os diferentes tipos de neoplasias, o câncer de mama e o câncer de próstata destacam-se pela elevada incidência e importância epidemiológica em suas respectivas populações. (SANTOS et al, 2023)

Estudos epidemiológicos demonstram que os padrões de incidência e mortalidade por câncer podem variar significativamente entre regiões e períodos históricos, refletindo fatores como envelhecimento populacional, exposição a fatores de risco, políticas de rastreamento e qualidade do sistema de saúde. No Brasil, análises de séries temporais indicam que a mortalidade por neoplasias malignas apresenta tendência crescente ao longo das últimas décadas. (PAREDES et al, 2024).

Nesse contexto, a utilização de bases de dados populacionais e sistemas de informação em saúde, como o DATASUS, mostra-se fundamental para o monitoramento das tendências de morbimortalidade por câncer. Esses sistemas permitem acompanhar a evolução temporal das doenças e identificar possíveis desigualdades regionais, contribuindo para a produção de evidências que subsidiem a formulação de políticas públicas em saúde (INCA, 2022).

OBJETIVO

Esse estudo tem como objetivo comparar a mortalidade por câncer de mama e câncer de próstata na população brasileira no período de 2016 a 2024, buscando identificar tendências temporais e contribuir para a compreensão do perfil epidemiológico dessas neoplasias no país.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico, descritivo, de abordagem quantitativa, realizado a partir de dados secundários sobre mortalidade por câncer de mama e câncer de próstata no Brasil no período de 2016 a 2024. Por se tratar de pesquisa baseada exclusivamente em dados secundários de acesso público, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Para o cálculo das taxas de mortalidade, foram utilizados dados dos óbitos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponibilizado pelo DATASUS e os dados de população residente por sexo e ano, também disponíveis na base do DATASUS, provenientes das estimativas populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As taxas de mortalidade foram calculadas dividindo-se o número de óbitos pela população residente correspondente ao sexo no respectivo ano e multiplicando-se o resultado por 100.000 habitantes, permitindo a padronização e a comparação entre os grupos analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do número de mortes por câncer de mama e câncer de próstata no Brasil entre 2016 e 2024 evidencia a elevada relevância epidemiológica dessas neoplasias no contexto da saúde pública. No período analisado, foram registrados 164.514 óbitos de mulheres por neoplasia maligna da mama e 145.531 óbitos de homens por neoplasia maligna da próstata. De acordo com o DATASUS, esses valores correspondem a aproximadamente 16,1% das mortes por câncer entre mulheres e 13,14% das mortes por câncer entre homens, respectivamente, o que demonstra o impacto expressivo dessas doenças na mortalidade por neoplasias no país.

A análise das taxas de mortalidade ao longo do período estudado também demonstra uma tendência de aumento para ambas as neoplasias. Em 2016, a taxa de mortalidade por câncer de mama era de 15,41 óbitos por 100 mil mulheres, enquanto em 2024 esse valor alcançou 19,14 por 100 mil mulheres. De forma semelhante, a taxa de mortalidade por câncer de próstata passou de 14,98 óbitos por 100 mil homens em 2016 para 17,20 por 100 mil homens em 2024. Esses resultados sugerem uma tendência crescente na mortalidade por essas neoplasias ao longo do período analisado, o que pode refletir tanto o envelhecimento progressivo da população brasileira quanto fatores relacionados ao acesso ao diagnóstico e ao tratamento.

Em relação a esse processo de envelhecimento, o risco de desenvolver câncer de mama aumenta significativamente a partir dos 50 anos de idade, enquanto o câncer de próstata apresenta maior incidência principalmente em homens acima dos 60 anos. Além disso, dificuldades relacionadas ao diagnóstico precoce e limitações estruturais no sistema de saúde também representam desafios importantes para o controle de ambas neoplasias, uma vez que o acesso desigual a exames diagnósticos e serviços especializados pode levar à identificação das doenças em estágios mais avançados.

No caso do câncer de mama, observa-se que essa neoplasia permanece como a principal causa de morte por câncer entre mulheres no Brasil, mesmo diante da existência de políticas públicas voltadas ao rastreamento, como a realização da mamografia. A persistência de elevadas taxas de mortalidade pode estar associada a falhas na cobertura e na efetividade desses programas, além de desigualdades regionais e desafios relacionados ao diagnóstico em mulheres com menos de 50 anos, faixa etária que nem sempre está contemplada de forma ampla nas políticas de rastreamento (GUCKERT et al, 2026).

Por outro lado, o câncer de próstata representa a segunda principal causa de morte por câncer entre homens no país, sendo superado apenas pelo câncer de pulmão, responsável por 147.173 óbitos masculinos no período de 2016 a 2024. Sabe-se que formas mais agressivas e diagnósticos tardios causam um impacto significativo na mortalidade masculina, e essa demora no diagnóstico se deve principalmente à ausência de consenso sobre o rastreamento populacional e à baixa adesão masculina aos exames preventivos. O exame de toque retal, apesar de importante para a detecção da doença, ainda é cercado por estigmas e preconceitos culturais, o que faz com que muitos homens evitem realizá-lo. Além disso, o exame de PSA pode levar a sobrediagnósticos, dificultando a definição de estratégias amplas de rastreamento. (OLIVEIRA et al., 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados reforçam a importância de políticas públicas voltadas à ampliação do rastreamento, ao fortalecimento da atenção primária e à melhoria do acesso aos serviços especializados. Na neoplasia prostática, destaca-se a necessidade de incentivo à adesão masculina aos exames preventivos. No câncer de mama, destaca-se a ampliação do acesso ao rastreamento e diagnóstico precoce. Dessa maneira, compreender a mortalidade por essas neoplasias é essencial para orientar ações de prevenção, diagnóstico precoce e controle da doença.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

GUCKERT, L. E. et al. Desafios e propostas para o diagnóstico precoce do câncer de mama em mulheres com menos de 50 anos no Brasil. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, [S. l.], 2025. Disponível em: <https://acervocientifico.com.br/index.php/acervo/article/view/e20178>.

Acesso em: 15 mar. 2026.

OLIVEIRA, Kallyandra Valesca Ferreira de et al. Desafios para o rastreamento do câncer de próstata na atenção primária à saúde. *Revista COOPEX*, [S. l.], 2023. Disponível em: <http://coopex.unifip.edu.br>. Acesso em: 14 mar. 2026.

PAREDES, L. P.; RODRIGUES, M. da S. B.; SANTOS-OLIVEIRA, R. Deciphering trends in cancer mortality: a comprehensive analysis of Brazilian data from 1979 to 2021 with emphasis on breast and prostate cancers. *World Journal of Oncology*, [S. l.], 2024. DOI: <https://doi.org/10.14740/wjon1831>.

SANTOS, Marcell de Oliveira et al. Estimated cancer incidence in Brazil, 2023–2025. *Revista Brasileira de Cancerologia*, Rio de Janeiro, 2023. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2023v69n1.3700>.

RELAÇÃO ENTRE ABUSO DE SUBSTÂNCIAS E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE À LUZ DA SAÚDE PÚBLICA E DA PSICOLOGIA

Larissa Holzmeister de Araújo Bezerra¹; Leonardo Pestillo de Oliveira²

¹Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá, Paraná

²Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá, Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Violência de gênero. Abuso de substâncias. Álcool.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde pública

INTRODUÇÃO

A violência de gênero configura-se como um dos principais problemas de saúde pública em nível global, com impactos significativos na saúde física, mental e social das vítimas. A literatura aponta que o abuso de substâncias psicoativas, especialmente o álcool, está frequentemente associado à ocorrência de episódios de violência, particularmente no contexto de relações íntimas (Devries et al., 2014). Tal associação não deve ser compreendida de forma simplista ou determinista, mas sim como resultado de uma interação complexa entre fatores biológicos, psicológicos e socioculturais.

Do ponto de vista neuropsicológico, o consumo de substâncias pode comprometer funções executivas, como o controle inibitório e a tomada de decisão, favorecendo comportamentos impulsivos e agressivos (Goldstein; Volkow, 2011). Paralelamente, fatores estruturais, como desigualdades de gênero e normas culturais que legitimam a violência, desempenham papel central na manutenção desse fenômeno (World Health Organization, 2014).

Diante desse cenário, torna-se fundamental analisar criticamente a relação entre abuso de substâncias e violência de gênero, evitando reducionismos causais e considerando a multidimensionalidade do problema.

OBJETIVO

Analisar a relação entre abuso de substâncias psicoativas e violência de gênero, considerando fatores neuropsicológicos, comportamentais e socioculturais envolvidos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem exploratória, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando descritores como *substance abuse*, *intimate partner violence*, *alcohol* e *gender violence*.

Foram incluídos artigos empíricos, revisões sistemáticas e relatórios institucionais publicados em língua inglesa e portuguesa, priorizando estudos com maior robustez metodológica. A análise dos dados foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, buscando integrar diferentes perspectivas teóricas sobre o fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados indicam uma associação consistente entre o uso de substâncias, especialmente o álcool, e o aumento da probabilidade de ocorrência de violência de gênero (Devries et al., 2014). O álcool atua como fator de risco ao reduzir o controle inibitório, aumentar a impulsividade e prejudicar a avaliação de consequências, facilitando a manifestação de comportamentos agressivos.

No entanto, a literatura destaca que o consumo de substâncias não deve ser interpretado como causa direta da violência, mas como um elemento que interage com fatores contextuais e individuais. Normas sociais que naturalizam a desigualdade de gênero, histórico de violência prévia, estressores psicossociais e crenças disfuncionais sobre papéis de gênero são determinantes relevantes (WHO, 2014).

Do ponto de vista psicológico, modelos cognitivo-comportamentais sugerem que crenças relacionadas ao controle, ciúme e legitimidade da agressão podem ser exacerbadas sob efeito de substâncias. Além disso, déficits em regulação emocional e habilidades de enfrentamento contribuem para a escalada de conflitos.

Outro aspecto relevante refere-se à bidirecionalidade da relação: enquanto o uso de substâncias pode aumentar o risco de violência, a vivência de violência também está associada ao maior consumo de substâncias como estratégia de enfrentamento, especialmente entre vítimas (Devries et al., 2014). Essa dinâmica reforça a complexidade do fenômeno e a necessidade de abordagens integradas.

No campo das políticas públicas, evidencia-se que intervenções exclusivamente punitivas apresentam eficácia limitada. Estratégias que integram tratamento para dependência química e programas de prevenção da violência mostram resultados mais promissores, especialmente quando incorporam intervenções psicossociais baseadas em evidências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre abuso de substâncias e violência de gênero é complexa, multifatorial e não linear. Embora o consumo de álcool e outras substâncias atue como importante fator de risco, sua influência deve ser compreendida em interação com determinantes sociais, psicológicos e culturais.

Dessa forma, intervenções eficazes exigem abordagens integradas que considerem simultaneamente o tratamento da dependência, a promoção da equidade de gênero e o fortalecimento de habilidades de regulação emocional. Destaca-se a importância da atuação interdisciplinar entre saúde, psicologia e políticas públicas, visando estratégias mais abrangentes e efetivas de prevenção e intervenção.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

DEVRIES, K. M. et al. **The global prevalence of intimate partner violence against women.** *The Lancet*, v. 385, n. 9977, p. 116–122, 2014.

GOLDSTEIN, R. Z.; VOLKOW, N. D. **Dysfunction of the prefrontal cortex in addiction: neuroimaging findings and clinical implications.** *Nature Reviews Neuroscience*, v. 12, n. 11, p. 652–669, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global status report on violence prevention*. Geneva: WHO, 2014.

IMPACTOS FISIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS NO PÓS-OPERATÓRIO DA CIRURGIA BARIÁTRICA

Gisele Aparecida da Silva¹.

¹Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, RS. <https://lattes.cnpq.br/38685986069353922>

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia bariátrica. Obesidade. Pós-operatório.

ÁREA TEMÁTICA: Outras

INTRODUÇÃO

A obesidade é uma condição crônica que tem acometido milhares de indivíduos nas últimas décadas, configurando-se como um importante problema de saúde pública. Trata-se de uma doença multifatorial que pode desencadear não apenas complicações físicas, mas também transtornos psicológicos, incapacidades funcionais e aumento da mortalidade (CALZADA et al., 2024). Além disso, está associada a diversas comorbidades, que extrapolam a dimensão estética frequentemente vinculada ao estereótipo corporal. Diante desse cenário, a cirurgia bariátrica surge como uma alternativa terapêutica eficaz, especialmente em casos mais graves, proporcionando resultados mais rápidos na perda de peso. Paralelamente, a farmacoterapia, quando devidamente indicada, também pode ser considerada estratégia complementar no tratamento (PAIVA; PINTO, 2023).

OBJETIVO

Analisar os principais impactos fisiológicos e psicológicos no período pós-operatório da cirurgia bariátrica, destacando a importância do acompanhamento multidisciplinar para o sucesso do tratamento a longo prazo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e caráter exploratório, realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Foram utilizados artigos científicos publicados em bases de dados da área da saúde, com foco em estudos relacionados à cirurgia bariátrica, suas complicações, impactos nutricionais e psicológicos no período pós-operatório.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período pós-operatório da cirurgia bariátrica, especialmente na fase inicial, caracterizada pela dieta líquida e pela baixa ingestão alimentar, o organismo encontra-se em processo de adaptação. Esse momento é considerado delicado, podendo favorecer o surgimento de sinais clínicos como queda de cabelo, fraqueza e alterações metabólicas, impactando diretamente o bem-estar psicológico dos pacientes. A progressão alimentar ocorre de forma gradual, exigindo rigorosa adesão às orientações nutricionais. A não observância dessas recomendações pode resultar em sintomas como náuseas, vômitos e síndrome de dumping, frequentemente associados à ingestão inadequada de alimentos. Estudos indicam que muitos indivíduos já apresentam deficiências de micronutrientes no período pré-operatório, quadro que pode se agravar após a cirurgia devido às alterações fisiológicas, como redução da absorção intestinal e mudanças no esvaziamento gástrico (TOMASI; CARDOSO, 2021). Assim, a suplementação vitamínico-mineral torna-se indispensável. Entre as manifestações clínicas mais recorrentes no pós-operatório, destacam-se alopecia, fraqueza, diarreia, ansiedade, câimbras musculares e desânimo (DE LIMA et al., 2023), reforçando a necessidade de acompanhamento contínuo. No que se refere às técnicas cirúrgicas, destacam-se a gastrectomia vertical (sleeve) e o bypass gástrico em Y de Roux. Enquanto o sleeve apresenta caráter restritivo, o bypass associa restrição à má absorção, sendo ambas eficazes na perda de peso inicial (RAMOS et al., 2023). Além dos aspectos fisiológicos, as mudanças psicológicas são significativas. Muitos pacientes utilizavam a alimentação como forma de regulação emocional, sendo necessário ressignificar essa relação no pós-operatório. Há ainda o risco de substituição da compulsão alimentar por outros comportamentos, como o consumo abusivo de álcool (ZULIN et al., 2022). A prática de atividade física também se mostra essencial, contribuindo para a manutenção da perda de peso e preservação da massa muscular. Entretanto, nem todos os pacientes conseguem manter os resultados a longo prazo, podendo ocorrer reganho ponderal (PAIVA; PINTO, 2023). O acompanhamento psicológico é fundamental nesse processo, auxiliando o paciente na adaptação às mudanças e na construção de novos hábitos. Transtornos como ansiedade, depressão e compulsão alimentar são frequentes nesse público, exigindo atenção contínua (BASKARAN et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso da cirurgia bariátrica não se limita ao procedimento cirúrgico, mas depende de uma abordagem biopsicossocial integrada. As mudanças físicas, alimentares e emocionais exigem adaptação contínua por parte do paciente, sendo indispensável o acompanhamento multidisciplinar. Dessa forma, destaca-se a importância da atuação conjunta de profissionais da nutrição, psicologia e medicina, tanto no período pré quanto no pós-operatório, visando não apenas a perda de peso, mas a promoção da saúde e qualidade de vida a longo prazo.



contato@editoraomnisscientia.com.br 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 87 99920-5762 



contato@editoraomnisscientia.com.br 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 87 99920-5762 